

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**THATIANA RIBEIRO VILELA**

**EDUCAÇÃO LÉXICO-GRAMATICAL: UM ESTUDO  
SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA PREPOSIÇÃO COM**

**Guarulhos  
2016**

**THATIANA RIBEIRO VILELA**

**EDUCAÇÃO LÉXICO-GRAMATICAL: UM ESTUDO  
SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA PREPOSIÇÃO COM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cristina Romero Lopes

**Guarulhos  
2016**

Vilela, Thatiana Ribeiro

Educação léxico-gramatical: um estudo semântico-enunciativo da preposição *com* – Guarulhos, 2016.

191 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, 2016.

Orientadora: Márcia Cristina Romero Lopes

Título em inglês: Lexical-Grammatical Education: a semantic-enunciative study of the portuguese preposition *com*.

1. Enunciação, 2. Ensino-aprendizagem, 3. Língua Portuguesa, 4. Semântica, 5. Preposição *com* I. Título.

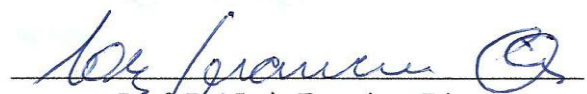
**THATIANA RIBEIRO VILELA**

**EDUCAÇÃO LÉXICO-GRAMATICAL: UM ESTUDO  
SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA PREPOSIÇÃO COM**

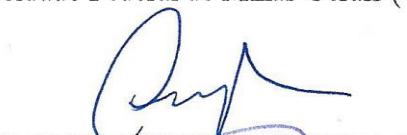
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cristina Romero Lopes

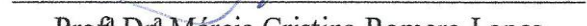
Aprovado em: 19 de setembro de 2016.



Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Luiz Francisco Dias  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup>. Emerson de Pietri  
Universidade de São Paulo (USP)



Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cristina Romero Lopes  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

*Para Izaura, minha amada avó (In memorian), a figura mais linda que já conheci, a maior responsável por despertar em mim o encantamento pela magia das palavras e que deixou para sempre as mais doces memórias que tenho da infância em meio as suas rimas e cantigas nordestinas fartas de criatividade e alegria.*

*“Deus te abençoe, cabeça de boi”.*

### ***Agradecimento especial***

Agradeço à *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo* (FAPESP) pelo incentivo para a realização desta pesquisa e pelo apoio financeiro nela empenhado por meio do processo 2014/22458-1. Este incentivo e apoio, recebidos desde a graduação quando bolsista de iniciação científica desta fundação, trouxeram importantes contribuições para meu crescimento pessoal e acadêmico que resultaram na dissertação ora apresentada.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a DEUS, pai amado, pela Fé, por me carregar em seu colo e por me revestir de coragem para enfrentar todas as lutas da minha travessia.

Ao meu pai, José, por todo o amor, por todos os esforços, pela amizade, pela educação e, sobretudo, por caminhar comigo de mãos dadas em busca de todos os sonhos do meu coração.

À minha irmã, Fabiana, pela incondicional disposição em me ajudar, pelos conselhos valiosos.

Para as três Marias, minhas tias queridas, mulheres fortes e inspiradoras, anjos em forma de mãe que me acolheram em seus corações.

Para Therezinha, minha avó materna, por permitir que eu sempre soubesse das dificuldades da vida, o que me tornou muito forte!

À Amanda, Beatriz, Fernanda, Giovanna, Letícia e Mayara, pela amizade, pelo carinho, pelas conversas e momentos cheios de afeto, risos e desabafos. Ainda bem que tenho todas vocês para colorir os dias da minha vida!

Para Thiago, pela amizade e parceria!

À Márcia Romero, minha orientadora, dedico imenso sentimento de gratidão e carinho. Muito obrigada, professora, por toda dedicação, pela paciência, orientações sempre tão atenciosas, pela confiança que me fez chegar até aqui e pelos ensinamentos que carregarei para sempre.

Ao meu namorado Felipe, pela compreensão, pela cumplicidade, por todos os finais de semana de estudo que nunca deixaram de ser cobertos de amor e riso.

À Camilli, Elizabete, Juliana, Soraya, Suzinha e Vanessa, grandes amigas que o mestrado me deu. Meninas, obrigada por todo carinho e união, por todas as discussões teóricas, por compartilharmos inquietações e por serem sempre tão solícitas.

Aos membros da banca, de qualificação e defesa, professores Emerson e Luiz, pelo respeito e atenção que dedicaram a esse trabalho fornecendo apontamentos tão valiosos.

À UNIFESP, instituição de excelência da qual me orgulho muito de fazer parte desde a graduação. Sou grata pelas imensas oportunidades. Fui e sou muito feliz aqui!

À CAPES pela confiança, pelo compromisso e apoio financeiro fornecido nos primeiros meses de realização deste trabalho.

Aos demais familiares e amigos queridos que, de formas as mais díspares, estão sempre presentes, o meu muito obrigada!



*É hora de recomeçar tudo de novo,  
sem ilusão e sem pressa,  
mas com a teimosia do inseto  
que busca um caminho no terremoto.*

***Carlos Drummond de Andrade***

## RESUMO

Inscrito no campo da Linguística da Enunciação, esta pesquisa tem por objetivo contribuir para a elaboração de propostas pedagógicas reflexivas voltadas ao ensino-aprendizagem de morfossintaxe por meio do estudo semântico-enunciativo da preposição *COM*. Para tanto, faz-se necessário descrever, no sistema linguístico, o funcionamento de *COM* em termos de uma definição unitária capaz de abarcar suas diferentes funções sintáticas, de um lado, e de explicar seus variados valores em discurso, de outro, o que institui igualmente como um de nossos propósitos recuperar formas de regularidades próprias aos usos desta preposição que permitam melhor compreender o papel que lhe cabe na construção do sentido dos enunciados aos quais se integra. A investigação toma por fundamento teórico-metodológico a Teoria das Operações Enunciativas (CULIOLI, 1990; DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011), e, mais particularmente, os trabalhos de Franckel & Paillard (2007) destinados à semântica das preposições.

**Palavras-chave:** Enunciação; ensino-aprendizagem de língua portuguesa; preposição

## ABSTRACT

Developed within the field of Enunciation Linguistics, this research seeks to contribute to the design of reflective pedagogical proposals which target the teaching and learning of morphosyntax via a semantic-enunciative study of the Portuguese preposition *COM*. It starts with a linguistic description of *COM* which can both encompass its different syntactic functions, and explain its varied discourse meanings. It will also try to identify typical formations, connected to particular uses, which better help comprehend the role it has in the construction of meaning in the utterances it is part of. The research is based on the Theory of Enunciative Operations (CULIOLI, 1990; DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011), and, mainly, on the works of Franckel & Paillard (2007) focusing the semantics of prepositions.

**Keywords:** Enunciation; teaching and learning of Portuguese as a first language; preposition.

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – Panorama de pesquisas sobre a preposição .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1. ESTUDOS SOBRE A PREPOSIÇÃO NO CENÁRIO NACIONAL .....</b>	<b>18</b>
1.1.1. A VERTENTE TRADICIONAL .....	19
1.1.2. A VERTENTE FUNCIONALISTA .....	26
1.1.3. A VERTENTE COGNITIVISTA .....	28
1.1.4. A VERTENTE DA SEMÂNTICA LEXICAL.....	38
<b>1.2. ESTUDOS FRANCESES SOBRE A PREPOSIÇÃO .....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO II – Referencial teórico-metodológico .....</b>	<b>51</b>
<b>2.1. REFLEXÕES SOBRE A SEMÂNTICA .....</b>	<b>53</b>
<b>2.2. GRAMÁTICA OPERATÓRIA E PREPOSIÇÃO .....</b>	<b>63</b>
<b>CAPÍTULO III – Funcionamento semântico-enunciativo de <i>com</i> .....</b>	<b>78</b>
<b>3.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A GLOSA COMO RECURSO ANALÍTICO .....</b>	<b>78</b>
<b>3.2. FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA PREPOSIÇÃO COM .....</b>	<b>82</b>
<b>3.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE <i>ROMPER</i>, <i>CORTAR</i>, <i>SUMIR COM</i>.....</b>	<b>109</b>
3.3.1. ROMPER – ROMPER COM .....	114
3.3.2. CORTAR – CORTAR COM .....	118
3.3.3. SUMIR – SUMIR COM .....	122
<b>CAPÍTULO IV – Propostas pedagógicas.....</b>	<b>126</b>
<b>4.1. OBJETIVOS DA PROPOSTA .....</b>	<b>132</b>
<b>4.2. PÚBLICO-ALVO.....</b>	<b>133</b>
<b>4.3. MÉTODOS E MATERIAIS UTILIZADOS .....</b>	<b>133</b>
<b>4.4. PERÍODO PREVISTO .....</b>	<b>133</b>
<b>4.5. PROPOSTAS PEDAGÓGICAS: MÓDULOS DIDÁTICOS .....</b>	<b>134</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>166</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>169</b>
<b>Anexo .....</b>	<b>175</b>

## Apresentação

Abrimos esse trabalho com uma constatação que ainda nos traz um imenso incômodo: se a própria experiência de mundo atesta que as relações entre os membros de uma sociedade são mediadas, sobretudo, pela e na linguagem, esse fato vem sendo levado em consideração com inúmeras controvérsias nas reflexões destinadas ao estudo de unidades léxico-gramaticais nas aulas de língua materna na escola, visto ainda ser verificadas práticas que as engessam e que possuem pouca ou nenhuma forma de conexão com a realidade linguístico-discursiva dos falantes. Em outras palavras, a gramática, quando abordada, permanece analisada por meio de um emaranhado de classificações em detrimento de uma de suas funções principais: a de refletir e operar sobre as possibilidades significativas da língua. A esse respeito, vale assinalar o que é dito por Benveniste (2006), para quem as descrições e classificações das unidades linguísticas só têm como estar diante de suas reais características de funcionamento quando permeadas pelo exercício da linguagem e na produção do discurso.

Como destaca Romero (2013b), ainda que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) figurem como uma potencial ferramenta que poderia auxiliar na reversão desse quadro, pois sugere compreender as unidades linguísticas como “índice para a construção de sentido” (BRASIL, 1998, p. 83) em detrimento de posicionamentos que as apreende como “portadoras de um significado absoluto”, não é isso que tem sido observado em termos de práticas pedagógicas, que continuam a apresentar – e esses exemplos são nossos – o pretérito perfeito do indicativo como *fato do passado*, o plural nominal como *o mais de um*, o prefixo *re-* como *repetição*, *interação*, a preposição *com* como *comitativo*, entre tantas outras definições que evidenciam, justamente, o “absoluto”.

Diante do exposto, nossa pesquisa propõe uma abordagem diferenciada das questões que cercam a gramática da língua portuguesa, particularmente, em relação ao funcionamento semântico-enunciativo da preposição e ao ensino-aprendizagem dessa classe.

A escolha da preposição como objeto de análise se deve ao fato de que essas unidades são pouco ou nada exploradas em sala de aula e, quando lhes é destinada alguma atenção, o que se tem, na grande maioria das vezes, é sua inserção em uma lista que acaba por fazer delas coadjuvantes na aprendizagem. De natureza complexa e

abstrata, o que dificulta abordagens didáticas, a preposição exerce o papel de relacionar termos, sendo ainda entendida como o que traz ou não contribuição semântica ao enunciado, a depender da função sintática exercida pelo sintagma por ela integrado. Não obstante a função relacional que lhe é constitutiva, ao examiná-la em seus diferentes usos<sup>1</sup>, notamos que traz contribuições importantes ao processo de construção da significação dos enunciados, contribuições que, portanto, necessitam ser mais bem apreciadas e exploradas do ponto de vista da relação por elas estabelecida.

De acordo com o que vimos observando<sup>2</sup>, o fato de as preposições não receberem o devido tratamento em sala de aula talvez possa ser justificado pelo *status* de “unidade gramatical” dado aos elementos conectores (preposições, conjunções etc.), bem como pelas definições que as colocam, apenas, em um papel de dependentes de outros elementos nas sentenças, operando semanticamente de modo diverso, sem que a essa diversidade de funcionamento seja dada uma explicação plausível.

Com efeito, muitas abordagens sustentam que as preposições, ao atuarem como introdutoras de argumentos do verbo, como, por exemplo, em “[Ele] não dever ser censurado porque você não *concorda com ele*”<sup>3</sup>, não possuem sentido por introduzirem um complemento verbal, o que faz com que não atuem como predadoras dentro da relação estabelecida; sustentam ainda que, ao introduzirem adjuntos, como, por exemplo, em “Embora mantenha uma vantagem significativa em relação ao segundo colocado, [ele] assegura que os seus jogadores não *estão tranquilos com* a situação no Brasileiro”<sup>4</sup>, possuem sentido ao estabelecerem relações semânticas na proposição em questão, atuando como predadoras dentro da relação estabelecida, pois trazem circunstâncias que modificam a apreensão que se faz do sintagma nominal. Essas concepções, que dificultam a definição de uma dada preposição por meio de um formato unitário de descrição, nos conduzem a (re)pensar o que grande parte da literatura que versa sobre o tema propõe a respeito da semântica das preposições.

Tomando como ponto de partida os aspectos ora apresentados, para que seja possível pensar em propostas didáticas para o ensino-aprendizagem de preposições com um caráter mais reflexivo e que apresentem resultados mais significativos, nosso

<sup>1</sup> Em nossa investigação, importa-nos analisar as ocorrências de COM manifestadas na língua em uso.

<sup>2</sup> Ver Vilela (2012, 2013), Romero (2011, 2013a) e Romero & Vilela (2015).

<sup>3</sup> Extraído de <http://www.territoriomusica.com/noticias/?c=41298>. Acesso em 02/03/2016.

<sup>4</sup> Extraído de <http://oglobo.globo.com/esportes/tecnico-do-cruzeiro-exalta-vantagem-sobre-sao-paulo-evita-falar-em-sorte-8951658>. Acesso em 05/03/2016.

trabalho se debruça sobre o conjunto de questões exposto a seguir, no qual caberá, então, se posicionar sobre: a) as descrições fornecidas por outros estudos e o modo como essas descrições contemplam o funcionamento de uma preposição; b) o fato de ser a preposição apreendida como relator que estabelece a função de “elo de ligação” entre termos, sem que esse caráter relacional seja esclarecido de maneira satisfatória; c) a afirmação de uma mesma preposição possuir sentido em determinados casos e não em outros; d) o modo pelo qual uma preposição interage com os termos que coloca em relação: (Y), *termo consequente*, que a segue, e (X), *termo antecedente*, que a antecede, este último de apreensão mais complexa.

Sendo assim, este trabalho, fundamentado no referencial da *Teoria das Operações Enunciativas* (CULIOLI, 1999; DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011) e, no âmbito da semântica preposicional, na obra *Grammaire des prépositions* (FRANCKEL, PAILLARD, 2007), inscrita no mesmo referencial, tem por objetivo, ao tomar como estudo de caso a preposição COM, compreender o funcionamento semântico-enunciativo dessa unidade, propondo-se igualmente a refletir sobre sequências pedagógicas direcionadas ao ensino-aprendizagem desta classe por meio do modelo de definição semântica e construção de sentidos por nós adotado. Em relação a questões específicas abarcadas por essa compreensão, nosso propósito consiste em fornecer uma primeira definição semântica unitária para a preposição COM e verificar o modo como essa definição permite explicar os valores semânticos por ela adquiridos em discurso. A questão envolvendo o elemento definido como *antecedente* em relação à preposição será por nós evidenciada e abordada sob a ótica da definição da preposição<sup>5</sup>.

Da interseção da problematização da pesquisa apresentada e dos objetivos expostos, esperamos como resultados: 1) a definição da preposição COM por meio de um esquema invariante, representante único de seu funcionamento nos diferentes empregos; 2) a descrição do modo como essa definição convoca os elementos X (termo antecedente) e Y (termo consequente) com os quais interage para que possa funcionar em discurso; 3) à luz dessas descrições e fundamentada em seus mecanismos constitutivos, a elaboração de uma sequência pedagógica de natureza reflexiva envolvendo preposições.

---

<sup>5</sup> Para uma discussão detalhada sobre a definição do antecedente, ver Franckel & Paillard (1997, 2007) e Romero (2011, 2013a).

Com base nos aspectos delineados, este trabalho é composto por quatro capítulos.

No capítulo I, intitulado *Panorama das pesquisas sobre a preposição*, apresentamos nossas investigações com vistas a fornecer um panorama das pesquisas de diversas vertentes teóricas que tratam da preposição no Português do Brasil (PB), conferindo ênfase, na medida do possível, ao que tais obras trazem a respeito da preposição COM, objeto de nosso estudo. Ainda no mesmo capítulo, por estarmos inseridos em uma perspectiva teórica de origem francesa, refletimos sobre alguns estudos em língua francesa acerca do tema. O objetivo principal desse capítulo é aprimorar nosso olhar e conhecimentos a respeito da própria temática.

No capítulo II, intitulado *Referencial teórico-metodológico*, ampliando nossas discussões, fazemos considerações acerca de posicionamentos cruciais nos quais se pauta o campo da semântica e expomos como se concebe o sentido no caso de unidades como as preposições. No mesmo capítulo, tratamos das contribuições da *Teoria das Operações Enunciativas* para o estudo semântico-enunciativo da preposição que sustentam e, de certa forma, delimitam os procedimentos utilizados em nossas análises, privilegiando o trabalho de Jean-Jacques Franckel e Denis Paillard (2007), o de Fumitake Ashino (2012), em que se explora a noção de reciprocidade – a nosso ver, de grande relevância para nossos estudos, e, ainda, o estudo realizado por Denis Paillard (2014) que trata do funcionamento de AVEC, preposição em língua francesa que mais se aproxima<sup>6</sup> dos usos da preposição COM no português brasileiro.

No capítulo III, intitulado *Funcionamento semântico-enunciativo da preposição COM*, trazemos os procedimentos metodológicos utilizados nas análises, bem como análises de enunciados variados nos quais a preposição COM se faz presente. Ainda no mesmo capítulo, por considerarmos a existência de uma estreita afinidade entre uma dada preposição e um dado verbo nas construções do PB<sup>7</sup>, promovemos um primeiro estudo acerca de ROMPER e SUMIR COM, em contraponto a CORTAR COM.

---

<sup>6</sup> Vale notar que AVEC e COM não são iguais ou “equivalentes”, já que estamos diante de duas unidades pertencentes a línguas distintas. Em termos de funcionamento, conseguimos perceber, no entanto, algumas aproximações quando as comparamos.

<sup>7</sup> Verbos integrantes do projeto de pesquisa “Léxico e enunciação: sistematização do funcionamento verbal”, sob a responsabilidade de nossa orientadora (apoio FAPESP 2013/07572-0) e do qual esse trabalho faz parte. O verbo ROMPER foi analisado por Lima (2013) e Romero & Trauzzola (2014). Já o verbo CORTAR foi analisado por Garcia (2014).

Por fim, no capítulo IV, intitulado *Propostas pedagógicas direcionadas à preposição*, apresentamos uma sequência pedagógica para o ensino-aprendizagem da preposição COM. Com base no aprofundamento das questões que regem o funcionamento dessa preposição em discurso, propomos uma sequência composta por dez atividades reflexivas direcionadas ao trabalho envolvendo preposições em sala de aula, e, de modo particular, a preposição COM.



## CAPÍTULO I – Panorama de pesquisas sobre a preposição

*Fazemos da língua que falamos usos infinitamente variados, cuja só enumeração deveria ser coextensiva a uma lista das atividades nas quais se pode empenhar o espírito humano.*

*Émile Benveniste*

É um exercício bastante interessante – e, por que não?, necessário – (re)conhecer como diferentes teorias ou abordagens tratam de um mesmo fenômeno ou unidade linguística lançando mão de metodologias e pressupostos consideravelmente distintos. Somente através desse exercício, executado de forma rigorosa e destituída de julgamentos e preconceitos, é possível “levantar hipóteses intuitivas, dar a essas hipóteses uma formulação exata, inferir suas consequências e confrontá-las com os fatos, para uma confirmação sempre provisória ou uma refutação” (ILARI, 1997, p. 15).

Normalmente, esses tipos de estudos são desenvolvidos em duas esferas opostas: 1) impõem via um conjunto de regras e de moldes rígidos o que está “correto” e o que está “errado” ou o que “podemos” e o que “não podemos” fazer com uma determinada língua, desconsiderando totalmente os fatos oriundos do próprio uso que os falantes promovem dessa mesma língua; 2) descrevem a língua a partir dos aspectos relacionados ao seu funcionamento, explorando ao máximo as propriedades e o modo pelo qual suas características são organizadas e articuladas para reger certos fenômenos.

Apoiando-se na segunda concepção de estudos, o presente capítulo dedica-se, de maneira bastante pontual, a verificar como diferentes gramáticas e perspectivas teóricas abordam a classe das preposições e, por conseguinte, especificamente, a preposição COM. Julgamos ser de grande relevância confrontarmos-nos com o que outras teorias dizem e a forma com que tratam dos fenômenos que almejamos analisar, como por exemplo, a questão da delimitação do que vem a ser o termo que antecede a preposição (*termo antecedente*), como e se são tratadas as questões ligadas à semântica das preposições e sua contribuição para a construção do sentido dos enunciados em que estão inseridas, etc.

O objetivo desse panorama é mostrar que o desenvolvimento e os estados atuais dos trabalhos, pelo fato de não fornecerem uma definição semântica unitária da preposição que responda pela variação atestada em seus diferentes usos ou por deixar de fora um certo número de empregos, ainda carecem de contribuições para uma melhor

compreensão da problemática. Acreditamos, ainda, que a prática aqui explorada nos conduz, inevitavelmente, ao refinamento de nossas próprias percepções em relação ao nosso objeto de estudo e à melhor exploração e compreensão do quadro teórico em que nos inserimos.

### 1.1. Estudos sobre a preposição no cenário nacional

Nesta seção, examinaremos, em moldes gerais, algumas abordagens já consideradas canônicas, bem como trabalhos notáveis que figuram no cenário atual das investigações relacionadas ao grupo de palavras que apreendemos como *preposição* em PB. Atentaremos, quando possível for, às descrições e definições fornecidas à preposição COM, objeto desta pesquisa.

A realização de análises e reflexões sobre o modo pelo qual outros autores e vertentes teóricas versam sobre o tema tornam-se importantes, pois, dada a natureza viva das línguas naturais e de sua deformabilidade característica, a todo o momento nos deparamos com novos fenômenos instigantes que demandam ser apurados por outras vias de análise. Portanto:

Não é necessário detalhar o fato de que a língua invade e é invadida por outros campos, dado que é evidente que ela está presente de muitas maneiras e com muitas finalidades nas mais diversas situações da vida dos homens. (POSSENTI, 2008, p. 45)

Para a composição dessa seção, selecionamos cinco obras brasileiras de vertentes teóricas diferentes: a da gramática tradicional (normativa), representada pelas obras de LIMA (1974) e CUNHA & CINTRA (2008), pelo fato de, embora alvo de críticas por seu caráter fundamentalmente normativo e destituído de reflexões sobre a língua em uso, ainda figurar com vigor em muito do que é apresentado em aulas de língua portuguesa em nosso país; a *funcionalista*, representada por NEVES (2000), que traz reflexões com base em dados oriundos da própria língua em uso; a *funcionalista-cognitivista*, representada por ILARI (2015), que, além de também apresentar exemplos da língua em uso, traz uma análise bastante específica em que se busca compreender os usos de uma mesma preposição de forma unificada; por fim, a abordagem da *semântica lexical*, representada por BERG (2005, 2009), em que temos, diferentemente de outras

propostas que se condicionam aos aspectos ligados à sintaxe, uma iniciativa que parte, precipuamente, da semântica.

### **1.1.1. A vertente tradicional**

É consenso para determinados grupos de linguistas e estudiosos que os manuais que teorizam os fatos da língua classificados como “tradicionais” ou “normativos” possuem enormes falhas por trazerem como fundamento a constituição de regras que visam à distinção entre o que é “correto” – característica associada à língua culta representada por um “bem falar e escrever” – e o que é “errado”, este por vezes ligado aos “usos populares”, variantes da língua destituídas de prestígio.

Como aponta Franchi (2006, p. 17), tal distinção possui raízes bastante antigas, pois enquanto os gramáticos de Port-Royal buscavam constituir uma gramática com base no “bom uso” da linguagem, gramáticos da Academia Francesa – ambos do mesmo período – buscavam afastar-se de uma base estritamente “lógica” e restritiva para debruçarem-se nos diferentes usos da linguagem.

Todavia, acreditamos, assim como Franchi (2006), que a concepção que se tem desses manuais “tradicionais” é, em parte, equivocada, o que não significa dizer que os eximimos de quaisquer tipos de falhas, como, por exemplo, a de desconsiderar os usos da língua para dar espaço apenas às vozes literárias. Na verdade, uma observação cautelosa – e destituída de preconceitos teóricos – permite observar que, por mais que os usos da língua sejam um tanto quanto marginalizados, temos um conjunto de normas, ou sistematizações, que estão além do “certo” e “errado”, já que constituídas de traços descritivos em sua composição, o que pode ser lido como uma parcela de contribuição fundamental na formação escolar dos falantes.

O que gostaríamos, no entanto, de ressaltar é que, mesmo com inúmeros estudos e manuais compostos por propostas mais apropriadas e abrangentes para o estudo de uma língua, a gramática “tradicional”, como mencionamos, ainda figura nos conteúdos presentes nas aulas de língua portuguesa em nosso país e é por meio desse recurso que os alunos:

[...] consultam como se empregam, na língua considerada, as diferentes palavras, locuções, formas, paradigmas, construções, funções estabelecendo a partir desse uso um conjunto de regras de boa formação ou de bom uso das expressões, ou seja, dizem quais são as

expressões autorizadas e quais as expressões não autorizadas pela gramática da língua. (FRANCHI, 2006, p. 21)

E ressaltar, ainda, que os manuais vistos como “tradicionais” e “normativos”, a depender da obra em questão, nem sempre são tão restritivos e “preconceituosos” quanto pregam alguns estudiosos e linguistas, pois, como veremos nas obras que analisamos a seguir, existe um caráter descritivo em que se figura a busca pela regularização dos usos do PB e que ocorre de maneira bastante cuidadosa.

Visando codificar o “uso idiomático” por meio do estabelecimento de “classificações e sistematizações”, Lima (1974), primeira obra selecionada para análise, traz dois capítulos para tratar das preposições, o primeiro em que faz uma descrição bastante generalizante dessas unidades e o outro, um pouco mais detalhado, em que explora os seus empregos.

Na obra, as preposições são concebidas como *palavras invariantes* que subordinam um termo da frase a outro: “a preposição mostra que entre o antecedente e o conseqüente há uma relação, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo” (LIMA, 1974, p. 157), sendo, portanto, “ofício das preposições *subordinar* um elemento da frase a outro, apresentando o segundo como *complemento* do primeiro” (LIMA, 1974, p. 157, *grifos do autor*).

No tocante à delimitação dos termos que cercam a preposição, o que vem a ser o *antecedente* é apontado como a palavra ou núcleo que tem o seu sentido condicionado a modificações pelo elemento que segue a preposição – o termo *consequente*. É importante destacar que o autor não especifica o que seriam essas modificações e quais os seus efeitos num dado enunciado. Apontar o termo antecedente como um termo “condicionado a modificações” não nos parece suficiente, pois, por exemplo, nos casos de adjunção, como explicar essa “condição”, uma vez que há elementos que já possuem um sentido completo segundo a gramática normativa? Posto que os elementos que compõem um enunciado interagem para que possa ocorrer a construção de sentido, não estariam, então, todos os elementos que compõem um enunciado condicionados a modificações?

Diferentemente de outras abordagens, Lima (1974) estabelece uma lista de elementos que podem ocupar a posição de antecedente, bem como aqueles que podem preencher a posição de termo conseqüente. O termo *antecedente* pode ocorrer como: um substantivo, um adjetivo, um verbo, um advérbio e algumas interjeições. Já o termo

*consequente* deverá sempre aparecer como um conceito substantivo que se manifesta por meio de um substantivo, pronome, infinitivo, oração substantiva ou palavra substantivada.

Como diferencial da obra, verificamos uma veemente tentativa em se compreender questões a respeito da semântica das preposições – enfoque que é, comumente, deixado de lado por algumas abordagens tidas como “tradicionais” ou “normativas” –, descrevendo-as como *fortes* e *fracas*. As preposições *fortes*, como, por exemplo, *contra*, *entre* e *sobre*, “guardam certa significação em si mesmas”, enquanto as *fracas*, como, por exemplo, *a*, *com* – objeto de nosso estudo – e *de* “não têm sentido nenhum, expressando tão somente, em estado potencial e de forma indeterminada, um *sentimento* de relação” (LIMA, 1974, p. 321, *grifos do autor*), concretizando apenas no contexto um dado valor significativo nas relações que podem estabelecer.

Após distingui-las entre *fortes* e *fracas*, o autor as toma uma a uma para descrever o uso e o significado das preposições existentes no português brasileiro. Aqui, atentaremos apenas ao que é dito a respeito da preposição COM.

Para Lima (1974, p. 336), a preposição COM pode estabelecer cinco tipos de relação: *companhia*, como em “Eu quero marchar *com* os ventos, *Com* os ventos...*co*’os firmamentos!”; *instrumento*, como em “E um dia inteiro ao sol paciente estive *Com* o destro bico a arquitetar o ninho”; *simultaneidade* “... e concerta *com* o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste”; *causa*, como em “Fora rico e empobrecera *com* as secas”; e *oposição* (= *contra*), como em “Temos guerra *com* a Espanha, senhor”. Como destacamos anteriormente, a preposição COM pertence ao grupo de preposições denominadas *fracas*, que, não possuindo sentido nenhum, adquirem apenas um dado valor significativo no contexto em que estão inseridas. Diante desse fato, COM é descrita apenas em função dos tipos de relações que pode estabelecer e não em relação ao seu próprio potencial significativo.

Cunha & Cintra (2008), como outro exemplar teórico da vertente tradicional, nos trazem, assim como Lima (1974), um tratamento bastante pertinente e cuidadoso em relação à classe das preposições no português brasileiro. Como dito na própria introdução da obra, os autores afirmam que, embora o propósito de uma gramática seja o de descrever os fatos e normas da língua culta, permite-se desvencilhar-se das práticas arcaicas que separam os usos da língua em dois polos, “correto” e “incorreto”, para dar espaço às dimensões variáveis e também ao que se observa como fatos individuais.

Na obra, as preposições são descritas como palavras invariantes que relacionam dois termos de uma oração e, nesta relação, o sentido do termo que antecede a preposição é explicado ou completado pelo termo que a segue, da mesma forma como define Lima (1974). Quanto à sua forma, as preposições podem ser *simples*, constituídas apenas por um único vocábulo, ou *composta*, locução formada por mais de um vocábulo. As preposições *simples* ainda possuem outra categoria, denominada preposições *acidentais*, que consistem em palavras de outras classes que podem operar como uma preposição. É válido notar que, neste caso, não há nenhuma forma de explicação que possa esclarecer como outras palavras, pertencentes a outras classes, podem operar como uma preposição, pois, se outras palavras podem fazer as suas vezes, o que é ser uma preposição? Somente relacionar termos de uma oração? Destacamos ainda, que a admissão de outros membros para atuar como uma preposição coloca em xeque o próprio fato de que as preposições são identificadas como uma classe fechada – classe de palavras que não admite a corriqueira criação de novos membros dada a enorme complexidade que caracteriza o funcionamento dessas unidades.

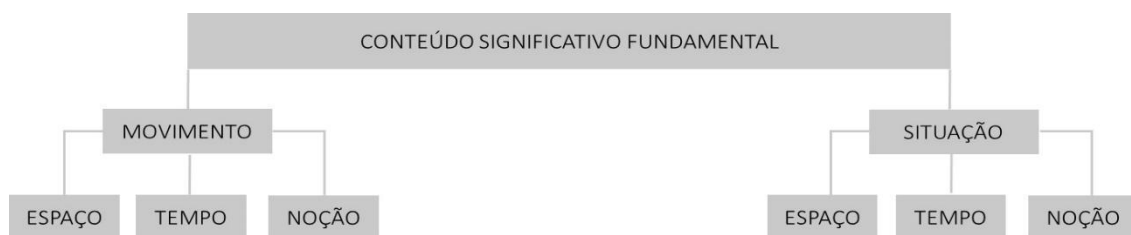
Quanto à significação, os autores propõem que as preposições podem estabelecer dois tipos de relação entre as palavras por elas ligadas. Trata-se de relações que indicam *movimento*, como em “Vou *a* Roma”, “Todos saíram *de* casa” etc., em que “importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação ( $B \rightarrow A$ ) ou de afastamento ( $A \rightarrow C$ )”, ou *situações resultantes e ausentes de movimento*, como em “Estive *com* Pedro”, “Concordo *com* você”, etc. Ambas as relações podem ser apreendidas no âmbito *espacial*, exemplo de “Todos saíram *de* casa”, *temporal*, exemplo de “Trabalha *de* 8 às 8 todos os dias”, e *nocional*, exemplo de “Livro *de* Pedro”. Nessa abordagem, o sentido que as preposições adquirem em seus variados empregos são originários de um “conteúdo significativo fundamental”:

Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou ausência de movimento. (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 571)

Em outras palavras, os autores apontam que, mesmo apresentando uma grande variedade de usos, cada preposição da língua portuguesa é dotada de uma *significação fundamental* e é a partir desse conteúdo que são marcadas as expressões de movimento

ou ausência de movimento nos campos espacial, temporal e nocional. Todavia, esse “significado fundamental”, próprio a cada uma das preposições, não é claramente delimitado, dificultando, assim, a sua apreensão.

O esquema abaixo, fornecido pelos autores, permite compreender o sistema funcional das preposições, independentemente dos matizes significativos que podem adquirir em seus variados usos.



(CUNHA, CINTRA, 2008, p. 572)

Ao tratar do conteúdo significativo dessas unidades e de sua função relacional, os autores enfatizam que, em certos casos, esse conteúdo significativo pode desaparecer, fazendo com que operem apenas com uma função relacional. Por exemplo, nos casos em que COM atua dentro do sistema de transitividade, ou seja, em relação ao verbo, como um termo integrante introduzindo objeto indireto (cf. “Concordo<sup>8</sup> com você”), desprezam qualquer acepção de sentido, tratando-a apenas como um “elo sintático”. Nestes casos, assume-se que as preposições possuem um sentido básico – que não é explorado ou especificado – e, dado este sentido, quem seleciona, por afinidade, a preposição com a qual vai operar é o próprio verbo.

Diferentemente do que se observa quando o uso da preposição é obrigatório, em situações de adjunção ou de objeto direto preposicionado, a preposição apenas vai conferir à relação um “vigor novo, pois o reforço que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objeto” (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 573). Para os autores, o grau de intensidade do significado das preposições dependerá fundamentalmente do tipo de relação sintática que estabelece, podendo este ser dividido em três tipos: *fixa*, *necessária* e *livre*.

<sup>8</sup> No mesmo capítulo, CUNHA & CINTRA (2008) apontam para a existência de combinações entre verbos e preposições consideradas como construções “fixadas no idioma”, que, bastante frequentes, acabam vistas como “fixas”; seria o caso do verbo *concordar* e da preposição *com*, uma vez que *concordar* não opera tão satisfatoriamente com outras preposições e possui muito mais ocorrências com a preposição *com* do que com qualquer outra. Tratamos na seção 3.3. da afinidade existente entre determinados verbos e preposições, questão abordada pelos autores como uma “associação inerente”.

Compreendem por uma relação *fixa* situações em que a preposição aparece frequentemente associada a determinadas palavras, adquirindo estatuto não mais de palavra isolada, mas de palavra composta, aqui, a função relacional; nesse caso, qualquer sentido associado à preposição desaparece para dar espaço ao sentido oriundo da junção da preposição com tais palavras. Por exemplo, em “Então, sigo em frente até dar *com* eles” os autores afirmam que, pelo fato de a preposição estar fixada na forma verbal, “não lhe acrescenta apenas novos matizes conotativos, mas altera-lhe a própria denotação” (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 574).

As relações *necessárias* são protagonizadas pelos casos em que a função relacional das preposições tem relevância em detrimento de seu conteúdo significativo, priorizando a relação sintática em que está inserida. Por exemplo “Lembro-me *de* nada” em que há ocorrência de verbo e objeto indireto, ou “Vontade *de* Deus”, na presença de substantivo e complemento nominal etc.

Por fim, são consideradas como *livres* as relações em que o sentido das preposições opera em plenitude. Nos exemplos “Encontrar *com um amigo*” e “Encontrar *um amigo*”, a presença da preposição é facultativa em termos sintáticos, porque opera como “recurso de valor estilístico”, trazendo a ideia de “associação”.

Cunha & Cintra (2008) descrevem a preposição COM apenas como responsável por estabelecer relações ausentes de movimento (situação): adição, associação, companhia, comunidade e simultaneidade, entre as palavras por ela ligadas dentro do campo nocional, podendo exprimir as noções de *modo*, *meio*, *causa* e *concessão* “Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir *com* alguém não de alguém, como dizia Dickens”; “– Vou amanhã de manhã *com* o Rocha”; “A proposta foi recebida *com* reserva”; “Saio do hotel *com* o sol já alto” (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 581).

Em suma, quanto à análise das duas obras de cunho tradicional, foi possível concluir que, em primeiro lugar, Lima (1974) aponta que tipos de unidades da língua poderiam vir a ser os termos *antecedente* e *consequente*; em segundo lugar, ao descrever as preposições, o mesmo autor defende a existência de uma definição unitária, mas tal definição não é sustentada, visto que não se pode associar os exemplos fornecidos à própria definição dada; por fim, ao estabelecer a divisão das preposições entre *fortes* e *fracas*, deixa lacunas, pois não esclarece o porquê de algumas preposições guardarem sentido em si mesmas e de outras preposições estabelecerem apenas relações, concretizando qualquer valor significativo apenas em contexto.



Em Cunha & Cintra (2008), em primeiro lugar, observamos que a introdução da obra é um ponto a ser destacado, pois os autores se dispõem não só a analisar os fatos, não só de maneira generalizante, mas também individual, considerando particularidades que cercam determinadas unidades; em segundo, propõem que as preposições podem estabelecer dois tipos de relações significativas: a de movimento e de situação (ausentes de movimento); em terceiro, para eles, o sentido que as preposições podem adquirir são originários de um conteúdo significativo fundamental, ou seja, de um sentido que lhes seria intrínseco e preexistente a seus usos; todavia, tal conteúdo significativo fundamental não é explorado e não há qualquer seção reservada para que se possa esclarecer em que consiste e quais seriam esses sentidos; em quarto, os autores também sugerem, assim como Lima (1974), que as preposições ora têm sentido, ora não o têm: as preposições só teriam sentido quando participam de orações em que a sua presença é facultativa, conferindo apenas um “vigor novo” à oração da qual faz parte; quando o uso da preposição é obrigatório, ocorre um esvaziamento de sentido dessa preposição, atuando apenas em sua função relacional como um “elo sintático”. Nestes casos, quem a seleciona, por afinidade, é o próprio verbo. Porém, nos casos em que atua, por exemplo como objeto direto preposicionado, também como um elo sintático, como ocorreria, então, o desaparecimento de seu “significado fundamental”? Como e por que ocorre esse esvaziamento de sentido?; em quinto lugar, para resumir ou dar conta dos matizes significativos que as preposições podem adquirir, sugerem a existência de um sistema funcional, em forma de esquema – que pode ser aplicado a qualquer preposição – o que nos leva a questionar: todas as preposições funcionariam da mesma maneira?; por fim, tais afirmações em relação ao sentido das preposições, que ora possuem sentido, ora não o possuem, embora tenham suas devidas explicações, não nos parecem suficientes para que se esclareça a grande problemática em torno das questões que envolvem a semântica dessas unidades. Como mensurar a intensidade significativa dessas unidades em termos de uma definição unitária?

Assim, ainda que essas obras apresentem trabalhos bastante diferenciados em relação ao tratamento das preposições, pois não se limitam em apenas afirmar que sua função é a de “ligar termos”, não obstante, nos deixam alguns questionamentos. Nota-se que um dos principais problemas é o fato de não esclarecerem quais são e o que seriam esses sentidos que as preposições possuem independentemente de estarem inseridas em um determinado ambiente sintático (significado unitário ou sentido de base) e de não

explicarem de maneira satisfatória como as preposições podem possuir sentido em algumas situações e não possuírem sentido em outras.

### 1.1.2. A vertente funcionalista

Os representantes mais notáveis filiados à linha funcionalista são, em sua maioria, aqueles que estão, de certo modo, vinculados aos princípios da Escola Linguística de Praga, “para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística” (NEVES, 2004, p. 17).

Um dos principais objetivos da vertente funcionalista consiste em propor “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social” (NEVES, 2004, p. 15), explorando, em sua gramática, os aspectos da associação estabelecida entre forma e significado no contexto em que as unidades linguísticas estão inseridas. Nesse referencial teórico, prima-se pela competência comunicativa, almejando que os falantes tornem-se não somente proficientes em reconhecer e codificar expressões linguísticas, mas também capazes de utilizar sua própria língua de maneira interacional e satisfatória.

Sendo assim, a *Gramática de usos do português*, ao analisar enunciados retirados da própria língua em uso, busca a existência de regularidades e, como consequência, descrever e organizar esses usos, orientando-se pelo princípio de que:

[...] é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função, e que as entidades da língua têm de ser avaliadas em conformidade com o nível em que ocorrem, definindo-se, afinal, na sua relação com o texto. (NEVES, 2000, p. 13)

Na perspectiva de Neves (2000), as preposições pertencem à esfera das relações e processos e atuam na junção dos elementos do discurso, sendo divididas em três grupos distintos: a) *preposições introdutoras de argumentos* (a, até, com, contra, de, em, entre, para, por, sob e sobre); b) *preposições não introdutoras de argumentos* (ante, após, perante e sem); c) *Preposições acidentais*, que consistem em unidades linguísticas pertencentes a outras classes gramaticais que podem, por sofrer um processo de gramaticalização<sup>9</sup>, operar como uma preposição em determinados contextos.

---

<sup>9</sup> Compreende-se por *gramaticalização* processos de mudança linguística que, considerando a natureza dinâmica e viva da língua, altera as funções e o estatuto categorial das unidades linguísticas; assim,

No que tange ao seu funcionamento, podem integrar duas situações distintas: *dentro do sistema de transitividade*, comportando-se como complemento verbal (*i.e.* como objeto direto, complemento de verbos transitivos indiretos, que se liga ao verbo necessariamente por meio de preposição), complementos nominais (*i.e.* como complemento de adjetivo, de substantivo), complemento de advérbio que também são precedidos de preposição; ou *fora dos sistema de transitividade*, em que opera como um adjunto adnominal, adverbial ou quaisquer outra função diferente das de complemento. Ao atuar *dentro do sistema de transitividade*, a preposição “tira seu valor das relações contraídas entre os elementos cuja junção ela efetua”; já quando opera *fora do sistema de transitividade*, a preposição pode, sim, estabelecer relações semânticas.

É interessante observar que, mesmo estabelecendo uma divisão em que se distingue o funcionamento das preposições de duas formas, a autora destaca que, para descrevê-las, é necessário considerar: 1) “o seu valor unitário”; 2) “a natureza dos termos em relação”; 3) “a relação sintática entre o antecedente e o consequente”; 4) “os traços semânticos dos dois termos em relação e a relação semântica que entre eles se estabelece” (NEVES, 2000, p. 18). O que vem a ser “o seu valor unitário” não é, no entanto, efetivamente explorado durante a discussão dos exemplos<sup>10</sup>.

No caso de COM, esta é considerada como parte das *preposições introdutoras de argumento*. Dentro do sistema de transitividade, ela introduz complemento de verbo, como em “Pequenas usinas não podem concorrer *com* as grandes”; complemento de adjetivo, como em “Quanto ao autor, condoído *com* a situação dos desvalidos, retrata-as sem retoque em suas peças”; complemento não-subjetivo de substantivo, por exemplo, “A simbiose da Psicologia *com* a Astrologia foi uma concomitância histórica”; e, por fim, complemento de advérbio “Junto *com* a melhoria da cidade, estimulariam a migração”. Fora do sistema de transitividade, a preposição atua estabelecendo relações semânticas no sintagma verbal (adjunto adverbial), caso de “Ela foge *com* o corpo”; no sintagma nominal (adjunto adnominal), como em “Cada um deles trouxe um saco *com* utensílios de cozinha”; introduz sintagma em função predicativa (predicativo do sujeito), como em “Faço os votos que você esteja *com* saúde e feliz”; integra construções indicativas de circunstância, por exemplo, “*com* relação à década anterior

---

busca-se “entender a gramaticalização como as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial” (GONÇALVES *et alli*, 2007, p. 17).

<sup>10</sup> Ver ROMERO (2011, 2013a), para um maior aprofundamento dessa questão.

(1960-1970), verificou-se uma queda no ritmo de crescimento do setor indústria e do setor serviços”; e, por fim, entra em expressões fixas (vir *com*; ter (a ver) *com*; (não) ter (algo/nada) *com*), caso de “Que tem a ver a cor, Simplício, *com* inferioridade ou superioridade?”, “Desculpem...os senhores não tem nada *com* isso”.

Da discussão trazida, verificamos que, mesmo possuindo o grande mérito de se propor a trabalhar com os usos da língua e a abordar as unidades linguísticas através da observação de um considerável conjunto de exemplos, a *Gramática de usos do português* (NEVES, 2000) pode se aproximar de gramáticas tradicionais em muitos pontos, como, por exemplo: 1) propor a existência de um “sentido unitário”, mas não discuti-lo ou até mesmo considerá-lo durante a exploração dos exemplos – aspecto que também observamos em Cunha & Cintra (2008); 2) deixar de fazer aproximações entre as descrições fornecidas e os exemplos da preposição COM em seus usos variados; 3) não mencionar de forma clara quem são os termos *antecedente* e *consequente*, nem de que maneira interagem quando colocados em relação pela preposição; 4) por partir de um funcionamento estritamente de ordem sintática (pertencer ou não ao sistema de transitividade) e afirmar, a partir dessa constatação, que a preposição ora possui sentido, ora não possui, a existência de um “sentido unitário” sustentada é colocada em dúvida, pois como é possível considerar tal sentido unitário quando ocorre seu esvaziamento em determinadas situações para operar apenas como um item relacional?

### 1.1.3. A vertente cognitivista

A obra ora abordada e organizada por Rodolfo Ilari (2015)<sup>11</sup> pertence a uma coletânea originária de um projeto de pesquisa denominado *Projeto de Estudo da Gramática do Português Falado no Brasil*, sob a coordenação geral de Ataliba T. de Castilho<sup>12</sup>. Em relação à orientação teórica seguida, a própria introdução da obra nos

---

<sup>11</sup> Na introdução dessa gramática, Rodolfo Ilari faz menção à variedade de autores e à diversidade de referenciais teóricos que acabaram por influenciar na composição da obra justamente por conta da trajetória dos próprios pesquisadores envolvidos. Pontualmente, Ilari destaca a influência das vertentes funcionalista e gerativista; todavia, no capítulo dedicado às preposições, fica bastante evidente que o enfoque dado ao estudo é de natureza cognitivista e, face a isso, optamos por denominá-la como “cognitivista”. É preciso, contudo, justificar que, mesmo com a predominância cognitivista, é possível encontrar, nele, aspectos da teoria multissistêmica de Ataliba T. de Castilho.

<sup>12</sup> Abordaremos aqui a *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: volume IV: palavras de classe fechada* (2015), que é uma das obras que fragmentam o conteúdo de uma obra anterior denominada *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: volume II: classes de palavras e processos de formação* (2008). Nessa versão mais atual, há um capítulo dedicado às preposições repleto de modificações em

indica a existência de certa pluralidade de influências, dada a vasta gama de profissionais envolvidos no projeto, bem como de linhas de análise gramatical variadas. Observam-se, assim, contribuições das correntes funcionalista, cognitivista e até mesmo da teoria multissistêmica desenvolvida pelo próprio coordenador do projeto.

Tal gramática dedica-se a analisar as *palavras de classe fechada*, grupo do qual as preposições fazem parte. Ao contrário das palavras de classe aberta, as de classe fechada são vistas como dotadas de um estatuto bastante funcional, pois atuam como “instrumentos gramaticais, isto é, como utensílios que estruturam as sentenças da língua” (ILARI *et al.*, 2015, p. 9, In. ILARI, 2015). Com o objetivo principal de explorar a maneira pela qual as palavras pertencentes à classe fechada podem contribuir para a interpretação das sentenças, optam por deixar de apreender a língua como uma estrutura “matemática” para tratá-la como uma atividade cognitiva baseada em protótipos, “tanto na organização que impõe ao mundo, quanto na maneira como se organiza a si própria” (ILARI *et al.*, 2015, p. 11, In. ILARI, 2015).

Inicialmente, os autores trazem um pouco da etimologia da palavra “preposição” que tem origem latina *prae*, *positio* e na junção *praepositione(m)* e significa “posicionar a frente” (ILARI *et al.*, 2015, p. 163, In. ILARI, 2015), o que lhes parece bastante apropriado, pois, independentemente de estarem ligadas a palavras de diversas classes, inauguram sempre um sintagma preposicional.

O projeto desenvolvido por esses estudiosos proporcionou algumas descobertas em relação ao corpus<sup>13</sup> utilizado, entre elas o fato de ser a frequência das preposições em discurso desigual. No caso da preposição COM, objeto de nosso estudo, representa apenas 8% de empregos em 5215 ocorrências observadas. Da descoberta apresentada, verificaram que as preposições que possuem mais ocorrências de uso são as que possuem maior variedade de empregos.

Outra descoberta evidenciada pelos autores está ligada à sintaxe, visto ser apontado que as preposições não são tão parecidas em termos sintáticos quanto evidenciam muitos estudos. Dessa forma, a definição de que as preposições “ligam palavras” seria bastante contestável. Contrariamente, uma preposição pode “acrescentar

---

relação à obra anterior. Os próprios pesquisadores que tratam das preposições, aliás, sofreram alterações. Em suma, julgamos o capítulo de Ilari *et al.* (2015) ser mais completo e com outras problemáticas, se comparado ao da obra anterior.

<sup>13</sup> O corpus utilizado na obra é composto por cerca de cinco mil exemplos retirados do projeto NURC *Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo*, encabeçado pelo professor Carlos Franchi no final da década de 1990. O projeto reúne registros da modalidade oral da língua portuguesa.

um adjunto a uma sentença completa”, ou, de maneira equivalente, “a preposição pode formar constituintes que se adjungem a uma sentença completa”, e isso contraria a opinião corrente, segundo a qual, dos dois lados de uma preposição, encontramos sempre “palavras” e não “sentenças” (ILARI *et al.*, 2015, p. 165, In. ILARI, 2015).

A preposição COM, por encontrar-se, segundo os autores, num estágio de gramaticalização muito mais avançado do que outras preposições, participa de um número relativamente maior de construções sintáticas do que outras preposições, bem como realiza funções mais gramaticais<sup>14</sup> (introduzir argumentos dos verbos, por exemplo), incorporando-se facilmente com outros elementos de uma sentença e formando “novas palavras” – caso das locuções, contrações com artigos, etc.

Diferentemente de outras propostas, a divisão entre as *classes abertas e fechadas de palavras* não é sustentada por Ilari *et al.* (2015), ou seja, não teríamos classes de palavras que podem receber novos membros – como a de nomes, que é aberta – a qualquer momento ou classes de palavras que seriam impossibilitadas de receber novos membros, como as classes dos conectores, da qual as preposições fazem parte. Ao contrário, propõe-se que temos classes de palavras que têm uma propensão maior ou menor para receber novos membros, aspecto que funcionará de acordo com o grau de complexidade morfológica que, no caso das preposições, é bastante baixo, dado o seu caráter invariável do ponto de vista morfológico.

Os autores defendem que o sentido de uma preposição é explicado por uma relação de *polissemia* e não de homonímia. Haveria, portanto, um *sentido prototípico* e os demais sentidos observados seriam resultantes de extensões desse sentido “primeiro”. A tentativa de compreender esses variados sentidos é orientada pela *perspectiva cognitiva* da linguagem, que possui recursos para explicar de que forma esse processo ocorre, e pelo próprio processo de *gramaticalização*, que, segundo eles, pode ser um forte aliado para recuperar o percurso histórico das preposições, cujos indícios são observados até nos usos dos dias de hoje.

---

<sup>14</sup> No português do Brasil, distinguem-se duas “categorias” de palavras, as *palavras lexicais* e as *palavras gramaticais*. Compreendem-se por *palavra lexical* os itens “cuja propriedade faz referência a dados do universo bio-psíquico-social, designando entidades, ações, processos, estados e qualidades” (GONÇALVES *et alli*, 2007, p. 17) substantivos, adjetivos, verbos etc. Já as *palavras gramaticais* são de ordem mais funcional, sendo responsáveis pela organização do discurso ao ligarem “palavras, orações, e partes do texto, marcando estratégias de codificação de noções como tempo, aspecto, modo, modalidade etc.”, como as próprias preposições, conjunções, desinências.

Sendo assim, contestam as abordagens que apreendem as preposições como itens destituídos de sentido e, para os casos em que isso é supostamente afirmado, justificam por meio do fenômeno denominado “*transposição de esquemas sem motivação aparente*”, que consiste no fato de que:

[...] não é qualquer preposição que pode combinar-se com qualquer verbo, substantivo, adjetivo, etc., porque há uma motivação, ainda que atualmente “invisível”, por trás dessa combinação. (ILARI *et al.*, 2015, p. 170, In. ILARI, 2015)

Isso significa que não é só porque uma preposição aparece com certa frequência ao lado de um verbo, por exemplo, que ela não possui sentido. Esse fenômeno ocorre devido à tamanha naturalidade com que empregamos certas palavras com outras.

Outra afirmação que faz com que se questione o sentido dessas unidades é a de que as preposições são apenas itens relacionais, portanto, vazias de sentido. Os autores respondem a essa afirmação pareando duas sentenças: “Cheguei *em* Recife” e “Cheguei *de* Recife”, em que temos sequências relativamente parecidas, mas que se distanciam em suas interpretações porque preposições diferentes estão sendo empregadas.

Em termos sintáticos, as preposições introduzem adjuntos ou complementos. Em resumo:

- a. os adjuntos são observados em vários níveis de construção sintática;
- b. os complementos são exigidos por palavras que, de outro modo, ficariam “incompletas”;
- c. essas palavras pertencem às classes morfosintáticas do substantivo, do adjetivo, do verbo e do advérbio, mas nem todas as palavras pertencentes a essas classes exigem complementação;
- d. no processo de complementação, quem seleciona a preposição é a palavra ou sintagma a ser completado; no caso da adjunção, a escolha da preposição depende da natureza do adjunto. (ILARI *et al.*, 2015, p. 176, In. ILARI, 2015)

Na *adjunção*, em que as informações acrescentadas não influenciam na boa formação sintática de uma sequência, as preposições podem mediar sintagmas verbais, sintagmas nominais e sintagmas adjetivais. Na *complementação*, em que o sintagma preposicional compromete a formação da sequência, as preposições são necessárias, pois, por exemplo, no caso dos verbos, sem a introdução dos argumentos não formarão uma unidade sintática completa. Como explicam os autores:

Uma característica da complementação é a forte previsibilidade da preposição a partir do item lexical complementado. Ao contrário, na adjunção, a escolha da preposição é ditada pela natureza do adjunto ou do substantivo nele contido. (ILARI *et al.*, 2015, p. 175, In. ILARI, 2015)

Para a preposição COM, substantivos como “amizade, relacionamento etc., e verbos como revoltar-se e preocupar-se “pedem” um complemento que é frequentemente introduzido por *com*” (ILARI *et al.*, 2015, p. 175, In. ILARI, 2015). De acordo com o corpus analisado pelos pesquisadores, a preposição COM opera nos seguintes ambientes: 217 ocorrências em que o sintagma preposicional atuou como adjunto (110 adjuntos adverbiais e 65, adnominais), 180 casos em que atuou como complemento (115 como complemento de um verbo e 45 como complemento de um substantivo) e números bastante baixos em que atuou como predicativo<sup>15</sup>; eles apontam, ainda, que é ao lado de verbos que a preposição COM é empregada com mais frequência (ILARI *et al.*, 2015, p. 266, In. ILARI, 2015)<sup>16</sup>.

Durante o percurso da obra, verifica-se a importância de abarcar questões que cercam os processos de complementação e de adjunção, pois é a partir do olhar para esses fenômenos que, segundo os autores, é possível verificar que as preposições, no que tange seu comportamento, embora pertençam a uma mesma classe, diferem significativamente no modo como operam em diversos ambientes sintáticos. Esse fenômeno, mais uma vez, é justificado pelo grau mais ou menos avançado de gramaticalização dessas unidades. A preposição COM, por ser altamente gramaticalizada, é apontada como responsável por introduzir frequentemente argumentos.

Quanto à sua morfologia, ao invés de classificá-las em relação à forma *simples* ou *complexa*, *essenciais* ou *acidentais*, como se vê em outros estudos, as preposições

<sup>15</sup> Tais casos em que o sintagma preposicionado funciona como predicativo do sujeito ou do objeto ocorrem com menos frequência, mas são mencionados pelos autores, assim como os casos em que o sintagma preposicional funciona como aposto. No uso em que o sintagma preposicional faz as vezes de predicativo de um sintagma nominal, sua função é de exprimir uma dada propriedade a um substantivo por meio de um verbo, por exemplo “Então o estudante já entra na escola *de* calça Lee”, “Eles ainda têm outros bicos: lavam, fazem faxina, e outras costuram, quer dizer, uma série de pequenas atividades que elas chamam *de* bico”. Nos casos em que o sintagma preposicional atua como aposto “a pedra de toque para reconhecê-lo é que não é possível perceber, por trás da preposição, outro efeito que não o de marcar identidade”, como nos exemplos “O feijão com arroz lá tem o nome de baião *de* dois”, “A tia esteve, esse ano ainda durante o mês *de* julho [no Uruguai]”, etc. (ILARI *et al.*, 2015, p. 176-177, In. ILARI, 2015 *grifos dos autores*).

<sup>16</sup> Os autores também elencam com quais palavras COM aparece com mais frequência. Trataremos da afinidade existente entre a preposição COM, verbos e outras unidades mais adiante, na seção 3.3.



são classificadas como *mais gramaticalizadas* ou *menos gramaticalizadas*. São as preposições mais gramaticalizadas que podem se amalgamar frequentemente a outras unidades formando novas palavras, no caso de COM, formando “co’a(s), co’o(s), cuma(s), cum(s)”.

Na descrição das preposições, os autores levantam uma problemática de ordem cognitiva, e isso porque, para que se consiga empregar tais unidades sem conhecer todos os seus usos, não é requerido aos falantes o aprendizado prévio de todos esses usos. Sustentam, por isso, ser a *polissemia* responsável pela variação de sentidos observada.

O *cognitivismo* busca explicar a linguagem por meio da cognição humana. No domínio das preposições, são propostas três bases de conhecimento: *imagético*, *modelos cognitivos idealizados* e a *própria língua como base do conhecimento*. Essas bases são conduzidas pelas habilidades cognitivas por meio de recursos comparativos.

De maneira bastante pontual, os *esquemas imagéticos* remetem à percepção de si e do próprio ambiente. A natureza desses esquemas é de ordem espacial, visto ser o espaço “uma experiência humana primordial” (ILARI *et al.*, 2015, p. 186, In. ILARI, 2015) onde se encontra a capacidade de movimento corporal amalgamando-se à percepção das coisas que rodeiam os seres humanos. Os esquemas imagéticos se dividem em duas classificações: dinâmicos (indicando deslocamento) ou estáticos (indicando a posição do elemento).

É dado que o próprio percurso das preposições na língua nos revela uma natureza advinda das percepções espaciais que mobilizam quatro esquemas para sua organização: o esquema de *trajeto*, atuante na maior parte das preposições; o esquema de *em cima/embaixo*; esquema de *caixa*; esquema da *ligação*. Na análise realizada por eles, a preposição COM mobiliza apenas o esquema da ligação ou presença simultânea num mesmo espaço.

Os *modelos cognitivos idealizados* consistem em:

Construções conceituais destinadas a enquadrar situações, um recurso mediante o qual formulamos nossa compreensão do mundo, consolidando as categorias que o descrevem e fixando o semantismo das expressões da língua. (ILARI *et al.*, 2015, p. 188, In. ILARI, 2015)

A *língua é tratada como base de conhecimento*, uma vez que é ela que nos proporciona bases para a comunicação através de recursos lexicais e morfossintáticos e, sobretudo, é por meio dela que moldamos nossos modelos cognitivos idealizados por

nos dar subsídios, primeiro, para saber quais experiências podem ser percebidas e quais não podem dentro de um determinado contexto cultural; segundo, para estabelecermos limites metafóricos a determinados sentidos (por exemplo, tempo e espaço) (ILARI *et al.*, 2015, p.190, In. ILARI, 2015).

O conhecimento da língua opera fortemente ao lado dos dois outros esquemas descritos acima. O uso de certas preposições podem, em alguns casos, alterar o sentido dos próprios verbos que acompanham, como se verifica em “falar *com* X” e “falar *para* X”. No primeiro caso, aponta-se para resquícios do sentido comitativo da preposição *com*, fazendo com que o verbo *falar* assuma um caráter muito mais coletivo (“*conversar com*”); já, no segundo caso, a preposição *para* confere ao verbo *falar* o sentido de “dirigir informação a” (ILARI *et al.*, 2015, p.190, In. ILARI, 2015).

Como mencionamos, os autores defendem a ideia de as preposições possuírem um sentido de base espacial<sup>17</sup> – característica também presente na significação de certos verbos, por exemplo, preposição *de* e *para* e os verbos *ir* e *vir* –, que pode transportar-se também para o domínio temporal. Tal fenômeno, ao lado da metáfora, é denominado *transposição de esquemas*, e institui sentidos outros que podem ou não trazer consigo resquícios do seu sentido originário ou prototípico. Aqui, para que outros sentidos proliferem por meio de metáforas, é necessário que esse sentido primeiro, bem como o seu uso, estejam consolidados. Dessa forma, os autores justificam:

É por isso que, do ponto de vista conceitual, a classe das preposições é fechada, para que seus elementos tenham um sentido de base bem estabelecido e possam ser usados em relações metafóricas. Conhecer a fundo o funcionamento das palavras de uma classe fechada revela muito sobre a estrutura de uma língua, e é uma boa maneira de entender o mecanismo de transposição de esquemas, cujo uso em qualquer língua é um fenômeno muito mais geral. (ILARI *et al.*, 2015, p.192, In. ILARI, 2015)

No caso de COM, em relação aos seus usos é possível verificar usos temporais, espaciais e outros. Entretanto, para essa preposição, a noção espacial, por não ser evidente, se vê associada a um esquema mais específico, que representa a “presença simultânea em um mesmo espaço”/“copresença”.

---

<sup>17</sup> As relações espaciais não são representadas apenas por meio das preposições e as preposições não representam somente relações espaciais. Por isso, no estudo das preposições, é necessário considerar outras unidades linguísticas que também englobam a noção de espaço em suas características.

Para que se possa admitir o espaço como sentido básico das preposições, é preciso considerar que as preposições são predicadoras relacionais, uma vez que:

[...] localizar um objeto é sempre relacioná-lo com outro objeto ou evento; em outras palavras, a operação de localização só pode ter sucesso se, além do objeto que queremos localizar espacialmente, nos referirmos a um segundo objeto que é então tomado como ponto de referência. (ILARI *et al.*, 2015, p.203, In. ILARI, 2015)

As preposições convivem com sentidos derivados que expressam categorias relacionais, como *posição no espaço*, *deslocamento no espaço* e *distanciamento*. Também são consideradas a partir de “ponto de referência” (eixos espaciais, horizontais – ponto de origem, ponto médio, ponto final/meta –, verticais, transversais, de proximidade e de abrangência). As preposições, ao localizarem uma “figura” em relação a um “ponto de referência”, permitem que seu sentido de base seja captado por meio de eixos que se organizam pelas percepções do próprio corpo humano, sendo eles: eixo *horizontal*, *vertical*, *transversal*, *contingente/conteúdo* e *próximo/distal*.

O sentido de base de COM é resgatado por meio de um eixo espacial da abrangência /DENTRO/ e enquadra-se no eixo proximal/distal, acarretando noções de copresença, como em: “não é pra se dizer que era um caminhão muito largo não... caminhão *com* a carreta comum”; “é difícil nas escolas... as crianças praticarem natação porque não tem escola *com* piscina”, “agora ela foi à escola *com* um ano e quatro meses... eu a coloquei na maternal *com* um ano e quatro meses”, “... mas é possível a gente olhar para elas e ainda se espantar *com* a qualidade da representação”, “livro *com* páginas rasgadas, por livro rasgado”. Para os autores, por meio dos exemplos abordados, é possível fazer o seguinte percurso para COM: “ESPAÇO (copresença, companhia) > TEMPO > INSTRUMENTO > CAUSA > QUALIDADE ” (ILARI *et al.*, 2015, p.227, In. ILARI, 2015).

Por opção dos próprios autores, assim como outras duas preposições, COM recebe uma análise um pouco mais pormenorizada. Na obra, COM possui *comitativo* e *modo* como sendo os seus dois valores semânticos mais importantes. *Comitativo* – e suas extensões de sentido – é representado pela presença simultânea de duas entidades – indivíduos humanos ou não, animados ou não-animados – num mesmo espaço: “O professor não poderia sair com o estudante... ele achava; mas acho que isso não influi, né? Sair pra fazer serenata *com* o estudante”; já o *modo* e suas extensões polissêmicas, que, diferentemente das do *comitativo*, ocorrem em menor número, operam como uma

resposta que esclarece como ocorreu uma dada ação: “Nós começamos [as excursões] na encantadora e acolhedora cidade de Cachoeira do Sul [...] Fomos muito bem recepcionados, fomos recebidos *com* muito calor humano”. Assim:

Seja como for, uma vez estabelecido 1) que reinterpretamos a relação propriedade-objeto com base na relação parte-todo, e, por sua vez, com base na relação entre dois objetos A e B simultaneamente presentes numa ação [...] 2) que a copresença se exprime adequadamente pela preposição *com*, entende-se que uma das funções de *com* (sobretudo quando liga dois substantivos) seja precisamente a de atribuir propriedades<sup>18</sup>. (ILARI *et al.*, 2015, p.264, In. ILARI, 2015)

Por fim, outra questão abordada pelos autores e não observada nas gramáticas por nós analisadas anteriormente, é o fato de se contestar o argumento de que as preposições introduzem papéis temáticos porque herdaram as funções dos casos latinos, argumento defendido por alguns estudiosos e que, para Ilari *et al.* (2015), não é razoável, uma vez que os usos da língua permitem questioná-lo. Para eles, embora coexistissem na língua preposições e casos, os próprios casos não eram suficientes para indicar papel temático em latim e nem todas as funções desempenhadas pelos casos foram assumidas pelas preposições na contemporaneidade. O conceito de papel temático, aqui, pode ser entendido como:

[...] para interpretar qualquer sentença, é normal que tentemos, antes de mais nada, enquadrar cada um dos sintagmas nominais numa das tantas *funções para as quais a Linguística cunhou denominações como agente, instrumento, alvo, beneficiário, origem, destino...(justamente papéis temáticos)* – *noções até certo ponto vagas que, entretanto, não deixam de evocar a função dos casos morfológicos das línguas clássicas*. (ILARI *et al.*, 2015, p.280, In. ILARI, 2015, *grifos nossos*)

Vale notar que, para os autores, a noção de papel temático talvez possa ser um pouco mais compreensível para os casos de complementação, porque todo complemento exprime um papel temático, o que é previsto, inicialmente, pelo semantismo do verbo:

[...] os termos essenciais da sentença têm, por definição, um papel temático definido. Portanto, qualquer sintagma preposicional que introduz termos essenciais da sentença acaba naturalmente

<sup>18</sup> Propriedades compreendidas como as que (re)classificam um determinado substantivo: “As frutas de outros estados são totalmente diferentes, *com* nomes estranhíssimos”; “Eu nunca tinha visto uma igreja *com* aquele estilo completamente funcional”, “Mulher casada *com* filhos não adianta: o filho vem antes” (ILARI *et al.*, 2015, p. 264, In. ILARI, 2015).

envolvendo-se na expressão de um papel semântico. (ILARI *et al.*, 2015, p.289, In. ILARI, 2015)

Ressaltam, por sua vez, que essa identificação dos papéis temáticos é definida pelo todo que compõe uma estrutura sintática e não somente por constituintes isolados, concluindo, portanto, que as preposições que participam da complementação exprimem papéis temáticos não por si só, mas por estarem inseridas nesse todo complexo que compõe um sintagma.

Nos casos de adjunção, Ilari *et al.* (2015) sustentam que:

[...] nesse caso, a escolha das preposições tem uma motivação mais transparente: muitos adjuntos introduzidos por preposição fazem referência a realidades (de tempo, espaço, agentividade, objeto da experiência, etc.) que em outros momentos a língua organiza como papéis temáticos associados a algum verbo; [...], para além desses casos, os adjuntos remetem a uma gama de situações potencialmente infinita. (ILARI *et al.*, 2015, p.289, In. ILARI, 2015)

Da análise realizada, concluímos destacando que: 1) embora os autores tentem estabelecer uma identidade para as preposições, no caso de COM, dois valores são apontados como seus valores mais importantes. Se no início mencionam a existência de um sentido básico, nem sempre esse sentido é evidente no conjunto de exemplos apresentados, uma vez que temos dois valores sendo descritos; 2) tratam apenas os usos mais importantes da preposição COM, ou seja, os que fazem parte do conhecimento cognitivo dos falantes, de modo que falta a exploração de exemplos considerados como *expressões idiomáticas*. Tais usos são constantes, podendo fazer parte da identidade de COM como qualquer outro tipo de sentença, uma vez que, como os próprios autores afirmam, os usos metafóricos<sup>19</sup> são advindos do sentido que apontam como o de base.

Observamos, de maneira geral, que em todas as obras analisadas até aqui, os autores partem da sintaxe para compor uma descrição, uma forma comum de funcionamento, e para justificar a presença ou ausência de sentido das preposições.

No caso da vertente tradicional, isso é observado pelo fato de atribuírem às preposições um papel estritamente relacional, subordinando dois termos (antecedente e consequente); mesmo na vertente funcionalista – em que se privilegia a língua em uso –, ainda assim a sintaxe é tomada como ponto de partida, pois o que determina o sentido

<sup>19</sup> Destacamos que usos metafóricos devem, aqui, ser compreendidos não como uma figura de linguagem, mas como usos que seriam derivados/originados com base em um sentido primeiro (sentido prototípico).

conferido ou não à preposição é pertencer ou não ao sistema de transitividade. No caso da vertente cognitivista, embora haja menção ao fato de a preposição estar associada a processos de complementação e de adjunção, bem como à gramaticalização de determinadas preposições, busca-se organizar os usos a partir de outro princípio, que toma com fundamento o sentido de base – sentido prototípico – que lhe é atribuído. Isso não exclui, como vimos, a divisão das preposições entre as que têm sentidos e as que têm mais dificuldades em apresentar valor semântico.

Dessa forma, as obras analisadas nos conduzem a (re)tomar os seguintes aspectos: 1) Como se dá a relação, a complementação e/ou a subordinação entre os elementos que cercam a preposição? Tais elementos sempre se apresentam materializados no enunciado? 2) Pode uma mesma preposição ter e não ter sentido em determinados empregos? 3) Em que consiste a identidade semântica de uma preposição? Pode haver e qual seria de fato o significado unitário proposto nas obras?

Cabe, no entanto, observar que, embora a seleção dessas obras não esgote o tema, tais trabalhos são significativos e motivaram a tentativa de, por meio de uma análise de natureza semântico-enunciativa, encontrar uma resposta que venha a contribuir para uma melhor compreensão dos problemas ora apontados.

#### 1.1.4. A vertente da semântica lexical

O estudo ora abordado pertence também aos trabalhos de grande relevância que selecionamos para a composição dessa seção; todavia, vamos tratá-lo separadamente porque, diferentemente das obras antes analisadas, como antecipa o próprio título *O comportamento semântico-lexical das preposições do Brasil*, tem-se aqui um trabalho que toma como ponto de partida questões ligadas à semântica e não à sintaxe.

O objetivo central da tese de doutoramento de Berg (2005) consiste em descrever o comportamento semântico-lexical das preposições do português brasileiro, atentando-se para o conteúdo semântico dos papéis temáticos<sup>20</sup> dessas preposições. A

---

<sup>20</sup> Na semântica lexical, compreende-se a noção de *papel temático* como a relação de sentido estabelecida entre um dado item lexical e seu predicator, entre o verbo e seus argumentos (sujeito e complementos). Para a abordagem, não somente verbos podem atribuir papel temático, mas também os seus argumentos. Os papéis temáticos têm sido alvo de estudos por diferentes correntes teóricas. Por exemplo, ocupa um lugar central da teoria de Princípios e Parâmetros, de Chomsky (1981) – que denomina como *Crítério-Theta*. Tal critério estabelece que deve haver a existência de uma correspondência entre os sintagmas nominais e os papéis temáticos, ou seja, cada sintagma da sentença recebe apenas um papel temático e cada papel temático é associado a apenas um sintagma (CANÇADO, 2013, p. 8)

autora instaura quatro princípios orientadores: a) estabelecer se todas as preposições têm sentido; b) explicitar quais são os sentidos das preposições; c) categorizar as preposições como funcionais e/ou predadoras; d) fazer a descrição dos papéis temáticos dos sintagmas preposicionados (BERG, 2005, p. 13).

Como arcabouço teórico, a autora filia-se à semântica lexical e lança mão das proposições acerca da caracterização dos papéis temáticos trazidas pela *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*, conforme Franchi (1994, 1995), Cançado (1995, 2003), bem como de outros trabalhos, ainda no campo da semântica lexical, tais como Cançado (2005) e Cançado e Franchi (1997).

A semântica lexical preocupa-se, sobretudo, em tratar da “relação entre a estrutura semântico-lexical dos predicados, principalmente dos verbos, e a estruturação e propriedades sintáticas das sentenças” (CANÇADO, 2013, p. 3). Assim:

[...] como uma ampla área de investigação, trata do significado cognitivo que envolve a relação entre a língua e os construtos mentais que de alguma maneira representam ou estão codificados no conhecimento semântico do falante. (CANÇADO, 2013, p. 1)

Em sua pesquisa, Berg (2005) prioriza apenas dois ambientes sintáticos em que a preposição ocorre: como objeto indireto e adjunto adverbial. As demais ocorrências dessas unidades são descartadas, como quando encabeçam complementos nominais, adjuntos adnominais, predicativos ou se fazem presentes em expressões idiomáticas.

Vale notar que a autora compromete-se a discutir o porquê de algumas preposições em certos ambientes serem responsáveis por atribuir papéis temáticos e em outros, não fazê-lo. Face a esse posicionamento, faz hipótese central de que todas as preposições, independentemente do ambiente em que se inserem, possuem sentido; em relação à atribuição dos papéis temáticos, afirma que as preposições podem atuar em duas funções: como uma preposição *predadora* e como uma preposição *funcional*.

As preposições *predadoras* encabeçam argumentos que não são acarretados pelos verbos e atribuem papel temático a seus complementos; já, as *funcionais* encabeçam argumentos lógicos<sup>21</sup>, acarretados pelos verbos, e não são responsáveis pela atribuição de papel temático, cabendo ao verbo a respectiva função.

Com um corpus composto por 740 exemplos retirados de dicionários e exemplos próprios, Berg (2005) conduz as suas análises buscando responder a três questões: 1) As

<sup>21</sup> Tais argumentos não são vinculados às noções de complemento e adjunto presentes na gramática tradicional, mas estão relacionados à estrutura conceitual do predador e possuem natureza semântica.

preposições têm sentido?; 2) Quais são os sentidos das preposições?; 3) As preposições são predicadoras? Para ela, responder a essas questões implica também considerar, fundamentalmente, o conteúdo semântico dos papéis temáticos.

De saída, a autora afirma que nem todas as preposições são capazes de atribuir papel temático, mas que, independentemente desse fator, todas as preposições têm sentido, algumas possuindo, porém, uma gama de sentidos mais específica do que outras.

Em relação ao sentido das preposições, para a autora é bastante claro que as preposições têm sentido, pois o simples fato de permutarmos umas com as outras faz com que esse sentido seja percebido: “João foi para São Paulo *sem* chinelos/*com* chinelos/*entre* chinelos” (BERG, 2005, p. 27).

A concepção de significado adotada é a de que é a “combinação do sentido mais referência”, sendo o sentido “uma noção objetiva que pode ser entendida como a ideia ou o conceito único que os falantes têm, em comum, sobre um item lexical. A referência é o objeto alcançado no mundo por uma expressão linguística” (BERG, 2005, p. 25)

Assim como Lima (1974) e apoiando-se nas próprias acepções do gramático, assinala uma divisão para as preposições como *fracas* e *fortes*. As preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *para* e *por* são consideradas fracas, possuindo mais variedade de sentido do que as demais; porém, é uma tarefa árdua estabelecer seu sentido fora do contexto em que estão inseridas; já as preposições *ante*, *após*, *até*, *contra*, *desde*, *entre*, *perante*, *sem*, *sob*, *sobre* são consideradas fortes e são mais previsíveis, uma vez que, mesmo fora do contexto, é possível lhes atribuir um – ou poucos – sentidos mais bem demarcados.

A divisão proposta aqui também é capaz de mostrar algumas características sintática das preposições. Para ilustrar tal aspecto, verifica que em contextos anafóricos as preposições *fortes* não podem ser apagadas “Eu fico atrás do balcão e você fica *ante* o balcão” / “\*Eu fico atrás do balcão e você fica” (BERG, 2005, p. 27). As preposições *fracas* podem ser suprimidas, mas não ocorrem sem a presença de um sintagma nominal “A princesa Sarah vai ser coroada mesmo que o conselho não concorde *com* o seu coroamento” / “A princesa Sarah vai ser coroada mesmo que o conselho não concorde”.

A atribuição de papel temático por uma preposição dependerá do ambiente semântico em que está sendo empregada. Torna-se evidente que sentido e atribuição de papel temático são fenômenos completamente diferentes, pois:



O sentido está relacionado com a ideia, ou conceito que os falantes têm do item lexical, e o papel temático, de acordo com FRANCHI (1997a), é uma função de caráter derivado da relação específica que se estabelece entre o argumento e o predador (complexo). (BERG, 2005, p. 31)

Notamos que Berg (2005), assim como as demais obras que analisamos, também propõe que as preposições possuem um sentido básico, mas atenta para o fato de que esse sentido de base nada tem a ver com o conteúdo semântico do papel temático.

No capítulo em que trata do sentido das preposições, a preposição COM, descrita como uma preposição fraca, só terá qualquer sentido definido dentro de um contexto de inserção. Observamos que também mobiliza o sentido dos verbos ou de outras unidades, pois acredita que, para que o sentido das preposições seja definido, é fundamental considerar o sentido dessas outras unidades. Destacamos que o recurso de conferir à preposição elementos de sentido naturais de outras unidades é fortemente utilizado em outras abordagens para descrever o seu comportamento; todavia, durante esse processo, não conseguimos verificar, de fato, em que consiste exatamente o sentido das preposições, uma vez que toda a descrição acaba sendo tomada pela influência do semantismo de outras unidades. Nesse aspecto, a visão apresentada por Berg (2005) não se afasta das definições dadas, por exemplo, por Cunha & Cintra (2008) e Neves (2000), que também lançam mão de elementos de sentido de outras unidades, como por exemplo dos verbos, para tratar do sentido das preposições.

Quanto à preposição COM, são descritos seis sentidos, mas a autora não descarta a possibilidade de que outros sentidos poderiam existir: 1) sentido de causa: “Maria se cansou *com* a caminhada”; 2) sentido de companhia: “Teresa viajou *com* seu namorado”; 3) sentido de instrumento usado na ação: “Ana abriu a porta *com* a chave”; 4) sentido de ser a maneira ou modo: “Roberto falou *com* paciência”; 5) sentido de ser o objeto ou fato ao qual se faz referência: “Ele conformou-se *com* a morte do filho”; 6) sentido de (des)favorecimento: “Os alunos colaboraram *com* a professora” (BERG, 2005, p. 41). Não por mera coincidência entre os sentidos dos elementos que acompanham a preposição, a autora afirma que os sentidos das preposições têm, sim, forte ligação com o verbo ou o nome que a acompanha. Diante dessa constatação, perguntamo-nos se não estaria, aqui, sendo apontados os sentidos das relações das quais a preposição COM faz parte. Em que consistiria, então, o sentido básico das preposições – dado também levantado pela autora?

Em relação à atribuição de papel temático, Berg (2005) filia-se às proposições de Franchi e Cançado (1997), defendendo que:

Entre quaisquer categorias lexicais (predicadoras em um sentido lógico ou “predicadores”, para usar o termo distintivo sugerido por RAPOSO (1992)) e seus argumentos se estabelecem relações predicativas a que chamamos “relações temáticas”. Às funções determinadas por relações sobre os termos chamamos “diátese” e “papéis temáticos”. Os papéis temáticos assim caracterizados têm, portanto, um caráter derivado e não são meros termos primitivos da teoria. FRANCHI e CANÇADO (1997, p.95 *apud* BERG, 2005 p. 45)

Considerando que a natureza predicadora das preposições é diferente do que ocorre com os verbos, essas unidades possuem argumentos que não são acarretados pelos verbos e são elas próprias as responsáveis pela atribuição de papel temático. Como, por exemplo, em “João viajou *com* sua namorada”, o SN “sua namorada” não é um argumento acarretado pelo verbo, pois o verbo “viajar” não remete à ideia de que necessariamente é preciso “viajar com alguém”; portanto, o SN “sua namorada” é argumento da preposição COM. A autora delimita que o papel temático de uma preposição será produto de um movimento de *composição* entre a relação do predador e o seu complemento, mais a composição desse predador complexo com o verbo que predica a sentença – principalmente se estivermos lidando com uma preposição fraca como COM.

Estamos assumindo que as preposições, nesses ambientes, são predicadoras numa relação complexa de sentidos, isto é, o conteúdo semântico do papel temático vem da predicação componencial ou composicional. (BERG, 2005, p. 50)

As preposições funcionais não atribuem papel temático e, neste caso, como o verbo opera como predador da sentença, é o responsável por atribuí-lo. De outro modo, quando funcionais, o sentido que essas preposições possuem deverá ser fundamentalmente compatível com o papel temático do argumento acarretado pelo verbo.

Preposições funcionais também podem ser caracterizadas como “preposições inerentes”<sup>22</sup>, que consistem em preposições que parecem ser incorporadas aos verbos, tamanha a frequência com que figuram os mesmos ambientes. Um exemplo seria o do verbo *concordar* e a preposição *com* em “Rosa *concorda com* a Maria”. Trata-se de

---

<sup>22</sup> Reportaremos-nos a essa classificação na seção 3.3.

verbos que admitem a utilização de uma preposição específica, ocorrendo, geralmente, com preposições fracas.

Os papéis temáticos são definidos por quatro tipos de propriedades semânticas: *desencadeador*, pelo fato de ser responsável por desencadear o processo; *afetado*, que consiste numa mudança de estado; *estativo* (*objeto, locativo, via, alvo, modo, tempo, valor, instrumento, material, beneficiário, companhia, condição, exclusão, finalidade*), ausência de mudança de estado e propriedades; *controle*, propriedade que não ocorre isoladamente, mas associada a outras propriedades indicando animacidade. Um papel temático pode possuir mais de uma propriedade semântica.

Do estabelecimento das propriedades semânticas das preposições fracas, grupo do qual COM faz parte, mostra que:

[...] a correlação entre os sentidos dessas preposições e as propriedades semânticas acarretadas pelos SPs que elas encabeçam são diretamente relacionados. Acreditamos que essa estreita correlação se deve ao fato de que o sentido dessas preposições é estabelecido pela própria composição da sentença, assim como as propriedades semânticas dos SPs, que são estabelecidas pela composição do sentido básico da preposição, mais o sentido do argumento em que ela está inserida, mais o sentido do verbo da sentença. (BERG, 2005, p. 98)

COM é indicada como portadora de sete classes de propriedades semânticas: 1) Afetado – sentido de (des)favorecimento: “Antônio casou-se com a viúva”; 2) Desencadeador – sentido de causa: “Maria preocupa-se com a mãe”; 3) Estativo-objeto – sentido de objeto ou fato ao qual se faz referência: “As meninas contavam com a sorte”; 4) Estativo-companhia – sentido de companhia: “Eu jantei com meu namorado”; 5) Estativo-instrumento – sentido de instrumento usado no processo: “João batia no burro com uma vara”; 6) Estativo-beneficiário – sentido de (des)favorecimento: “Os alunos colaboraram com a professora”; 7) Estativo-modo – sentido de maneira ou modo de ser: “O padre meditou sobre o assunto com seriedade” (BERG, 2005, p. 107-108).

Embora proponha um trabalho bastante cuidadoso e minucioso tratando de um conjunto de preposições, em PB, uma a uma, pelo viés da semântica, a tese de doutoramento de Berg ainda nos deixa algumas dúvidas: 1) O sentido das preposições nunca está nas próprias preposições? A pergunta se faz necessária pelo fato de nos parecer que ele é apresentado ora como um produto da relação que estabelece com o seu complemento quando a preposição funciona como um predicator complexo, ora como

retirado do papel temático dos argumentos acarretados pelos verbos quando seu papel é funcional. Destacamos, ainda, que, uma vez que a autora estabelece que o sentido dos papéis temáticos não se relaciona com o sentido das preposições, não é possível compreender quais são os limites existentes entre esses sentidos, pois, a nosso ver, quando realizamos uma leitura dos exemplos e análises, esses sentidos muito se aproximam, quando não chegam até mesmo a confundir-se; 2) O que seria o sentido único das preposições como aponta em certos momentos?; 3) Em quais aspectos a abordagem da semântica lexical se distancia da abordagem funcionalista, uma vez que ambas as propostas conferem às preposições elementos de sentido oriundo de outras unidades, como, por exemplo, o verbo? 4) Assim como faz Ilari *et al.* (2015), Berg (2015) exclui outros usos das preposições. Tais empregos não poderiam contribuir para revelar aspectos importantes a respeito do comportamento dessas unidades?

## 1.2. Estudos franceses sobre a preposição

O fato de nossa perspectiva teórica ser de origem francesa nos motivou a realizar uma pequena investigação de trabalhos nessa língua para verificar as abordagens direcionadas ao estudo da preposição, no caso, especificamente de AVEC, comumente traduzida pela preposição COM em PB. Evidentemente que a exploração do tema na língua francesa não se exaure na pequena amostra que trazemos para compor esta seção, mas acreditamos ter selecionado obras que contribuíssem de forma significativa para a ampliação de nossas reflexões em torno dos fenômenos observados em nossa própria língua.

Dentre tais trabalhos, podemos destacar inúmeros autores de prestígio na linguística francesa, como Pierre Cadiot, um representante da semântica cognitiva francesa, que realizou estudos como *Dimensions de la préposition* (1989), em que se verificam duas interpretações para o papel das preposições: *vetorial* “la relation est conçue comme un donné indépendant que la préposition ne fait que véhiculer”<sup>23</sup> (CADIOT, 1989, p. 57); em outras palavras, a preposição é como correias de transmissão e *instituinte* que:

---

<sup>23</sup> A relação é concebida como um dado independente que a preposição só veicula.

[...] traite da relation comme un processus, une mise en relation: elle permet de penser que c'est la préposition elle-même qui confère à son régime (l'objet nominal ou verbal introduit) une certaine relation avec l'énoncé, relation que n'était pas donnée auparavant.<sup>24</sup> (CADIOT, 1989, p. 57)

No artigo *La préposition avec: grammair et représentation* (1990), define três tipos de preposições francesas: “vazias de sentido, abstratas, incolores ou casuais” (por exemplo, *à, de*) “plenas de sentido, concretas ou circunstanciais” (por exemplo, *contre, devant, vers*) e “preposições mistas” (como por exemplo, *avec*). O objetivo da obra consiste em esclarecer alguns aspectos do que a tradição gramatical chama de “misto” em AVEC, preposição que pode operar ora como uma preposição vazia de sentido, ora como uma preposição de sentido pleno. Em *Les paramètres de la notion de préposition incolore* (1997), Pierre Cadiot, mais uma vez no tocante às questões de semântica das preposições, explora a concepção de sentido das preposições como gramatical / “casual” (incolores) e preposições lexicais / “coloridas”.

Andrée Borillo, outra grande referência nos estudos das preposições da língua francesa, em seu estudo *Il y a prépositions et prépositions* (2001), trata apenas das preposições espaciais e propõe-se a distingui-las nos níveis morfológico e semântico, tratando de sua origem e processos de formação em termos diacrônicos. Como estudos brasileiros, reporta-se à gramaticalização como recurso para explicar alguns fenômenos.

Danielle Leeman, em *La préposition: un “auxiliaire” du nom?* (1999), aborda a diferença entre as *unidades lexicais* e as *unidades gramaticais*. Tradicionalmente, unidades lexicais correspondem a unidades que remetem a um referente no mundo (como, por exemplo, nomes, verbos e adjetivos); as unidades gramaticais são representadas por aquelas unidades que não teriam nenhum referente no mundo e, portanto, seu sentido seria oriundo apenas no seu desempenhar no discurso. A autora compartilha com Pierre Cadiot o fato de, independentemente de tal divisão, todas as unidades linguísticas possuírem sentido, mesmo quando este sentido é apreendido apenas na relação que institui com outras unidades.

Charlot Schapira, no estudo intitulado *Préposition et conjonction? Le cas de avec* (2002), destaca-se ao propor estabelecer os limites entre a classe do que apreendemos como preposição e a classe do que apreendemos como conjunção,

---

<sup>24</sup> Trata a relação como um processo, um pôr em relação: ela permite pensar que é a própria preposição que confere a seu complemento (o objeto nominal ou verbal introduzido) uma certa relação com o enunciado, relação que não estaria dada previamente.

tomando como *corpus* de análise a preposição AVEC. Para ela, é bastante raro que estudiosos se debrucem em questões que envolvam as aproximações e distanciamentos entre a classe das preposições e a classe das conjunções, pois, aparentemente, as preposições – em número restrito – poderiam operar como coordenadores e as conjunções, em certos casos, fazer as vezes de um elemento com função subordinativa.

Para Schapira, a preposição AVEC é uma das preposições mais complexas e ricas em termos semânticos e sintáticos e, de maneira geral, duas distinções dessa unidade são bastante recorrentes. Autores como:

[...] Cadiot distinguent des valeurs sémantiques et fonctionnelles prototypiques, tels le comitatif et l'instrumental; d'autres auteurs – la plupart des grammairiens par exemple, ou des linguistes comme Choi-Jonin – sont à la recherche d'une valeur unitaire<sup>25</sup>. (SCHAPIRA, 2002, p. 89)

Ao contrário de tais distinções, a autora propõe um estudo de caso particular da preposição AVEC com base em um critério jamais explorado de maneira sistemática, uma classe particular de complementos em AVEC – comitativo – e os casos específicos em que essa preposição faz ligações por meio de um verbo, dois nomes animados, humanos e que guardam sempre a sua autonomia referencial, representado pelo seguinte esquema: SN1 (+ humano) – V – avec SN2 (+ humano) (SCHAPIRA, 2002, p. 89) mostrando que:

Il est possible de cerner trois classes distinctes, caractérisées par des traits sémantiques et des fonctions syntaxiques différentiels permettant la formalisation. Cette hypothèse incite à reconsidérer, d'une part, les critères en faveur de l'existence d'une classe d'objets indirects en *avec* et, d'autre part, le comportement de cet élément comme copule. En d'autres termes, peut-on parler d'une conjonction *avec*?<sup>26</sup> (SCHAPIRA, 2002, p. 90)

Ao examinar os exemplos, a autora estabelece dois principais sentidos para AVEC: a simultaneidade de ação ou a co-espacialidade intencional e a reciprocidade.

O primeiro caso, apresentado como categoria, remete à ideia de *paralelismo*. Trata-se aqui do caso “SN<sub>1</sub> realiza a ação em paralelo com SN<sub>2</sub>”: “Pierre mange avec

<sup>25</sup> [...] Cadiot distinguem os valores semânticos e funcionais prototípicos, sendo o comitativo e o instrumental; outros autores – a maioria dos gramáticos por exemplo, ou dos linguistas como Choi-Jonin – estão em busca de um valor unitário.

<sup>26</sup> É possível delimitar três classes distintas, caracterizadas por traços semânticos e funções sintáticas diferentes permitindo a formalização. Esta hipótese incita a reconsiderar, de um lado, os critérios em favor da existência de uma classe de objetos indiretos em *avec* e, de outro, o comportamento desse elemento como cópula. Em outras palavras, podemos falar de uma conjunção *avec*?

Paul” [Pierre come/está comendo com Paul] = “Pierre mange” [Pierre come/está comendo] e “Paul mange” [Paul come/está comendo] e “Pierre et Paul mangent (ensemble)” [Pierre e Paulo comem/estão comendo (juntos)]. Portanto, destaca-se um movimento de redução de duas proposições em uma só, ou seja, ao desmembrarmos essa sequência, teremos uma proposição do ponto de vista de *Pierre* e outra do ponto de vista de *Paul*. Em outras palavras, temos um mesmo verbo e uma mesma preposição compartilhados por dois sujeitos e proposições diferentes, mas que ocorrem em concomitância, marcando, assim, o paralelismo (SCHAPIRA, 2002, p. 91).

A segunda categoria consiste na formalização da noção de *reciprocidade*. Refere-se aos verbos cujo semantismo implica agentes múltiplos como *brigar*, *disputar*, *reconciliar*, *encontrar*, *entrevistar*, *associar* etc.: “Pierre (et alli) se dispute [briga], se querelle [se querela/contesta], se bat [se bate], se reconcilie [se reconcilia], se rencontre [se encontra], s’entretient [conversa], s’associe [se associa] avec Anne (et alli)” (SCHAPIRA, 2002, p. 91). Aqui, os agentes são apreendidos como agentes distintos, um grupo, e não como uma massa unívoca como, por exemplo, formigueiro, enxame, etc. Os verbos desse caso são, em sua grande maioria, pronominais recíprocos, tais como “Pierre et Anne se marient = Pierre se marie; Anne se marie (chacun de leur côté)” [Pierre e Anne se casam = Pierre se casa; Anne se casa (cada um de seu lado)] (SCHAPIRA, 2002, p. 92), apontando, em alguns casos, para certo paralelismo “Anne se marie avec Pierre = Pierre se marie avec Anne” [Anne se casa com Pierre = Pierre se casa com Anne].

Reconhecendo a grande complexidade da categoria da reciprocidade, a autora destaca também que alguns verbos diretos e indiretos que não implicam reciprocidade podem exprimi-la em alguns casos com um sujeito duplo ou múltiplo. É o caso, por exemplo de, “Pierre écrit, téléphone tous le jours à Marie” [Pierre escreve, telefona todos os dias à Marie] e “Pierre et Marie s’écrivent, se téléphonent tous les jours” [Pierre e Marie se escrevem, se telefonam todos os dias] (SCHAPIRA, 2002, p. 92). Em suma, conclui que a reciprocidade é:

- un trait inhérent au sémantisme verbal; or, la transitivité verbale indirecte, comme la transitivité directe, sont des phénomènes sémantiques;
- le complément se construit invariablement avec la préposition *avec*;

– la préposition ne commute pas avec *sans*.<sup>27</sup> (SCHAPIRA, 2002, p. 93)

A terceira e última categoria apresentada é a da *assimetria*, em que SN1 realiza uma ação que não é recíproca, nem simétrica e nem mesmo paralela a SN2; neste caso, o emprego de SANS como complemento é possível e válido, uma vez que, nos anteriores, AVEC e SANS não se aproximam nem como “contrários”, nem do ponto de vista semântico ou sintático. Trata-se de uma relação unilateral: “Avec de bons professeurs, les enfants réussiront tous leurs examens cette année” [Com bons professores, as crianças terão sucesso em todos as provas desse ano]; “Avec Jacques, on peut s’attendre à tout” [Com Jacques, podemos esperar tudo] (SCHAPIRA, 2002, p. 94).

Independentemente da categoria na qual se encontra AVEC, quanto aos elementos que a cercam, eles deverão ser necessariamente distintos, visto ser o segundo nome o responsável por complementar ou assessorar o primeiro. Também é de suma importância observar a natureza desses elementos, pois, para ela, é a oposição animado/inanimado ou ainda humano/inanimado que permite questionar “avec qui?” [com quem] e “avec quoi” [com o quê?], para que seja possível caracterizar este paralelismo como uma relação de “acompanhamento” ou de “instrumento”. A análise realizada permitiu notar que a coordenação de sujeitos inanimados feita pela preposição AVEC é rara e que ela só é possível na medida em que ocorram relações semânticas bastante específicas entre os dois nomes como: mesmo campo semântico, relação parte/todo e contido/conteúdo ou causa/efeito.

Após definir as três ocorrências de funcionamento, a autora observa que, nos casos em que AVEC opera nos limites da reciprocidade e do paralelismo, é considerada uma preposição por excelência, sem descartar a possibilidade dessa preposição atuar como cópula/elemento de ligação. A função de cópula/elemento de ligação não é uma ilusão e pode, sim, remeter aos usos de uma conjunção; nessa relação, AVEC não é um elemento de ligação “termo a termo”, mas de “proposições a proposições”, concluindo que a preposição AVEC pode funcionar como uma preposição e como uma conjunção.

Le but de cette analyse était de montrer que le trait sémantique (+ humain) des syntagmes nominaux reliés par *avec* constitue un critère

<sup>27</sup> - um traço inerente ao semantismo verbal; ora, a transitividade verbal indireta, como a transitividade direta, são fenômenos semânticos; - o complemento se constrói invariavelmente com a preposição *avec*; - a preposição não se permuta com *sans*.



valable, permettant de définir le fonctionnement de ce vocable selon trois modes distincts ; qu'il ajoute au moins un élément nouveau en faveur d'un complément d'objet indirect en *avec* ; qu'il montre avec plus de clarté le jeu de la thématization d'un des actants dans toutes les catégories analysées et plus particulièrement dans les emplois asymétriques ; qu'enfin, dans les cas relativement nombreux des verbes exprimant le parallélisme d'action des actants, *avec* fonctionne en vraie conjonction de coordination. À la question: « Préposition ou conjonction ? », il semble donc possible de répondre : « Préposition **et** conjonction.<sup>28</sup> (SCHAPIRA, 2002, p. 99)

Assim como Schapira, compartilhamos da impressão de que a noção de reciprocidade possui suma importância para compreender o funcionamento da preposição AVEC – e, por que não, da preposição COM em PB – e que tal aspecto não se esgota na exploração feita por ela. À vista disso, destacamos a tese de doutoramento de Fumitake Ashino (2012), intitulada *Contribution à l'étude de la notion de "reciprocité" en français contemporain*, da qual trataremos mais adiante.

Ainda que não haja equivalências entre as línguas, uma vez que cada uma, à sua maneira, exprime sua própria realidade sócio-histórico-cultural, o pequeno recorte dos estudos realizados na França possibilitou estabelecer um quadro comparativo em que destacamos aproximações e distanciamentos com os trabalhos analisados anteriormente.

Em primeiro lugar, diríamos que, assim como algumas propostas em PB, em abordagens francesas também encontramos preocupações em distinguir as preposições que possuem sentido e as preposições incolores ou vazias de sentido. Por outro lado, nos estudos de ambos os países, há certos autores que apontam para a existência de um sentido unitário para uma mesma preposição, mas, na maioria dos casos, esse sentido não é esclarecido de maneira satisfatória, nem definido em termos mais específicos para sua melhor compreensão, tornando-se assim uma noção bastante vaga. Vale dizer ainda que, tanto no Brasil, quanto na França, comumente lança-se mão da gramaticalização como recurso para compreender diversos fenômenos.

Por fim, notamos que, diferentemente dos brasileiros, os franceses trazem uma percepção interessante ao propor comparar o comportamento das preposições e das

---

<sup>28</sup> A proposta desta análise foi de mostrar que o traço semântico (+humano) dos sintagmas nominais conectados por *avec* constituem um critério válido, permitindo definir o funcionamento desse vocábulo de três modos distintos: que acrescenta ao menos um elemento novo em favor de um complemento do objeto indireto em *avec*; que mostra com mais clareza o jogo da tematização de um dos argumentos em todas as categorias de análise e mais particularmente nos empregos assimétricos; que, por fim, nos casos relativamente numerosos dos verbos exprimindo o paralelismo de ação dos argumentos, *avec* funciona como uma verdadeira conjunção de coordenação. Quanto à questão: “Preposição ou conjunção?”, parece ser possível responder: “Preposição e conjunção”.

conjunções, apontando que ambas as classes podem possuir funções bastante semelhantes em momentos específicos. Das obras analisadas, o conceito de reciprocidade, que aparece de forma relevante apenas nos estudos franceses, parece-nos bastante pertinente para refletir sobre o funcionamento de COM no português brasileiro, guardando a peculiaridade própria a cada língua.

## CAPITULO II – Referencial teórico-metodológico

*Eu tenho à medida que designo - e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que eu não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas - volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.*

*Clarice Lispector, A paixão segundo G.H.*

Neste capítulo, apresentamos conceitos específicos à *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*<sup>29</sup> que servem de referência e sustentação para as nossas análises.

Os trabalhos, [nesta perspectiva], dizem respeito, principalmente, ao estudo um a um, na sua singularidade irreduzível, mas também na diversidade de seus empregos, de unidades particulares de línguas particulares. Portanto, não partimos mais de grandes categorias totalmente constituídas ou pelo menos constituídas por representações independentes da linguagem, mas do funcionamento das unidades uma a uma e na sua singularidade. (FRANCKEL, 2011, p. 18, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)

Na análise dos fenômenos enquanto fatos linguísticos em uma língua específica, descartam-se, nesse referencial, categorias semânticas pré-existentes para considerar o que é possível compreender dos dados coletados *in loco*, do que se conhece por “observáveis” e que são maleáveis tal como as próprias línguas naturais se apresentam aos falantes: “a linguagem é considerada apenas por meio do que as formas permitem dizer. É a ancoragem nas formas que esclarece o próprio termo de *enunciação* com o qual essa teoria se identifica de bom grado” (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 10, *grifos dos autores*).

A linguagem, na condição de sistema de representação, é vista pela teoria como uma atividade cognitiva, uma forma de pensamento, o que nos leva a defender que “a linguagem, atividade significativa de representação, referência e regulação, somente

---

<sup>29</sup> Quando referirmo-nos à *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, utilizaremos a sigla TOPE.

é acessível através dos textos, isto é, dos arranjos de marcadores” (FLORES, 2009, p. 153).

No que se refere ao processo de *representação*, a linguagem não é vista como uma tradução ou como uma espécie de código que permitiria a transposição de um pensamento em palavras. Trata-se de apreender a linguagem como uma forma de pensamento, como um recurso que permite a construção de representações mentais.

A *referenciação* é concebida como processo de construção que abrange operações de linguagem que permitem dizer algo a respeito do mundo, “tornando-o parte integrante de um *querer dizer* (querer dizer a respeito do mundo / querer dizer do mundo)” (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, p.12, 2011, *grifos dos autores*).

Por fim, o processo de *regulação* compreende o momento em que a enunciação coloca em jogo relações interenunciativas organizando pontos de vista pelos arranjos e formas na língua. Ocorrendo na atmosfera da referenciação, o processo de regulação consiste no ajustamento, um jogo de aproximações e afastamentos, estabilidade e plasticidade do sistema de fenômenos linguísticos que compõem as proposições estabelecidas na relação desempenhada entre a produção e o reconhecimento enunciativos.

Dentro desse referencial, interessa-nos encontrar a invariância constitutiva da identidade semântica de uma unidade morfolexical por meio da exploração e análise da variação que lhe é característica e que se manifesta nos enunciados nos quais se insere. Em outras palavras, acreditamos na existência de uma mesma operação que se repete a cada vez que determinada unidade da língua é enunciada, produzindo sentidos. Tal operação vê-se associada ao que chamamos de identidade semântica, aspecto que, a nosso ver, responde pela variação de sentido observada no próprio desenrolar da enunciação. Em um estudo tal como apresentamos, o objetivo:

[...] não é construir uma gramática universal, mas reconstruir, através de uma orientação teórica e formal de tipo funcional, noções primitivas, operações elementares, regras e esquemas, que geram as categorias gramaticais e as organizações próprias para cada língua. *Procuram-se invariantes que estabelecem e regulam a atividade de linguagem, tal como aparecem através das configurações das diferentes línguas.* (FLORES, 2009, p. 155, *grifo nosso*)

Por meio da consolidação de fatos invariantes, a teoria busca captar e dar conta da variação que determinada unidade da língua compreende no jogo posto entre o empírico e o formal. Em resumo, as ideias centrais da teoria respaldam-se em:

[...] preferir, à ilusão do estável (definições, conceitos, objetos de análise), a busca por processos de estabilização; preferir, à busca por categorias gerais uniformemente representadas nas línguas, a busca pela invariância como modo de raciocínio que permite apreender a variação; apreender a linguagem não como atividade a ser definida por si só, mas como indício de uma atividade a ser reconstituída, cuja especificidade será determinada em toda sua dimensão simbólica. (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 13)

É nessa conjuntura que nos enquadramos em uma ancoragem construtivista, uma vez que o foco dos trabalhos repousa no que as próprias formas podem construir enquanto integrantes de um processo interativo do qual decorre o sentido dos enunciados.

## 2.1. Reflexões sobre a semântica

Na condição de sujeitos falantes, quando pensamos em definir o sentido de qualquer palavra de uma língua, recorremos, de imediato, a, pelo menos, duas estratégias diferentes: ou buscamos trazer à memória relação com o extralinguístico para que se possa representar tal palavra; ou procuramos um dicionário para tentar encontrar o maior número de pistas possíveis que nos conduzam à sua elucidação. Todavia, deparamo-nos com um grande impasse para a investigação de palavras como, por exemplo, as preposições, que não possuem nenhum “representante concreto” no mundo que as faça dar a ver, materializando-as para que haja compreensão; nem tampouco os dicionários as esclarecem, senão por meio de exemplos com frases ou possíveis sinônimos.

Rosa (2009), ao abordar aspectos da morfologia, define ser as palavras compostas por três características diferentes: *semântica*, *morfológica* e *sintática*; são essas características que possibilitam a divisão das palavras de uma língua em classes distintas. Da antiguidade aos dias de hoje, é notório que os traços de natureza semântica não são mobilizados para que ocorra essa divisão de classes, pois são convocados critérios distribucionais ou funcionais. Para Rosa (2009) certos pontos são evidentes:

a) que todas as línguas têm classes de palavras; b) que há palavras que pertencem a conjuntos, em princípio, *ilimitados*, e palavras que pertencem a conjuntos que são *finitos*; e c) que *o significado daquelas diz respeito à experiência no mundo*, e o destas, na maioria das vezes, é quase nenhum. (ROSA, M. C. 2009, p. 99, *grifo nosso*)

Assim, como inúmeros autores de correntes teóricas variadas, Rosa (2009) compartilha o pressuposto de que as classes de palavras podem ser separadas em dois grandes blocos: *ilimitado* e *limitado*. As palavras pertencentes ao conjunto *ilimitado* são palavras que possuem sentido e sobre as quais podemos fazer hipóteses desse sentido a partir do que encontramos no mundo para representá-las; além disso, estamos diante de um conjunto de classes que são passíveis de receber novos membros, caso de substantivos, adjetivos, verbos etc. Em oposição, o conjunto *limitado* é composto por aquelas classes que possuem um número relativamente restrito de palavras e que não possuem sentido – salvo quando são tomadas dentro dos contextos –, e isso por ser praticamente impossível recorrer aos elementos do mundo para representá-las; as classes que compõem esse conjunto não recebem facilmente novos membros dada a enorme complexidade que as cercam, caso das preposições, conjunções, etc.

Podemos concluir que a lógica desse pensamento segue o seguinte paradigma: quando podemos referenciar ou evocar algum elemento presente no ambiente biossocial, falamos, nessa perspectiva, de uma *unidade lexical*, caso dos nomes, adjetivos, verbos, advérbios. De outro lado, a classe das preposições insere-se no grupo de palavras com significado gramatical, *i.e.* das que não podem ser analisadas isoladamente em termos de sentido e que compõem, diretamente, *relações gramaticais* dentro da oração em que estão inseridas.

Reconhecemos o fato de que as palavras são agrupadas em classes porque, mesmo sabendo das particularidades que envolvem cada uma delas, de alguma forma, apresentam comportamentos semelhantes que fazem com que sejam compreendidas em um mesmo conjunto. Não podemos também ignorar exemplos como o do “ornitorrinco” evocado por Perini (2005), no sentido de que um animal como este, que reúne características de inúmeras espécies diferentes, não consegue ser enquadrado em uma só espécie. À vista disso, assim como na fauna brasileira, não teríamos também na língua portuguesa os nossos “ornitorrincos”? Como se posicionar face a certas preposições e

conjunções, por exemplo, que, como destacamos no estudo que abordamos há pouco, podem flutuar em ambas as classes em função de quaisquer comportamentos<sup>30</sup>?

Vale dizer, aliás, que a gramaticalização, fenômeno defendido por estudiosos da corrente funcionalista, toma por princípio que as palavras, inicialmente lexicais, passam a ocupar funções gramaticais que não ocupavam antes, expandindo-se para determinadas classes, o que já é um indício de uma não rigidez na criação de novos membros nas classes ditas “limitadas”. Assim como surgem novos nomes ou verbos a todo o momento, não seria possível – ainda que com menor frequência – surgir uma nova preposição?

No caso das preposições, um bom apanhado da literatura corrente considera a existência de “preposições acidentais”. Trata-se de palavras que supostamente apresentariam um comportamento semelhante ao de uma preposição, como, por exemplo: *exceto, conforme, menos, não obstante, salvo, durante, consoante, mediante, fora, afora, segundo, tirante, senão, visto* etc. Ora, se já é possível afirmar e comprovar que palavras de outras classes podem comportar-se em algumas situações como uma preposição, qual é o empecilho para classificar tais palavras como uma preposição e não como uma preposição acidental? O que as diferencia em termos de funcionamento, se é assumido que se comportam da mesma maneira?

É bastante comum encontrarmos como justificativa para a dificuldade de se atribuir sentido às preposições o fato de não ser permitido, na maioria dos casos, vinculá-las a algum elemento percebido no mundo. Essa afirmação corrobora para que a noção de “sentido” seja definida com base na concepção da língua como representação de “estruturas do mundo”.

A despeito das concepções que vinculam palavras às coisas, é pertinente considerar que, como discute Borges Neto (In. MÜLLER *et alli*, 2003, p. 9) ao tratar da semântica de modelos, a própria significação é uma noção de caráter abstrato e, portanto, não é passível de ser vista, cheirada ou até mesmo apalpada porque “os significados não estão no contínuo espaço-temporal, de forma a podermos observá-los, medi-los, como fazemos com os objetos, digamos, “físicos”” (BORGES NETO, 2003, p. 9, In. MÜLLER *et alli*, 2003).

---

<sup>30</sup> Destacamos tal questão apenas a título de ilustração. Trata-se de um estudo bastante complexo e delicado que abordaremos em uma outra oportunidade, pois afasta-se, ainda que momentaneamente, do propósito dessa pesquisa.

Talvez pela reflexão provocada pelos pontos discutidos acima seja possível tentar compreender o porquê de as preposições e conjunções serem descritas como “relatores”, pois, uma vez que são tomadas fora dos enunciados, não são capazes de fazer refletir significado. Verificaremos, no entanto, em nossas análises sobre COM, que palavras como as preposições possuem, sim, propriedades de natureza semântica de suma importância para a construção do significado dos enunciados que vigoram nas línguas, e isso sem deixar de ser relatores que são.

Concordamos com Neto (In. MÜLLER *et alli*, 2003, p.10) a respeito do fato de que o significado “é uma espécie de relação, e não uma entidade”, o que soluciona, ainda que momentaneamente, a problemática envolvendo o sentido das unidades linguísticas, e isso por não segregar quaisquer unidades.

Ainda em relação ao modo como lidamos com o significado das palavras, deve-se refletir sobre a função do dicionário. Quando se almeja descobrir o sentido de alguma palavra, seja em nosso cotidiano, seja em ambiente escolar, é bastante comum recorrermos a dicionários em busca de um – ou mais – sentido(s). Porém, ao consultá-los, na maioria das vezes encontraremos uma vasta lista de possíveis sinônimos que nem sempre abarcará em amplitude as características que cercam determinada palavra, o seu valor específico. A respeito disso, Franckel (1992) pontua:

Ce phénomène est occulté par le fait que chaque entrée se trouve ensuite isolée de ces environnements, puis caractérisée par équivalence locale ou par voisinage avec telle ou telle des significations attribuées, selon la même procédure, à d'autres mots ou à d'autres locutions, sans que rien ne puisse être précisé des conditions auxquelles les rapprochements proposés sont légitimes, ni de leur degré d'approximation<sup>31</sup>. (FRANCKEL, 1992, p.202)

De modo a ilustrar esse raciocínio, basta parear determinadas palavras que, geralmente, são apreendidas em nossa própria língua como sendo “equivalentes” para que se perceba que nem sempre elas “significam a mesma coisa”. Será que a palavra *olhar* representa o mesmo que *ver*? *Ver* equivale a *enxergar*? *Lutar* é o mesmo que *brigar*?

---

<sup>31</sup> Este fenômeno é ocultado pelo fato de que cada entrada encontra-se isolada destes ambientes, e, em seguida, caracterizada por equivalência local ou por proximidade com uma ou outra das significações atribuídas, segundo o mesmo procedimento, a outras palavras ou locuções, sem que nada seja dito das condições em que as aproximações propostas são legítimas, nem de seu grau de aproximação.



Chaque nouvelle valeur obtenue se laisse décrire de façon privilégiée par le recours à des jeux de synonymies qui, en raison de cette instabilité, ne peuvent valoir que de façon strictement locale, selon des contraintes très restrictives<sup>32</sup>. (FRANCKEL, 1992, p.204)

Conforme explica o autor, por vocação, o dicionário só é capaz de transmitir o estável (FRANCKEL, 1992, p. 201), o que mostra que, por conta disso, dependendo de suas características, “il isole le mot de ses contextes, les exemples n'apparaissant qu'à titre d'illustration, avec des variations contextuelles réduites au maximum<sup>33</sup>” (FRANCKEL, 1992, p.201).

Depreendemos que, para parte dos teóricos e a maioria dos falantes, quando se trata do sentido das palavras, há um raciocínio comum: para que uma palavra tenha sentido, deve haver algo no ambiente biossocial ao qual possa remeter; do contrário, temos palavras – e até talvez sejam concebidas como “não palavras” – que não têm sentido e, no caso das preposições, elementos de ligação cuja função é a de estabelecer e/ou intermediar relações entre palavras que possuem sentido<sup>34</sup>.

Na TOPE, diferente do que propõem teorias que associam o sentido a elementos representados no ambiente biossocial, ou de teorias que apreendem as relações mentais como anteriores à produção verbal, e, logo, o sentido como um construto propriamente mental, o sentido das unidades linguísticas não tem existência fora da língua, fora de seus enunciados:

A unidade é definida não mais por um conteúdo preestabelecido, mas por propriedades passíveis de serem apreendidas pelo papel específico que ela apresenta nos diferentes tipos de interação nas quais ela entra, não sendo esse papel visto como um sentido próprio da unidade. (FRANCKEL, 2011, p. 51, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)

Dá a impossibilidade de se considerar a hipótese polissêmica. Afinal, o que se entende por “polissemia” nada mais é do que o término do processo de significação, já

<sup>32</sup> Cada novo valor obtido se deixa descrever de modo privilegiado pela recorrência a jogos de sinónimas que, devido a essa instabilidade, só podem valer de modo estritamente local, de acordo com limitações muito restritivas.

<sup>33</sup> Ele isola as palavras de seus contextos, os exemplos só aparecendo a título de ilustração, com variações contextuais reduzidas ao máximo.

<sup>34</sup> É importante esclarecermos que, independentemente da unidade linguística tratada, o sentido de qualquer uma delas ocorre de forma relacional, uma vez que não se trata de intermediar relações entre palavras que possuiriam sentidos entendidos como “conteúdos intrínsecos”. O sentido das palavras se mostra igualmente por relações, o que não significa que não se observe um tipo de semantismo em jogo, já que este é de outra ordem, como veremos adiante. No caso das preposições, os parâmetros em jogo nessas relações são retrabalhados de um modo específico pelas relações trazidas por cada uma das preposições (e isso seria o seu papel).

que os sentidos que atribuímos à unidade só ocorrem mediante a sua integração a diferentes contextos. Daí, ainda, refutarmos a existência de um sentido “primeiro”, pois, como discute-se em Romero-Lopes (2000), não há conteúdos prévios, uma dada unidade só adquirindo valor semântico dentro dos contextos aos quais se integra.

Pregar a construção do sentido tal como nós pregamos é, no entanto, de grande consequência para as questões relativas à referência, à polissemia e à contextualização. Sim, pois, de um lado, somos conduzidos a substituir a análise das relações entre enunciados e referente por uma teoria específica da referência, definida em termos de valor referencial; de outro, a desconstruir a polissemia, a substituir, na caracterização da identidade semântica das unidades linguísticas, a busca por regularidades sob a forma de conteúdos inerentes por regularidades calculáveis, por representações abstratas de seu modo de variação; e, finalmente, a substituir uma visão dinâmica da contextualização coerente com a qualidade interativa das unidades. (ROMERO-LOPES, 2000, p. 4)

Vale dizer que determinadas teorias admitem que o processo de significação decorre da composição de conteúdos que seriam inerentes às unidades linguísticas presentes em um enunciado. E, como mencionamos, essas unidades, por sua vez, teriam o seu significado diretamente representado em referência às “coisas do mundo”. Em perspectivas como essas, “a realidade se dá com sua organização e propriedades “percebidas” como traços categoriais, pronta e exterior ao sujeito: nela identificamos e distinguimos objetos, classificamo-los [...]. A estrutura da língua reproduziria a estrutura do mundo” (FRANCHI, 2006, p. 53-54)

Para a TOPE, a produção de sentido ocorre no momento em que uma determinada unidade linguística é inserida em um enunciado, de modo que a produção de sentido decorre da interação própria ao material verbal constitutivo do enunciado, o que denominamos *contexto verbal*, ou simplesmente *contexto*<sup>35</sup>.

No que se refere à posição adotada em relação ao processo de significação, inscrevemo-nos numa perspectiva construtivista, assim denominada pelos seguidores da teoria culioliana por considerar o sentido inteiramente determinado e construído pelo material verbal que o apreende, i. e. fundamentado em regras de organização próprias às unidades linguísticas efetuando os enunciados, em regras

---

<sup>35</sup> Em oposição a *contexto verbal* ou *contexto*, denominamos *contexto situacional* as informações que excedem os limites do material verbal verificado em um enunciado, ou seja, as circunstâncias extralinguísticas que permeiam a enunciação. Consideramos também o conceito de *cenário enunciativo* para nos referirmos à cena evocada por uma dada unidade linguística quando inserida em um determinado contexto verbal.

constituídas pela atividade de linguagem. (ROMERO-LOPES, 2000, p. 4)

Quando falamos dessa interação, queremos dizer que o sentido de uma palavra nunca é explicado por si só. O que descrevemos em termos de sentido será sempre um dos variados aspectos que tal ou tal unidade pode exprimir a cada vez que se integra em um determinado enunciado.

Apoiamo-nos no fato de que o contexto, no que diz respeito à própria unidade linguística, se encontra numa relação bilateral de dependência e independência. Em decorrência disso, cada sequência contendo a unidade linguística determina e seleciona os tipos de contextualizações com as quais pode ser compatível (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011), de modo que, se o contexto é capaz de agir sobre a unidade linguística, podemos admitir, por conseguinte, que a própria unidade linguística também age sobre o contexto ao abrir um leque de contextualizações por ela admitidos.

Portanto, no que tange às unidades linguísticas, não há sentidos que possam ser apreendidos fora do âmbito da enunciação. Só é possível atribuir qualquer sentido em termos de “conteúdo” às unidades linguísticas quando se der sua contextualização, contextualização esta por elas igualmente previstas, o que assegura a imbricação entre o contexto e enunciado.

Ainda em relação ao processo de contextualização, ressaltamos que:

Contextualizar não significa convocar, na interpretação do enunciado, uma referência circunstancial, situacional; não significa explicar a significação a partir da observação do meio extra-linguístico no qual um determinado enunciado é proferido, nem a partir das vontades e intenções do locutor. (ROMERO-LOPES, 2000, p. 5)

Ao invés de tomar como referência os elementos presentes no âmbito biossocial – no mundo – para definir o sentido de uma unidade linguística, (re)pensamos aqui a própria questão de referência e, ao invés de defini-la como um mecanismo que se realiza no exterior da língua, passamos a concebê-la no âmbito de operações de natureza abstrata no seio dos enunciados e como “produto de princípios regulares específicos à atividade de linguagem” (ROMERO-LOPES, 2000, p. 5).

Assumimos, então, uma hipótese de *valor referencial*, para a qual a referência é uma construção, fundamentando-se em operações que são o produto de princípios reguladores específicos à atividade de linguagem: “os valores referenciais são instáveis, inscrevendo-se em jogos intersubjetivos de ajustamentos e de regulação que só resultam

em pontos de equilíbrio interpretativos provisoriamente e localmente” (FRANCKEL, 2011, p. 48 In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011).

O “valor referencial” é, portanto, produto da regularidade inerente à atividade enunciativa relacionada a uma dada unidade linguística. Se levantamos a questão da regularidade, é pelo fato de seus variados usos necessariamente desencadearem sistematizações que vão além dos valores semânticos observados de forma imediata.

Assim sendo, a linguagem constrói valores referenciais e não há quaisquer tipos de elementos de conteúdo previamente estáveis para além da estabilização que a própria enunciação é capaz de construir.

A análise das relações entre enunciado e referente pode ser substituída por uma análise do que chamamos de “valor referencial” dos enunciados; o valor referencial corresponde ao que há de recorrente na interpretação e na contextualização (ou na realização) de um enunciado [ou de um conjunto de enunciados contendo uma dada unidade]. (FRANCKEL, 2011, p. 24, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)

Na continuidade do conjunto de aspectos apresentados até o momento, destacamos que o acesso ao sentido das unidades linguísticas – à sua diversidade de valores referenciais – ocorre apenas por meio de atividades de paráfrase e de reformulação. Longe de nos aproximarmos da noção corrente de “sinonímia”, no sentido de que existem palavras que podem ser substituídas quando queremos dizer algo “de outra maneira”, encontramos-nos em uma perspectiva muito mais de ordem metalinguística, desenvolvendo um trabalho controlado de manipulação e reflexão sobre o que se apresenta na própria língua. Dizendo de outro modo:

O que está em jogo é o estabelecimento de procedimentos controláveis, que passam por uma argumentação e que se apoiam em fatos de língua reproduzíveis [...]. (FRANCKEL, 2011, p. 107, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)

Nessa atividade metalinguística, a qual nomeamos por *glosa*<sup>36</sup>, da qual decorrem procedimentos de paráfrases, o que está em jogo não é reformular isoladamente o sentido da unidade em questão, mas de reformular os seus empregos; dessa forma:

É, finalmente, em uma confrontação da sequência com cada uma de suas reformulações possíveis, no exame das *diferenças* que se

---

<sup>36</sup> Esse conceito será melhor explorado adiante, por ser essa a prática que orienta nossas análises.

manifestam nesse vaivém, que se pode delinear aproximações de sentido.

Trata-se, na verdade, de esfregar, em um diálogo incessante, as palavras umas contra as outras como panos entrelaçados, até desgastá-las, até ver surgir a sua *trama*, de confrontar as intuições até uma transparência quase imaterial. A transparência do sentido só é finalmente obtida por sua dissolução. (FRANCKEL, 2011, p. 106, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011 *grifos do autor*)

Retomando princípios da TOPE que trouxemos até aqui, podemos sintetizá-los da seguinte maneira: 1) A linguagem é considerada por meio do que as formas permitem dizer; 2) A linguagem não é uma tradução do pensamento, mas, ao contrário, uma forma de pensamento entre outras; 3) Não há conteúdos ou sentidos que possam ser previamente estabelecidos ou capturados por meio das “coisas do mundo” e independentemente dos enunciados; 4) Lançamos mão da hipótese de “valor referencial”, conceito que remete a operações resultantes de princípios reguladores específicos à atividade de linguagem; este é sempre um valor abstrato, não concebido em termos de conteúdo; 5) O sentido das unidades linguísticas é definido pelo papel que desempenha na dinâmica de interação que operam os elementos linguísticos que compõem um enunciado. Tal sentido só será acessado por meio de reformulações e paráfrases cuidadosamente controladas, mecanismo que denominamos por *glosa*; 6) Assume-se, na teoria, um caráter construtivista, por não ser o sentido concebido como estabilizado, mas construído por meio da interação estabelecida entre as formas que compõem um enunciado.

Considerando os pontos discutidos, quanto à análise das unidades morfolexicais, defendemos que cada uma possui sua especificidade. Como principal objetivo, buscamos, na variação característica de cada uma das formas, princípios regulares, recurso que nos permite evidenciar a identidade que lhes é característica.

A esses princípio(s) regular(es), dá-se o nome de *identidade semântica*, doravante IS. É essa forma, sempre relacional e abstrata que guarda as particularidades de uma unidade linguística, e é ela que nos permite distinguir as formas umas das outras. Cada unidade da língua terá a sua identidade semântica representada de maneira distinta.

Para dar apenas um exemplo, a identidade semântica de um verbo – classe que exploraremos um pouco mais adiante – não será caracterizada do mesmo modo que a de

uma preposição, e isso pelo fato de que essas unidades convocam os seus possíveis contextos de inserção, o que não é o caso das preposições.

Vejamos brevemente os exemplos (1) “O cano quebrou” e (2) “O cano rompeu” descritos por Romero & Trauzzola (2014). Em (1), o verbo *quebrar* evoca, em relação ao termo *o cano*, uma representação de ordem estrutural em que seus efeitos incidem majoritariamente sobre as partes que o compõem ou o material do que é feito. Isso significa que essa sequência pode desencadear um cenário enunciativo em que o cano remete a uma obra ainda em construção, *i.e.* a um cano que não necessariamente está em uso. Ao contrário, no caso (2), *romper* desencadeia um cenário enunciativo em que o cano se encontra em pleno uso, servindo como meio de contenção para a passagem de água, gás, etc. Esses cenários enunciativos manifestam-se igualmente nos contextos verbais observados. Dessa forma, a “determinação operada por *romper* incide sobre a capacidade de o cano funcionar como o que delimita, como o que contém [algo]” (ROMERO, TRAUZZOLA, 2014, p. 242 *grifo das autoras*).

Por mostrar como os verbos interagem com os demais termos que o acompanham em um dado enunciado, mas, sobretudo, por convocar possíveis contextualizações para a sequência por ele formada, o modelo de identidade semântica dos verbos é descrito pelo que chamamos de *forma esquemática*, doravante FE.

A forma esquemática (FE) representa a identidade de uma unidade. Ela constitui o arcabouço de um raciocínio que permite extrair o papel respectivo da unidade e de seu contexto na variação dos sentidos que podem lhe ser associados. Uma FE deve descrever o conjunto dos valores e dos empregos da unidade que ela caracteriza. (FRANCKEL, 2011, p. 26, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)

A FE não deve ser confundida com qualquer sentido que costumamos atribuir a uma unidade e nem tampouco corresponde ao que se concebe como sentido: “não é o menor denominador semântico comum dos empregos da palavra” (FRANCKEL, p. 26, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011), devendo ser vista, ao contrário, como uma forma abstrata e regular proveniente das relações que a unidade linguística estabelece com o contexto.

A noção de FE evidencia que, em se tratando de comportamento linguístico, cada unidade tem um funcionamento que lhe é próprio: “cada forma esquemática propõe uma caracterização singular da unidade, que permite distingui-la de todas as

outras unidades” (FRANCKEL, 2011, p. 26, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011).

No caso das preposições, na descrição de seu funcionamento particular, de sua identidade, não são mobilizadas contextualizações. Portanto, a identidade semântica de uma preposição será descrita em termos de um esquema operatório “capaz de descrever o papel desta unidade nas interações constitutivas do sentido dos enunciados aos quais se integra” (ROMERO, 2013a, p.159). Falaremos, nesse caso, apenas de *identidade semântica da preposição*.

O conjunto de aspectos teóricos vinculados à TOPE ora apresentados será retomado durante a análise da preposição COM. Neste momento, nossa intenção foi a de evidenciar o nosso posicionamento frente às questões que permeiam o estudo da significação: não consideramos uma unidade linguística como dotada de um “conteúdo” que lhe seria intrínseco e, ao refutarmos esse modo de pensar, refutamos consequentemente o fato de uma unidade, por si só, ser capaz de fazer referência a algo do mundo.

Assumiremos, em nossas análises, que a natureza semântica de uma unidade consiste, portanto, em um funcionamento, em condições que ela impõe para que seja empregada enunciativamente e não em “conteúdos” representados no mundo que são exteriores à língua e estão aquém dos enunciados.

Vamos nos ocupar, sobretudo, de buscar princípios regulares, representados por um esquema operatório capaz de descrever a identidade semântica de COM e decorrentes de um mesmo mecanismo que opera invariavelmente na construção dos enunciados, embora neles se manifeste de forma variável.

## **2.2. Gramática operatória e preposição**

Nas seções anteriores, verificamos, em vários estudos, posicionamentos diferentes em relação ao estudo das preposições em PB e em língua francesa, levantando alguns pontos que julgamos ter importância para a temática explorada. Aqui, daremos foco às contribuições acerca da noção de *reciprocidade* contidas na tese de doutoramento de Fumitake Ashino (2012), intitulada *Contribution à l'étude de la notion de "reciprocité" en français contemporain* e à *Grammaire des prépositions*, de Jean-

Jacques Franckel e Denis Paillard, obra voltada para o funcionamento enunciativo de um grupo de preposições francesas que, em muitos aspectos, traz sustentação às nossas análises ao delimitar procedimentos metodológicos a serem adotados. Abarcaremos ainda, o estudo realizado por Denis Paillard, denominado *À propos de la préposition AVEC* (2014). Esses trabalhos inserem-se no mesmo quadro teórico ao qual nos filiamos, a *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, de Antoine Culioli<sup>37</sup>.

Como vimos, muitos dos trabalhos no âmbito da classe das preposições concebem-nas como portadoras de valores espaciais prototípicos; propõem um sentido unitário como base da qual se origina uma rede de sentidos; apontam dois modos de se conceber a complementação verbal, um em que essa unidade não possuiria sentido, privilegiando características do próprio verbo a ser completado, e a complementação circunstancial (adjunção), em que a preposição pode estabelecer relações semânticas. Assim como em alguns estudos brasileiros, os autores apresentam os impasses e os limites que cercam a busca por uma distinção satisfatória entre a complementação e a adjunção e, ainda, refletem sobre a maneira como ocorre a dessemantização das preposições em determinados casos, uma vez que tais aspectos não são claramente explicados e solucionados pelo que preconiza a literatura corrente.

Sugerir a dessemantização das preposições, nos casos de complementação verbal, como vimos destacando, é bastante contraditório. De saída, em casos como, por exemplo, “comparer à/avec” [comparar a/com] e “parler à/avec” [falar a/com], é claramente notório que a disparidade de sentido observada quando temos um enunciado portador de um mesmo material verbal para duas preposições diferentes é justificada pela contribuição semântica trazida por cada uma das preposições quando postas em jogo e não propriamente pelo verbo em questão. Como é possível sustentar que as preposições, nos casos de complementação verbal, não possuem sentido algum? Há também ocorrências em que o emprego de uma ou de outra preposição é capaz de alterar a apreensão que se faz do verbo que está sendo empregado. Por exemplo, nos

---

<sup>37</sup> Ainda filiando-se à TOPE, destacamos também os trabalhos em Português Europeu (PE) realizados por Manuel Luis Costa: *A preposição enquanto termo da relação* (2010), em que explora o caráter relacional das preposições utilizando enunciados figurados pela preposição COM para dar corpo à investigação; *Entre a “noção lexical” e a “noção gramatical”: hibridismo nocional das preposições* (2011), trabalho em que o autor coloca em xeque o estatuto lexical e gramatical conferido a essas unidades e defende a existência de um possível hibridismo nocional, o que significa dizer que as preposições funcionam como noções, simultaneamente, lexicais e gramaticais; e *Os valores das preposições a, até, para e com em PE (s/d)*, investigação na qual caracteriza os valores semânticos de algumas preposições e, dentre elas, a preposição COM. Neste momento de nossos estudos, de modo a evitar confusões ou generalizações entre o PB e o PE, optamos por não abordar detalhadamente tais trabalhos.



enunciados (1) “Júlio precisa falar COM Angelina sobre o desaparecimento da jóia”<sup>38</sup> e (2) “Júlio precisa falar A Angelina sobre o desaparecimento da jóia”<sup>39</sup>, temos, em (1), um “falar” que evoca um sentido de interação entre duas pessoas e, em (2), um “falar” evocando um sentido de comunicação ou reportagem. Dessa forma, seria ainda possível cogitar a dessemantização das preposições?

Nessas condições, na *Grammaire des prépositions*, de Jean-Jacques Franckel e Denis Paillard (2007), as preposições são definidas enquanto **relator R** que orienta a relação entre os termos **X** e **Y**, termo antecedente e termo consequente, respectivamente, conferindo-lhes determinações específicas.

Todo termo (no sentido mais amplo: sequência, frase, unidade lexical etc.) é tomado em relação a um outro termo, previamente dado, que tem, consequentemente, nessa relação sempre assimétrica, o estatuto do termo orientador [repère]. (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 91, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)

O termo Y ocupa o papel de orientador ou fonte de determinações de X, *i.e.* Y sempre se refere a X, o elemento a ser orientado ou apreendido sob uma determinada ótica. De maneira geral, como destacamos nas seções anteriores, Y se mostra facilmente identificável, o que não ocorre com X.

No panorama que traçamos no primeiro capítulo, o grande conflito na identificação desses elementos encontra-se, sobretudo, na identificação de X, e isso toma maior proporção quando a preposição é vista como introdutora de argumento, no caso que nos interessa mais particularmente, do verbo, X sendo sempre apontado como o próprio verbo, o que não procede. É importante ressaltarmos que, se (Y) consiste no termo que segue a preposição, (X) não necessariamente terá como representante imediato o verbo; ao contrário, como mostramos mais adiante em nossas análises, esse elemento possui uma natureza muito mais complexa e pode ou não estar expresso no próprio enunciado.

O sólido estudo do funcionamento enunciativo das preposições na língua francesa realizado por esses autores permitiu que essas unidades fossem descritas como preposições de *divisão* (ou zonagem, do francês *zonage*) e de *discernimento*. Nesse volume da *Grammaire des prépositions*, são abordadas apenas as preposições de divisão

---

<sup>38</sup> Exemplo próprio.

<sup>39</sup> Exemplo próprio.

(zonagem), visto o estudo das preposições ditas de discernimento ser feito em obra que se encontra em fase de elaboração.

As preposições de *divisão* ou *zonagem* são as que tendem a apresentar associação direta com o espaço – segundo cognitivistas e funcionalistas – e que podem ser apreendidas de maneira mais intuitiva. Ser uma preposição de divisão significa que a preposição associa o termo que a segue, *i.e.* (Y), a um domínio no qual ela distingue uma ou mais zonas pela(s) qual(is) o termo que a antecede, *i.e.* (X), será orientado. Vale dizer, justamente, que essas zonas não decorrem, propriamente, do espacial. Fazemos a hipótese de que pertençam a essa categoria as seguintes preposições do português brasileiro: ENTRE, SOB, SOBRE, etc.

A preposição COM, segundo o comportamento que vimos observando, pertenceria a ordem das preposições de discernimento, assim como POR, PARA etc.

Insistimos no fato de que as preposições das línguas não são iguais e diretamente equivalentes (AVEC não é COM, por exemplo). É bastante simples perceber e justificar nos próprios usos que delas são feitos que essas unidades se apresentam com comportamentos bastante díspares quando comparadas.

Mesmo encontrando usos de COM e AVEC muito próximos, tais como “Je vais au marché avec toi” e “Eu vou ao mercado com você”<sup>40</sup> ou “Un gâteau au chocolat avec des fraises” e “Um bolo de chocolate COM morangos”<sup>41</sup> etc., existem inúmeros casos em que essa “equivalência” se dissipa. Certos verbos da língua francesa que denotam “comparação” necessariamente virão acompanhados da preposição À, e não da preposição AVEC, mas em PB, ao contrário, para esse conjunto de verbos, é a preposição COM que é mobilizada. Por exemplo, em PB teríamos: “Essa fruta parece”<sup>42</sup> COM a laranja” e, em francês, a “mesma” expressão é representada da seguinte forma “Ce fruit ressemble À l’orange”<sup>43</sup>. O verbo *sonhar*, em PB, admite diretamente o emprego de COM; já o verbo *rêver*, tido como semanticamente próximo de *sonhar*, é acompanhado, em muitos casos, por DE. Dessa forma, o enunciado “Eu sonho COM um mundo melhor” tem como possível tradução “Je rêve d’un monde meilleur”<sup>44</sup>. As

---

<sup>40</sup> Exemplo próprio.

<sup>41</sup> Exemplo próprio.

<sup>42</sup> Ressaltamos que, neste momento, não tratamos das formas pronominais do português “assemelhar-se” e do francês “se ressembler”, que admitem os empregos de COM e AVEC, respectivamente, em suas construções.

<sup>43</sup> Exemplo próprio.

<sup>44</sup> Exemplo próprio.

mesmas diferenças podem ser percebidas quando a preposição acompanha certos adjetivos como “Je suis *surpris* / *heureux* DE votre visite”, que em português podem ser vistos como semanticamente próximos de “Eu estou *surpreso* / *feliz* COM a sua visita”<sup>45</sup>. Observemos que, mesmo trazendo um pequeno apanhado de exemplos, unidades linguísticas que geralmente são seguidas pela preposição COM em português brasileiro não operam da mesma maneira que AVEC em língua francesa. Em outras palavras, vimos que certos usos de COM poderão na língua francesa ser representados por À ou DE, e não propriamente por AVEC, preposição que, ainda assim, pode ser apontada, em muitos casos, como a preposição francesa mais indicada para representar os usos de COM no português brasileiro.

As preposições de *discernimento*, diferentemente do que observamos em alguns exemplares da literatura corrente, não são desprovidas de sentido. Aqui, Y atribui propriedades não definitórias<sup>46</sup> ao termo X posto em relação a Y pela preposição, constituindo um modo de apreensão de X. De outro modo, (Y) atribui propriedades não intrínsecas ao (X) (ou propriedades que X não teria intrinsecamente). Pode-se dizer ainda que (Y) constitui um modo de apreensão de (X) sob uma determinada ótica.

Ilustrando essa afirmação, no caso de “O positivismo era uma escola filosófica COM caráter social”, poderíamos explicar o raciocínio envolvido da seguinte forma: o termo (Y), introduzido por COM e representado por “caráter social”, atribui ao termo (X), que corresponde ao “positivismo já qualificado como uma escola filosófica”, uma característica que o redefine. Dado, portanto, o fato de o positivismo ser uma escola filosófica, COM, ao introduzir (Y) (*caráter social*) confere à escola positivista uma característica que não faz parte do que (X) já é por si só, incorporando a (X) um atributo que lhe é exterior e que faz com que seja apreendido sob nova ótica.

Considerando outro exemplo, em “Ele [...] flertou com a esquerda”, fazemos a hipótese de que (Y), na condição de “a esquerda” atua como o orientador de (X), representado pelo flerte observado e que, como uma prática de integração social envolvendo um movimento de aproximação de interesses num jogo de persuasão e encantamento entre pessoas, exige a presença de mais de um elemento para que possa realizar-se. Dizendo de outro modo, COM, ao introduzir (Y), dá a ver um elemento que participa da relação sócio-afetiva que (X) implica.

<sup>45</sup> Exemplo próprio.

<sup>46</sup> Compreenda-se “propriedades não definitórias” como algo não intrínseco ao elemento na posição de X, independentemente da preposição.

Os enunciados utilizados como *corpus* de análise pelos autores foram extraídos da base de dados francesa FRANTEXT, uma base textual *online* que permite fazer buscas por palavras e expressões da língua francesa.

O foco do estudo está nas construções *SV prép SN* e na questão da recção verbal, uma vez que, nesses casos, geralmente a preposição é vista como dessemantizada, não possuindo qualquer sentido. Os autores buscam ir além das divisões correntes entre preposições que introduzem complementos circunstanciais (adjuntos), que teriam uma relativa autonomia e possuem sentido, e complementos argumentais do verbo, casos em que a preposição tem apenas uma função relacional, não tem autonomia em relação ao verbo e também não possui sentido, isso porque, embora as preposições remetam a fenômenos gerais, os efeitos originários de cada uma das preposições são bastante particulares.

Franckel e Paillard (2007) assumem que a preposição pode ser inserida num quadro de co-predicação e fazem a seguinte hipótese:

- 1) dans tous le cas, la préposition a une fonction prédicative, y compris dans le cas où X ne correspond pas à un terme directement identifiable dans l'énoncé ;
- 2) lorsque la préposition est liée à la rection du verbe, sa fonction ne se réduit pas à l'introduction d'un argument du verbe;
- 3) la préposition conserve sa sémantique dans tous ses emplois. Dans cette perspective, l'interaction entre V et Prép relève d'une combinatoire entre deux prédicats (le verbe et la préposition), avec des degrés différents d'intrication que nous nous proposons de décomposer.<sup>47</sup> (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p. 18)

Para caracterizar todas as preposições analisadas quanto à sua identidade, é delimitado um formato comum, porém, variável de acordo com o perfil próprio que cada preposição apresenta. Em seu objetivo principal, os autores debruçam-se para descrever as preposições francesas explorando ao máximo os seus valores (espaciais, temporais e figurados), sem privilegiar um tipo em particular.

Chacune de ces prépositions structure et “divise” à sa façon le domaine sur lequel elle configure une zone particulière. C’est cette

<sup>47</sup> 1) Em todos os casos, a preposição tem uma função predicativa, inclusive nos casos em que X não corresponde a um termo diretamente identificável no enunciado; 2) quando a preposição está ligada à recção do verbo, sua função não se reduz à introdução de um argumento do verbo; 3) a preposição conserva sua semântica em todos os seus empregos. Nessa perspectiva, a interação entre V e Prép considera uma combinatória entre dois predicados (o verbo e a preposição), com graus diferentes de imbricação que nós nos propomos a decompor.

structuration propre à chaque préposition qui, dans la perspective que nous allons explorer, constitue son identité.<sup>48</sup> (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p. 8)

Na perspectiva defendida pelos autores – e com a qual estamos de acordo –, não há uma grande categoria semântica que possa ser considerada como representante de todas as preposições. Assume-se que o sentido dessas unidades não é anterior à produção verbal e não existe independentemente dessa produção, pois as preposições, como outras unidades da língua, possuem enorme gama de empregos que se estende para além de toda e qualquer categoria preexistente. Dessa forma, admite-se que todas as preposições têm sentido e que cada uma delas é portadora de uma identidade que lhe é própria.

Essa identidade das preposições só pode ser apreendida por meio dos seus próprios usos, por meio de um jogo de interação que se estabelece com as demais unidades linguísticas de um dado enunciado. Para cada uma das preposições pertencentes ao conjunto das de divisão ou zonagem que foram analisadas, os autores 1) delineiam um inventário de valores; 2) formulam, com base nos dados observáveis, o que define a sua identidade compreendendo a deformabilidade semântica que lhe seria característica; 3) estabelecem para essa identidade a possibilidade de três planos de variação (A, B, C), sendo que cada um desses planos são passíveis de abarcarem três casos; 4) decrevem a *variação* observada durante a interação estabelecida entre a preposição e os elementos que ela coloca em relação, X e Y; 5) distinguem essa variação em duas ordens: *interna* e *externa*; sendo a *variação interna* específica a cada preposição de maneira particular e a *variação externa* referente às características próprias aos elementos X e Y, bem como às relações que esses elementos podem estabelecer com o verbo; 6) por fim, se propõem a analisar a afinidade existente entre certos verbos e preposições por meio da combinatória entre os parâmetros da forma esquemática do verbo e da identidade semântica de uma preposição.

Já no que se refere ao estudo de Paillard (2014), *À propos de la préposition AVEC*, longe de resumir minuciosamente ou de traçar um panorama exaustivo em que exploramos amplamente a complexidade constitutiva de todos os tópicos e análises desenvolvidas pelo autor, trazemos aqui apenas pontos mais gerais.

---

<sup>48</sup> Cada uma dessas preposições estrutura e “divide” a sua maneira o domínio sobre o qual ela configura uma zona particular. É essa estruturação própria a cada preposição que, na perspectiva que vamos explorar, constitui sua identidade.

A grande contribuição desse estudo reside no fato de o autor nos apresentar detalhadamente o modo como a relação de *X prép Y* ocorre no caso de uma preposição de discernimento. Vale observar, no entanto, que alguns dos dados trazidos pelo trabalho podem ou não se encaixar no raciocínio que devemos mobilizar em língua portuguesa. Para dar apenas um exemplo, ao tratar do posicionamento de *avec Y* – termo que segue a preposição –, o autor alerta para alguns casos em que a anteposição de *avec Y*, por impor certas restrições, não é bem aceita gramaticalmente falando. Sendo assim, em construções como “Il a repondu *avec gentillesse*”<sup>49</sup>, a anteposição de *avec Y* (*avec gentillesse*) não é admitida em língua francesa (“*Avec gentillesse il a repondu*”<sup>50</sup>).

Para definir a hipótese de identidade semântica de *AVEC*, Denis Paillard (2014) considera quatro planos de variação diferentes que permitem, segundo o autor, contemplar o conjunto de empregos e valores dessa preposição. Os planos de variação apresentados são: 1) variação relacionada à natureza e às propriedades dos termos colocados em relação por *AVEC*; 2) variação interna, relacionada diretamente com a caracterização semântica de *AVEC*; 3) variação relacionada à posição do complemento preposicional na relação prediativa; 4) variação relacionada à posição do sintagma preposicional e sua marcação prosódica.

Neste estudo, a preposição *AVEC*, preposição de discernimento, é definida como um relator **X prép Y**, essa relação sendo interpretada como uma relação de orientação (*repérage*). Trata-se de um movimento de orientação em que **X** é o *termo orientado* e **Y**, o *termo orientador*. Em preposições de discernimento **Y** – termo consequente – é uma propriedade accidental predicadora de **X** – termo antecedente, *i.e.* **Y** atribui propriedades não intrínsecas a **X**, reconfigurando-o. Esse tipo de relação ocorre em dois momentos: 1- de um lado, **X** convoca uma classe de propriedades não intrínsecas (**Y**) das quais **Y** faz parte; 2- de outro lado, **Y** é a propriedade que especifica **X**, **Y** é o orientador de **X**.

Segundo as análises realizadas, *AVEC* apresenta a seguinte identidade semântica:

*Y terme contingent est mis en relation avec un terme X de la relation prédicative. Y ajoute une détermination à X concernant son statut dans la relation prédicative.*<sup>51</sup> (PAILLARD, 2014, p.70, grifo do autor)

<sup>49</sup> “Ele respondeu com gentileza”.

<sup>50</sup> “com gentileza ele respondeu”.

<sup>51</sup> “Y termo contingente é colocado em relação com um termo X da relação prediativa. Y agrega uma determinação a X no que diz respeito a seu estatuto na relação prediativa”.

O funcionamento dessa identidade semântica é visto por meio de empregos intraproposicionais, circunstanciais e (intra)sintagmáticos. De maneira geral, para todos os casos, admite-se que Y não tem qualquer vínculo com a relação predicativa da qual X faz parte. Portanto, o estatuto de Y só será validado no momento em que passa a estabelecer relação com X, o que significa que Y não tem qualquer autonomia na relação predicativa integrada por X. O autor ressalta ainda que essa identidade semântica possui seus usos mais representativos no emprego intraproposicional de AVEC.

No *emprego intraproposicional*, X é um termo da relação predicativa (C<sub>0</sub>, sujeito sintático, ou C<sub>1</sub>, complemento). No exemplo “Jean discute **avec** Paul” [Jean discute com Paul] (PAILLARD, 2014, p. 70), X está representado por “Jean que discute” e ocorre como sujeito sintático. Esse termo pode ser caracterizado de três maneiras diferentes: a) como elemento da forma esquemática do verbo; b) argumento do predicado; c) complemento verbal. No que tange a interação desempenhada na relação predicativa pelo termo Y, distinguem-se dois planos: 1) *variação interna*, que remete aos três grandes valores geralmente atribuídos a AVEC: *instrumental* “Paul enfonce le clou avec un marteau” [Paul bate o prego com um martelo], sendo AVEC o responsável por introduzir o instrumento “um martelo” (termo Y) que caracteriza o “bater o prego” (termo X); *maneira* “Parlez modérément / Parlez avec modération” [Fale moderadamente / Fale com moderação], em que AVEC, ao introduzir “moderação” (termo Y), faz com que “o falar” (termo X) seja (re)configurado; e *comitativo* “Jean se dispute avec Jacques” [Jean briga com Jacques], emprego em que a preposição COM acaba por introduzir “Jacques” (termo Y), apreendido como o outro elemento da relação predicativa aberta por *brigar*. Em outras palavras, temos que, ao mesmo tempo em que “Jean é aquele que briga” (termo X), a preposição COM faz com que “Jacques” (termo Y) também seja apreendido como “aquele que briga” na relação predicativa. Trata-se, neste caso, de uma forma de simetrização entre os termos X e Y “Jean briga com Jacques” ao mesmo tempo em que “Jacques briga com Jean”. Tal simetrização não necessariamente é marcada pela rivalidade entre os envolvidos “Jean” e “Jacques”, visto poder também representar uma forma de solidariedade “Jean e Jacques, ao mesmo tempo, brigam com um inimigo que possuem em comum” (ver ainda “Jean se promène avec son chien” [Jean passeia com seu cachorro], “Jean se leve avec le jour” [Jean

acorda com o dia], etc.) ; 2) variação externa: variação referente ao estatuto conferido a Y no campo do verbo, pois Y, por poder pertencer ou não à forma esquemática do verbo em questão, terá um estatuto de complemento que não é o mesmo observado em X, que ocorre como argumento da relação predicativa – e pertencente à forma esquemática do verbo. Por exemplo, em “Paul va au cinéma avec Marie” [Paul vai ao cinema com Marie], “Marie” (termo Y) não pertence à forma esquemática do verbo, pois “Paul” já preenche o argumento solicitado pelo verbo “ir”. Dizendo de outro modo, verificamos que neste exemplo “Marie” (termo Y) é integrado por AVEC na relação predicativa observada na “ida ao cinema protagonizada por Paul” (termo X) unicamente em razão de seu pôr em relação com o termo X; caracteriza-se, assim, uma relação de “ida ao cinema protagonizada por Paul” (termo X) que ocorre sob a influência da co-presença de “Marie” (termo Y).

De maneira geral, *AVEC circunstancial* corresponde aos casos em que X é uma relação predicativa e *avec Y* – no quadro da relação predicativa expressa pela proposição da qual X é membro –, uma sequência que não pode ser interpretada como complemento (externo ou interno). Por exemplo, no caso de “**Avec** un appareil comme celui-ci, faites très attention” [Com um aparelho como este, preste muita atenção] (PAILLARD, 2014, p. 86) temos que a “atenção” [prestar atenção], termo X, não tem relação direta com o termo Y (*un appareil comme celui-ci* [com um aparelho como este]) propriamente dito, pois o que está em jogo, de fato, é o comportamento que o possível “interlocutor” é convidado a adotar no momento em que valida como arriscado o contato com o “aparelho”. Verifica-se que Y pode, ora restringir a interpretação de X – só vai se prestar “atenção” mediante a um “aparelho” que é considerado pelo interlocutor como algo que representa risco –, ora, mesmo Y se apresentando como um fator determinante, só terá sentido pela interpretação do que venha a ser X – o “aparelho” só será considerado como um risco mediante ao posicionamento do interlocutor de prestar “atenção”.

Aos *empregos circunstanciais*, é possível associar os valores *hipotético*, *concessivo* e *causal* e, para cada um desses valores, na relação entre X e Y, podemos considerar três formas diferentes: 1) Y só tem sentido ao considerarmos: X “*Avec tant de qualités, il n’a pas réussi*” [Com tantas qualidades, ele não conseguiu]. As “qualidades” (termo Y) só são invalidadas mediante ao fato encontrado no termo X, “o



insucesso”; 2) Em posição pós-remática<sup>52</sup>: Y é uma adição obrigatória para a interpretação de X “J’habite, en ce moment, derrière le cimetière du Père-Lachaise, qui me rappelle singulièrement Rome, avec ses monuments e ses fleurs” [Eu moro, neste momento, atrás do cemitério Père-Lachaise, que me lembra singularmente Roma, com seus monumentos e flores]. Só será possível considerar “o local onde moro com sendo semelhante a Roma” (termo X), se considerarmos a informação subsequente de que “Roma” e o “cemitério próximo de onde resido” apresentam em sua paisagem “monumentos e flores” (termo Y) em comum; 3) Casos de circunstanciação temática em que, de um lado, Y não tem sentido sem que X seja considerado e, de outro, Y se apresenta como um fator determinante para a interpretação de X: “Avec ce traité, on ne pourra plus arrêter l’imigration” [Com esse tratado, não poderemos mais parar a imigração]. Nesse caso, “este tratado” (termo Y) não tem efeito – e também sentido – se não considerarmos os seus efeitos recaindo em algo, aqui representado por “não poderemos parar com a imigração” (termo X) e, da mesma forma, “este tratado” (termo Y) é crucial compreendermos o que circunda o fato de “não poderemos parar com a imigração” (termo X).

E, por fim, nos *empregos (intra)sintagmáticos*, X é um grupo nominal (GN) formando com Y, um outro nome, um sintagma nominal complexo como, por exemplo, em “Dessine-moi une corbeille **avec** des fleurs” [Desenhe-me uma coroa com flores] (PAILLARD, 2014, p. 70) em que temos “coroa” (termo X) e “flores” (termo Y) formando um sintagma nominal complexo em que é possível verificar que o termo Y “flores” é responsável por delimitar a apreensão que se faz da composição da “coroa” (termo X). Nesses empregos, a relação de X ocorre de três maneiras diferentes: 1) X convoca Y enquanto um termo que lhe é associado em uma determinada situação; em outras palavras, Y é um componente do modo de presença de X na relação prediativa “Grand-mère m’avait donné un panier avec deux thermos de café et des biscuits à la cannelle” [Vovó me deu uma cesta com duas garrafas térmicas de café e biscoitos de canela]. Consideramos aqui a “cesta dada pela avó” (termo X), que passa a ter a sua existência delimitada, e isso por ter o seu conteúdo definido pela introdução de “duas garrafas térmicas de café e biscoitos de canela” (termo Y). Em outras palavras, “duas garrafas térmicas de café e biscoitos de canela” (termo Y) é um componente do modo

<sup>52</sup> Por *tema*, compreendemos o elemento que inaugura um enunciado e por *rema*, a nova informação trazida a respeito do elemento já apresentado. No enunciado “As crianças comem bolo”, temos que “as crianças” são consideradas como sendo o *tema* e “comem bolo”, *rema*.

de presença da “cesta dada pela avó” (termo X); 2) Y, como uma propriedade diferencial de X, é responsável por definir um modo de ser de X: “Il a acheté une Maison avec vue sur la mer” [Ele comprou uma casa com vista para o mar], “plat avec garniture” [prato com acompanhamento]. No primeiro exemplo, temos que “a localização da casa comprada por ele” (termo X) é definida conforme as propriedades atribuídas pelo termo Y, uma “vista para o mar”, *i.e.* “vista para o mar” (termo Y) define o modo de ser da “localização da casa comprada por ele” (termo X). Já no segundo exemplo, temos que o “conteúdo do prato” (termo X) é definido pela existência de um “acompanhamento” (termo Y); 3) em um predicado nominalizado, X é um primeiro argumento e Y um segundo argumento, podendo aí ser observado um efeito de simetrização “Nos prix supportent la comparaison avec les prix étrangers” [Nossos prêmios aguentam a comparação com os prêmios estrangeiros]. Neste caso, temos que a “comparação” é um nome predicativo que convoca a existência de pelo menos dois termos para que possamos estabelecer um confronto entre as suas propriedades. Ou melhor, “nossos prêmios” (termo X) ocorre como o primeiro argumento de “comparação” e “prêmios estrangeiros” (termo Y) como um segundo argumento a partir dos quais é possível perceber os efeitos de uma dada simetrização, um confronto entre as propriedades dos dois argumentos, avaliando e percebendo a incidência de aproximações e distanciamentos.

Por fim, na tese de doutoramento de Fumitake Ashino (2012), são exploradas diversas unidades morfolexicais e expressões que implicam a noção de reciprocidade, noção que julgamos ser de grande relevância para nosso estudo. Essa noção é apreendida como uma relação binária entre dois ou mais argumentos do predicado e definida pelo seguinte esquema:  $(x \text{ } r \text{ } y) \ \& \ (y \text{ } r \text{ } x)$  sendo  $x$  e  $y$  argumentos do predicado  $r$  (ASHINO, 2012, p. 9). A categoria da reciprocidade pode permear diferentes categorias gramaticais dentro ou fora do domínio verbal. Em língua francesa, essa noção é explorada por três quadros teóricos diferentes: a tipologia linguística, a linguística cognitiva e a semântica formal.

Unidades do domínio verbal como, por exemplo, os verbos pronominais, e fora do domínio verbal, como os advérbios *réciiproquement* [reciprocamente] e *mutuellement* [mutuamente], os pronomes *l'un* [um] e *l'autre* [outro] ou as formas combinadas com preposições “*l'un avec l'autre* [um com o outro], *l'un contre l'autre* [um contra o outro], *l'un à l'autre* [um a outro] etc.” e o sintagma preposicional formado com *entre*

(*entre eux* [entre eles], *entre elles* [entre elas] ou nomes (*amis* [amigos], *voisins* [vizinhos]) no plural, são explorados como marcadores de reciprocidade.

Como hipótese central, Ashino (2012) busca caracterizar a reciprocidade como uma categoria linguística, partindo, não de conceitualizações que seriam pré-existentes, mas de formas e fatos observados nos próprios usos da língua francesa. Trata-se de uma categoria que se constrói pelo *agenciamento das formas*, i.e. pela interação estabelecida entre as demais unidades linguísticas que compõem um determinado enunciado. A reciprocidade como categoria linguística é apreendida como:

[...] une opération intervenant dans le cadre d’une relation prédicative d’un verbe, que cette opération peut être formulée en termes **d’indifférenciation des N en relation avec les places d’argument de la relation prédicative**<sup>53</sup>. (ASHINO, 2012, p. 25, *grifos do autor*)

Em outras palavras, tal indiferenciação dos N em relação com os argumentos faz com que a reciprocidade não corresponda a qualquer *situação tipo* ou *categoria cognitiva pré-estabelecida*, mas que ela seja construída, como mencionamos, por meio do *agenciamento das formas*, por meio de interação.

O primeiro item a ser analisado é o pronome reflexivo SE por meio do verbo pronominal *se battre* [lutar], bem como a relação complexa que estabelece com as preposições AVEC e CONTRE. Para o autor, neste caso, essa forma pronominal terá uma interpretação *recíproca*, e também um valor *comitativo* ou *conativo*.

Delineados os modos de funcionamento de AVEC e BATTRE, o autor seleciona dois exemplos para mostrar como essas duas unidades interagem. Observemos os exemplos (1) “Paul s’est battu avec Jacques” [Paul lutou com Jacques] e (2) “Paul se bat avec la serrure depuis ce matin” [Paul luta com a tranca desde essa manhã].

No exemplo (1), temos duas interpretações possíveis: (a) Jacques é adversário de Paul – valor recíproco; (b) Jacques é aliado de Paul – valor comitativo. Em ambos, Paul remete ao elemento denominado “força”, i.e. *elemento que emprega esforço físico para concretizar o seu objetivo*.

Na primeira interpretação (a), Paul e Jacques têm um duplo estatuto cada um e correspondem, ao mesmo tempo, ao elemento “força” e ao elemento sobre o qual recai a

<sup>53</sup> [...] uma operação intervindo no âmbito da relação prediativa de um verbo e que esta operação pode ser formulada em termos de **indiferenciação dos N em relação com os lugares de argumento da relação prediativa**.

“força”, um “alvo” (ASHINO, 2012, p. 65) e é esse aspecto que bloqueia um possível valor resultante de “vitória”, daí o valor recíproco observado.

Para a segunda interpretação (b), apenas *Paul* tem um duplo estatuto, aquele de elemento “força”. Jacques é o elemento que só terá o estatuto de elemento que possui “força” pela posição que Paul lhe confere, de aliado.

No exemplo (2), temos um valor conativo, *la serrure* [a tranca] ocupando a posição de adversária. Considerando sua natureza inanimada, não podemos interpretá-la como “uma força”, mas como adversário de *Paul*, uma vez que *la serrure* passa a ser vista como um empecilho para *Paul*, que se esforça para abrir a porta sem saber vai ou não conseguir fazer isso. Dessa forma, atribui-se o papel de “alvo” à *la serrure*. A introdução de um aspecto temporal *depuis ce matin* [desde manhã] reforça ainda mais a característica conativa.

Outro marcador de reciprocidade que se combina com a preposição AVEC é *l'un et l'autre* [um e outro], ilustrado pelos exemplos “Ils s'aiment l'un l'autre” [Eles se amam um ao outro], “Les deux dames se sont complimentées l'une l'autre” [As duas damas se cumprimentam uma a outra] etc. Tal marcador é composto por três elementos: *un*, que marca a construção de uma ocorrência; *autre*, que é colocado como uma outra ocorrência em relação à primeira; *le*, que marca a identificação diferencial e que se aplica a *un* e a *autre*. Neste caso, os termos em relação são interdependentes no quadro do conjunto em que figuram e não têm autonomia em si mesmos, pois agem ao mesmo tempo em prol de uma mesma finalidade.

Para o autor, *l'un avec l'autre* só atua em condições bastante específicas que dependem fundamentalmente da natureza dos verbos. De acordo com a leitura que faz de outros trabalhos, ele nota que existe uma lista bastante particular de verbos que interagem frequentemente com a preposição AVEC e que se enquadram no âmbito das *formas de relação social*: *interação linguageira* (falar, discutir, conversar etc.); *interação de caráter contratual* (se casar, negociar, comercializar etc.); *interação física* (flertar, brindar, beijar, fornicar etc.); *interação psicológica* (simpatizar, fraternizar etc.); *interação de caráter antagônico* (lutar, guerrilhar, rivalizar etc.); *troca* (trocar, permutar, apostar etc.) e tais verbos, considerados como *simétricos*, implicam, necessariamente, a pluralidade de participantes, conjunção de participantes, participantes que agem juntos e também requerem que os participantes tenham uma classe de mesma natureza.

Ashino (2012) nota que *l'un l'autre* e *l'un avec l'autre* se diferenciam, pois, no primeiro caso, a alteridade é definida como separação e, no segundo, como um conjunto. Em suma, *l'un avec l'autre* marca a passagem de uma separação inicialmente instanciada entre os termos para a construção de um conjunto.

Outra unidade bastante importante apreendida também sob a ótica da reciprocidade é o verbo *partager* [dividir]. Tal verbo pode ser associado a três valores diferentes que implicam a não-exclusão, sendo “divisão”, “empatia” e “co-benefício”. Esse verbo pode se combinar com diversas preposições – entre elas a preposição AVEC – entre três categorias de nomes: a) nomes que sugerem algo divisível ou partilhável: “Paul et Marie ont partagé le gâteau avec Jacques” [Paul e Marie dividiram o bolo com Jacques]; b) nome abstrato: “Paul et Marie partagent cette idée avec Jacques” [Paul e Marie dividem esta ideia com Jacques]; c) nome exprimindo um espaço ou um acontecimento: “Paul et Marie partagent le bureau/le dîner avec Jacques” [Paul e Marie dividem a mesa/o almoço com Jacques].

Em suma, os estudos abordados nessa seção, bem como muitos dos conceitos por eles apresentados, são, de fato, de grande valia para nossas análises. Portanto, é nos muitos aspectos do percurso traçado por Franckel e Paillard (2007) e Paillard (2014) no que se refere à análise das preposições em língua francesa, e na noção de reciprocidade trazida por Ashino (2012), que vamos nos apoiar na realização de nosso estudo semântico-enunciativo da preposição COM.

### **CAPÍTULO III – Funcionamento semântico-enunciativo de *com***

Este capítulo é dedicado à análise e compreensão do funcionamento semântico-enunciativo da preposição COM. A escolha de uma preposição como objeto de investigação decorre do fato de que essas unidades não recebem, nos livros didáticos e nas gramáticas escolares, um tratamento tão significativo quanto deveriam.

É comum depararmo-nos com a marginalização dessas unidades, apresentadas comumente por meio de listas e descrições pouco específicas, como a de “ligar termos”, ou apresentadas no gancho da explicação de outras unidades linguísticas, como quando se abordam os verbos. Esse posicionamento faz com que se cristalice a falsa ideia de que as preposições não possuem semantismo que lhes seja característico.

Nesse quadro, a iniciativa de descrever o funcionamento da preposição COM no português brasileiro por meio de uma definição unitária que possa sustentar os seus usos parte de uma observação minuciosa de inúmeras ocorrências nas quais essa unidade se verifica. Ao encontro dessas questões, descrevemos sua respectiva definição semântica unitária, que esperamos ser capaz de responder pelos diversos sentidos que lhe são atribuídos em seus variados empregos e, sobretudo, contribuir com reflexões pedagógicas direcionadas ao ensino-aprendizagem desta classe.

#### **3.1. Procedimentos metodológicos: a glosa como recurso analítico**

Os trabalhos dentro da TOPE valem-se de princípios primordiais para a análise linguística, dentre os quais a investigação de variados enunciados. Procedemos com a observação de regularidades advindas dos próprios dados em detrimento de julgamentos ou posições normativas. Os dados coletados são ora oriundos do próprio uso da língua, ora de fontes que, de um modo geral, se fundamentam igualmente em usos diversos.

Nossa empreitada tomou como ponto de partida a verificação do tratamento (*i.e* definição) conferido às preposições em diferentes gramáticas e trabalhos advindos de diversas vertentes teóricas. Tal verificação permitiu que confirmássemos, dentre tantos fatos, que as definições fornecidas, muitas vezes, deixam lacunas, já que não se sustentam ou não são esclarecidas quando nos voltamos para os enunciados em que se emprega COM. Um dos maiores problemas das abordagens reside, assim, no conflito entre definições que não dão conta de usos e usos que não se enquadram nessas

definições. A disparidade constatada também repousa no fato de que esses trabalhos, por mais cuidadosos que sejam, acabam por conferir à preposição elementos de sentido característicos de valores com os quais são concebidas outras unidades linguísticas, deixando os objetivos em aberto, já que o foco era, justamente, compreender a semântica da preposição.

Ainda sobre essa questão, a concepção difundida de que as preposições são “reladoras” não é satisfatoriamente explorada, uma vez que não contemplam quais os procedimentos que cercam o processo de relação no qual preposições estão envolvidas, pois, como já mencionamos, o sentido de qualquer unidade linguística decorre de um mecanismo de ordem relacional. No que tange o sentido das preposições, a grande parte das obras analisadas levantam a hipótese da existência de um sentido de base sem esclarecer que sentido seria esse, o que também não nos pareceu suficiente.

Por fim, o trabalho comparativo efetuado ainda não nos convence da natureza dos termos colocados em relação pela preposição COM, e isso porque, como pretendemos mostrar em nossas análises, o que antecede a preposição (termo X) é de ordem complexa.

Após esse estudo, definimos e organizamos o corpus utilizado para a composição das análises de COM. Foram selecionados enunciados coletados por Neves (2000) e Ilari & Neves (2008), bem como os fornecidos por Houaiss & Villar (2009)<sup>54</sup>, que contemplam de modo exemplar o vasto emprego da preposição COM no português do Brasil, totalizando 272 exemplos. Uma análise prévia dos enunciados permitiu excluir aqueles que mais se aproximavam, restringindo nosso corpus a 163 exemplos.

Com a organização do corpus já estabilizada e fundamentados no conjunto das proposições trazidas por Franckel e Paillard (2007), Paillard (2014), na noção de reciprocidade elaborada por Ashino (2012) e em nosso percurso no seio da TOPE, delineamos como etapas fundamentais de desenvolvimento das análises: 1) formalizar um inventário de valores; 2) formular, com base nos dados observáveis, uma definição semântica unitária, em termos de identidade semântica que compreende e responde o mais satisfatoriamente possível pela deformabilidade semântica característica de COM; 3) estabelecer para essa identidade semântica a possibilidade de três planos de variação (a, b, c), sendo um deles visto pela ótica da reciprocidade, aspecto já percebido em

---

<sup>54</sup> Os 258 exemplos coletados de Azevedo (2010), antes previstos, foram descartados por não serem contextualizados. Além disso, a preposição COM neles aparece como integrante do processo de adjunção, fornecendo apenas elementos intensificadores dos sujeitos ou das cenas por ela intermediadas.

alguns dos usos de COM; 4) no decorrer do processo, dar conta de decrever também a *variação* observada durante a interação estabelecida entre a preposição e os elementos que ela coloca em relação, X e Y; 5) por fim, fornecer primeiras considerações a respeito do funcionamento de COM em sua relação com os verbos ROMPER, CORTAR e SUMIR<sup>55</sup> por meio da combinatória entre os parâmetros da forma esquemática desses verbos e da identidade semântica da preposição.

O procedimento metodológico adotado na análise e compreensão do funcionamento semântico-enunciativo da preposição COM, bem como o que sustentará a reflexão direcionada ao ensino-aprendizagem dessa mesma preposição, envolvem a prática de *glosa*.

A *glosa* consiste num tipo de reformulação em que o “acesso à identidade de uma unidade pode ser constituído pela análise metodologicamente controlada do papel que ela desempenha nos enunciados em que é colocada em jogo, papel analisado frente ao contexto convocado” (FRANCKEL, 2011, p. 119, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011). Trata-se, assim, de “uma atividade metalinguística específica da linguagem humana” (FRANCKEL, 2011, p. 103, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011) que busca trazer à tona e formalizar os processos invariantes que estão por detrás da produção de sentido das unidades linguísticas. Isso ocorre:

[...] por meio da identificação dos contextos linguísticos que a própria unidade linguística convoca para funcionar dentro da língua, mais especificamente, da identificação dos termos que com ela interagem e tendem a estabilizá-la semanticamente, de um lado, e das determinações por ela conferidas a esses termos, de outro. Essas determinações passam pela evocação de representações a cada vez particulares, que evidenciam características singulares dos termos analisados. (ROMERO, TRAUZZOLA, 2014, p. 242)

Vê-se, portanto, que a glosa nem significa “dizer algo de outra maneira”, nem constitui uma simples reformulação local e conjuntural, tal como se nota em uma atividade em que se faz presente a sinonímia<sup>56</sup>. A glosa busca, sim, evidenciar a regularidade dinâmica observada a cada vez que a preposição se insere enunciativamente, e isso por meio, por exemplo, da permutação da preposição COM

<sup>55</sup> Análise que integra o projeto FAPESP intitulado “Léxico e enunciação: sistematização do funcionamento verbal”, desenvolvido por Márcia Romero e ao qual essa pesquisa se integra.

<sup>56</sup> “Na realidade, o recurso à sinonímia para explicar o sentido de uma unidade constitui, finalmente, a negação de sua identidade, enquanto a glosa corresponde a uma tentativa de caracterizá-la em sua especificidade irreduzível” (FRANCKEL, 2011, p.121, In DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)



com outras preposições (cf. “Ladrões brigam COM/ POR/ DE\*/ PARA\* ladrões”), da contraposição de enunciados diferentes que contenham a mesma preposição (cf. “Eu concordei COM ele que ia ser muito engraçado”, “Todos os feridos graves foram submetidos à transfusão de sangue, que [...] estava contaminado COM o vírus da AIDS”), da contraposição entre enunciados aparentemente semelhantes (cf. “Falei COM ela” / “Conversei COM ela”), da contraposição de enunciados com a presença ou ausência de preposição (cf. “Mariana namora o Leo” / “Mariana namora COM o Leo”) e da contraposição<sup>57</sup> de vários enunciados a partir de uma mesma construção (cf. “Contratei COM Potter uma visita às docas de Nelson”, em que há o que se conhece por “ambigüidade”: a) Potter me acompanhou na visita às docas; b) Potter é corretor de seguros e intermediou a minha visita às docas, pois me vendeu um pacote de viagem, etc.). São esses confrontos e manipulações que nos permitem visualizar características específicas da preposição COM e sua ampla variação semântica. Sendo assim:

O que está em jogo é o estabelecimento de procedimentos controláveis, que passam por uma argumentação e que se apóiam em fatos de língua reproduzíveis para além das hesitações que, forçosamente, o simples recurso à intuição [...] implica. (FRANCKEL, 2011, p.107, In DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)

Em suma, empenhamo-nos em pôr em prática estratégias de reformulação dos enunciados pautadas em um trabalho minucioso de *glosa* a partir de contextos discriminativos nos quais a preposição se faz ou não presente ou é confrontada a outras preposições capazes de ocupar a sua posição na relação sintagmática. É neste trabalho contínuo em que se opera sobre a linguagem que nos fundamentamos para recuperar o que há de invariante e sistemático em relação à significação de COM – sua identidade semântica –, pois, ao confrontar enunciados com cada uma de suas reformulações possíveis, espera-se, “no exame das *diferenças* que se manifestam nesse vaivém” de um enunciado à sua reformulação (FRANCKEL, 2011, p.106, In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011), delinear uma aproximação de suas propriedades semânticas constitutivas<sup>58</sup>.

<sup>57</sup> O confronto entre duas sequências se deve ao fato de que as diferenças e aproximações de sentido são manifestadas no vai-e-vem das reformulações possíveis.

<sup>58</sup> Ver, a esse respeito, Romero (2013a) e Romero & Vilela (2015).

### 3.2. Funcionamento semântico-enunciativo da preposição COM

Nas análises desenvolvidas, os exemplos provenientes de Neves (2000) são identificados por **A**, os oriundos de Ilari & Neves (2008) por **B** e, por fim, os extraídos de Houaiss & Villar (2009) por **C**. Após a identificação pela letra, encontra-se o número referente à sua colocação no *corpus*<sup>59</sup>. Dos exemplos coletados, 163 foram estudados com o objetivo de delinear as características de funcionamento de COM. Além dos enunciados coletados em fontes lexicográficas reconhecidas, para melhor ilustrar o funcionamento da preposição COM, optamos por utilizar também, em alguns casos, exemplos oriundos da *web* e que serão identificados em nota conforme a sua origem.

Para melhor desenvolvimento e visualização das análises que resultaram em grupos de funcionamento dessa preposição, optamos por apresentar, em um primeiro momento, apenas alguns exemplos capazes de evidenciá-los, e que nos fornecem um panorama bastante interessante acerca de seu mecanismo semântico-enunciativo.

Durante as análises, é possível destacar que uma particularidade observada nas ocorrências de COM consiste no fato de (Y), termo que segue a preposição, ser sempre exterior ao que se denomina (X)<sup>60</sup> na relação instaurada por essa preposição, o que implica dizer que os elementos (X) e (Y) possuem origens distintas, *i.e.* (X) e (Y) nunca poderão ser um mesmo elemento.

Pelo emprego da preposição COM, (Y) passa a ser incorporado a (X), provocando determinados efeitos nessa relação. É possível notar que, nesses usos, há um “jogo” no que diz respeito ao modo como essa definição convoca os elementos (Y) e (X) com os quais interage para que possa funcionar em discurso.

Isto posto, para a identidade semântica dessa preposição, fazemos a seguinte hipótese, em fase de testagem no conjunto de exemplos:

*Dada uma relação prediativa (X R Y), COM, na condição de elemento co-predicador, é responsável por incorporar propriedades a X por meio da introdução de um elemento externo Y, propriedades estas que se integram a X e reestabelecem o seu modo de apreensão, (re)configurando-o em relação à seu estado inicial.*

Leia-se essa hipótese da seguinte maneira:

- X e Y possuem naturezas distintas, sendo elementos diferentes;

<sup>59</sup> Por exemplo, [A40] indica o exemplo número 40 do corpus de Neves (2000).

<sup>60</sup> (X) não corresponde diretamente ao verbo e pode ou não estar expreso no enunciado.

- X não contém Y, *i.e.* Y não é elemento de X, é externo a X;
- propriedade(s) de Y incorpora(m)-se a X, ainda em sua configuração inicial; X é, então, (re)configurado em relação ao seu estado inicial;
- X passa a ser apreendido por meio de novas determinações que (re)ordenam o seu estado inicial, denominado X<sub>0</sub>.

De modo a ilustrar como a hipótese formulada pode ser compreendida, retomemos os dois exemplos já tratados anteriormente:

(1) *O positivismo era uma escola filosófica COM caráter social*

COM, ao introduzir o termo (Y), representado por *caráter social*, atribui ao termo (X), correspondente ao *positivismo já qualificado como uma escola filosófica*, uma característica que o redefine em relação à sua configuração inicial. Em outras palavras, COM, ao introduzir (Y) (*caráter social*), confere à escola positivista uma característica que não necessariamente faz parte do que (X) já é por si só, incorporando a (X) um atributo que lhe é exterior e que faz com que seja apreendido sob nova ótica. Essa incorporação poderia, inclusive, ser vista por meio da seguinte denominação para positivismo: *escola filosófica social*, na qual “social” já delimita a escola filosófica em questão.

(1) *Ele flertou COM o ridículo*<sup>61</sup>.

Nesse caso, *flertar com o ridículo* faz com que o *ele* seja visto como alguém cujo comportamento apresenta características que antes não o definiam e que, agora, passam a discerni-lo. Vale dizer que o *flerte por ele protagonizado* (X) exige a presença de um outro elemento para que possa se realizar. COM, ao introduzir *o ridículo* (Y), além de dar a ver o *outro* elemento que valida a existência de (X), faz com que o sujeito sintático (*ele*) seja apreendido sob a ótica de (Y). Daí ser possível parafrasear o enunciado dizendo que *Ele apresentou um comportamento ridículo*, comportamento que não necessariamente o caracteriza.

Ainda para ilustrar nossa hipótese para a forma esquemática de COM, também selecionamos alguns exemplos<sup>62</sup> em que COM interage com o verbo ROMPER.

<sup>61</sup> Extraído de <http://www.midianews.com.br/politica/taques-diz-que-emanuel-flerta-com-o-ridiculo-e-com-o-picadeiro/253545>. Acesso em 01/12/2016. Ver Romero, Vilela e Alvarenga (submetido).

Todavia, nessa amostragem, não vamos nos ater, ainda, aos pormenores que envolvem a identidade semântica desse verbo, questão à qual vamos nos dedicar, com maior profundidade, na seção 3.3 deste trabalho.

Notamos que, tanto o verbo ROMPER quanto a preposição COM, instauram a necessidade de mobilizar dois ou mais elementos, operam nos limites da alteridade: no caso do verbo, o que denominamos um termo “retentor” (do que impõe a contenção a algo, do que retém algo) e um termo “retido”, sendo que, justamente, *romper* exprime que não há mais o que retenha, que o “retido” terá um outro curso; no caso de COM, “um” e “outro”. Esses diferentes elementos, em dado momento, estabelecem uma forma de interação bastante estreita para que operem enunciativamente, de modo a provocar efeitos de sentido significativos.

Para observá-los, vejamos os exemplos abaixo, em que há o contraste de uma construção transitiva direta com uma construção na qual se verifica o sintagma preposicional:

(3a) Ele rompeu o sistema.

(3b) Ele rompeu COM o sistema.

Em (3a), *romper* constrói uma representação na qual o termo *sistema*, elemento apreendido como *retentor* (doravante a) por evocar uma organização fechada de regras e normas, retém *um conteúdo qualquer*, sendo este o elemento *retido*, doravante (Z).

Nesse enunciado, o *sistema* (por exemplo, um conjunto de informações, um banco de dados etc.) passa a ser modificado pela ação protagonizada por *ele*, que põe abaixo os limites impostos pela configuração que o sistema possui (por meio da invasão de um hacker, de um ladrão etc.) fazendo com que esse conteúdo possa, a partir daí, vazar, ficando disponível para *ele* ou outros.

Em suma, *romper* diz que o *sistema* é afetado, pois as informações nele contidas passam a ser de livre acesso (há dissolução do sistema), resultado de uma possível invasão protagonizada pela interferência de *ele*. Nota-se que, neste caso, podemos inferir uma provável inexistência de vínculo entre *ele* e o *sistema*, aspecto que justifica e potencializa a ação de um sujeito que deseja ultrapassar limites, ter acesso ao que não lhe é permitido, invadir.

---

<sup>62</sup> Exemplos extraídos de LIMA (2013).

Ao contrário, em (3b), a preposição COM, ao introduzir *o sistema* (Y), instaura entre *ele* (X é *ele* relacionado ao *romper*) e *o sistema* a existência de um vínculo já estabelecido em um dado momento (*ele* pode ser, por exemplo, um profissional de TI que alimenta o sistema com novos parâmetros de funcionamento, e *o sistema*, um *sistema de informações*, uma ferramenta de trabalho fornecendo subsídios ao profissional de TI).

*Romper* faz com que ambas as partes (*ele* e *o sistema*), agora possuidoras de vínculo graças a COM, sejam afetadas pela consequente dissolução característica desse verbo. Em outras palavras, os efeitos da dissolução trazida por *romper* não só recaem sobre o vínculo (elemento *retentor*) estabelecido entre *ele* e *sistema* (detentor de um conteúdo *retido*), mas passam a ser apreendidos sob a ótica da reciprocidade instaurada por COM na relação entre *ele* e *o sistema*. Por fim, os efeitos da dissolução se verificam em ambos os envolvidos, pois, no caso do profissional de TI, ele deixa de ter uma ferramenta de trabalho, deixando de utilizar e até mesmo alimentar o sistema com informações; e o sistema, por não ser mais capaz de atender às expectativas, por não possuir mais qualquer funcionalidade para o profissional de TI, deixa de ser utilizado e de receber quaisquer outros tipos de informações ou dados.

Em (3b), *romper* constrói ainda uma segunda representação, desta vez na qual o termo *sistema*, elemento apreendido como *retentor* (doravante a), evoca um conjunto fechado de regras culturais, políticas e morais às quais se submetem as pessoas que convivem em sociedade, ou organização e regras comportamentais condicionando as pessoas que trabalham em um determinado lugar etc., sendo um dado grupo o elemento *retido* (Z).

A interpretação que temos, neste caso, para *ROMPER COM o sistema*, consiste no fato de que *ele* (X é *ele* relacionado ao *romper*) passa a não mais se submeter ao *sistema como um conjunto de regras, preceitos ou normas* (Y) aos quais estava condicionado durante um determinado período. Em outras palavras, *ele*, identificado como membro de um sistema (aqui, grupo do qual fazia parte), dado o rompimento, passa a apresentar um outro rumo, sendo identificado, agora, como exterior ao grupo do qual fazia parte anteriormente. Neste caso, *Romper* também faz com que ambas as partes (*ele* e *o sistema*), possuidoras de vínculo graças a COM, sejam afetadas pela consequente dissolução característica desse verbo. Em outras palavras, os efeitos da dissolução trazida por *romper* não só recaem sobre o vínculo (elemento *retentor*)

estabelecido entre *ele* e *sistema* (detentor de um conjunto fechado de regras), mas passam a ser apreendidos sob a ótica da reciprocidade instaurada por COM na relação entre *ele* e *o sistema*. Dessa forma, os efeitos da dissolução se verificam em ambos os envolvidos: ele deixa de ser obrigado a seguir determinadas regras comportamentais e passa a seguir um novo direcionamento; e o sistema, por não ser mais capaz de sustentar a permanência de um seguidor de suas regras, perde um membro e vê a sua composição anterior à dissolução trazida por ROMPER afetada.

(4a) Ele rompeu o namoro.

(4b) Ele rompeu COM a namorada.

É curioso notar que, em (4a), o elemento mobilizado na condição de termo *retentor* (a) por *romper* é a relação sentimental *o namoro*, que estabelece o comprometimento a ser respeitado por aqueles nele envolvidos (*os envolvidos* é o termo retido). Isso não se observa em (4b), enunciado em que se mobiliza na condição de termo *retido* (Z) diretamente o sujeito (*a namorada*), elemento a partir do qual os efeitos de uma relação sentimental que não mais se verifica são instaurados.

De maneira geral, a diferença crucial entre (4a) e (4b) parece se dar em termos de comprometimento no namoro.

Em (4a), *o namoro*, ao exprimir que há alguém (*ele*) que namora alguém, coloca em jogo a existência de um compromisso. Antes visto como um comprometimento sócio-afetivo que delimita, conduz o comportamento dos envolvidos, o namoro não mais se verifica por conta do rompimento, que marca, assim, como aponta LIMA (2013), “a extinção do vínculo existente entre duas pessoas” (2013, p. 99). Nesse enunciado, (a) é o *namoro* como *comprometimento* e (Z), *os que se submetem aos compromissos que ele traz*. Vale observar que a tomada de atitude para que ocorra o rompimento, a dissolução do compromisso sócio-afetivo, parte de *ele*, e não da outra parte envolvida.

Em (4b), constata-se que o emprego da preposição COM introduz (Y) *a namorada*, figura vista como o termo a partir do qual a relação sócio-afetiva que implica comprometimento, o *namoro dele* (X), passa a ser circunscrita (se há namoro, é por existir a namorada), o que o torna *ele* mais do que uma parte integrante do namoro. Em outras palavras COM introduz *a namorada* (Y), vista como aquela que faz com que

o sujeito seja agora identificado como alguém que estava localizado dentro da relação de compromisso – *namoro* – que não se verifica mais. Neste caso, tanto *ele* quanto a *namorada* podem ser vistos como os elementos vinculados (Z) por uma relação afetiva que se apresenta como *namoro* (termo a). Nesse enunciado, COM, para além de evidenciar que um vínculo existente deixou de se verificar, traz os efeitos dessa extinção, que, ao contrário de (4a), incidem reciprocamente sobre ambos os envolvidos, *ele* e *a namorada* na dissolução do compromisso que UM (*ele*) e OUTRO (*a namorada*) firmavam anteriormente<sup>63</sup>.

(5a) Ela ROMPEU o cabo.

(5b) Ela rompeu COM o cabo.

Em (5a), *ela* é a responsável por protagonizar a interrupção ou danos em um *cabo* representado como um objeto condutor (de energia elétrica, de fibra óptica etc.). Em outras palavras, o *cabo* (termo a) é apreendido por sua função de conter um (Z), a ser recuperado (energia elétrica, fibra óptica etc.), que está retido sob seus limites. Neste caso, *romper* faz com que o que estava retido sob os limites do *cabo como um objeto condutor* (a) deixe de conter (Z) *a energia elétrica, de fibra óptica etc.*

No exemplo (5b), é possível verificar que a presença do sintagma preposicional faz com que *ela* e o *cabo* sejam apreendidos de forma bastante distinta de (5a). Não temos mais a palavra *cabo* como o que mobiliza a representação de um objeto condutor, mas *cabo* como o que, neste contexto, remete a um sujeito que, por exemplo, é alguém que pertence a uma dada divisão do exército e que figura como o outro membro da relação sócio-afetiva desempenhada por *ela*.

Em resumo, é interessante observar que, se em (5a) e (5b) lidamos com dois termos *cabo* diferentes, o pronome *ela*, em (5a), refere-se ao responsável por protagonizar a interrupção ou danos em um *cabo* representado como um objeto

---

<sup>63</sup> É interessante notar que, no caso de “namoro”, é necessário que ambos os envolvidos sejam concebidos em um momento T<sub>1</sub> como “namorado” e “namorada” para que sejam atingidos pelo efeito de dissolução provocado por ROMPER. Após a incidência do efeito de dissolução trazido por ROMPER no compromisso “namoro” configurado pelo “namorado” e pela “namorada”, inaugura-se para ambos um momento que podemos conceber por T<sub>2</sub>, pois os envolvidos no compromisso passam a ser vistos como “ex-namorado” e “ex-namorada”. Em outras palavras, só poderemos verificar a dissolução do compromisso evocado por “namoro” pela existência de “namorado” e “namorada” e não pela existência – já ocorrendo de modo negativo – de um “ex-namorado” e de uma “ex-namorada”. Constata-se, ainda, a coexistência dos membros do “compromisso” tanto em T<sub>1</sub> quanto em T<sub>2</sub>.

condutor e, em (5b), dada a presença de COM, a uma das partes integrantes de uma relação sócio-afetiva.

Com efeito, o pronome *ela* passa a ser visto como alguém que configura a interrupção de um compromisso sócio-afetivo (X) circunscrito pelo *o cabo* (Y), que remete a um indivíduo (por exemplo, alguém que pertence a uma dada divisão do exército). Ou seja, *o cabo* (a) é apreendido por sua função de delimitar (reter) (Z) (a ser recuperado: compromisso de namoro, noivado, amizade, etc.). Conclui-se que a inserção de *o cabo* (Y) circunscreve a existência de um compromisso sócio-afetivo estabelecido em (X). Nesse enunciado, COM, para além de evidenciar que um vínculo existente deixou de se verificar, traz os efeitos dessa extinção, que incidem reciprocamente sobre ambos os envolvidos, *ela* e *o cabo* na dissolução do compromisso que UM (*ela*) e OUTRO (*o cabo*) firmavam anteriormente<sup>64</sup>.

Dessa maneira, percebemos que, nos casos apresentados acima, a introdução de um sintagma preposicional encabeçado por COM modifica o modo como o sujeito sintático é apreendido, sendo esse sujeito enquadrado num outro tipo de relação especificada por COM e que institui formas de integração.

Durante a análise dos enunciados nos quais COM se faz presente, observamos alguns fatores que nos fizeram considerar uma possível deformabilidade da ordenação dos termos (X) e (Y) na hipótese que fazemos em termos de identidade semântica apresentada há pouco. Portanto, haveria três grupos de funcionamento (a, b, c) subjacentes à identidade semântica de COM.

Para melhor desenvolvimento e compreensão das análises que resultaram em grupos de funcionamento dessa preposição, apresentamos abaixo alguns exemplos capazes de evidenciá-los, e que nos fornecem um panorama acerca de seu mecanismo semântico-enunciativo.

---

<sup>64</sup> Uma vez mais, é interessante notar que, no caso de “compromisso” – seja ele de qualquer natureza – , é necessário que mais de um envolvido seja concebido em um momento T<sub>1</sub> como “namorado/marido” e “namorada/esposa” para que sejam atingidos pelo efeito de dissolução provocado por ROMPER. Após a incidência do efeito de dissolução trazido por ROMPER no “compromisso” configurado por “ela” na condição de “namorada/esposa” e pelo “cabo”, na condição de “namorado/marido”, inaugura-se, para ambos, um momento que podemos conceber por T<sub>2</sub>, pois os envolvidos no compromisso passam a ser vistos como “ex-namorado/ex-esposa” e “ex-marido.”. Em outras palavras, só poderemos verificar a dissolução do “compromisso” pela existência de “namorado/marido” e “namorada/esposa” e não pela existência – já ocorrendo de modo negativo – de um “ex-namorado” e de uma “ex-namorada”. Constata-se, ainda, a coexistência dos membros do “compromisso” tanto em T<sub>1</sub> quanto em T<sub>2</sub>.



Em relação à análise dos enunciados, é importante ressaltar que, dados os três grupos apresentados na sequência, no conjunto de exemplos que os constituem, COM parece apresentar o mesmo funcionamento. Consideramos ser este um grande avanço de nossa pesquisa, já que são evidências de que nos aproximamos de sua identidade semântica, *i.e.* dessa forma invariante, simultaneamente constante e dinâmica, que representa, metalinguisticamente, o funcionamento semântico-enunciativo de COM.

Grupo (a): (X) e (Y) coexistem, são preponderantes

Nos enunciados ora agrupados, a preposição COM participa da relação predicativa aberta por verbos e unidades que, em sua maioria, sugerem formas de interação bastante estreitas (geralmente interações que evocam relações sócio-afetivas, como por exemplo, as evocadas pelos verbos *namorar*, *casar*, *brigar*, *disputar*, *conversar*, *debater*, *flertar*, *concorrer*, *concordar* etc.) entre os elementos X e Y. Notamos que, nestes casos, os cenários enunciativos instaurados por esses verbos e unidades não podem ser construídos em autonomia e, sendo assim, ao operar nos limites da alteridade, destaca-se a necessidade de certa pluralidade de sujeitos e/ou de elementos (“um” e “outro”) que se integrem para que ocorra o desenrolar da representação mobilizada por seus empregos. Isso mostra que (X) e (Y) coexistem, são preponderantes e, mais ainda, que esses termos pertencem, de alguma maneira, à forma esquemática dos verbos e unidades envolvidos.

Nesse grupo, (X) inaugura uma classe de determinações nas quais (Y) encontra-se previsto dentre as demais como um elemento potencial para ser agregado. Delineamos, para esse grupo, a noção de *reciprocidade*, no sentido de que podemos apreender a existência de uma mesma proposição sendo compartilhada entre dois sujeitos que, por conseguinte, coexistem na relação predicativa.

(6a) Ladrões<sup>1</sup> brigam COM ladrões<sup>2</sup> e se matam. [A1]

(6b) Ladrões brigam.

Considerando o exemplo (6a), temos que o verbo *brigar* abre uma relação predicativa que nos leva a considerar ao menos dois aspectos:

- 1º. os sujeitos ou elementos envolvidos para que *a briga* aconteça, pois, para que o *brigar* se efetive, é necessário que tenhamos ao menos mais de um envolvido: UM (sujeito em questão) e um OUTRO (outra pessoa cf. “*Dani Bolina e Lizi Benites brigam feio, diz jornal*”<sup>65</sup>; objeto cf. “*Em briga com a balança desde que ficou famosa, Geisy Arruda já realizou inúmeras cirurgias plásticas para “chegar ao corpo perfeito”, segundo ela mesma descreve*”<sup>66</sup> etc.). Em outras palavras, é preciso convocar mais de um elemento – forças que se opõem – para que se sustente a característica interativa oriunda da própria semântica do termo;
- 2º. o(s) estímulo(s) que estão na origem do desenrolar do conflito existente no cenário enunciativo construído por *brigar*. Se o *brigar* acontece é porque existe um desencadeador ou uma força contrária, é por existir um alvo a ser atingido.

Observamos que, no enunciado (6a), COM é responsável por introduzir e evidenciar o OUTRO (termo Y), um do(s) elemento(s) envolvido(s) na briga, validando a característica interativa própria de *brigar*. Numa primeira interpretação, ao mesmo tempo em que COM especifica esse elemento, acaba por (re)categorizar este *brigar*, uma vez que, em (6a), não estamos mais simplesmente diante de *ladrões*<sup>1</sup> que brigam (termo X), como acontece na construção (6b), mas de *ladrões*<sup>1</sup> que desenrolam o *brigar* pela interferência específica da motivação contida em outros *ladrões*<sup>2</sup>, introduzidos e indicados como forças que se opõem pelo emprego da preposição COM.

O emprego da preposição COM, ao introduzir *ladrões*<sup>2</sup> (termo Y), faz com que possamos caracterizar UM (*ladrões*<sup>1</sup> que brigam, termo X) e OUTRO (*ladrões*<sup>2</sup>, termo Y) como adversários e ainda que UM e OUTRO pertençam a uma mesma classe de sujeitos, figurem como antagônicos e instaurem, por isso, a disputa de forças. Apontamos também que, neste caso, o emprego da preposição COM institui a noção de reciprocidade, sendo possível atestar, se invertermos a ordem dos sujeitos envolvidos – *ladrões*<sup>1</sup> e *ladrões*<sup>2</sup> –, um grau de simetria entre eles, pois ambos fazem parte do *brigar* e de uma mesma classe, a classe de *ladrões*. Tal efeito simétrico ocorre porque, na natureza do “brigar”, está a necessidade comum de dois elementos que possuem um

<sup>65</sup> Extraído de <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/dani-bolina-e-lizi-benites-brigam-feio-diz-jornal-12052015>. Acesso em 11/10/2015.

<sup>66</sup> Extraído de <http://www.bolsademulher.com/famosas/16-kg-mais-magra-geisy-arruda-counta-o-que-mudou-na-dieta-e-revela-o-truque-simples-que-a-fez>. Acesso em 11/10/2015.

mesmo ideal que consiste em ir contra o seu adversário, o que significa que os efeitos da simetria<sup>67</sup> da qual falamos repousa justamente neste ponto.

Nos casos, em que os elementos envolvidos são de naturezas diferentes como, por exemplo, em “Ladrões brigam COM policiais”, a perspectiva simétrica da qual falamos ainda pode ser percebida, pois, mais uma vez, na natureza do “brigar” está a necessidade comum de dois elementos antagônicos. O ideal que consiste em ir contra o seu adversário sustenta, assim, os efeitos da simetria da qual falamos. Neste exemplo, “policiais” são vistos como os responsáveis por desencadear a briga, estão na origem do *brigar*, fato devido à posição de orientador da relação. Isso conduz à interpretação de ser algo que se encontra nos “policiais” que faz com que os “ladrões” os convoquem para a briga.

É interessante notar que tanto em “Ladrões<sup>1</sup> brigam COM ladrões<sup>2</sup> e se matam” quanto em “Ladrões brigam COM policiais”, a motivação que desencadeia o “brigar” reside no que COM introduz, o termo (Y), ladrões<sup>2</sup> e “policiais”, respectivamente, como forças contrárias.

Em uma segunda interpretação não menos possível, ao invés de distinguirmos um par antagônico, podemos presumir a existência de um cenário enunciativo em que os envolvidos apareçam como aliados. O emprego da preposição COM, ao introduzir *ladrões<sup>2</sup>* (termo Y), faz com que possamos caracterizar UM (*ladrões<sup>1</sup>* que brigam, termo X) e OUTRO (*ladrões<sup>2</sup>*, termo Y) como aliados, pois se mobilizam concomitantemente contra um mesmo alvo.

(7) Eu concordei COM ele que ia ser muito engraçado. [A23]

Para que “concordar” se efetive, é necessário haver elementos sobre os quais se estabelece o acordo, *i.e.* elementos para que ocorra a identificação entre, ao menos, um par de envolvidos (sujeitos, ideias etc.). Nesse enunciado, é a opinião expressa por *ser muito engraçado* que está no fundamento do *concordar* e, por razões diversas, é identificada e partilhada por ambos. A preposição COM é responsável por especificar os sujeitos envolvidos na relação evocada por *concordar* que se colocam de acordo, UM

---

<sup>67</sup> Tudo isso porque sempre haverá uma perspectiva de antagonismo por parte de ambos: “um” vai brigar com “outro”, assim como o “outro” vai brigar com “um”, numa briga não havendo passividade. Se há briga, há uma disputa que gera ações simultâneas de ambas as partes.

em relação a OUTRO, estabelecendo um caráter de mutualidade em relação à noção compartilhada por UM, *eu*, e por OUTRO, *ele*.

A opinião de que algo *ia ser muito engraçado*, com a qual *ele* (Y) já estava de acordo, provoca identificação em *um eu que se inclina ao que está posto e cede* (X), que passa a partilhar da mesma opinião, partilha esta evocada pela representação que *o concordar* constrói com o auxílio da preposição COM.

(8a) Contratei COM Potter uma visita às docas de Nelson. [A26]

(8b) \*Contratei Potter uma visita às docas de Nelson.

*Contratar* requer considerarmos a existência de *um contratante*, que corresponde ao sujeito que necessita de determinado serviço ou produto – tomando um sujeito que não está explícito no enunciado, mas que faz as vezes *daquele que contrata* (X) – e de um contratado (Y), que corresponde ao profissional ou serviço detentor daquilo que se almeja.

Em (8a), fazemos duas hipóteses para Potter:

- 1ª. *Potter* (termo Y) é o vendedor que possibilita o *contratar* de *uma visita às docas de Nelson*. *Potter* é intermediador;
- 2ª. *Potter* (termo Y) é companheiro do sujeito *contratante* (X) e ambos selam juntos um contrato com a agência de turismo em que ambos farão *uma visita às docas de Nelson*. *Potter* é também um beneficiário do serviço ou produto contratado.

Nas duas situações, COM modifica a apreensão do contrato. No primeiro caso, o contrato é estabelecido por intermédio de *Potter*, identificado como o *contratado* (termo Y), profissional de turismo que organiza a viagem almejada pelo *contratante* (X). Neste caso, COM faz de (X) um *cliente*.

No segundo caso, o contrato é assinado mutuamente por duas pessoas que querem viajar juntas. Em suma, o contrato que, no primeiro caso, era assinado apenas por *um* sujeito passa a ser assinado também por *outro* sujeito que será beneficiado pela viagem, identificado pela preposição COM como “Potter”. Neste caso, COM faz de (X) um companheiro de viagem.

(9) Ele [...] flertou COM a esquerda. [A15]

(10a) Mariana namora o Léo.

(10b) Mariana namora COM o Léo.

O verbo *flertar* remete a um processo interativo que depende de outro sujeito para que possa se desenvolver. Ninguém *flerta* sozinho, pois o flerte se dá a partir de algo que desperta simpatia, concordância ou apreço, identificação e atenção entre UM e OUTRO sujeito. No exemplo (9), a preposição COM, ao mesmo tempo em que aponta *a esquerda* (Y) como elemento responsável por despertar [n]*ele* algum interesse para que o *flerte* tenha existência, também o indica como aquele que se vê correspondido na relação de flerte (X), dada a concordância, o apreço ou o interesse mobilizado para que *flertar* – seja possível. Portanto, fazemos a hipótese de que (Y), na condição de *a esquerda*, atua como o desencadeador das motivações da *relação de flerte [d]ele* (X) – representado pelo flerte observado e que, como uma prática que envolve um movimento de aproximação de interesses, exige a presença de mais de um elemento para que possa realizar-se. Dizendo de outro modo, COM, ao introduzir (Y), além de dar a ver o OUTRO elemento que participa da relação sócio-afetiva que UM (X) implica, faz de (X) um sujeito correspondido.

É bastante curioso perceber que no caso de *namorar*, observamos mais prontamente a existência de dois tipos de movimento que mobilizam UM e OUTRO elemento de diferentes formas:

- 1º. *namorar* pode estar vinculado apenas à contemplação de uma pessoa em relação a algo ou a outro sujeito que lhe desperta interesse (cf. Faz um tempão que estou *namorando a moda* das calças estampadas mas nenhuma estampa tinha me convencido, ainda mais porque tenho quadril largo e dependendo da estampa, isso pode piorar...hahan Mas ao ver essa calça, foi amor à primeira vista!<sup>68</sup>; Estou *namorando uma calça* dessa cor a tempos, mas sempre que encontro, não é do meu número ou fica “pula brejo”<sup>69</sup>. Nesses casos, percebemos que, comumente, artigos definidos e indefinidos antepõem-se aos substantivos que representam o alvo da

<sup>68</sup> Extraído de <http://pigmentof.com/2013/02/15/calca-estampada/>. Acesso em 05/07/2016.

<sup>69</sup> Extraído de <http://www.derepentetamy.com/look-do-dia-5-azul-verd/>. Acesso em 05/07/2016.

contemplação evocada por *namorar*, a saber *a moda das calças e uma calça*, respectivamente.

Aqui, percebemos que não há correspondência entre aquele que sente ou pensa, *i.e.* entre UM (aquele que contempla), e OUTRO (aquele que é contemplado), observando-se, então, uma *relação assimétrica* entre esses envolvidos.

2º. *namorar* pode estar vinculado à existência de uma relação de compromisso afetivo entre partes – UM e OUTRO sujeitos – (cf. “é pecado *namorar com primo*? Preciso de ajuda, rápido...?”<sup>70</sup>; “*Namoro de Ana Clara com Itamar* teria afastado a jovem de algumas amizades”<sup>71</sup>). Nesse caso, verificamos comumente a presença de um sintagma preposicionado encabeçado por COM como responsável por validar a existência de uma relação de compromisso e também como responsável por fazer com que esse outro sujeito apresentado por COM seja tomado como a outra parte integrante da relação de compromisso verificada. Diferentemente do primeiro caso, há correspondência entre os envolvidos UM e o OUTRO (*namorada e namorado*), observando-se uma *relação simétrica* entre esses envolvidos.

No exemplo (10a), para que *namorar* se efetive, também é necessário existir outro sujeito ou objeto (cf. “Se não quer se envolver, namore uma planta”<sup>72</sup>), a própria imagem refletida no espelho (cf. “ela tá achando que eu sou trouxa, se namorando no espelho, de roupa que não cobre a coxa, sorrindo de batom vermelho”<sup>73</sup>) etc. É importante destacar que esse sujeito ou objeto mobilizado preenche o lugar de complemento verbal; todavia, tal complemento não é necessariamente obrigatório, uma vez que em certos casos (cf. “Após deixar clínica psiquiátrica, Monique Evans diz: *Estou namorando*”<sup>74</sup>) reconhecemos a existência de alguém que namora outrem mesmo sem qualquer especificação expressa de um sujeito ou objeto. Em (10a) também não podemos afirmar

<sup>70</sup> Extraído de <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080129061839AAHSIRA>. Acesso em 05/07/2016.

<sup>71</sup> Extraído de <http://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/2015/02/amigas-afirmam-que-namoro-de-ana-clara-com-policial-afastou-as-da-jovem.html>. Acesso em 05/07/2016.

<sup>72</sup> Extraído de <http://pensador.uol.com.br/frase/NTIyNTYz/>. Acesso em 11/10/2015.

<sup>73</sup> Extraído de <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/07/universitaria-compoe-musica-com-frases-machistas-e-ganha-fas-na-web.html>. Acesso em 11/10/2015.

<sup>74</sup> Extraído de <http://otvfoco.com.br/tag/monique-evans-diz-estou-namorando/>. Acesso em 11/10/2015.

que há, atestadamente, uma relação de comprometimento afetivo, pois, como apontamos acima, a presença do artigo “a” pode fazer com que apenas seja possível identificar o sujeito “Léo” como alvo da contemplação protagonizada por “Mariana”.

Acreditamos que diferença entre (10a) e (10b) parece se dar em termos de comprometimento no namoro. Em (10a), *namorar* diz que há alguém (*eu*) que namora *um* namorado, o termo *Léo* sendo apreendido como aquele que especifica quem vem a ser esse namorado (como alvo de contemplação ou de como alvo de interesse afetivo), lugar já construído por *namorar*, independentemente da especificação de *Léo*, *i.e.* se há simplesmente (X) *namora* (Y), já presumimos que há quem namore e há um namorado(a), há UM e OUTRO.

Em (10b), ao contrário, COM faz com que *Léo* (Y) seja visto como o termo a partir do qual o namoro se dá (se há namoro, se há compromisso afetivo, é por existir *Léo*, que por sua vez, também se posiciona e se considera como envolvido em um compromisso), o que o torna mais do que uma parte integrante do namoro: *Léo* é aquele com quem *Marina* é comprometida, necessariamente, de maneira afetiva.

(11) Coitado, não se conforma nunca, COM a desgraça. [A22]

O (*não*) *se conformar*, necessariamente, exige um segundo elemento que *estabelece a forma* na qual alguém (*não*) deve se encaixar (daí (*in*)*conformar*, (*não*) tomar a forma, (*não*) aceitar as condições dadas por algo), sendo visto como o que está na origem da (*não*) *conformidade*. A preposição COM, ao introduzir *a desgraça* (Y), a identifica como elemento ao qual o sujeito deveria se submeter (*a desgraça* traz a forma à qual ele deveria responder) e não o faz.

(12) Tal fenômeno de penetração colide COM o interesse central do poder corporativo. [A45]

Uma vez mais, para que *colidir* ocorra, é necessário, ao menos, um par de envolvidos (“um” e “outro”) antagônicos e que possuem direções ou objetivos próprios, que, ao contrário de exemplos anteriores, já se estabelecem como conflitantes e não possuem qualquer tipo de identificação. Em outras palavras, com *colidir*, somos conduzidos a construir um cenário em que temos dois elementos diferentes: um dado

elemento vai de encontro a outro (o movimento de um determina o movimento contrário do outro), o que evoca representações em que eles competem, divergem ou não há encaixe. Vale observar que o termo (Y), *o interesse central do poder corporativo* representa o que não vai na direção do elemento (X), identificado pelo que seria, então, desejável ou esperado para *tal fenômeno de penetração*. A preposição COM é responsável por introduzir o elemento (Y) que diz o movimento contrário ao que (X) determina, provocando, assim, *a colisão* e fazendo, ao mesmo tempo, que (X) seja apreendido como aquele que possui um posicionamento contrário, conflitante.

(13) [Boas estratégias]<sup>75</sup> junto COM a melhoria da cidade, estimulariam a migração.  
[A109]

A relação predicativa aberta por *juntar* implica evocar ao menos duas partes independentes (“uma” e “outra”) – independência esta, que é validada pelas partes distintas que passam a integrar um único conjunto – que passam a permanecer ou a integrar-se em um mesmo espaço e em um mesmo período de tempo.

No enunciado em questão, fazemos a hipótese de que possíveis gestores ou dirigentes da cidade julgam que *boas estratégias* empregadas sozinhas não são suficientes para que seja possível *estimular a migração* e, portanto, para alcançar esse objetivo, demandam incluir outros tipos de mudanças ou complementos. Dessa forma, dada a suposta insuficiência contida em *boas estratégias* (X), COM introduz *a melhoria da cidade* (Y), corroborando o processo de “junção”.

Em suma, para que seja possível *estimular a imigração* não é suficiente implantar somente *boas estratégias*, pois é necessário tomar outra medida (no mesmo espaço e período de tempo; atuando em concomitância), medida esta que é incorporada por COM ao mesmo espaço e período de tempo que já ocupa *a melhoria da cidade* (X). Por meio do que COM introduz, (X) deixa de se apresentar como insuficiente, ou seja, *boas estratégias* (X) e *a melhoria da cidade* (Y) atuam em concomitância em prol de *estimular a migração*.

(14) A doutrina de nossa revolução completa-se COM a metodologia para a ação.  
[A113]

---

<sup>75</sup> Para melhor compreensão do exemplo, sugerimos este novo contexto.



Ao contrário de *juntar* descrito no enunciado anterior, no cenário enunciativo evocado por “completar” não temos partes independentes que se integram em um único conjunto, mas, sim, ao menos duas partes diferentes que se integram para formar um todo, *i.e.* *uma parte* (X) destituída de algo que a estabeleça em sua inteireza e *outra parte* (Y) que, justamente, garante o (re)estabelecimento da inteireza de (X) ou ainda, partes de naturezas distintas que possuem algo em comum que as fazem se aproximar a ponto de integrar-se em seus conteúdos. Para este enunciado, podemos fazer a hipótese de duas colocações que decorrem de uma mesma interpretação:

1ª. A doutrina de nossa revolução é insuficiente.

Na ausência da *metodologia para a ação* (Y), a *realização da doutrina de nossa revolução* (X) não se efetiva ou não tem qualquer existência, ficando, assim, estabelecida uma relação de dependência entre ambas as proposições. Em outras palavras, para que a *realização da doutrina de nossa revolução* (X) de fato se efetive é necessária a presença da *metodologia para a ação* (Y);

2ª. A *doutrina de nossa revolução* e a *metodologia para a ação* formam uma díade. A partir do que evoca *completar*, a *metodologia para a ação* e a *doutrina de nossa revolução* atuam, cada uma dentro de sua particularidade, em concomitância em um mesmo espaço e tempo.

Os efeitos de dependência e de concomitância são produto do emprego da preposição COM, que introduz o elemento que produz dependência na 1ª interpretação e o elemento que atua em concomitância na 2ª interpretação.

(15) Hilton fez questão de dizer que o fato de Amilton Rocha estar voltando ao time principal, nada tem a ver COM as situações do jovem Zé do Carmo, que foi titular.  
[A191]

*Ter a ver* conduz a convocar ao menos dois elementos ou situações diferentes de modo a estabelecer parâmetros comparativos para que ocorra acordo, no caso de *ter a ver*, ou desacordo, no caso de *(nada) não ter a ver*.

As informações *as situações do jovem Zé do Carmo, que foi titular* (Y) e o dizer de Hilton, *i.e. o fato de Amilton Rocha estar voltando ao time* (X) são parâmetros que, ao serem comparados, na visão de *Hilton*, são apreendidos de modo divergente (“nada tem a ver”), ou seja, não há concordância ou associação direta entre essas informações.

A preposição COM introduz *as situações do jovem Zé do Carmo, que foi titular* (Y) como responsável por estar na origem do desacordo (“nada ter a ver”) – presente no *dizer de Hilton: o fato de Amilton Rocha estar voltando ao time* (X). Dizendo de outra maneira, COM (Y) faz com que (X), o dizer de Hilton, seja visto um fato isolado ou particular que não deve ser considerado ou apurado tomando como parâmetro outras informações.

(16) [Espero] Que você goste de aprender COM ele. [A77]

Neste caso, *aprender* abre uma relação predicativa em que é preciso considerar ao menos dois elementos envolvidos, sendo UM, na condição de *fonte de conhecimento*, e OUTRO *suscetível de adquirir/receber* o conhecimento disponível.

O termo *ele* (Y) é introduzido pela preposição COM e assume a função de fonte de conhecimento, aquele que transmitirá informações e fará com que a *esperança de que alguém goste de aprender* (X) possa realizar-se, pois é suscetível de adquirir conhecimento. Em outras palavras, *ele* (Y) está na origem do aprendizado que, de acordo com as expectativas, poderá provocar interesse em *você* (contido também em X). COM (Y) faz com que o anseio pelo aprendizado contido em (X) possa existir.

(17) Miragão morto em tiroteio COM a polícia. [A97]

Um *tiroteio* implica considerar mais de uma arma de fogo – oriundas de UMA e OUTRA partes antagônicas – provocando disparos múltiplos e concomitantes. Neste caso, podemos fazer duas hipóteses acerca da participação de “Miragão”:

- 1ª. *Miragão* pode ser apreendido como UM participante ativo que troca tiros de maneira mútua em relação ao OUTRO, seu adversário portador de arma de fogo, *a polícia*;
- 2ª. *Miragão* pode apenas ter um papel passivo em que está no meio do fogo cruzado entre *a polícia e outrem*.

Para ambas as interpretações, *a polícia* (Y), ao ser introduzida pela preposição COM, é identificada como portadora de uma dessas armas de fogo que está provocando disparos no *tiroteio em que Miragão é morto* (X). Em outras palavras, COM (Y) faz com que tenhamos a certeza de que *a polícia é envolvida no tiroteio em que Miragão é morto* (X).

(18) No cruzamento da Santo Amaro COM a Juscelino Kubitscheck, dois caras trocavam o pneu de um fusca vermelho. [A105]

A verificação de um *cruzamento* é dependente de, ao menos, dois elementos que não possuem qualquer relação, *i.e.* cuja existência é independente e que, ao se posicionarem de maneira específica, originam uma intersecção. Ou seja, deve haver um ponto em comum que pertence igualmente aos dois elementos e que carrega características desses mesmos dois elementos em sua composição. No cruzamento de ruas e avenidas, nada mais se tem do que um espaço comum, um espaço que pertence igualmente às ruas ou avenidas que se encontram.

No enunciado, a localização, a representação de onde *dois caras trocavam o pneu de um fusca vermelho* é dada por um ponto composto – o cruzamento – por dois logradouros assim identificados, Santo Amaro (X) e Juscelino Kubitscheck (Y). Esse ponto não pode, portanto, ser considerado apenas como *Santo Amaro*, e isso por se tratar de UM espaço pertencente a Santo Amaro (X) que se requalifica pela interferência de OUTRO espaço pertencente ao que já se considera Juscelino Kubitscheck (Y).

(19) A gravata combina COM a camisa, a camisa COM o sapato, o sapato COM o lenço. [A52]

*Combinar* postula a existência de duas partes distintas cujas características se identificam a tal ponto de torná-las capazes de estabelecer uma relação de semelhança que lhes permite atuarem juntas.

No enunciado em questão, as características da *gravata*, da *camisa* e do *sapato* (identificados como X) respondem às características oriundas de *a camisa*, *o sapato* e *o*

*lenço* (Y), termos respectivamente introduzidos pela preposição COM e que instauram o processo de identificação próprio a *combinar*.

Grupo (b): (X) é preponderante

Nos enunciados aqui agrupados, verificamos que, na relação X COM Y, (X) é preponderante e já possui suas características bastante definidas. Ao introduzir (Y), inserem-se, assim, traços externos que modificam sua apreensão, *i.e.* novas características “outras” (Y) são adicionadas ao que já está estabelecido em “um” elemento (X), fazendo com que (X) finalmente adquira novos contornos.

(20a) Alguns motivos para passear.

(20b) Alguns motivos para passear COM seu cachorro.<sup>76</sup>

Como em (20a), percebe-se, em (20b), que o verbo *passear* abre uma relação predicativa que nos leva a considerar ao menos dois aspectos:

- 1º. o(s) sujeito(s) mobilizados para que o *passear* aconteça;
- 2º. um local a ser selecionado para o desenrolar do passeio. Diferentemente de um *deslocar* qualquer, o cenário enunciativo construído por *passear* implica considerar um deslocamento que compreenda prazer, distração.

Observamos que, no enunciado (20b), COM é responsável por introduzir e evidenciar *seu cachorro* (termo Y), como um outro elemento mobilizado para considerar *o passeio* (termo X). Ao mesmo tempo em que COM especifica esse elemento, acaba por (re)categorizar este passear, que será entendido, sobretudo, pela rotina de um outro ser introduzido por COM. Ao contrário do que ocorre em (20a) em que são elencados pontos positivos para incentivar a prática do passeio (termo X), na construção (20b), é possível verificar um passear que vai se desenrolar pela interferência específica de um outro elemento (*seu cachorro*) introduzido por COM, que é quem aparece na origem para o desenrolar a prática. Em (20b) *seu cachorro* aparece não somente para regular a prática do passeio, mas faz com que a motivação desse *passeador* seja apreendida de um modo bastante específico (Cf. *Se você passear com o seu cachorro, você pode fazer novas amizades, pode conhecer outros cachorros e*

<sup>76</sup> Extraído de web <http://www.lordcao.com/lcn022.htm>. Acesso em 04/12/2015.

*outros hábitos que circundam essa espécie, pode respirar ar puro, pode se exercitar etc.*). Ou seja, o fato de COM introduzir *seu cachorro* faz com que o passeio não seja mais visto como um passeio qualquer.

Ao compararmos os exemplos (20a) e (20b), é interessante destacar que não nos parece suficiente dizer que o SP encabeçado por COM é um adjunto de companhia, uma vez que a introdução de *seu cachorro* por COM não somente modifica a própria apreensão já prevista em *passear*, mas regula e (re)configura o próprio desenrolar da prática que passa a acontecer sob a influência da incorporação de *seu cachorro*, como destacamos acima<sup>77</sup>.

(21) São Paulo é, hoje, o quarto conglomerado humano da Terra, COM problemas gravíssimos e aparentemente sem solução. [A180]

Neste caso, temos uma característica sendo expressa em *São Paulo é, hoje, o quarto conglomerado humano da Terra*, o que faz com que (X) seja a *definição de São Paulo por meio de sua conglomeração humana*. (X) seria, portanto, *São Paulo conglomerado*, se pudéssemos apresentá-lo em forma de grupo nominal.

A preposição COM introduz informações externas que se amalgamam a essa característica inicial de (X), modificando a apreensão que se tinha de *São Paulo*, pois a cidade, além de ser considerada *o quarto conglomerado humano da Terra*, passa, ao mesmo tempo, a ser dotada de *problemas gravíssimos e aparentemente sem solução*. Em suma, a *São Paulo conglomerado*, acrescenta-se agora *problemas gravíssimos e aparentemente sem solução* (Y), o que confere a (X) novos contornos.

(22) De manhã eu tomo café COM leite, normalmente. [B22]

---

<sup>77</sup> O mesmo ocorre com os casos definidos como objeto direto preposicionado, em que percebemos que o movimento observado não está relacionado a nenhuma classificação de base sintática. Por exemplo, em “Ele namora Maria” e “Ele namora com a Maria” a presença de um sintagma preposicional faz com que a diferença entre essas construções se apresente em termos de comprometimento no namoro. No primeiro exemplo, *namorar* diz que há alguém (*ele*) que namora “uma namorada”, o termo “Maria” sendo apreendido como aquele que especifica quem vem a ser essa namorada. Já no segundo exemplo, COM faz com que “Maria” (Y) seja vista como o termo a partir do qual o namoro se dá (se há namoro, é por existir Maria), o que o torna mais do que uma parte integrante do namoro: *Maria* é aquela com quem o sujeito é comprometido.

Aqui, COM, ao anteceder *café* e introduzir *leite*, mostra que a inversão dos substantivos em questão altera a representação do *a ser bebido*. Embora as substâncias independentes *café* e *leite* passem a coexistir em uma substância homogênea, a ordem em que aparecem aponta para o fato de ser o *leite* (Y) o elemento incorporado ao *café* (X), conferindo-lhe outras propriedades que, dada a presença do *leite*, já não é mais um *café* puro. COM, ao introduzir *leite* (Y), faz com que *café* (X) se modifique, pois a inserção do *leite* (Y) agregado ao líquido anterior altera sua composição.

(23a) Viver COM medo. [C21]

*Viver com medo é viver pela metade.*<sup>78</sup>

Ao contrário de *conviver*, *viver* pode ser apreendido sob a ótica da individualidade, uma vez que a representação que este verbo constrói dá a ver a existência do próprio sujeito e suas experiências. Neste caso, a preposição COM introduz uma característica adicional ao *modo de viver* (X): trata-se de apreender *viver* nos contornos do *medo* (Y) – que culmina em *viver pela metade*. Em outras palavras, ao *modo de viver* (X), a preposição COM incorpora o *medo* (Y) que o reconfigura, o (re)caracteriza, o que pode ser parafraseado por *viver amedrontado*.

(24) Eu nunca tinha visto uma igreja COM aquele estilo completamente funcional. [B25]

COM introduz OUTRO contorno à representação que UM *padrão de igreja* (X) já mantém para um determinado sujeito, especificações estas que permitem que ela seja identificada entre as demais por apresentar *aquele estilo completamente funcional* (Y), algo que está além do que já havia sido visto anteriormente pelo sujeito, característica inédita que possivelmente nunca fora observada em outras igrejas.

(25) Todos os feridos graves foram submetidos à transfusão de sangue, que [...] estava contaminado COM o vírus da AIDS. [A85]

---

<sup>78</sup> Extraído de <http://kdfrases.com>. Acesso em 04/09/2015.

Quando constatamos que UMA substância está contaminada, imediatamente inferimos que ela já não é mais a mesma substância, pois possui algo que a reconfigura por estar sob o efeito de OUTROS agentes. No enunciado, a preposição COM, ao introduzir *o vírus da AIDS* (Y), identifica o agente responsável pela contaminação – agente que interfere na composição de uma substância em concomitância – e, ao mesmo tempo particulariza *o sangue contaminado utilizado na transfusão* (X) como um sangue caracterizado como portador de um agente específico, *o vírus da AIDS*.

(26) Ela foge COM o corpo.[A114]

*O corpo* (Y) é identificado por COM como o elemento escolhido por *ela* para protagonizar *a fuga* (X). Dessa forma, o ato de *fugir* é especificado como uma *fuga* não qualquer, visto se verificar uma *fuga* particular em que se utilizou *o corpo* e não, por exemplo, as pernas. Em outras palavras, COM, ao introduzir *o corpo* delimita o modo de protagonizar *a fuga*, (re)caracterizando-a. Tem-se UMA *fuga* que passa a ser vista pelo que OUTRO elemento lhe confere.

(27) Localizaríamos COM facilidade todos os cactos que a tornam agressiva. [A117]

COM introduz *facilidade* (Y) para especificar *o modo como se dá a localização* (X), *i.e.* delimita e modifica a apreensão de localização de *todos os cactos que a tornam agressiva*, que passa a ser vista sob a ótica da ausência de dificuldades e de empecilhos.

(28) Mas dou porém COM uma condição. [A153]

Ao empregar a conjunção adversativa *porém*, observamos que, dentro da proposição em questão, ao menos um tipo de restrição se impõe. UMA *doação* (X) é, assim, condicionada a OUTRO fator, *uma condição* (Y) que a restringe. A restrição que implica a conjunção *porém* e que recai na *doação* (X) é apresentada pela preposição COM *uma condição* (Y), que regula a *doação* (X). Isso nos permite dizer que há um *dar condicionado, uma doação que depende da existência de uma condição imposta*.

(29) As cinco bruxinhas saem e voltam COM enormes caldeirões. [A163]

COM, ao introduzir *enormes caldeirões* (Y), passa a fazer parte do resultado do *percurso de volta das cinco bruxinhas* (X). Ou seja, *UMA volta* (ponto final) passa a ter OUTRA particularidade não observada na *saída* (ponto inicial), particularidade esta que, representada por *enormes caldeirões* (Y), é introduzida pela preposição COM.

(30) Anda COM o violão debaixo do braço. [C2]

Neste caso, não está em jogo um *andar* (X) comum. Trata-se da característica de UM sujeito que é demasiadamente envolvido com a música e que não é capaz de deixá-la de lado durante o seu cotidiano e, por este motivo, se configura como quem carrega *o violão debaixo do braço* (Y), carrega OUTRO elemento em seu dia-a-dia, carrega o instrumento musical para onde quer que vá para fazer música. A preposição COM, ao introduzir *o violão debaixo do braço* (Y) introduz o modo como se dá o *andar* (X) no cotidiano do sujeito, um andar que, na verdade, é o que caracteriza o próprio sujeito do qual se fala, *aquele que ama a música e não a deixa em nenhum momento*.

(31) Um caminhão COM oito metros de largura em nossas entradas não passa.

[Em nossas entradas não passa um caminhão COM oito metros de largura.] [B26]

O termo *oito metros de largura* (Y) consiste na característica trazida pela preposição COM e que define *o tamanho do caminhão* (X) como o de um tipo que não se enquadra dentro do previsto para que ocorra a passagem pelas estradas. Em outras palavras, dada a existência de UM caminhão, *oito metros de largura* (Y), característica OUTRA para o que se entende por *caminhão*, é responsável por delimitar *o tamanho do caminhão* (X).

(32) Saíram 80 minutos depois COM o rabo entre as pernas, como rafeiros derrotados.<sup>79</sup>

Neste enunciado, a apreensão que se tem da *UMA saída que fora realizada 80 minutos depois* (X) é modificada no momento em que COM lhe atribui OUTRA

---

<sup>79</sup> Extraído de <http://context.reverso.net/tradução/portugues-frances/o+rabo+entre+as+pernas>. Acesso em 11/10/2015.



característica *rabo entre as pernas* (Y), o que faz com que a *saída* seja apreendida de outro modo, agora, pelo viés do medo. Ou seja, temos, neste caso, a *saída* (X), que é requalificada e se torna específica pelo que a preposição COM introduz: *rabo entre as pernas* (Y), que se aproxima do que se compreende por *ter medo*.

(33) Agarrei a minha oportunidade COM unhas e dentes.<sup>80</sup>

Neste enunciado, a apreensão que se tem do *agarrar* (X) em *agarrei a minha oportunidade* se aproxima do que podemos evocar como *aproveitar*. No momento em que COM introduz *unhas e dentes* (Y), UM *agarrar* – a forma de aproveitamento da oportunidade – passa a ser apreendido de OUTRO modo, agora, pelo viés da dedicação, empenho, esforço. Ou seja, temos o *agarrar* (X) que é requalificado e se torna específico pelo que a preposição COM introduz, *unhas e dentes* (Y) – excesso de dedicação, empenho ou esforço.

Grupo (c): (Y) é preponderante
--------------------------------

Nos enunciados ora agrupados, verificamos que, na relação X COM Y, (Y) é preponderante. Percebemos que, nesse grupo, encontram-se casos em que COM instaura sintagmas preposicionais comumente interpretados como uma sequência de natureza predicativa (X), *i.e.* como o que *remete* a proposições. Nesses enunciados, parece se estabelecer uma regulação entre enunciação (avaliação e regulação do dizer) e enunciado (o dito), ou seja, “um dizer” (X) é (re)configurado com base no que “outro dizer” (Y) lhe impõe.

Ponderamos, ainda, que essas constatações são, justamente, as responsáveis por fazerem com que refutemos a concepção de que o (X) da relação é sempre o próprio verbo, no caso de uma relação de complementação ou adjunção verbal.

Ao grupo (c), filiam-se também os enunciados em que é possível encontrar interpretações de ordem concessiva, adversativa e em que COM figura como um marcador discursivo.

<sup>80</sup> Extraído de <http://www.saopaulofc.net/noticias/noticias/futebol/2014/12/28/agarrei-a-minha-oportunidade-com-unhas-e-dentes/>. Acesso em 11/10/2015.

Neste quadro, assim como propõe o estudo de Vu Thi Ngân & Denis Paillard (s/d), admitimos que os marcadores discursivos – doravante MD – compõem uma categoria composta por palavras e expressões que não estão a serviço de um texto somente para torná-lo coeso e coerente, mas que, ao contrário, estão diretamente associadas à atividade linguageira e às intenções de um locutor durante o desenrolar das cenas enunciativas que desempenha com um dado interlocutor.

[...] les MD sont des mots ou expressions qui jouent un rôle essentiel dans la production d'un discours par un locuteur dans une situation donnée. Ils confèrent un statut discursif particulier à l'énoncé ou l'enchaînement d'énoncés que produit le locuteur à l'intention de son interlocuteur.<sup>81</sup> (VU THI, PAILLARD, s/d, p. 4)

Passemos à análise de alguns enunciados.

(34) COM o tempo sua magreza mais se acentuava. [A146]

A preposição COM, ao introduzir *tempo* (Y), estabelece o período não limitado em que se determina a *acentuação da magreza* (X). Em outras palavras, mede-se a acentuação da magreza sob a ótica do tempo, mais precisamente, *do tempo que passa*, o que, aliás, aponta para o fato de esse SP tender a remeter a um predicado que apreende UMA *acentuação da magreza* (X) de OUTRO ponto de vista, o da mudança, passagem *do tempo* (Y).

(35) COM certeza. [D52]

(35a) O pai da estudante, identificado como Daniel Gomes, falou aos jornalistas presentes que “COM certeza não foi crime”, se referindo ao desaparecimento da filha.<sup>82</sup>

(35b) O pai da estudante, identificado como Daniel Gomes, falou aos jornalistas presentes que “não foi crime”, se referindo ao desaparecimento da filha.

No enunciado (35b), *falou aos jornalistas presentes que “não foi crime”*, notamos que é necessário considerar um *falante* e o que está sendo *falado*. Em outras palavras, *falou aos jornalistas presentes que “não foi crime”* remete a uma enunciação

<sup>81</sup> Os MD são palavras ou expressões que desempenham um papel essencial na produção de um discurso por um locutor em uma dada situação. Eles conferem um estatuto discursivo particular ao enunciado ou ao encadeamento de enunciados que o locutor produz visando o seu interlocutor.

<sup>82</sup> Extraído de <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/06/com-certeza-nao-foi-crime-diz-pai-de-vaniela-sobre-sumico-da-filha.html>. Acesso em 04/09/2015.

em que o sujeito evidencia, de maneira afirmativa, que, em relação ao desaparecimento da filha, *não foi crime*.

Ao contrário, no enunciado (35a) *falou aos jornalistas presentes que “COM certeza não foi crime”*, COM confere OUTRO estatuto, a *certeza* (Y), ao UM estatuto enunciativo já estabelecido do *falar*. Observa-se, assim, um posicionamento do enunciador em relação ao *falar aos jornalistas presentes* que faz com que a enunciação seja apreendida de outro modo, agora, pelo viés da *certeza*. Neste caso, um *falar* é requalificado e passa a ser condicionado pelo que a preposição COM introduz, tornando-se outro *falar* específico – *certeza* (Y) –, excluindo a possibilidade de dúvidas dentro do que foi enunciado.

(36) COM a polícia atual, jamais a religião vai poder voltar a ser o que era antes. [B47]

Nesse enunciado, *a polícia atual* (Y), que tende a remeter à polícia presente (na atualidade) ou ao comportamento, ao modo de ser policial observado (na atualidade), passa a condicionar as razões pelas quais *jamais a religião vai poder voltar a ser o que era antes* (X), figurando como um empecilho. Aqui, ambos os envolvidos – *a polícia*, por vias de seu comportamento, de seu modo de ser, e *a religião*, também por vias de seu comportamento, de seu modo de ser – aparecem como competidoras em um mesmo espaço. Em outras palavras, o cenário enunciativo inaugurado pela *a religião que jamais poderá voltar a ser o que era antes* é condicionado em decorrência do que COM lhe acarreta ao introduzir a *polícia atual* como empecilho.

(37) COM mil demônios. [C29]

A expressão, que pode ser considerada como idiomática, é utilizada para exprimir raiva ou descontentamento em um momento em que não há mais como conter as emoções. Verifica-se que o termo *demônios*, pela tradição cristã, remete a entidades do mal. COM, ao introduzir *mil demônios* (Y), concebe uma dada situação (X) como uma situação que não ocorre dentro da normalidade por associá-la à presença de demônios. Neste caso, *COM mil demônios* (Y) potencializa e delimita como negativo o sentimento de descontentamento em face da situação verificada (X).

(38) COM todo perdão da palavra, eu sou um mistério para mim.<sup>83</sup>

Este exemplo contempla um caso interessante de marcador discursivo de natureza modalizadora. COM, ao introduzir *todo o perdão da palavra* (Y), já antecipa que o que será enunciado em UMA sequência deve ser recebido de OUTRA forma, com parcimônia, pois certamente não agradará. *Ser um mistério para mim* (X) é apreendido como algo que não deve ser dito da forma como está sendo proferido e, de modo a “minimizar” ou a “indulgenciar” os riscos de tal afirmação, COM introduz *o perdão da palavra* (Y). Em suma, *o perdão da palavra* (Y) é incorporado por COM para que o conteúdo proposicional referente a *eu sou um mistério para mim* (X) já seja recebido sob a ótica do *perdão*, como algo que, na verdade, não deveria ser dito, mas o é.

(39) COM essa cara de lata de sardinha, o amigo não apanha nem caxumba quanto mais moça endinheirada em São José do Limoeiro. [A154]

A preposição COM introduz *essa cara de lata de sardinha* (Y), indicando uma característica não pertencente ao que se espera na feição de um homem para que possa atrair a atenção de alguém. Ao mesmo tempo, (Y) *a cara de lata de sardinha* figura como entrave para que *o amigo não seja capaz de contrair nem caxumba e nem a atenção de uma moça rica* (X). Em outras palavras, COM, ao introduzir (Y) (re)define a feição do homem, caracterizando-o como “homem incomum” e “incapaz”, fazendo portanto, que *o amigo não seja capaz de contrair nem caxumba e nem a atenção de uma moça rica* (X). Vale dizer que, uma vez mais, *com essa cara de lata de sardinha* convoca uma leitura de natureza predicativa, podendo ser interpretada como *a cara de lata de sardinha que você tem*.

(40) Mesmo COM agravamento de denúncias, pacote para empreiteiras avança.<sup>84</sup>

Ao participar da relação de concessão já prevista inicialmente por “mesmo”, a preposição COM introduz o *agravamento de denúncias* (Y) como fator de interferência no processo de *avanço do pacote para empreiteiras* (X). Em outras palavras, COM

<sup>83</sup> Extraído de <http://pensador.uol.com.br/frase/ODI0MjI/>. Acesso em 09/10/2015.

<sup>84</sup> Extraído de <https://www.socioambiental.org>. Acesso em 05/03/2016.

*agravamento de denúncias* (Y), faz com que UM *avanço do pacote para empreiteiras* (X) não atue sozinho, pois sofre, em paralelo, a intervenção de OUTRO fator (Y) – o *agravamento de denúncias* –, passando a ser considerado, portanto, um avanço que ocorre em concomitância.

De maneira geral, consideramos que as análises, bem como o trabalho que vimos desenvolvendo até aqui, nos fizeram avançar e amadurecer em relação às nossas proposições. Um de nossos grandes avanços atesta o fato de, independentemente da divisão corrente entre os sintagmas preposicionados em introdutores de complementos, adjuntos etc., já ser possível notar a presença de um funcionamento invariante, próprio a COM, e que é mobilizado a cada vez que a preposição se insere discursivamente.

Como já mencionamos, embora tenhamos uma hipótese para a identidade semântica da preposição COM, avaliamos que muitos outros fenômenos ainda possam ser descobertos, que venham a confirmar aspectos já discutidos ou nos levar a repensá-los. No entanto, por ora, consideramos essa primeira etapa como finalizada.

É importante destacar, justamente, o caráter não irrevogável das análises, pois trata-se de uma pesquisa que pertence a um campo que vem sendo construído paulatinamente. A exemplo disso, como já observamos, temos a obra de Franckel & Paillard (2007) *Grammaire des prépositions*, no âmbito de nosso referencial teórico, que ainda se encontra em fase de mudanças e adições, já que o único volume publicado aborda apenas as preposições de *divisão*; temos, sem dúvida, a *Gramática de usos do português* (2000), a tese de doutoramento *O Comportamento Semântico-Lexical das Preposições no Português do Brasil* (2005), *A Gramática do português culto falado no Brasil* (2008) e a *Gramática do português culto falado no Brasil: volume IV: palavras de classe fechada* (2015), que propõem estudos que circundam esse mesmo campo e que contribuirão maciçamente para nossas reflexões, mas que também possuem pontos passíveis de serem refutados.

### **3.3. Considerações sobre *romper, cortar, sumir com***

Como temos destacado desde o início de nosso trabalho, em algumas obras que abordam a classe das preposições, as descrições fornecidas apontam que essas unidades são responsáveis por colocar em relação dois termos – (X), termo antecedente, e (Y),

termo consequente –, mas sem deixar evidente quais as características e movimentos que permeiam esse tipo de relação. No entanto, as análises que vimos realizando possibilitaram explorar a forma pela qual *antecedente* e *consequente* interagem com a relação prediativa do verbo<sup>85</sup> por meio da identidade semântica constitutiva da preposição COM.

A investigação que conduzimos nos leva a concluir que, de maneira geral, o termo consequente (Y) consiste no que segue a preposição e é, de fato, facilmente identificável, mas que, ao contrário, o termo antecedente (X), de natureza complexa, pode estar ou não expresso no enunciado e deve ser fundamentalmente, reconstruído com base nos próprios parâmetros convocados pelo esquema prediativo verbal.

É interessante perceber que, mesmo nos casos em que a preposição ocorre em ambientes com o papel de “complemento circunstancial” ou mesmo quando ocorre naqueles em que introduz “complemento argumental”, ainda assim nem sempre temos um verbo claramente identificável na condição imediata de (X) antecedente.

Como um bom exemplo, destacamos o caso de *Tal fenômeno de penetração colide COM o interesse central do poder corporativo*, em que (Y) corresponde a *o interesse central do poder corporativo*, termo que determina um dos elementos da relação prediativa aberta por COLIDIR. Vale observar que esse verbo, sucintamente descrito, evoca dois elementos nos quais o direcionamento de um é contrário ao do outro, o que constrói a representação de um choque entre os referidos elementos. No caso, *o interesse central do poder corporativo* (Y) ocupa o lugar de um desses elementos solicitados pelo verbo, e *tal fenômeno de penetração* (X), o outro. Dessa forma, assumimos que o termo (X) que antecede a preposição não é o verbo, mas é (ou não) um dos elementos convocados pelos parâmetros contidos em sua *forma esquemática*, tal como ela se encontra atualizada na relação prediativa (FRANCKEL, PAILLARD, 2007; ROMERO, 2011, 2013a).

Para os estudos por nós realizados, acreditamos ser de suma importância esclarecer questões como essas.

Lima (1974) destaca a existência de verbos que são construídos com prefixos advindos da preposição COM e, por essa razão, são os próprios verbos que solicitam a repetição dessa mesma preposição quando inseridas em discurso. A exemplo desse

---

<sup>85</sup> Notar que há casos em que o SP remete a proposições – e não a verbos, nomes etc. Aqui, falamos especificamente da relação estabelecida entre verbo-SP.

fenômeno, o autor destaca os seguintes verbos: *concordar com*; *combinar com*; *concorrer com*, *colaborar com*, *cooperar com*, *confrontar com*, *coabitar com*; *coexistir com*, *confundir com*, *coadunar com*, *coincidir com*, *confinar com*, *comparar com* etc. (LIMA, 1974, p. 337).

Ainda que o autor não deixe claro como e por que esse fenômeno ocorre, é bastante curioso notar que os verbos ora apresentados por ele são, justamente, os verbos que podem acompanhar a preposição COM nos casos do grupo de funcionamento (a) que delineamos há pouco. Em outras palavras, os verbos apontados por Lima (1974) evocam um cenário enunciativo em que se verificam formas de interação bastante estreitas que não podem ser desempenhadas em autonomia, sendo, então, necessária a presença de “um” e de “outro”, característica requerida pelos parâmetros de COM que, nesses casos, implica a coexistência de dois elementos que se encontram envolvidos em uma mesma proposição.

Também a esse respeito, temos em Cunha & Cintra (2008), por exemplo, que o emprego da preposição COM ao lado de verbos como *concordar* é considerado como uma “construção já fixada no idioma” (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 573). Por essa razão é que, segundo eles, a preposição possui apenas um papel relacional, pois atua como “um elo sintático” em que se observa um “esvaecimento” de seu conteúdo significativo.

Nos estudos encabeçados por Berg (2005, 2009), ao tratar dos papéis assumidos pela preposição na literatura, a autora as classifica como *predicadoras* e *funcionais* (BERG, 2005, 2009). As *predicadoras* são aquelas que possuem argumentos não acarretados pelos verbos (*João viajou COM sua namorada*) e as *funcionais*, as que possuem argumentos acarretados pelos próprios verbos<sup>86</sup> (*Rosa concorda COM Maria*). Neste estudo, uma preposição do português brasileiro pode operar tanto como predicadora quanto como funcional. Pautada nas proposições de alguns autores da corrente gerativista (FILLMORE, 1966, LAKOFF, 1970, GRUBER 1970, NEELEMAN, 1997, apud BERG, 2009, p. 111), a autora destaca uma subcategoria das preposições funcionais que muito nos interessa, as *preposições funcionais inerentes*. Para ela, as *preposições funcionais inerentes* possuem certa afinidade com os verbos,

---

<sup>86</sup> Em Cançado (2005, 2013), tais argumentos são descritos como argumentos lógicos. Trata-se de argumentos decorrentes do pensamento lógico e dedutivo que não podem ser associados às noções de complemento e de adjunto propostos pela gramática tradicional, possuem natureza semântica e estão ligados a estrutura conceitual do predicator, *i.e.* às propriedades que ordenam as orações produzidas.

sendo, por vezes, determinadas pelos traços sintáticos inerentes de verbos específicos, de modo que parecem incorporadas a verbos de movimento com certa frequência e não podem ser trocadas por outras (BERG, 2009, p. 111).

- a. \*Rosa *concorda a/ante/em/de* o casamento de seu filho.
  - b. \*Bernardo *carece a/em/com/para* talento artístico.
  - c. \*Rosa *confia a/de/com/para* seu namorado.
- (BERG, 2009, p. 111) *grifos da autora*

Dentro dos exemplos acima, fornecidos pela própria autora, verificamos que a agramaticalidade presente nos enunciados é atestada pelo fato de os verbos destacados não operarem satisfatoriamente com as preposições que os seguem, uma vez que, para que se tornem gramaticais, seria necessário o emprego de outras preposições, no caso, COM, DE e EM, respectivamente. Em outras palavras, nenhuma das preposições propostas para fornecer sentido ao que se está querendo transmitir pelos verbos em questão são admitidas, pois *concordar* “pede” que se empregue a preposição COM, originando *Rosa concorda COM o casamento de seu filho*; *carecer*, o emprego da preposição DE, originando *Bernardo carece de talento artístico* e, por fim, *confiar*, a preposição EM, originando, assim, *Rosa confia EM seu namorado*. Berg (2009) aponta ainda que, independentemente dessa forte imbricação entre a preposição e determinados verbos e, ao contrário do que temos em Cunha & Cintra (2008), a preposição não é destituída de sentido. A preposição COM, por exemplo, é considerada por Berg como uma preposição fraca, *i.e.* preposições que não possuem um sentido tão evidente e direto, mas que, ao contrário, são passíveis de possuírem mais de um sentido dependendo do contexto em que estão inseridas, e está entre as preposições que mais tendem a operar como funcionais inerentes.

Ilari *et al.* (2015) também se posicionam a respeito de regularidades que podem colocar algumas preposições como mais favoráveis do que outras na complementação de verbos específicos. Os autores apontam que, muitas vezes, esse favorecimento pode ser percebido pela combinação de preposições e verbos que já possuem em sua própria composição relação de sentido com algumas preposições. Trata-se dos mesmos casos apontados por Lima (1974), em que os verbos levam em sua composição a preposição COM como prefixo ao mesmo tempo em que ela figura como introdutora de um complemento: *concordar com*, *condizer com*, *coincidir com*, etc.



Os autores vislumbram que essa afinidade é recorrente não só entre as preposições e determinados verbos – listando de seu *corpus* 24 verbos que fazem recorrentes integrações com a preposição COM –, mas também entre palavras de outras classes, como por exemplo, substantivos e adjetivos (15 substantivos e 1 adjetivo, cf. ILARI *et al.*, 2015, p. 266). Ao contrário de Berg (2009), os autores apenas propõem o conceito de *expressão formulaica* para tratar de um grupo em que as preposições compõem, juntamente com outros elementos linguísticos, expressões de cunho metafórico que, segundo eles, necessitam ser interpretadas e analisadas em toda a sua amplitude em detrimento de uma interpretação composicional em que se obtém o sentido a partir da soma do sentido das partes envolvidas (ILARI *et al.*, 2015, p. 302). Assim, em um exemplo como *Tomar um chá de cadeira*<sup>87</sup>, não se trata de uma bebida consumida que tem como ingrediente principal um objeto feito para sentar, mas do nível de espera que foi consolidado em um dado momento.

Para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011), como já explicado, o sentido é o produto da interação que as unidades que compõem um enunciado estabelecem entre si, a preposição interferindo diretamente nessa elaboração. Os efeitos dessa interação pode ser notado em (1) *Ele rompeu a marca* e (2) *Ele rompeu com a marca*, em que se evocam, para o termo *marca* e para o sujeito *ele*, representações distintas em função ou não de sua relação com a preposição: em (1), *marca* tende, por exemplo, a remeter a um limite (cf. *O dólar rompeu a marca dos R\$ 3 reais*), enquanto em (2), ela evoca sobretudo uma parceria estabelecida entre alguém e a marca, vista como uma entidade comercial (*O lojista rompeu com a marca até então comercializada*).

Portanto, no que tange a relação entre verbos e preposições, em um posicionamento distinto dos trabalhos anteriores, acreditamos que a própria identidade semântica da preposição e a forma esquemática do verbo<sup>88</sup> são capazes de, a partir do que exigem como princípios de funcionamento, dar indícios de outras unidades com as quais podem mais facilmente estabelecer interação.

Em relação à seleção dos verbos, destacamos que a nossa escolha não ocorreu de modo aleatório. Suas análises já ocorreram em outros momentos sob a responsabilidade

<sup>87</sup> Os autores não trazem nenhum exemplo em que se observa a preposição COM compondo uma *expressão formulaica*.

<sup>88</sup> Como já dito, verbos são descritos em termos de forma esquemática, posto que condicionam seus possíveis contextos de inserção, o que não acontece com as preposições, que, por isso, tem seu esquema invariante descrito em termos de *identidade semântica*.

de integrantes de nosso grupo de pesquisa com o objetivo de compreender o funcionamento semântico-enunciativo de lexemas verbais. Dessa maneira, o fato de conhecermos o funcionamento desses verbos é também o que faz com que reforcemos a hipótese de que os verbos estudados tendem a possuir um maior grau de afinidade com determinadas preposições, em particular, com a preposição COM, objeto de nossa investigação, sobretudo nos casos de ROMPER e SUMIR.

Como ponto de partida, para que possamos conduzir este breve estudo, é necessário retomar alguns aspectos a respeito do funcionamento de COM em termos de identidade semântica: 1) o fato de (Y), termo que segue a preposição, ser sempre exterior ao que se denomina (X) na relação constituída pela preposição; 2) ao ser empregada, a preposição COM faz com que propriedades de (Y) sejam incorporadas a (X), reconfigurando seu estado inicial.

### 3.3.1. Romper – Romper com

A análise do funcionamento de ROMPER<sup>89</sup> realizada por Lima (2013) e Romero & Trauzzola (2014) apontam para o fato desse verbo marcar:

[...] a dissolução do que se tem a função de estabelecer limites ou do que se mantém em um determinado curso; sua ação incide sobre elementos que se configuram como determinantes para o estabelecimento de limites, obstáculos, proteção, contenção etc. do que pode ser retido, contido (ROMERO, TRAUZZOLA, 2014, p. 245)

Dessa forma, fazem a seguinte hipótese de funcionamento do verbo, em termos de forma esquemática: “Dado um elemento (a) que funciona como retentor de (Z), ROMPER conduz à dissolução de (a) fazendo com que (Z) siga outro curso<sup>90</sup>”.

Para dar alguns exemplos que mostram, empiricamente, os parâmetros constitutivos dessa formulação de natureza metalinguística, ou seja, (a), o retentor, e (Z), o que é retido, consideremos, primeiro, os exemplos *A parede da estação de tratamento rompeu na tarde deste domingo* e *Quando a casca se rompe é hora de tirar*

<sup>89</sup> Verbo apreendido pela gramática tradicional como transitivo direto, e que, portanto, não pede por preposição, exceto nos casos de “objeto direto preposicionado”, ocorrência bastante específica e nem sempre considerada pelos estudiosos do tema como exemplos a serem analisados em seu funcionamento.

<sup>90</sup> No original, tanto em Lima (2013), quanto em Romero & Trauzzola (2014), os parâmetros são notados por meio de X e Y. Resolvemos, nessa apresentação, trocá-los por (a) e (Z), visto os próprios parâmetros em jogo quando um sintagma preposicional se faz presente serem denominados, na literatura, comumente (X) e (Y). Procederemos da mesma maneira com os demais verbos que serão abordados adiante.

*o amendoim do fogo*, trazidos por Romero & Trauzzola (2014, p. 245). Em *A parede da estação de tratamento rompeu na tarde deste domingo*, temos que “A parede [da estação de tratamento] (termo a) é apreendida por sua função de conter (Z) (a ser recuperado: *a água, o esgoto* etc.) retido sob seus limites” (ROMERO, TRAUZZOLA, 2014, p. 245); já em *Quando a casca se rompe é hora de tirar o amendoim do fogo*, temos, nessa mesma ótica, “a casca (termo a) representa o elemento responsável por englobar o amendoim (Z), protegê-lo do meio externo” (ROMERO, TRAUZZOLA, 2014, p. 245). Nota-se, assim, que, em ambos os casos, ROMPER conduz à dissolução de (a), fazendo com que (Z), *água* ou *amendoim*, deixe de ser vistos como retidos, que, nesses exemplos, integram uma relação *continente-contido*.

Outros dois exemplos interessantes para a compreensão desses parâmetros seriam *A pesquisa rompe alguns mitos sobre o tema* e *Ainda bem que de vez em quando surgem essas opções e o círculo vicioso de rompe*, trazidos também por Romero & Trauzzola (2014, p. 245- 246).

Em *A pesquisa rompe alguns mitos sobre o tema*, “mitos” (termo a) representa um conjunto de concepções populares que regulam um modo de pensar (termo Z). ROMPER marca a dissolução das concepções populares contidas em mitos (a), fazendo com o modo de pensar (Z) tenha outro desenrolar por passar a admitir novas formas de pensamento.

Já em *Ainda bem que de vez em quando surgem essas opções e o círculo vicioso de rompe*, “o círculo vicioso” (termo a) evoca padrões repetitivos de comportamento e de fenômenos que impedem que novos comportamentos ou fenômenos (termo Z) ocorram de modo contrário ou distinto ao que já está posto há algum tempo. ROMPER assinala a interrupção do padrão repetitivo contido no círculo vicioso (a) situado espaço-temporalmente, favorecendo, assim, a possibilidade para que os fenômenos ou comportamentos, ações, (Z) sigam um curso contrário ao que lhes era imposto.

Feitas essas considerações, passemos aos enunciados em que verificamos a presença da preposição COM interagindo com o verbo ROMPER.

(41) Os modernos cientistas ROMPERAM COM as teorias antiquadas. [AURÉLIO, 2009]

Neste exemplo, *teorias antiquadas* são apreendidas como um conjunto de pressupostos e princípios ao qual o *fazer teórico dos modernos cientistas* se submete. Em outras palavras, *teorias antiquadas* ocupa a posição de retentor (a), pois é responsável por condicionar – até então – o *fazer teórico dos modernos cientistas*, elemento retido (Z), a seus pressupostos e princípios.

Considerando os dois elementos mobilizados, o verbo *romper* nos diz que essa relação em que o *fazer teórico dos modernos cientistas* (Z) é condicionado pelas *teorias antiquadas* (a) não mais se verifica, pois o verbo marca a sua dissolução. Por não precisar estar mais submetido ao que lhe era posto, (Z) toma outro direcionamento, passando, então, a desvincular-se de um *fazer teórico* deveras engessado.

Aqui, o emprego da preposição COM faz com que seja possível assegurar a existência do condicionamento do *fazer teórico dos modernos cientistas* (Z) às *teorias antiquadas* (a). Ou seja, COM, ao introduzir *teorias antiquadas* (Y), apresenta o elemento ao qual o *fazer teórico* (X) mantinha-se condicionado.

Concluimos que, em *romper com*, observa-se uma relação em que *os modernos cientistas*, antes obrigados a fundamentar-se em teorias com as quais não mantinham total identificação, passam a se apoiar em novos pressupostos. É interessante notar que, neste caso, é a partir da motivação contida nas necessidades ditadas pelo *fazer teórico dos modernos cientistas* que ambos os envolvidos sofrem, de maneira recíproca, com os efeitos da dissolução: no caso do *fazer teórico dos modernos cientistas* (X), temos uma prática que passa a tomar novos contornos, pois segue um novo rumo ao passar a ser orientada por outros pressupostos, e, no caso das *teorias antiquadas* (Y), elas possivelmente são esquecidas e substituídas por novos fundamentos, perdem membros.

(42) O Brasil ROMPEU relações COM Cuba. [BORBA, 1990]

(42') Brasil e Cuba romperam relações. [BORBA, 1990]

Em termos de funcionamento, no exemplo (42) os efeitos percebidos em *romper* se aproximam do exemplo (41) tratado anteriormente. Temos que, possivelmente, as *relações* (a) é o que retém os *países que lhes são submetidos* (Z). *Romper* faz com que *países que são submetidos às relações* (Z) não mais se verifique, pois algo acaba por comprometer a proximidade e o jogo de interesses entre dois países, fazendo com que ocorra a dissolução das *relações* (a).

Aqui, notamos que em *romper com*, a preposição COM, ao introduzir *Cuba* (Y), não só diz quem é o outro elemento envolvido no *acordo político e econômico firmado* (X) evocado por *relações*, como, ainda, permite inferir que a dissolução provocada pelo emprego de *romper* tem origem nas motivações desencadeadas pelo *Brasil*. Observa-se também que os efeitos de tal dissolução recaem sobre ambos os envolvidos na relação, a saber, Brasil e Cuba. Em outras palavras, se antes havia algo que os favorecia em termos políticos e econômicos, agora cada um desses países passa a caminhar de maneira distinta, pois já não contam mais com o que os aproximava.

Verificamos que a palavra *relações* instaura a necessidade de se considerar ao menos dois elementos. O enunciado (42) só traz um desses elementos, o BRASIL e é a preposição COM que introduz o outro elemento da relação, que não aparece como sujeito sintático, como em (42'). Notamos também que, em (42'), não é possível definir a origem da dissolução do *acordo político e econômico*, pois, como verificamos em (42), é devido à presença da preposição COM que é possível identificar por quem a dissolução é desencadeada.

(43) O casal ROMPEU COM muito sofrimento. [HOUAISS, 2009]

(43') O casal rompeu.

Nos exemplos (41) e (42), percebemos que *romper* privilegia a preposição COM. Como notam Franckel & Paillard (2007), presumimos que isso ocorre porque a própria forma esquemática do verbo *romper* e a identidade semântica de COM guardem em seus parâmetros uma combinatória que favorece diferentes graus de imbricação entre esses dois predicados.

Em (43), temos o exemplo de outro tipo de imbricação entre o verbo *romper* e COM para o que tradicionalmente é apreendido um *complemento circunstancial*.

Nos exemplos (43) e (43'), o elemento mobilizado na condição de termo *retentor* (a) por *romper* é a relação afetiva que *o casal* convoca<sup>91</sup>, pois estabelece a existência de um comprometimento a ser respeitado por aqueles nele envolvidos (*o casal* é o termo retido (Z)). Nestes casos, o que antes era visto como um comprometimento afetivo que delimita, conduz o comportamento dos envolvidos, não

---

<sup>91</sup> Pontuamos que, nesse caso, não podemos dizer *João rompeu*, mas podemos dizer *O casal rompeu*, pelo fato de *o casal* se referir a dois envolvidos.

mais se verifica por conta do rompimento, que marca, assim como aponta LIMA (2013), “a extinção do vínculo existente entre duas pessoas” (2013, p. 99).

Ao contrário de exemplos como (4b) *Ele rompeu COM a namorada*, em que a preposição evidencia que um vínculo existente entre dois indivíduos (“um” e “outro”; “namorado” e “namorada”) deixou de se verificar e, ao mesmo tempo identifica o outro elemento envolvido na relação, em (43), COM, ao inserir *ressentimentos* (Y) nos diz que a *dissolução da relação sentimental* (X), que já possui suas características bastante definidas, é afetada por traços externos que modificam sua apreensão. Ou seja, OUTRAS características *ressentimentos* (Y) são adicionadas ao que já está estabelecido em UMA *dissolução da relação sentimental* (X), fazendo, então, com que (X) adquira novos contornos por não ser mais vista como uma dissolução “harmoniosa”.

### 3.3.2. Cortar – Cortar com

Os estudos realizados por Garcia (2014) e Romero (2015) apontam que o verbo CORTAR desestabiliza uma relação entre elementos que podem ser apreendidos de um modo linear ou contínuo. Para o funcionamento apresentado, Romero (2015) formaliza a seguinte hipótese de forma esquemática, retomando, com pequenas modificações, Garcia (2014): “Dado um elemento (a) que se apresenta como uma unidade dotada de linearidade (contínua ou sequencial), CORTAR opõe-se ao que funda essa qualidade, que deixa de ser observada e nos dá diferentes tipos de (Z)” (ROMERO, 2015, p. 15). Em outras palavras, o termo (a) que diz a linearidade sofre a ruptura da relação de elementos que a tornam linear, dando origem a (Z), *i.e.* à parte que é destituída do todo e se separa ou se divide; ao que deixa de se manifestar, atualizar (fica de fora, cessa se interrompe) ou, ainda, ao vínculo invalidado (*cf.* o estatuto de “elemento vinculado” não existe fora da predicação).

De modo a ilustrar a descrição metalinguística proposta, consideremos os exemplos trazidos por Romero (2015): “Webster cortou a folha de papel ao meio e, usando as duas metades para cobrir os dedos, puxou cuidadosamente a aba para fora”<sup>92</sup>, “Cortaram a comunicação telefônica entre Rio e São Paulo” [AURÉLIO, 2009] e “Deve

<sup>92</sup> Extraído de <https://books.google.com.br>. Acesso em 24/03/2016.

verificar se as forças armadas colombianas cortaram vínculos com grupos paramilitares [...]”<sup>93</sup>.

No primeiro exemplo *Webster cortou a folha de papel ao meio e, usando as duas metades para cobrir os dedos, puxou cuidadosamente a aba para fora*, temos que a “folha de papel” (termo a) é o elemento que se apresenta como entidade una por sua medida contínua e linear. CORTAR opõe-se à linearidade verificada em “folha de papel” (termo a), dando origem ao elemento que se separa, a “folha de papel ao meio” (termo Z), uma parte do todo linear anteriormente verificado.

Em *Cortaram a comunicação telefônica entre Rio e São Paulo*, “a comunicação telefônica” (termo a) se apresenta como um dispositivo transmissor de sinais sonoros por meio da propagação de ondas sonoras que funcionam em fluxo contínuo. A interferência de CORTAR interrompe o fluxo contínuo pelo qual se apreende “a comunicação telefônica” (a), fazendo com que esta cesse e seja impedida de se atualizar, o que marca o termo (Z).

Já no terceiro exemplo *Deve verificar se as forças armadas colombianas cortaram vínculos com grupos paramilitares [...]*, temos a ocorrência de um vínculo que caracteriza as forças armadas colombianas e os grupos paramilitares como um grupo unido (termo a). CORTAR faz com que as partes vinculadas (Z) deixem de existir por meio da ruptura do vínculo que as caracterizava como um grupo unido.

Considerando os parâmetros da forma esquemática do verbo CORTAR, selecionamos alguns exemplos de modo a ilustrar a interação existente entre CORTAR e COM.

(44) O retirante tem medo de extraviar-se porque seu guia, o rio, CORTOU COM o verão.<sup>94</sup>

O verbo incide sobre o *rio* (a), que ele próprio delimita como um fluxo contínuo de água, fazendo com que o fluxo contínuo anteriormente verificado cesse e deixe de se atualizar como fluxo, o que instaura (Z).

No enunciado (44), percebemos que a preposição COM, ao introduzir o *verão* (Y), identifica e regula a causa responsável pela *cessação da orientação do retirante*

<sup>93</sup> Extraído de [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020206\\_colombiadi.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020206_colombiadi.shtml). Acesso em 13/01/2015.

<sup>94</sup> Extraído de <https://books.google.com.br>. Acesso em 24/03/2016.

*que se dá por meio do fluxo contínuo do rio (X) e, ao mesmo tempo a particulariza, pois é somente a partir da chegada do verão (Y) que o retirante perde o instrumento que o guiava – doravante, o fluxo contínuo do rio que cessa – durante a sua caminhada e não pela confluência de qualquer outro recurso natural. Vale notar que, nesse enunciado, COM não introduz um elemento que se relaciona aos parâmetros da forma esquemática do verbo.*

(45) Taylor Swift não CORTOU amizade COM Selena Gomez por causa de Justin Bieber.<sup>95</sup>

A linearidade à qual se refere *amizade* (a) é atestada pela relação de união existente entre Taylor Swift e Selena Gomez (e que não existe fora da própria amizade observada). Nesse caso, o verbo faz com que *as partes vinculadas* (Z) deixem de existir por meio de um vínculo que não pode mais ser aferido.

Por outro lado, a *amizade* convoca uma relação sócio-afetiva que envolve, ao menos, dois sujeitos que mantêm os seus sentimentos e proposições alinhadas. Em outras palavras, apreendemos *amizade* como uma prática de integração social envolvendo um movimento de alinhamento de sentimentos e proposições num jogo de entendimento e afinidade entre pessoas que exige a presença de mais de um elemento para que possa realizar-se.

Nesse enunciado, fazemos a hipótese de que COM introduz (Y), identificado por *Selena Gomez*, termo que, ao indicar o outro elemento ao qual Taylor Swift era vinculado por uma relação de amizade, é integrante da forma esquemática do verbo. Isso se explica pelo fato de a linearidade própria a CORTAR e que vai ser por ele desfeita, é, nesse caso, a união entre Selena Gomez e Taylor Swift, o que se faz por meio do termo introduzido por COM. Em suma, COM, ao introduzir (Y), dá a ver o OUTRO elemento que deixa de participar da relação sócio-afetiva que UM (X) implica.

Portanto, considerando CORTAR COM, verificamos que COM, ao introduzir (Y), nos diz o elemento que deixa de existir por meio do vínculo que não pode mais ser aferido na *relação de amizade*". Mobilizamos, aqui, o conceito de reciprocidade, pois é

---

<sup>95</sup> Extraído de <https://www.facebook.com/BieberManiaBrasil/posts/10201402179167732>. Acesso em 24/03/2016.



possível constatar em *relação de amizade* a existência de sentimentos e proposição que são compartilhados entre dois sujeitos.

(46) Acabei de CORTAR o dedo COM a faca. Qual o remédio que devo usar para cicatrização rápida??????.<sup>96</sup>

Consideramos aqui o *dedo* (a) apreendido por meio da *pele*, composição linear de tecido que recobre a estrutura óssea e sanguínea. A linearidade evocada pelo *dedo* (a) é comprometida pela separação que *cortar* provoca na composição linear de tecido que o envolve, dando origem a uma superfície separada (Z).

COM, ao introduzir o elemento externo *faca* (Y) regula a maneira pela qual a *separação da composição linear de tecido evocada pelo dedo* (X) ocorre. Em suma, ao dizer COM *faca*, é possível até mesmo definir o estilo do corte e mensurar a gravidade da *separação da composição linear de tecido evocada pelo dedo* (X). Neste caso, o SP não introduz os parâmetros da FE do verbo; no entanto, ao regular a maneira pela qual a separação se dá, é plausível que consideremos que a interação entre CORTAR e COM é favorecida em relação a outras preposições.

(47) “Kristen ficaria absolutamente extasiada se Rob a encontrasse, ainda mais se envolvesse Bear e Bernie”, disse um amigo dos atores ao site. “Ela adoraria ver Rob, mas não se sente à vontade para fazer um primeiro movimento para isso acontecer. Foi ele que CORTOU a comunicação COM ela. Kristen nunca se sentiu desse jeito”, acrescentou.<sup>97</sup>

Em (47), o termo *comunicação* convoca a existência de um tipo de interação social desempenhada entre dois ou mais sujeitos em que ocorre uma sequência de falas ordenada por um fluxo verbal constante. O emprego do verbo *cortar* faz com que no *fluxo constante presente na sequência de falas* (a), a fala de um dos interlocutores cesse (Z), descaracterizando o *fluxo constante presente na sequência de falas* (a) que a *comunicação* evoca, pois depende de mais de um sujeito para que seja atualizada.

<sup>96</sup> Extraído de <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070203084626AAjDwQy>. Acesso em 26/03/2016.

<sup>97</sup> Extraído de <http://www.purepeople.com.br>. Acesso em 12/01/2015.

No que tange o funcionamento de CORTAR COM, observa-se que COM, ao introduzir *ela* (Y), diz quem é o elemento responsável por provocar [n]ele motivações para ocorrer a *interrupção do fluxo constante presente na sequência de falas* (X) suscitada pelo que CORTAR evoca, fazendo com que o fluxo verbal constante anteriormente verificado deixe de se atualizar.

### 3.3.3. Sumir – Sumir com

Romero (2015), ao analisar o verbo SUMIR, propõe a seguinte forma esquemática para explicar o funcionamento semântico-enunciativo desse verbo: “dados de um lado, uma existência (nota-se a), de natureza variada; de outro, o que faz com que a existência de a (nota-se Z) seja vista, de natureza igualmente variada, SUMIR marca a passagem à não existência” (ROMERO, 2015, p. 16).

Como veremos, o que se denomina “existência” nem sempre é evidente, pois ela pode ter uma realidade material em si em relação a um sítio localizador, caso de *Minha carteira sumiu!*, em que “minha carteira” apenas pede por um sítio localizador (a carteira que estava *aqui, na minha bolsa etc.*) para ser vista e, conseqüentemente, passar a não existir mais naquele sítio, como também pode uma realidade material que não é distinta do termo que a localiza, caso de *A mancha sumiu*, em que o termo *a mancha* só existe enquanto tal por meio do tecido na qual ela se atualiza.

De modo a ilustrar os parâmetros mobilizados por SUMIR e como ele convoca a existência de algo não visível, consideremos alguns dos exemplos tratados por Romero (2015): “Se sumiu o óleo é porque deve ter algum vazamento no sistema”<sup>98</sup>, “Veja se a mancha sumiu, se não sumiu passe um pouco mais da mistura com o outro pano [...]”<sup>99</sup> e “Usa peruca para sumir a calvície” [AURÉLIO, 2009].

No primeiro exemplo, *sumir* aponta que a “quantidade específica de óleo” (termo a), cuja existência enquanto realidade individual realiza-se por meio de sua localização em um “sistema” (termo Z) (é o local que confere visibilidade ao termo a), não seja mais verificada. Em outras palavras, “sistema” (Z), por ter sofrido algum tipo de dano, faz com que a “quantidade específica de óleo” (a) deixe de ser por ele localizada, não podendo ser mais vista.

<sup>98</sup> Extraído de <http://www.opala.com/forum/viewtopic.php?f=8&t=22407>. Acesso em 20/01/2015.

<sup>99</sup> Extraído de <http://tirarmancha.com/2014/08/como-tirar-mancha-de-grafite-de-lapis-carpete/>. Acesso em 30/12/2014.

Em *Veja se a mancha sumiu, se não sumiu passe um pouco mais da mistura com o outro pano [...]*, temos que *sumir* faz com que “a mancha” (termo a), que só existe e se torna visível por meio de sua atualização em uma superfície (Z) (um tecido, por exemplo), não mais se manifeste na “superfície na qual se manifesta” (termo Z).

No terceiro exemplo, *sumir* faz com que a “peruca” (termo Z) ateste a realidade material da “calvície” (termo a) pelo fato mesmo de a encobrir, de escondê-la.

Após considerar o movimento que *sumir* implica, passemos, então, aos exemplos em que verificamos a interação entre SUMIR COM.

(48) Sumiu dinheiro da minha conta! O que fazer?<sup>100</sup>

(48') O q acontece se ele SUMIR COM o dinheiro? Descobri uma traição e saí de casa, uma vez q meu companheiro já estava de aviso e íamos voltar pra nossa cidade natal. Estive com ele 6 anos, porém tudo ficou em nome dele, uma vez q eu era dona de casa, o maior patrimônio está no banco, numa conta só dele, o q acontece se ele tirar o dinheiro? Estou as custas de meus pais. E recebi ameaças dele para q eu não procurasse a justiça.<sup>101</sup>

Em (48), *sumir* faz com que *a minha conta* (Z), ao deixar de ser o localizador do dinheiro (a), torne-o não-visível naquele lugar.

Já em (48'), temos que *o dinheiro* (Y) é introduzido por COM. Uma das interpretações possíveis seria a do marido que some levando o dinheiro todo que era do casal. Assim, um (Z), antes localizador de *o dinheiro* (a), pela ação de SUMIR, deixa de sê-lo, uma vez que este passa a ser localizado por *ele*. Em suma, COM introduz para a existência do *dinheiro*, digamos, do casal, (X), uma outra localização (Y).

(49) Avisa o Kaue Lucas , qe tão querendo SUMIR COM ele do mapa... tão querendo matar ele..<sup>102</sup>

(49') Kaue Lucas sumiu.

<sup>100</sup> Extraído de <http://www.creditooudebuto.com.br/sumiu-dinheiro-minha-conta-que-fazer/>. Acesso em 17/03/2016.

<sup>101</sup> Extraído de <https://jus.com.br/duvidas/509643/o-q-acontece-se-ele-sumir-com-o-dinheiro>. Acesso em 17/03/2016.

<sup>102</sup> Extraído de <http://ask.fm/sergiindanado/answer/105035102413>. Acesso em 30/12/2014.

Neste caso, temos que *o mapa* (Z) é o elemento que, ao permitir a localização de *ele* (a), permite a sua visualização enquanto parte integrante desse espaço. *Sumir* faz com que *o mapa* deixe de assegurar a existência geográfica de *ele*, que antes podia ser delimitado como parte integrante desse espaço. Vê-se que os elementos da forma esquemática de SUMIR são introduzidos pelo SP, uma vez que o sujeito sintático não faz parte da relação prediativa aberta pelo verbo.

COM, ao introduzir *ele* (Y), faz com que se possa conceber o sujeito sintático como o responsável pelo sumiço, o que não se observa em (49'), em que se observa uma realidade individual (a de Kaue Lucas) que deixa de ser visualizada em um dado local.

(50) Certamente, um pouco de ação o faria espairecer e SUMIR COM as dúvidas da sua cabeça.<sup>103</sup>

(50') Certamente, um pouco de ação o faria espairecer e sumir as dúvidas da sua cabeça.

Em (50'), *cabeça* (Z) é o que antes localizava *dúvidas* (a), dando-lhes visibilidade e agora não as localiza mais. COM, ao introduzir *dúvidas* (Y), faz com que o *a dose de ação que provocaria o seu sumiço* (X) seja regulada pelo incômodo originado em *dúvidas* (Y). Em outras palavras, *a dose de ação que provocaria o sumiço* (X) passa a ser orientada pela motivação originada em *dúvidas* (Y).

Em SUMIR COM, verificamos que quem fará com que as *dúvidas* não seja mais localizada na *cabeça* é a *dose de ação* que, ao ser empenhada, provoca o espairecimento do sujeito e permite que as *dúvidas* deixem de existir. Isso não acontece no exemplo (50), em que constatamos que a *ação* pode ser considerada apenas como um movimento que desencadeará como resultado o sumiço de *dúvidas*.

A breve reflexão que propomos está longe de se esgotar nos apontamentos realizados até aqui. Nosso intuito foi apenas o de apresentar alguns casos em que a preposição COM interage de maneira mais particular com os verbos ROMPER, CORTAR e SUMIR.

A identificação verificada em alguns casos de ROMPER COM e CORTAR COM pôde ser explicada ao compararmos a tendência em mobilizar elementos de

<sup>103</sup> Extraído de <http://fanfiction.com.br/historia/175976/Superfreddie/capitulo/38/>. Acesso em 27/01/2015.

natureza distinta (“retentor” e “retido” para o caso de ROMPER; “termo que diz a linearidade” e “parte destituída do todo” para o caso de CORTAR) que a forma esquemática dos verbos e a identidade semântica da preposição COM apontam. Em CORTAR COM e de SUMIR COM, a identificação dessas unidades reside na particularização e reconfiguração da relação que esses verbos convocam. Por fim, especificamente em ROMPER COM, constatamos a necessidade de apreender os demais elementos envolvidos nessa relação dentro da ótica da reciprocidade, pois não só um, mas todos os demais elementos são envolvidos nos efeitos oriundos da dissolução evocada pelo verbo.

Também foi possível observar que a preposição COM, ao participar da relação predicativa de ROMPER, CORTAR e SUMIR, é responsável por modificar o status dos elementos envolvidos nessa relação. Ao analisar tais verbos em diferentes construções nas quais se faz presente um sintagma preposicional em COM, percebe-se que classificá-los em funcional e predador não permite compreender a orientação da relação predicativa pelos parâmetros constitutivos da identidade semântica da preposição.

## CAPÍTULO IV – Propostas pedagógicas

*Les mots sont de vrais magiciens.  
Ils ont le pouvoir de faire surgir à nos yeux  
des choses que nous ne voyons pas.<sup>104</sup>  
Érik Orsenna*

Quando nos relacionamos em sociedade, o que é exigido de nós, falantes, é que saibamos nos expressar, argumentar, estabelecer tratados, defender opiniões, dar sugestões, críticas etc. e isso tudo depende da linguagem. Grande parte desse trabalho deve (ou deveria) ser realizado na escola, mas não é isso que tem ocorrido. Em outras palavras, a gramática continua sendo vista como uma vasta exposição de temas repletos de classificações em detrimento de uma de suas funções principais, que consiste em, ao refletir sobre as possibilidades significativas da língua, aprimorar nossas habilidades enunciativas e discursivas. Como bem aponta Travaglia (1997), defendemos, assim,

[...] um ensino de gramática que desenvolva [...] a capacidade de o falante usar cada vez mais recursos da língua e de forma adequada a cada situação de interação [...]  
[...] construído sobre uma concepção que vê a gramática como o próprio estudo e trabalho com a variedade dos recursos linguísticos colocados à disposição do produtor e receptor de textos para a construção do sentido. Portanto, *a gramática vista como o estudo das condições linguísticas da significação*. (TRAVAGLIA, 1997, p.240, grifo nosso)

Aqui, tomamos como princípio o fato de que o conteúdo gramatical e o léxico trabalhados em sala de aula devem estar ancorados na língua em uso e no conhecimento que nossos próprios alunos já possuem de sua língua materna, antes mesmo de qualquer aprendizado formal, pois não nos parece ter sentido práticas de ensino que se proponham apenas a ilustrar e a classificar segmentos previsíveis sem estabelecer qualquer tipo de articulação com a linguagem.

A esse respeito, os PCN já apontam que, desde os anos iniciais, todo expediente reflexivo que encerra a sistematização gramatical deve passar primordialmente pelo uso da língua:

---

<sup>104</sup> As palavras são verdadeiramente mágicas. Elas têm o poder de fazer surgir aos nossos olhos coisas que não enxergamos.

De maneira mais específica, considerar a organização dos conteúdos no eixo USO → REFLEXÃO → USO significa compreender que tanto o ponto de partida como a finalidade do ensino da língua é a produção/compreensão de discursos. Quer dizer: as situações didáticas são organizadas em função da análise que se faz dos produtos obtidos nesse processo e do próprio processo. (BRASIL, 1997, p. 35)

Concernente ao conhecimento que os alunos possuem de sua língua materna, acreditamos ser possível estimular e considerar o que cada aluno pode e tem a dizer a respeito de uma dada unidade linguística. Acreditamos, assim, que, ao considerarmos a heterogeneidade da língua, podemos “explorar com sensibilidade o fato de que todos falam português e conhecem as estruturas dessa língua” (FRANCHI, 2006, p. 94). A propósito do conceito de gramática, filiamos-nos, portanto, ao que estabelece Carlos Franchi (2006):

*Antes de ser um manual descritivo, a gramática é, de início, esse saber linguístico que todo falante possui, em um elevado grau de domínio e perfeição. Em segundo plano, a explicação formal do caráter abstrato e geral desse saber. (FRANCHI, 2006, p. 99, grifo nosso)*

No estudo da classe das preposições, percebemos que, de maneira geral, essas unidades, quando são abordadas, ora atuam como coadjuvantes no aprendizado de outras classes de palavras, ora figuram em tópicos envolvendo questões de sintaxe. Não há, geralmente, um espaço destinado especificamente à exploração da forma como as preposições atuam na produção textual e tampouco ao modo como interagem com outras unidades, o que confere ainda mais sustentação ao caráter puramente funcional atribuído comumente aos conectores, prejudicando e obscurecendo as relações de sentido por eles sinalizados.

Partimos do princípio de que as preposições estabelecem relações de sentido como qualquer outra unidade da língua. No entanto, para que essas relações sejam percebidas, é de suma importância que os alunos sejam colocados diante dos dados, operando sobre a própria linguagem, construindo suas próprias hipóteses e questionamentos. Ao encontro dessas questões, defendemos uma proposta pedagógica composta por módulos didáticos que seguem um percurso de natureza metalinguística envolvendo o aprendizado da preposição COM, posto que:

Quando parte integrante de uma situação didática, a atividade metalinguística desenvolve-se no sentido de possibilitar ao aluno o levantamento de regularidades de aspectos da língua, a sistematização

e a classificação de suas características específicas. (BRASIL, 1997, p. 30)

No trabalho envolvendo a gramática tal como estamos considerando, pensamos, por exemplo, em solicitar, inicialmente, atividades em que os alunos prestem atenção no uso que fazem das preposições, para, a partir de paráfrases e reformulações, permutá-las umas com as outras de modo a perceber as possíveis variações de sentido em relação ao que gostariam de dizer, explorando ao máximo as possibilidades que a língua lhes oferece. Em um trabalho de caráter mais sistemático – com vistas à formalização do conteúdo a ser apreendido –, podemos propor a observação de enunciados que contenham preposições diferentes (*cf.* Fale COM ela/Fale PARA ela; Fale COM ela/Fale POR ela, etc.) ou até mesmo pares de enunciados com e sem a presença da preposição (*cf.* Mariana namora Leo/Mariana namora COM Leo, Lúcia gosta de conversar/Lúcia gosta de conversar COM os vizinhos, Dez motivos para passear/Dez motivos para passear COM o seu cachorro, etc.) buscando evidenciar o papel de COM quando é empregada e, sobretudo, os contextos decorrentes dessas manipulações e as mudanças significativas que ocorrem no que diz respeito aos outros termos envolvidos na relação. Isso possibilitaria conduzir os alunos, pouco a pouco, às características que compõem a identidade semântica de COM.

Como se pode perceber, o ensino das preposições, em uma abordagem conforme a proposta aqui, não impõe ser essas unidades linguísticas destituídas ou dotadas de sentido em determinados momentos, ou ainda não as trata por sua função de “ligar palavras ou termos” sem explicar o que isso significa. Ao contrário, o que se busca é fazer compreender tais unidades como detentoras de uma identidade semântica que as define e como possuidoras de relativa autonomia em relação às outras unidades linguísticas que compõem um enunciado.

Quando brincamos<sup>105</sup> com os recursos que a linguagem nos oferece, valorizamos o conhecimento internalizado dos falantes e exploramos a criatividade inerente aos seres humanos, obtendo como produto um aprendizado muito mais significativo. Em um posicionamento como esse, o aluno, situado na condição de sujeito ativo em seu processo de aprendizagem, é aquele “que recusa o codificado, que remanuseia objetos e

---

<sup>105</sup> Ressaltamos que, aqui, defendemos a importância de se aprender gramática, mas ponderamos sobre a forma com que se trabalham questões referentes à educação léxico-gramatical em sala de aula. Valendo-nos das palavras de Franchi (2001, p.52), criticamos a “falta de reflexão sobre o que realmente se está fazendo, quando fazemos gramática do modo que fazemos”.



conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo” (RODARI, 1982, p. 140), pois tem a liberdade de pôr a prova as suas próprias concepções em relação ao objeto estudado e não mais compactuar com regras que lhes foram impostas sem direito a qualquer tipo de questionamento.

A relação entre o sujeito e o mundo se compreende como uma relação *ativa*: o homem intervém espontaneamente no curso dos fenômenos, estabelece relações novas, define novos modelos de estruturação do real. Não se limita, pois a observar e assimilar, a estar disponível para a “lição das coisas”, mas fazer delas *o objeto mutável e adaptável* da ação do sujeito. Sob a ação e para a ação, as coisas não são apreendidas a partir de categorias que lhes seriam inerentes, mas pelo seu papel funcional. Como consequência, *saber é saber de experiência, é representação de experiências, e não mera manipulação de representações simbólicas transmitidas: experimenta-se aquilo que se criou.* (FRANCHI, 2006, p. 40, grifo nosso)

Além do trabalho teórico e sistemático que envolve particularmente o emprego de unidades linguísticas pertencentes a diferentes classes, os gêneros textuais também estão no seio das orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (BRASIL, 1998, p. 23)

Todavia, nas salas de aula, o trabalho com os gêneros ainda encontra respaldo na singela apresentação e leitura de textos, questões simplificadas de cunho interpretativo sem qualquer tipo de reflexão e sem qualquer objetivo “linguístico”. Isso faz com que os gêneros textuais sejam costumeiramente abordados apenas com o propósito de fazer com que os alunos saibam distinguir um texto de outro e não com o objetivo de explorar aspectos relacionados aos fenômenos que cercam a competência discursiva.

Os gêneros textuais estão no fundamento do processo comunicativo, no uso que os falantes fazem de sua língua e, por essa razão, merecem ser bem explorados. Acreditamos que, mais do que apresentar diferentes tipos de texto, o professor pode, por exemplo, arrojar-se na investigação das possibilidades linguísticas de um determinado

texto, atentando-se para as incidências de uma determinada unidade linguística e os sentidos por ela elaborados.

É o caso do emprego apropriado de uma ou outra preposição em textos pertencentes a uma dada esfera, por exemplo, a jornalística, que trazem consequências para as informações apresentadas (cf. “Psicóloga compra iPhone 6 pela internet e recebe caixa COM tijolo” e “Psicóloga compra iPhone 6 pela internet e recebe caixa PARA tijolo”, em que a natureza da caixa recebida é totalmente diferente. No primeiro exemplo, temos uma “caixa” não qualquer, pois está sob a interferência de um outro elemento em seu interior e, no segundo, uma “caixa” que possui uma finalidade não qualquer, pois é própria para armazenar um determinado tipo de objeto, neste caso, um tijolo; cf., ainda, “Sol COM muitas nuvens durante o dia e períodos de céu nublado. Noite COM muitas nuvens.” e “Sol SEM muitas nuvens durante o dia e períodos de céu nublado. Noite SEM muitas nuvens.”, em que se representa a temperatura com características distintas, havendo a previsão, no primeiro, para, possivelmente, um clima “frio” e, no segundo, para a possibilidade de um clima “quente”).

Quanto ao papel do professor, é evidente que não é um fator decisivo que ele analise uma a uma as unidades linguísticas de sua língua para que consiga alcançar resultados no ensino-aprendizagem. Para que um bom trabalho seja feito em sala de aula, acreditamos ser tarefa do professor, sim, preparar-se tecnicamente em relação ao objeto que será abordado, fazendo um estudo detalhado das estratégias com as quais vai se respaldar em seu papel de mediador, mas, indo para além disso, manter-se sensível e atento às manifestações dos alunos. Como bem aponta Fairchild (2009):

Seja como for que o trabalho se desenvolva daí prela frente, um efeito importante dessas atividades é o de dar consequência ao discurso do aluno, inclusive quando ele erra, mas não apenas por essa razão. Trata-se de confrontá-lo com o fato de a sua resposta não ser o que o professor esperava – o que é o mínimo necessário –, mas também com o fato de haver alguém à escuta, pronto para reconhecer seus movimentos na linguagem. (FAIRCHILD, 2009, p. 506)

Significa dizer que, em relação aos movimentos de linguagem dos alunos, não devemos nos posicionar diante de suas produções como fiscais em busca de erros ou incongruências, mas, ao contrário, fazer dessas manifestações (repetições, questionamentos, escolhas, omissão de palavras, inversão de sequências, etc.) um objeto de reflexão para os próprios alunos. Esse posicionamento está, por vezes, aquém do que

qualquer conhecimento técnico pode nos proporcionar ou antecipar e, assim, mais uma vez citando Fairchild (2009) “se a técnica é uma aposta na possibilidade de prever, a atitude é então a maneira de lidar com o inesperado, o imprevisto” (2009, p. 498).

Em suma, o que se espera dos professores é que coloquemos em prática um fazer pedagógico que exceda os limites estabelecidos nas páginas de diversos manuais didáticos, sendo nossa função a de criar estímulos para que os próprios alunos possam consolidar um aprendizado significativo através de meios que os façam (re)pensar o seu próprio pensar (REZENDE, 2008), que os façam refletir significativamente sobre os aspectos tão complexos que cercam a mesma língua com a qual já operam com tamanha destreza, antes mesmo de entrar na escola.

A *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas* nos permite adaptar e transpor muito do raciocínio e dos procedimentos feitos em análise linguística às questões relacionadas ao ensino-aprendizagem de línguas, e isso graças aos movimentos na linguagem trazidos pela *glosa*.

Dessa forma, preconizamos, em nossa proposta didática, o ensino-aprendizagem da preposição por meio da *glosa*, recurso metodológico com o qual conduzimos as análises e que nos permitiu chegar à hipótese da identidade semântica de COM.

A *glosa* consiste em uma maneira cuidadosa de manipulação e de reformulação que possibilita, como já mencionado, evidenciar a regularidade semântica observada a cada vez que a preposição (ou qualquer outra unidade linguística) se insere discursivamente, se enuncia. Retomando Romero (2011):

A *glosa* constrói-se ao tentar tornar consciente um “saber inconsciente” – a “racionalidade silenciosa” – e tal tentativa passa, de um lado, por comentários, por explicações e percepções a respeito do papel desempenhado pela unidade linguística que se quer analisar nas interações que dela decorrem, de outro, por uma formalização desse papel por meio de uma metalinguagem. (ROMERO, 2011, p. 157)

Ao “tentar tornar consciente um “saber inconsciente”, *i.e.* a racionalidade silenciosa”, exploramos a *atividade epilinguística*, atividade esta que se aproxima da própria linguagem. O automatismo com o qual conduzimos uma conversa, construímos argumentos contra ou a favor de um ponto de vista ou tecemos um texto escrito é, certamente, proveniente, desse constante trabalho invisível de reflexão (REZENDE, 2008), denominado *atividade epilinguística*, que ocorre no plano de fundo da regulação e formatação de todas as nossas ações languageiras do dia-a-dia. No trabalho que

buscamos desenvolver, empenhando-nos, portanto, em tornar acessível esse conjunto de saberes que orienta nossas escolhas.

Falamos, assim, de uma prática de reflexão que sustenta toda e qualquer produção linguística, e que se refere a uma atividade ininterrupta de reflexão atrelada à própria atividade de linguagem, “atividade interna não consciente” (ROMERO, 2011, p.153). A *atividade epilinguística* repousa no trabalho contínuo de reflexão sobre as possibilidades de uso da língua, em “uma prática que opera sobre a própria linguagem, compara expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações” (FRANCHI, 2006, p. 97).

Os alunos, como falantes da língua, utilizam preposições e as operam com tamanha destreza sem saber, na grande maioria das vezes, do que se trata. Quando propomos um trabalho com preposições, visamos, sim, a instigá-los a refletir acerca do uso que delas fazem e da variação de sentido envolvida em seus diferentes empregos.

A proposta que apresentamos sugere módulos didáticos em que trazemos atividades que devem ser desempenhadas sempre pela mediação do professor, para que os alunos, por meio de discussões orais e atividades escritas, observem propriedades de natureza enunciativa que cercam a preposição COM. Almejamos que, durante a aplicação dos módulos, os alunos possam, gradativamente, identificar a preposição COM dentre as outras unidades, não mais através de características demasiadamente gerais e exemplos, mas lançando mão de um trabalho metalinguístico cuidadoso em que o próprio funcionamento dessa unidade seja evidenciado em situações de uso.

#### **4.1. Objetivos da proposta**

- Compreender qual o papel da preposição;
- reconhecer algumas das preposições existentes no português brasileiro;
- verificar que a preposição possui características únicas, *i.e.* uma identidade, o que culmina também em efeitos de sentido diferentes;
- refletir sobre a natureza dos termos *antecedente* e *consequente*, bem como sobre a relação que esses termos estabelecem;
- observar que enunciados idênticos podem originar sentidos diferentes quando contextualizados e que os contextos decorrem do próprio enunciado;

- observar e discutir as características díspares nos enunciados pareados em que uma preposição está ou não presente;
- observar e discutir as características de funcionamento enunciativo da preposição COM a partir de exemplos variados, de diferentes registros;
- verificar o modo como a preposição COM age sobre outros elementos com os quais se combina;
- observar que a preposição COM quando introdutora de argumento ou não apresenta a mesma forma de funcionamento;
- refletir sobre questões pontuais que envolvem a sintaxe da língua portuguesa.

#### **4.2. Público-alvo**

A proposta didática destina-se, majoritariamente, aos alunos que estejam cursando o Ensino Médio. Acreditamos, no entanto, que as atividades podem ser bem aplicadas aos alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II. Como estabelecido nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, presumimos que, nessa etapa conclusiva do Ensino Fundamental, o aluno já disponha de uma “noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem” (BRASIL, 1998, p. 27) e que já se sinta familiarizado com algumas das características de determinadas classes de palavras (verbo, substantivo etc.), fator crucial para o desempenho das atividades, que demanda um conhecimento prévio.

#### **4.3. Métodos e materiais utilizados**

A execução da proposta pedagógica fundamenta-se, sobretudo, em atividades de manipulação de enunciados executadas oralmente e por escrito, mediadas pelo professor. Para tanto, são previstas pesquisas em mídias variadas e com familiares, amigos etc., ambas com coleta de registros orais ou escritos.

#### **4.4. Período previsto**

O período estimado para a aplicação integral da proposta didática é de um bimestre, o que não exclui aplicá-la parcialmente e não necessariamente com os

mesmos exemplos, visto o caráter maleável das atividades permitir ao professor explorar enunciados outros. Muito mais do que apresentar um conjunto de atividades a ser seguido ponto a ponto, buscamos contribuir com formas de abordagem que culminem em um trabalho mais reflexivo envolvendo unidades léxico-gramaticais.

#### 4.5. Propostas pedagógicas: módulos didáticos

<b>1º módulo de atividades</b>
--------------------------------

##### Exemplos passíveis de serem utilizados:

- Ladrões brigam. *versus* Ladrões brigam COM ladrões.
- (...) o rapaz está namorando há um mês. *versus* (...) o rapaz está namorando há um mês COM Lívia Scattolini<sup>106</sup>.
- Alguns motivos para passear. *versus* Alguns motivos para passear COM seu cachorro.<sup>107</sup>

##### Descrição do trabalho a ser realizado:

Durante uma roda de conversa e observação de exemplos colocados no quadro, incitamos a percepção da presença ou não de um dado elemento, no caso, de um grupo introduzido por COM (SP)<sup>108</sup>. A conversa pode ser precedida da seguinte discussão: “O que faz com que possamos apreender uma determinada sequência como um enunciado?”. Neste caso, é de suma importância oferecer uma explicação do que vem a ser um enunciado, porque, no trabalho a ser realizado, as sequências devem ser contextualizadas. É cabível propor que exemplos da seguinte natureza sejam analisados:

- a) Ele namora com ela.
- b) Ele namora com ela? Não acredito! Seria melhor ficar solteiro.

<sup>106</sup> Extraído de <http://www.correio24horas.com.br/single-entretenimento/noticia/fila-andou-ex-marquezine-mauricio-destri-esta-namorando-com-livia-scattolini-famosa-design-de-interiores/?cHash=6fbbf798c6727d2524cf968ba37fc081>. Acesso em 06/06/2016.

<sup>107</sup> Extraído de <http://www.lordcao.com/lcn022.htm>. Acesso em 04/12/2015.

<sup>108</sup> Falaremos, nesse capítulo, em grupo preposicionado, o que não exclui a possibilidade de se empregar em sala de aula sintagma preposicional (SP), explicando em que consiste um sintagma.

Devemos explicar aos alunos que, para melhor compreensão e exploração de exemplos como (a), é apropriado que criem mentalmente uma espécie de cenário (personagens, ambiente, dinâmica de ação envolvida, etc.) e que, após essa primeira etapa de organização de ideias, possam reformular, descrever verbalmente, a representação almejada. É o que observamos com o exemplo (b), em que temos uma sequência que integra um determinado discurso, um cenário enunciativo. O importante é mostrar que um enunciado se dá a partir de uma entonação que, por sua vez, desencadeia igualmente determinados tipos de contextualização.

Após essa explicação, o professor pode ressaltar que, durante o trabalho, os alunos devem, sempre que necessário, proceder dessa maneira para que consigam interagir de maneira mais satisfatória com os exemplos. Feitas essas observações, pode-se conduzir a conversa de modo a fazer com que os alunos pensem nas seguintes questões:

### 1. O que há de diferente ou semelhante nos exemplos pareados?

- Ladrões brigam. *versus* Ladrões brigam COM ladrões.
- (...) o rapaz está namorando há um mês. *versus* (...) o rapaz está namorando há um mês COM Lívia Scattolini.
- Alguns motivos para passear. *versus* Alguns motivos para passear COM seu cachorro.

Aqui, os alunos devem notar que os elementos que compõem os enunciados não são os mesmos. O professor, então, pode explicar o elemento acrescentado ou retomar conhecimentos prévios em relação à terminologia, dizendo tratar-se de um grupo introduzido pela preposição COM.

Vale pontuar, nesse instante, que as preposições são termos que possuem uma forma única, recuperando a questão da flexão. Se, por exemplo, o que se conhece por verbo concorda com o sujeito<sup>109</sup>, o que se chama preposição não marca essa relação.

---

<sup>109</sup> Sabemos que a concordância nem sempre acontece em determinados registros: “Ele(a) chega” ou “Eles(as) chega”; “Nós faz”, etc. Isso não invalida nem a presença do verbo conjugado (chegar/chega; fazer/faz), nem o fato de haver concordância em relação a outras pessoas, como se observa com o “eu”, já que é muito mais difícil não existir a concordância em relação a esse pronome.

Caberia, também, retomar com os alunos o quadro de preposições que comumente consta de diferentes gramáticas<sup>110</sup>, chamando-lhes a atenção para o fato de que, mesmo que aparentemente se consiga reunir as preposições que conhecemos e utilizamos nos dias de hoje – diferentemente do que acontece com substantivos, verbos, ou adjetivos, quase impossível de listá-los –, não se pode esgotar qualquer classe da língua, dado o seu caráter dinâmico. Com menos ou mais facilidade, com menos ou mais tempo, podem surgir novas unidades independentemente da classe na qual estejam inseridas.

Por exemplo, o surgimento de uma nova rede social na internet como o twitter deu origem a um novo verbo, o “twitar”, verbo que até o século XX não existia em nossa língua. Tantos outros exemplos podem ser levantados, como o adjetivo “piriguite”, que surgiu entre os jovens de uma determinada tribo e migrou facilmente para o vocabulário popular brasileiro, etc. Além do surgimento de novas palavras na esfera nominal, não podemos nos esquecer de mencionar os casos decorrentes da junção de uma ou mais unidades que funcionam como uma preposição como, por exemplo, “*em via de*”, “*antes de*”, “*em frente de*”, “*graças a*”, “*diante de*” etc.

A apresentação do quadro em si não traz por si só nenhum ganho sem as discussões que ele mobiliza. Daí ser interessante, na continuidade da reflexão, propor uma atividade em que, partindo de “Ele fala\_\_\_\_ela”, os alunos busquem quais possibilidades permitem estabilizar a construção e quais contextos significativos são evocados: Ele fala *para* ela, Ele fala *com* ela, Ele fala *por* ela, etc.

Na retomada dos exemplos apresentados inicialmente, os alunos podem perceber que um possui um grupo preposicionado (SP) ou não. Durante o trabalho com os dados, o professor vai solicitar que os alunos atentem, inicialmente, para o conteúdo do grupo preposicionado e, após essa constatação, se empenhem em encontrar relações com o que o antecede.

## **2. Do ponto de vista da interpretação, que aspectos conseguimos observar?**

- a) Ladrões brigam *versus* Ladrões brigam COM ladrões.

---

<sup>110</sup> Posteriormente, podemos tratar das construções das quais as preposições participam: locuções prepositivas, contrações que realizam com artigos etc.



- b) (...) o rapaz está namorando há um mês *versus* (...) o rapaz está namorando há um mês COM Livia Scattolini.
- c) Alguns motivos para passear *versus* Alguns motivos para passear COM seu cachorro.

O professor conduz uma discussão oral com o objetivo de levar os alunos a perceberem que a presença da preposição COM como introdutora de um grupo preposicionado age sobre o elemento que a antecede, elemento que não é necessariamente o verbo, mas passa por meio de relações por ele desencadeadas:

(a) Ladrões brigam.

(a') Ladrões<sup>1</sup> brigam COM ladrões<sup>2</sup>.

A discussão deve atentar para o fato de que o verbo *brigar*, ao ser empregado, nos leva, necessariamente, a considerar ao menos dois aspectos:

1. os sujeitos ou elementos envolvidos para que “a briga” aconteça, pois, para que o *brigar* se efetive, é necessário que tenhamos ao menos mais de um envolvido que representem, fundamentalmente, forças que se opõem: *UM* (sujeito em questão) e um *OUTRO*, conforme exemplos dados anteriormente. Em outras palavras, é preciso convocar mais de um elemento para que se sustente a característica de disputa que *brigar* apresenta;
2. o(s) estímulo(s) que originaram o conflito existente no cenário enunciativo construído por *brigar*.

Feitas as considerações necessárias a respeito de *brigar*, o professor e os alunos em conjunto podem verificar que, em (a), temos apenas um enunciado de caráter afirmativo que nos diz a existência de um grupo de sujeitos *ladrões* que interagem por meio do que *brigar* evoca. Vale, no caso, verificar as contextualizações decorrentes de (a), uma delas referente ao fato de que podemos qualificá-los de brigões.

Por outro lado, podem observar que, em (a') “Ladrões<sup>1</sup> brigam COM ladrões<sup>2</sup> e se matam” é possível perceber a descrição de uma dinâmica de ação. Aqui, COM é responsável por introduzir e evidenciar *ladrões*<sup>2</sup>, o OUTRO elemento envolvido na disputa, validando, assim, a característica interativa própria a *brigar*. Ao mesmo tempo

em que COM especifica esse OUTRO elemento, acaba por (re)categorizar o cenário evocado por *brigar*, uma vez que, neste exemplo, estamos diante da descrição de *ladrões*<sup>1</sup> que desenrolam o brigar pela interferência específica de outros *ladrões*<sup>2</sup> que são introduzidos pelo emprego de COM.

Notamos também que, no exemplo (a'), o emprego da preposição COM para introduzir *ladrões*<sup>2</sup> faz com que possamos caracterizar UM (*ladrões*<sup>1</sup> que brigam) e OUTRO (*ladrões*<sup>2</sup>) como adversários. Neste caso, o emprego da preposição COM institui que os dois sujeitos envolvidos são afetados, ao mesmo tempo, pelos efeitos instaurados pelo *brigar*, o que denominamos por reciprocidade.

Em uma outra apreensão também possível, o emprego da preposição COM, ao introduzir *ladrões*<sup>2</sup>, faz com que possamos caracterizar UM (*ladrões*<sup>1</sup> que brigam) e OUTRO (*ladrões*<sup>2</sup>) como aliados, pois se mobilizam concomitantemente contra um mesmo alvo.

Aqui, o professor também pode explorar a palavra “reciprocidade” em si, questionando os seus alunos a respeito do que esse termo convoca em termos de sentido nos enunciados em que aparece, apontando características como, por exemplo, o fato de “reciprocidade” remeter a qualquer atividade que afeta, ao mesmo tempo, dois elementos.

A partir dessa constatação, é interessante mostrar aos alunos que a inversão da ordem dos sujeitos envolvidos – *ladrões*<sup>1</sup> e *ladrões*<sup>2</sup> – está pautada em uma relação de simetria, no sentido em que a natureza do *brigar* comporta, como já apontado, a necessidade de dois elementos que possuem um mesmo ideal: o de ir contra o seu adversário.

O professor pode discutir a questão da simetria com outros exemplos (“Ladrões brigam COM policiais” ou outros trazidos pelos alunos). O intuito é mostrar que, ainda que os envolvidos no brigar variem, o *ir contra o seu adversário* se mantém, o que faz com que os efeitos da simetria apontada sejam novamente observados.

É interessante, ainda, evidenciar que, tanto em “Ladrões<sup>1</sup> brigam COM ladrões<sup>2</sup> e se matam” quanto em “Ladrões brigam COM policiais”, a motivação que desencadeia o *brigar* reside no que COM introduz. Isso permite explicar o que se chama de termo *consequente* (termo que segue a preposição), *ladrões*<sup>2</sup> e *policiais*, respectivamente, e o que significa dizer, num primeiro momento, que esse termo orienta a relação estabelecida.

(b) (...) o rapaz está namorando [a] Lívia Scattolini há um mês.

(b') (...) o rapaz está namorando há um mês com Lívia Scattolini<sup>111</sup>.

Ao refletir sobre os enunciados acima, os alunos podem achar que os dois são muito parecidos. Para ir além das diferenças em sua composição estrutural, pode-se atentar para o fato de que, quando se fala em *namorar*, observamos a existência de tipos de movimento distintos que mobilizam UM e OUTRO elemento de duas formas:

- 1º. *namorar* pode implicar apenas a contemplação de uma pessoa em relação a algo ou a outro sujeito que lhe desperta interesse (cf. “Faz um tempão que estou *namorando a moda* das calças estampadas mas nenhuma estampa tinha me convencido, ainda mais porque tenho quadril largo e dependendo da estampa, isso pode piorar...hahan Mas ao ver essa calça, foi amor à primeira vista!<sup>112</sup>). O professor pode solicitar aos próprios alunos dar outros exemplos em que *namorar* remete a formas de contemplação, admiração. Aqui, devemos deixar claro que não há correspondência entre aquele que sente ou pensa, *i.e.* entre UM (o que contempla), e OUTRO (o que é contemplado), observando-se uma *relação assimétrica* entre os envolvidos. É interessante notar, aliás, em quais contextos diríamos, por exemplo, “Mariana namora com o carro” e “Mariana namora o carro”, ou qual deles é mais facilmente contextualizado.
- 2º. *namorar* pode implicar a existência de uma relação de compromisso afetivo entre partes – UM e OUTRO sujeitos – (cf. “é pecado *namorar com primo?* Preciso de ajuda, rápido...?”<sup>113</sup>). Ao contrário do primeiro caso, verificamos, aqui, a preposição COM atuando como responsável por validar a existência de uma relação de compromisso e também como responsável por fazer com que o sujeito por ela introduzido seja tomado como a outra parte integrante da relação de compromisso. Há, assim, *correspondência* entre os envolvidos UM e o OUTRO (namorada e namorado), observando, então, uma *relação simétrica* entre esses envolvidos.

<sup>111</sup> Exemplo extraído do site <http://www.correio24horas.com.br/single-entretenimento/noticia/fila-andou-ex-marquezine-mauricio-destri-esta-namorando-com-livia-scattolini-famosa-design-de-interiores/?cHash=6fbf798c6727d2524cf968ba37fc081>. Acesso em 05/07/2016.

<sup>112</sup> Extraído de <http://pigmentof.com/2013/02/15/calca-estampada/>. Acesso em 05/07/2016.

<sup>113</sup> Extraído de <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080129061839AAHSIRA>. Acesso em 05/07/2016.

Tanto para o 1º, quanto para o 2º, é preciso mostrar que, para que *namorar* se efetive, é necessário existir um outro sujeito ou objeto (cf. “Se não quer se envolver, namore uma planta”<sup>114</sup>), a própria imagem refletida no espelho (cf. “ela tá achando que eu sou trouxa, se namorando no espelho, de roupa que não cobre a coxa, sorrindo de batom vermelho”<sup>115</sup>), sendo os alunos convidados a trazer outros tantos exemplos. É importante notar que esse sujeito ou objeto mobilizado preenche o lugar de complemento verbal, podendo não se fazer presente no enunciado. Em outras palavras, se há *namoro*, presumimos a existência de *namorado* e de uma *namorada*.

Ao compararmos (b) e (b’), somos convidados a considerar os dois movimentos elencados inicialmente para *namorar*. Em (b), percebemos que *namorar* diz apenas que há alguém (o rapaz) que namora *Lívia Scattolini* num dado período de tempo. Nesse exemplo, a propósito do primeiro movimento delineado para *namorar*, *Lívia Scattolini* pode ser apreendida apenas como aquela que desperta no *rapaz* qualquer espécie de desejo e não propriamente evoca a existência de um compromisso afetivo. Temos, portanto, um enunciado que, quando contextualizado, poderá evocar para o *namoro* cenários que impliquem apenas contemplação (cf. “o rapaz está namorando [a] Lívia Scattolini há um mês e ela nem dá bola”, “o rapaz está namorando [a] Lívia Scattolini há um mês e ela nem sabe de sua existência”; “o rapaz está namorando [a] Lívia Scattolini há um mês, mas mal sabe ele que ela já é comprometida”, etc.).

Ao contrário, em (b’), a única possibilidade verificada reside no segundo movimento apontado para *namorar*, uma vez que o grupo preposicionado introduzido por COM faz com que *Lívia Scattolini* seja vista necessariamente como o termo a partir do qual *o namoro do rapaz* como compromisso afetivo se dá (se há *namoro*, é por existir *Lívia*), o que a torna mais do que uma parte integrante do *namoro*: *Lívia* é aquela com quem *o rapaz* é comprometido num dado período de tempo. Sendo assim, temos um *namoro* que implica compromisso afetivo (cf. “O rapaz está namorando com [a] Lívia Scattolini há um mês. Agora ele não é mais solteiro”; “O rapaz está namorando com [a] Lívia Scattolini há um mês, mas continua dando em cima de outras garotas”, “O rapaz está namorando com [a] Lívia Scattolini há um mês e já alimenta esperanças para um futuro casamento”, etc.).

<sup>114</sup> Extraído de <http://pensador.uol.com.br/frase/NTIyNTYz/> . Acesso em 11/10/2015.

<sup>115</sup> Extraído de <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/07/universitaria-compoe-musica-com-frases-machistas-e-ganha-fas-na-web.html> . Acesso em 11/10/2015.

(c) Alguns motivos para passear.

(c') Alguns motivos para passear COM seu cachorro.

Neste caso, o professor pode atentar para o fato de que *passear*, nos dois enunciados, nos leva a considerar:

- 1) o(s) sujeito(s) mobilizados para que o *passear* aconteça, que pode ocorrer sem que haja companhia;
- 2) um local a ser selecionado para o desenrolar do passeio. Diferentemente de um *deslocar* qualquer, o cenário construído por *passear* implica considerar um deslocamento que compreenda prazer, distração.

Em (c'), COM é responsável por introduzir *seu cachorro* como um OUTRO elemento mobilizado para considerar *o passeio*. Ao mesmo tempo em que especifica esse elemento, (re)categoriza este passear, que será entendido por meio da rotina do outro ser (cachorro) por ele introduzido. Ou seja, o fato de COM introduzir *seu cachorro* faz com que o passeio não seja mais visto como um passeio qualquer.

A comparação entre os exemplos (c) e (c') deve permitir aos alunos compreender o quão insuficiente é apenas identificar *COM seu cachorro* como um adjunto de companhia, uma vez que a presença desse grupo preposicionado não só modifica a apreensão já prevista em *passear*, mas regula e (re)configura o próprio desenrolar da prática, que passa a acontecer sob a influência da incorporação de *seu cachorro*.






A partir dos exemplos discutidos, é possível levantar ao menos os seguintes aspectos:

- A preposição COM necessita operar na presença de dois elementos, UM e OUTRO, a serem notados por (X) e (Y), respectivamente;
- os elementos UM e OUTRO são, necessariamente, diferentes;
- os elementos introduzidos pela preposição COM alteram a maneira como consideramos os elementos que a antecedem (*antecedente*) e que a seguem (*consequente*).

Feitas essas constatações oralmente, pode-se elaborar, no quadro, junto com os alunos, uma primeira aproximação do funcionamento de COM:

COM é responsável por incorporar características a UM elemento (X) por meio da introdução de OUTRO elemento (Y), que não é parte da composição de (X); tais características passam a se integrar a UM, fazendo com que seu estado inicial seja (re)caracterizado.

Em suma, temos:

- UM em seu estado inicial: 
- OUTRO: 
- UM  não é igual ao OUTRO  ; sendo assim, UM não contém o OUTRO;
- COM introduz o OUTRO elemento fazendo com que UM seja concebido de outra maneira em relação ao seu estado inicial. “UM é (re)configurado”: 
- características (ou propriedades) do OUTRO se incorporam a UM, ainda em seu estado inicial: UM passa a ser visto por meio de novas características que lhe foram agregadas (UM é (re)configurado).

Após a elaboração de uma possível hipótese para o funcionamento de COM, é possível realizar uma retomada dos exemplos:

- Ladrões<sup>1</sup> brigam COM ladrões<sup>2</sup> – a inserção de *ladrões<sup>2</sup>* (Y), elemento que *segue* a preposição COM, (re)configura o cenário evocado por *brigar*. Neste caso, não temos mais simplesmente *ladrões<sup>1</sup> que brigam* (X), na condição de termo que *antecede* a preposição COM, mas *ladrões<sup>1</sup> que brigam* devido à interferência específica de outros *ladrões<sup>2</sup>*;
- (...) o rapaz está namorando há um mês com Livia Scattolini – a inserção de *Livia Scattolini* (Y), termo que *segue* a preposição COM, faz com que o *compromisso afetivo do rapaz* (X), termo *antecedente*, seja delimitado. Se existe a *compromisso afetivo do rapaz*, é porque existe *Livia Scattolini*, a outra integrante exigida como parte do que o *namoro* solicita para que se efetive;

- Alguns motivos para passear COM seu cachorro – a inserção de *seu cachorro* (Y), termo que *segue* a preposição COM, delimita o que compreendemos por *passeio* (X), termo *antecedente*, (re)configurando-o. Trata-se não mais de um *passeio* qualquer, mas de um *passeio* que ocorre sob a interferência de um outro elemento, *seu cachorro*.

É interessante observar que a preposição COM se integra a verbos como *brigar* e *namorar*, que evocam relações sócio-afetivas em que se observa a pluralidade de sujeitos envolvidos. O professor pode solicitar aos alunos que citem outros verbos que possam operar da mesma maneira, tais como, por exemplo, *casar*, *disputar*, *conversar*, *debater*, *flertar*, *concorrer*, *concordar* etc.

Comumente, a literatura corrente sugere o *verbo* na condição imediata do termo que antecede a preposição. Os enunciados a serem discutidos podem mostrar aos alunos que o termo que antecede a preposição COM não é o verbo: trata-se de uma relação estabelecida entre *sujeito* – que não será propriamente o sujeito sintático – e o *verbo*. Por exemplo, no caso de “Ladrões<sup>1</sup> brigam COM ladrões<sup>2</sup>”, o termo que antecede a preposição é o que definimos por *Ladrões<sup>1</sup> que brigam* e não *brigar*; em “(...) o rapaz está namorando há um mês com Livia Scattolini”, o termo que antecede a preposição é o *compromisso afetivo do rapaz* e não somente o verbo *namorar*; e por fim, no enunciado “Alguns motivos para passear COM seu cachorro”, o que é definido como o termo antecedente da preposição é o *passeio* e não o verbo *passear*.

O trabalho com os exemplos fornecidos faz com que os alunos reflitam sobre o fato de que a preposição, como qualquer outra unidade linguística, é empregada com tamanha naturalidade em nossas ações de linguagem que nem chegamos a prestar atenção em seus efeitos de sentido e sobre como é interessante (re)pensar o que motiva sua utilização. Assim, chama-se a atenção para o que identifica uma dada unidade da língua.

Feito isso, o objetivo deve ser o de evidenciar aos alunos essas constatações por meio de um desafio em que, divididos em pequenos grupos, sejam colocados em confronto com diferentes preposições.

Uma orientação entre outras para a atividade seria: “Altere a preposição presente no exemplo *Saiba como acostumar o cão a uma nova casinha*<sup>116</sup> e discuta com o seu grupo as possibilidades interpretativas decorrentes da alteração. Veja se há preposições que não são admitidas em nenhuma hipótese e discuta com os demais colegas os resultados obtidos.”

Exemplo:     *Saiba como acostumar o cão SEM uma nova casinha.*  
                   *Saiba como acostumar o cão COM uma nova casinha.*  
                   *Saiba como acostumar o cão PARA uma nova casinha.*  
                   *Saiba como acostumar o cão DE uma nova casinha.(?)*  
                   etc.

Os alunos podem permutar as preposições uma a uma de modo a verificar as possibilidades de sucesso. Cada possibilidade, certamente, desencadeará diferentes cenários para os alunos, podendo resultar, a pedido do professor, na construção de histórias engraçadas que as integrem:

- “Bentinho sempre foi um cachorro muito bagunceiro. José, seu dono, não aguentava mais gastar dinheiro comprando casinhas que, em menos de um dia, eram roídas pelo cão. Certa vez, José buscou auxílio na internet e encontrou um artigo que tratava, justamente, de seu problema “*Saiba como acostumar o cão sem uma nova casinha*”. Com tudo o que estava explicado ali, José percebeu que não deveria mais comprar casinhas para Bentinho por um tempo, pois, talvez, se o deixasse dormir algumas vezes no chão gelado e ao relento, o cão passaria a valorizar um lugar quentinho”;
- “Bentinho é um cachorro mimado. Desde que veio morar com a família de José, só consegue dormir no tapete da sala. Toda a família se incomoda com os roncões do cachorro e deseja urgentemente que ele passe a dormir no quintal. Para isso, a família comprou uma nova casinha para Bentinho. O mais engraçado é que, no próprio Pet Shop, havia um folheto explicativo que trazia como título “*Saiba como acostumar o cão COM uma nova casinha*”, que tratava de cachorros

---

<sup>116</sup> Exemplo extraído de <http://www.clubeparacachorros.com.br/comportamento/saiba-como-acostumar-o-caao-a-uma-nova-cama/>. Adaptado por nós. Acesso em 16/07/2016.



mimados que precisavam aprender a remodelar seus hábitos! Parecia até que aquilo tinha sido escrito para o Bentinho!”, etc.

Com isso, podem perceber que as preposições possuem funcionamentos bastante particulares e que cada uma delas é responsável por conferir características únicas aos enunciados nos quais foram inseridas. Ou seja, perceberão, por exemplo, que a relação entre a *rotina noturna do cão* e a *casinha* terão apreensões distintas conforme a preposição empregada.

### **Sistematização do que pode ser aprendido com este módulo:**

- Discussão a respeito do que vem a ser um enunciado;
- compreensão de que as preposições são palavras invariantes;
- reflexão sobre a frequência e o surgimento de unidades conforme a classe;
- identificação do grupo introduzido por COM em sequências e enunciados;
- discussão sobre os efeitos que a presença ou a ausência de grupos introduzidos por COM trazem à semântica dos elementos ao qual se integra, e consequentemente, ao sentido do enunciado como um todo;
- discussão e identificação de X e Y no caso da relação X COM Y;
- verificação de que COM se integra facilmente a verbos que implicam relações sócio-afetivas que não podem ser desempenhadas em autonomia, pois demandam mais de um “elemento” para que operem satisfatoriamente;
- discussão sobre o termo antecedente: não se trata do verbo do ponto de vista morfológico, mas de elementos envolvidos na relação predicativa;
- apresentação da hipótese de funcionamento enunciativo: COM insere OUTRO elemento que afeta as características estabelecidas inicialmente em UM elemento; a natureza dos dois elementos é distinta;
- discussão sobre o fato de cada preposição ser portadora de uma identidade única que as diferencia das demais.

<b>2º módulo de atividades</b>
--------------------------------

### **Exemplos passíveis de ser utilizados:**

- Mas ela mente pra ele e foge *versus*  
Mas ela mente pra ele e foge COM a gente (...)...<sup>117</sup>
- Bélgica goleia Hungria e avança as quartas da Eurocopa *versus*  
Bélgica goleia Hungria COM tranquilidade e avança as quartas da Eurocopa.<sup>118</sup>

### Descrição do trabalho a ser realizado:

Como na atividade anterior, o professor inicia com a observação e leitura oral dos exemplos colocados no quadro. O objetivo maior é fazer com que os alunos, ao observarem que os exemplos pareados são diferentes, já consigam se certificar de que a presença ou a ausência do grupo em COM (SP) traz consequências interpretativas importantes para os enunciados.

### 1. Do ponto de vista da interpretação, quais as consequências que a presença do grupo preposicionado acarreta à construção do sentido?

(a) Mas ela mente pra ele e foge.

(a') Mas ela mente pra ele e foge COM a gente (...)...

É possível notar que, em (a), *ela* tende a ser considerada apenas em relação a um movimento resultante de *fuga* que se verifica em decorrência da *mentira*. Já no exemplo (a'), temos uma *fuga protagonizada por ela após a mentira* (X) que passa a ser vista como não qualquer, pois está sob a influência de outro elemento, *a gente* (Y) introduzido pela preposição COM. Em outras palavras, se em (a) a *fuga* tende a ser considerada como um movimento resultante da *mentira* e é originada e protagonizada por *ela*, em (a') o desempenho da *fuga de "ela" após a mentira* sofre a interferência de outros elementos *a gente*, que passam a fazer parte de um movimento que até então era desempenhado em autonomia por *ela*. Em suma, observa-se uma *fuga após a mentira*

<sup>117</sup> Extraído de [http://instaliga.com/benitiz\\_ericson/1052201891754374730\\_1414845220](http://instaliga.com/benitiz_ericson/1052201891754374730_1414845220). Acesso em 23/06/2016.

<sup>118</sup> Extraído de <http://istoe.com.br/belgica-goleia-hungria-com-tranquilidade-e-avanca-as-quartas-da-eurocopa/>. Acesso em 26/06/2016.

não qualquer, que se dá na presença de outros elementos inseridos pela preposição COM que a (re)configuram.

(b) Bélgica goleia Hungria e avança às quartas da Eurocopa.

(b') Bélgica goleia Hungria com tranquilidade e avança às quartas da Eurocopa.

Ao compararmos os exemplos (b) e (b'), verificamos que, em (b), é possível constatar que *houve uma enorme variedade de gols feitos pela Bélgica* e que esse fato a fez avançar no campeonato. Já em (b'), COM, ao introduzir outra característica *tranquilidade* (Y), regula e especifica o *modo como se dá a goleada protagonizada pela Bélgica* (X), isto é, modifica a apreensão da *enorme variedade de gols feitos pela Bélgica*, que passa a ser vista sob a ótica da ausência de obstáculos e de dificuldades, da *tranquilidade*.

No trabalho com esses exemplos, espera-se que os alunos percebam, com o auxílio do professor, ainda que com dificuldades iniciais, que o funcionamento da preposição COM formulado anteriormente também opera nesses casos. Deve-se ressaltar, mais uma vez, que, embora os grupos sejam tradicionalmente caracterizados como adjuntos, é possível propor uma nova apreensão ao que se encontra posto.

Na continuidade da atividade, como tarefa a ser realizada fora da sala de aula, o professor pode solicitar aos alunos que visitem sites, consultem jornais, revistas ou que assistam aos telejornais que trazem as previsões climáticas para os estados do país.

A *previsão do tempo* consiste em um gênero textual pertencente à esfera jornalística e que circula amplamente no cotidiano das pessoas. Quando, por exemplo, a previsão anuncia um “dia DE sol COM poucas nuvens”, sabemos que haverá poucas possibilidades de chuvas, mas se anuncia uma “semana COM fortes rajadas DE vento e sol ENTRE nuvens”, devemos nos prevenir contra queda de temperatura e possíveis incidências de chuva.

Em suma, na descrição da *previsão*, tanto na modalidade oral quanto na escrita, evidencia-se o quão fundamental é a preposição. A inversão de uma preposição, por exemplo, pode trazer consequências aos aeroportos na disposição dos voos. Quando se avisa de que teremos “Dia de sol, COM nevoeiro ao amanhecer. As nuvens aumentam

no decorrer da tarde.”<sup>119</sup>, pode haver comprometimento dos voos pela manhã, o que não aconteceria no caso de uma previsão em que se anuncia um “Dia de sol, SEM nevoeiro ao amanhecer. As nuvens aumentam no decorrer da tarde”.

### **Sistematização do que pode ser apreendido com este módulo:**

- Identificação do grupo introduzido por COM em sequências e enunciados;
- discussão sobre os efeitos que a presença ou a ausência de grupos introduzidos por COM trazem à semântica dos elementos ao qual se integra, e consequentemente, ao sentido do enunciado como um todo;
- discussão e identificação de X e Y no caso da relação X COM Y já à luz da hipótese de funcionamento enunciativo de COM apresentada anteriormente (constatação de que COM insere “outro” elemento que afeta as características estabelecidas inicialmente em “um” elemento e de que a natureza dos dois elementos é distinta);
- exploração dos casos em que o grupo preposicionado é visto comumente no âmbito da adjunção, cujos elementos apreendidos tradicionalmente como “facultativos” ou “não necessários” à boa formação de um dado enunciado, são fundamentais quando queremos atingir determinados sentidos;
- breve abordagem do gênero textual *previsão do tempo* que pertence à esfera jornalística e circula com tamanha frequência entre a sociedade, pois, nele, as preposições são bastante utilizadas para definir as condições climáticas;
- manipulação de enunciados por meio da permutação de preposições diferentes em um mesmo enunciado, atentando para o fato de que, mesmo vinculadas a uma classe comum, possuem funcionamentos diferentes. E isso por ser cada uma delas portadora de uma identidade única que as diferencia das demais, culminando em efeitos de sentido distintos.

### **3º módulo de atividades**

#### **Exemplos passíveis de ser utilizados:**

<sup>119</sup> Extraído de <http://www.climatempo.com.br/noticias>. Acesso em 26/06/2016.

- O Brasil rompeu suas relações diplomáticas COM a URSS.<sup>120</sup> *versus*  
Brasil e URSS romperam relações diplomáticas.

### Descrição do trabalho a ser realizado:

O professor inicia a atividade com a leitura e discussão dos exemplos fornecidos. Durante a discussão, o objetivo é sempre o de levantar questionamentos a respeito do que se pode observar em termos de aproximações e distanciamentos entre os exemplos. Neste caso, em um primeiro momento, os alunos podem facilmente achar que os exemplos são muito próximos. Porém, a partir da leitura atenta dos exemplos, o professor pode apontar que, embora apresentem um grau de proximidade, há diferenças entre eles e, em cada um, Brasil e URSS são apreendidos de maneiras distintas.

(a) O Brasil rompeu suas relações diplomáticas COM a URSS.

(a') Brasil e URSS romperam relações diplomáticas.

Para ambos os exemplos, podemos considerar a existência de *países mantidos em um acordo político-econômico* que, a partir do que o verbo *romper* evoca, se desfaz, pois algo acaba por comprometer o jogo de interesses que os mantinha conectados.

No exemplo (a), notamos que a preposição COM, ao introduzir *a URSS* (Y), não só apresenta quem é o outro elemento envolvido no *acordo político e econômico firmado* (X) ditado por *relações*, como, ainda, permite apontar que o desfazer do acordo, provocado por *romper*, tem origem nas motivações desencadeadas pelo *Brasil*. Observa-se também que os efeitos da *relação desfeita* recaem sobre ambos os envolvidos na relação, a saber, Brasil e URSS. Em outras palavras, se antes havia algo que os favorecia em termos políticos e econômicos, agora cada um desses países passa a caminhar de maneira distinta, já que não contam mais com o que os aproximava.

Verificamos que a palavra *relações*, assim como outros verbos já vistos em outros exemplos, instaura a necessidade de se considerar ao menos dois elementos de natureza distinta. O enunciado (a) só traz um desses elementos, o *BRASIL*, e é a

---

<sup>120</sup> Extraído de <http://pebri2012.blogspot.com.br/2010/03/o-brasil-e-urss-no-contexto-da-guerra.html>. Acesso em 22/06/2016.

preposição COM que introduz o outro elemento da relação, que não aparece como sujeito sintático, como em (a'). Notamos também que, em (a'), não é possível definir a origem da dissolução do *acordo político e econômico*, pois, como verificamos em (a), é devido à presença da preposição COM que é possível identificar por quem a dissolução é desencadeada (as motivações para a dissolução partem dos incômodos do Brasil e não da URSS).

### **Sistematização do que pode ser apreendido com este módulo:**

- Identificação do grupo introduzido por COM em sequências e enunciados;
- discussão sobre os efeitos decorrentes da presença ou ausência de grupos introduzidos por COM;
- discussão e identificação de X e Y no caso da relação X COM Y já à luz da hipótese de funcionamento enunciativo de COM.

<b>4º módulo de atividades</b>
--------------------------------

### **Exemplos passíveis de ser utilizados:**

- Dividir 12 maçãs POR 3 pessoas.
- Dividir 12 maçãs PARA 3 pessoas.
- Dividir 12 maçãs ENTRE 3 pessoas.
- Dividir 12 maçãs COM 3 pessoas.

### **Descrição do trabalho a ser efetivado:**

A partir da leitura oral, o professor busca incitar o aluno a observar que os exemplos dispostos no quadro negro envolvem a operação matemática de “divisão” e são muito parecidos em sua estrutura, ou seja, aproximam-se em relação ao material verbal/elementos linguísticos que os compõe(m). Todavia, deve atentar para o fato de que cada um, em função de apresentar uma preposição diferente – POR, PARA, ENTRE e COM –, dá origem a contextualizações e interpretações diversas. Após essa verificação, pode seguir com os seguintes questionamentos:

**a) Como as diferentes preposições interferem na significação dos enunciados? Para que isso possa ser verificado, interprete-os brevemente de maneira isolada.**

Grosso modo, temos uma operação matemática de divisão, o que implica considerar *algo a ser dividido*; neste caso, *12 maçãs* dão corpo à divisão. O exemplo “Agora vou dividir 12 maçãs!” pode ser interpretado de vários modos, a divisão podendo, inclusive, significar “partir as 12 maçãs ao meio” ou “dispor separadamente 12 unidades de maçãs”, etc.

Considerando os aspectos que permeiam o que aprendemos no âmbito de uma operação matemática como a de *divisão*, a introdução de diferentes preposições pode fazer com que tanto a própria concepção de *divisão*, quanto os sujeitos *envolvidos* (divisor e beneficiários) sejam apreendidos de diversas maneiras:

- Agora vou dividir 12 maçãs **POR** 3 pessoas.

Ao introduzir *POR 3 pessoas*, recupera-se a *divisão* sob uma nova ótica, pois não temos mais *12 maçãs* que orientam o desenrolar da divisão e, sim, *3 pessoas*. Em outras palavras, ao invés de, por exemplo, reparti-las em partes, de *dividir 12 maçãs*, *POR* estabelece as *3 pessoas* como parâmetro para regular a *divisão das 12 maçãs*. Verifica-se que *POR* faz das *3 pessoas* beneficiárias, o parâmetro da divisão de maçãs a ser delimitado por um sujeito *divisor*.

- Agora vou dividir 12 maçãs **PARA** 3 pessoas.

Neste exemplo, *PARA* parece atuar como indicadora do destino do produto da divisão. Na divisão representada como consumada, o exemplo evoca o sentido de *tenho três pessoas que aguardam as 12 maçãs que serão divididas*. É interessante perceber que, aqui, o *sujeito divisor* atua inteiramente empenhado em prol das *3 pessoas* que figuram amplamente na condição de beneficiárias. Há outras possibilidades de leitura, mas esta parece a que mais se evidencia.

- Agora vou dividir 12 maçãs **ENTRE** 3 pessoas.

Esse exemplo, a princípio, aproxima-se muito, do ponto de vista da interpretação, de *POR* entre 3 pessoas. No entanto, nossa impressão é que, enquanto

POR estabelece uma divisão *igualitária* (4 maçãs para cada), ENTRE apenas diria que a divisão deve contemplar as 3 pessoas, sem postular igualdade da divisão (5 maçãs para 01 pessoa, 05 maçãs para outra, e 02 maçãs para a última, por exemplo). O mais importante, nesse caso, é estimular o debate e aguçar o raciocínio, mesmo que não se tenha certeza do que faz ENTRE nos enunciados que ajuda a construir.

- Agora vou dividir 12 maçãs **COM** 3 pessoas.

Nesse exemplo, a interpretação parece conduzir à ideia de que um *sujeito divisor* é *detentor de 12 maçãs* e opta por socializá-las, tornando as maçãs não mais como um produto só seu. Significa dizer que COM, ao introduzir *3 pessoas* (Y), além de regular o desenrolar da *divisão das 12 maçãs* (X), faz com que o sujeito seja apreendido, ao mesmo tempo, como *divisor e beneficiário* na divisão das 12 maçãs. Ou seja, o produto da divisão das 12 maçãs recairá, ao mesmo tempo, sobre o próprio *sujeito divisor* e sobre as *3 pessoas*.

O objetivo, com esse jogo de preposições, é reafirmar o fato de cada preposição possuir uma identidade que lhe é própria, de funcionar de uma maneira particular, o que provoca efeitos de sentido diferenciados nos enunciados nos quais se integram. É importante que o professor mostre que unidades como POR, PARA, ENTRE e COM, são diferentes, que cada uma apresenta um funcionamento enunciativo diferente, pois, ao compararmos os enunciados, é possível levar o aluno a perceber que as preposições requalificam, ressignificam, cada uma a seu modo, a divisão das 12 maçãs.

#### **Sistematização do que pode ser apreendido com este módulo:**

- Identificação dos grupos preposicionados introduzidos por COM, POR, PARA e ENTRE em exemplos que abarcam a operação matemática de *divisão*;
- discussão sobre os efeitos que os grupos introduzidos por COM, POR, PARA e ENTRE trazem à semântica dos elementos ao quais se integram, e consequentemente, ao sentido do enunciado como um todo;
- discussão e identificação de X e Y no caso da relação X COM Y já à luz da hipótese de funcionamento enunciativo de COM;



- verificação de algumas características de funcionamento de outras preposições em relação aos efeitos de sentido que provocam quando são empregadas;
- no confronto dos enunciados, aparentemente semelhantes, compostos por preposições diferentes, a constatação de uma importante função da preposição: a de as preposições requalificarem, ressignificarem, cada uma a seu modo, a divisão das 12 maçãs, bem como os sujeitos envolvidos no que essa própria divisão implica.

### 5º módulo de atividades

#### Exemplos passíveis de ser utilizados:

##### Notícia 1:

“Ana Maria Braga revelou, no programa da manhã desta segunda-feira, que lutou recentemente *contra* um câncer de pulmão. O tumor, detectado ainda em seu estágio inicial, foi tratado *com* cirurgia. *De* acordo com o oncologista Antonio Carlos Buzaid, médico da apresentadora que foi convidado do Mais Você de hoje, Ana tem altas chances *de* cura. “Acho que você teve muita sorte, foi o menos grave. Se você esperasse ter sintomas, poderia ser pior. Mas a sua cura é próxima de 100%”, disse.”<sup>121</sup>

##### Notícia 2:

“Semanas depois de dizer que Messi não era líder e não tinha personalidade *com* a camisa da seleção argentina, o ídolo do futebol do país, Diego Maradona, se solidarizou ao atual camisa 10, que perdeu pênalti na final da Copa América e se aposentou da equipe nacional. ‘Deixaram Messi sozinho e eu não vou deixá-lo sozinho. *Por* isso quero falar *com* ele. *Para* lutar *contra* todos que o deixaram sozinho, do primeiro ao último dirigente, de Segura (presidente da AFA) a Verón, o que seja. *Para* mim essa declaração de Leo serviu para mostrar todos os desastres que há no futebol argentino’, esbravejou Maradona *ao* Canchallena, do jornal La Nación.”<sup>122</sup>

<sup>121</sup> Extraído de <http://www.uai.com.br/app/noticia/mexerico/2015/12/14/noticias-mexerico,175140/ana-maria-braga-revela-que-lutou-contracancer-de-pulmao-em-estagio-in.shtml>. Acesso em 26/06/2016.

<sup>122</sup> Extraído de <http://extra.globo.com/esporte/maradona-defende-messi-na-argentina-nao-vou-deixa-lo-sozinho-19596161.html>. Acesso em 27/06/2016.

## Descrição do trabalho a ser realizado

O objetivo principal do módulo consiste em apresentar aos alunos outro gênero textual da esfera jornalística que circula diariamente entre os falantes, seja na modalidade oral ou escrita, a *notícia*<sup>123</sup>. O professor pode partir da explicação de que o fato é necessariamente significado pelo modo como é contado. Para tanto, pode analisar, inicialmente, uma primeira manchete e sua respectiva manipulação:

- Psicóloga compra iPhone 6 pela internet e recebe caixa COM tijolo<sup>124</sup> *versus* Psicóloga compra iPhone 6 pela internet e recebe caixa DE tijolo.

Em ambos, percebemos que a apreensão que se faz das *caixas recebidas* são totalmente distintas. No primeiro exemplo, dada a inserção do grupo preposicionado encabeçado por COM, temos uma *caixa recebida* (X) não qualquer, pois não está vazia ou oca por haver um outro elemento que pode ser localizado em seu interior, o *tijolo* (Y). Já no segundo caso, o grupo preposicionado encabeçado por DE faz com que a *caixa recebida* seja apreendida de duas maneiras possíveis: 1) A psicóloga recebeu uma caixa que possui em sua composição o elemento *tijolo*, *i.e.* recebeu uma caixa que foi construída com tijolos – os tijolos são a sua matéria prima – para que alcançasse a função de armazenar quaisquer objetos; 2) A psicóloga recebeu uma caixa que é feita de papelão, plástico, barro etc., mas que tem como função – momentânea ou não – armazenar um tipo específico de objeto, neste caso, um *tijolo*.

Feitas essas considerações, o professor pode levar o aluno a perceber que a escolha da preposição a ser empregada acarreta leituras completamente distintas da “caixa recebida” pela psicóloga, em suma, a perceber que é por meio da materialidade verbal do enunciado que são (re)construídas as significações. Como um exercício a ser realizado individualmente, pode ser apresentado ao aluno dois trechos de notícias lacunados, a ser preenchidos com preposições:

<sup>123</sup> Aqui, o professor também pode explorar, ainda que brevemente, as características que circundam o gênero *notícia*. Todavia, destacamos que o principal objetivo, neste caso, consiste em trabalhar o emprego de uma ou outra preposição, bem como as consequências que tais empregos acarretam durante a interpretação dos leitores.

<sup>124</sup> Extraído de <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/12/psicologa-compra-iphone-6-pela-internet-e-recebe-caixa-com-tijolo.html>. Acesso em 23/06/2016.

**Notícia 1**

“Ana Maria Braga revelou, no programa da manhã desta segunda-feira, que lutou recentemente \_\_\_\_\_ um câncer de pulmão. O tumor, detectado ainda em seu estágio inicial, foi tratado \_\_\_\_\_ cirurgia. \_\_\_\_\_ acordo com o oncologista Antonio Carlos Buzaid, médico da apresentadora que foi convidado do Mais Você de hoje, Ana tem altas chances \_\_\_\_\_ cura. "Acho que você teve muita sorte, foi o menos grave. Se você esperasse ter sintomas, poderia ser pior. Mas a sua cura é próxima de 100%", disse.”

**Notícia 2**

“Semanas depois de dizer que Messi não era líder e não tinha personalidade \_\_\_\_\_ a camisa da seleção argentina, o ídolo do futebol do país, Diego Maradona, se solidarizou ao atual camisa 10, que perdeu pênalti na final da Copa América e se aposentou da equipe nacional. ‘Deixaram Messi sozinho e eu não vou deixá-lo sozinho. \_\_\_\_\_ isso quero falar \_\_\_\_\_ ele. \_\_\_\_\_ lutar \_\_\_\_\_ todos que o deixaram sozinho, do primeiro ao último dirigente, de Segura (presidente da AFA) a Verón, o que seja. \_\_\_\_\_ mim essa declaração de Leo serviu para mostrar todos os desastres que há no futebol argentino’, esbravejou Maradona \_\_\_\_\_ Canchallena, do jornal La Nación.”

Neste exercício, os alunos têm como tarefa a reescrita dos dois fragmentos de notícias, preenchendo as lacunas com preposições.

A aula prossegue com a leitura e debate, em conjunto com a turma, das notícias reescritas pelos alunos anotando no quadro as aproximações e distanciamentos em suas escolhas. Após a discussão, pode-se fornecer o texto original a fim de se estabelecerem novos quadros comparativos a respeito dos reflexos provocados por suas escolhas e pelas escolhas feitas pelo jornalista que escreveu a notícia.

**Sistematização do que pode ser apreendido com este módulo:**

- Identificação do grupo introduzido por COM em sequências e enunciados;
- breve abordagem do gênero textual *notícia* pertencente à esfera jornalística por meio da prática de reescrita de textos;

- manipulação de um mesmo enunciado por meio da permutação de preposições diferentes;
- verificação de que a materialidade verbal é significativa por meio da escolha de palavras que produz novas significações a cada mudança introduzida.

### 6º módulo de atividades

#### Exemplos passíveis de ser utilizados:

- E eu que só tomo café COM leite? E praticamente não tomo leite puro.<sup>125</sup>
- Ele ainda é muito novinho, não leve a sério, ele é café COM leite.<sup>126</sup>
- Agarrei a minha oportunidade COM unhas e dentes.<sup>127</sup>

#### Descrição do trabalho a ser efetivado:

Novamente, o professor pode apresentar os primeiros exemplos, levantando questionamentos a respeito do que os alunos podem observar.

(a) E eu que só tomo café COM leite? E praticamente não tomo leite puro.

Aqui, o professor e os alunos podem constatar que COM, ao anteceder *café* e introduzir *leite*, faz com que consideremos que, em construções como essa, em que há dois substantivos em jogo, a noção presente no axioma matemático “a ordem dos fatores não altera o produto” é colocada à prova, visto que a inversão dos substantivos em questão condiciona a alteração da representação da substância *a ser bebida*. Ou seja, embora os elementos *café* e *leite* passem a coexistir em uma substância homogênea, a ordem em que aparecem sugere que é outra substância *leite* que está sendo incorporada a uma substância *café*, modificando suas características e acarretando outras

<sup>125</sup> Extraído de <http://originaleexclusivo.com.br/cafe-com-leite-e-uma-pessima-combinacao-e-traz-problemas-de-saude/>. Acesso em 26/06/2016.

<sup>126</sup> Extraído de <http://forum.wordreference.com/threads/express%C3%B5es-idiom%C3%A1ticas-frango-caf%C3%A9-com-leite-gato-chuchu-fil%C3%A9-mignon.243313/>. Acesso em 26/06/2016.

<sup>127</sup> Extraído de <http://www.saopaulofc.net/noticias/noticias/futebol/2014/12/28/agarrei-a-minha-oportunidade-com-unhas-e-dentes/>. Acesso em 11/10/2015.

propriedades ao *café*. Pela presença do *leite*, o *café* já não é mais uma substância pura, pode até ser considerada como sendo uma nova bebida.

Dito de outro modo, *café* (X) é modificado pelo fato de que *leite* (Y) é agregado ao líquido anterior, alterando e comprometendo sua composição. Logo, *eu* não está mais ingerindo *café*, mas, sim, uma bebida em cuja composição se verifica uma outra substância, representada pelo leite.

Após essa reflexão, cabe aqui outra proposta de exercício em que se pode solicitar aos alunos que pesquisem em seu dia-a-dia (jornais, revistas, internet, conversa com familiares e amigos, etc.) usos em que a preposição COM tem como antecedente na relação que estabelece elementos que não sejam um verbo. Após a pesquisa, o professor pode realizar uma aula expositiva em que discutirá com toda classe os enunciados coletados.

(b) Ele ainda é muito novinho, não leve a sério, ele é café COM leite.

Na leitura deste segundo exemplo, o professor pode questionar seus alunos acerca do que significa empregar a expressão “ele é café COM leite”. Após apresentarem os seus pontos de vista, os alunos podem constatar que estamos diante de uma expressão muito utilizada em jogos ou brincadeiras quando desejamos pontuar um sujeito como sendo “neutro”, deixando claro que as suas ações não exercem qualquer influência sobre o que está acontecendo por não serem contabilizadas ou consideradas no desenrolar de uma atividade qualquer.

A partir dessa constatação, o professor pode lembrá-los de que ditados populares, gírias, jargões e algumas outras expressões são comumente apreendidas como *expressões idiomáticas*. Expressões idiomáticas são expressões às quais, não se podendo atribuir “sentidos” a cada um dos elementos envolvidos em sua construção, valem-se, geralmente, de uma construção dita de “sentido figurado ou metafórico”<sup>128</sup>. Em relação a esse tipo de expressão, ao analisá-la em seu conjunto e não em seus elementos individuais, ponderamos que, ainda assim, nelas, o funcionamento da preposição COM pode ser evidenciado da mesma maneira como temos observado em outras expressões consideradas não idiomáticas. De modo a ilustrar a ponderação,

---

<sup>128</sup> Aqui, noções como “sentido figurado” e “sentido metafórico” também podem ser abordadas, caso haja dúvidas entre os alunos.

retomamos o mesmo exemplo: *Ele ainda é muito novinho, não leve a sério, ele é café COM leite.*

Para além de significar um “sujeito que é deixado de fora ou neutro” em jogos ou brincadeiras de modo que as suas ações não tenham qualquer influência sobre o que está acontecendo, é possível inferir que identificar alguém como “café COM leite” consiste em dizer que esse sujeito não tem as suas características bem definidas (*i.e.* “não é nem isso (café) nem aquilo (leite), é alguém que ainda não sabe brincar porque não tem as suas características bem consolidadas”). Em outras palavras, temos um sujeito que, por razões variadas (cf. o sujeito é muito pequeno e ainda não sabe jogar, o sujeito está “sobrando” e não poderá ser incluído em nenhuma equipe, etc.), pode pertencer ao mesmo tempo a vários times sem que as suas ações tenham qualquer reflexo no que está acontecendo, suas ações não valem nada ou não são contabilizadas. Trata-se, portanto, de “uma criança que, embora já conheça brincadeiras e jogos, ainda não tem aptidão suficiente para brincar ou jogar qualquer coisa”, podendo pertencer, ao mesmo tempo, a um *time* (X; café) e a *outro* time (Y; leite) sem que as suas ações tenham qualquer influência sobre o que está acontecendo no jogo.

Um terceiro exemplo pode ser apresentado aos alunos para que, em grupos, discutam acerca da expressão idiomática “COM unhas e dentes” e a influência da preposição COM no desenrolar do processo convocado por seu emprego. Após a discussão, o professor pode solicitar que os grupos apresentem, oralmente, as constatações delineadas.

(c) Agarrei a minha oportunidade COM unhas e dentes.<sup>129</sup>

Assim como no exemplo anterior, neste enunciado, a apreensão que se tem do *agarrar* em “agarrei a minha oportunidade” se aproxima do que podemos evocar como *aproveitar*. No momento em que COM introduz *unhas e dentes* (Y), o *agarrar* (X) – a forma de aproveitamento da oportunidade – passa a ser apreendido de outro modo, agora, pelo viés da dedicação, empenho, esforço. Ou seja, temos o *agarrar* que é requalificado e se torna específico pelo que a preposição COM introduz, *unhas e dentes* – excesso de dedicação, empenho ou esforço.

---

<sup>129</sup> Extraído de <http://www.saopaulofc.net/noticias/noticias/futebol/2014/12/28/agarrei-a-minha-oportunidade-com-unhas-e-dentes/>. Acesso em 11/10/2015.

### **Sistematização do que pode ser apreendido com este módulo:**

- Discussão sobre os efeitos que a presença de grupos introduzidos por COM trazem à semântica dos elementos ao qual se integra, e conseqüentemente, ao sentido do enunciado como um todo;
- discussão e identificação de X e Y no caso da relação X COM Y já à luz da hipótese de funcionamento enunciativo de COM;
- verificação de que uma mesma expressão “café COM leite” pode evocar diferentes contextos conforme o enunciado em que estiver inserida e de que COM, em termos de funcionamento, opera da mesma maneira, pois manifesta a sua identidade em qualquer um de seus empregos;
- discussão sobre o conceito de expressão idiomática e constatação de que o funcionamento da preposição COM nela atua, contrariando a noção corrente que aponta que esse tipo de expressão só se analisa em sua totalidade.

<b>7º módulo de atividades</b>
--------------------------------

### **Exemplos passíveis de serem utilizados:**

- Ela rompeu o cabo *versus*  
Ela rompeu COM o cabo.

### **Descrição do trabalho a ser efetivado:**

O professor solicita aos alunos que observem os exemplos fornecidos para iniciar novamente com questionamentos. O objetivo é mostrar, aqui, que a preposição COM apreende *o cabo* sob uma determinada ótica, (re)definindo sua natureza.

(a) Ela rompeu o cabo.

Verifica-se que Em (a), *ela* é a responsável por protagonizar a interrupção ou danos em um *cabo* representado, necessariamente, como um condutor (de energia elétrica, de fibra óptica etc.).

(a') Ela rompeu COM o cabo.

Ao contrário, no exemplo (a'), é possível verificar que a presença do grupo preposicional *COM o cabo* faz com que *ela* e o *cabo* sejam apreendidos de forma bastante distinta de (a). Notamos que, em (a'), a presença de *COM o cabo*, além de apreender os elementos dentro da ótica da reciprocidade (ambos participam dos efeitos da dissolução de, necessariamente, um relacionamento sócio-afetivo – evocado por *romper*), ao mesmo tempo, confere ao termo *ela* outros contornos. Com efeito, *ela* passa a ser vista como alguém que configura a interrupção de um compromisso sócio-afetivo com o *cabo*, que, diferentemente de (a), é, necessariamente, apreendido como um indivíduo (por exemplo, alguém que pertence a uma dada divisão do exército). Conclui-se que a inserção de o *cabo* (Y) pela preposição COM marca a existência de um compromisso sócio-afetivo (X) estabelecido por *ela*.

É interessante notar que, nos casos apresentados, a introdução de um grupo preposicionado encabeçado por COM acaba por modificar e, de certa forma, complementar, o modo como o sujeito sintático é apreendido, pois esse sujeito passa a ser enquadrado num outro tipo de relação designada por COM e que institui diferentes formas de integração.

### **Sistematização do que pode ser apreendido com este módulo:**

- Discussão sobre os efeitos que a presença de grupos introduzidos por COM trazem à semântica dos elementos ao qual se integra, e conseqüentemente, ao sentido do enunciado como um todo;
- discussão e identificação de X e Y no caso da relação X COM Y já à luz da hipótese de funcionamento enunciativo de COM;
- constatação de que o elemento que antecede a preposição COM não é necessariamente o verbo: aqui, por exemplo, o antecedente é um *compromisso sócio-afetivo*.



<b>8º módulo de atividades</b>
--------------------------------

**Exemplos passíveis de ser utilizados:**

- O pai da estudante, identificado como Daniel Gomes, falou aos jornalistas presentes que “não foi crime”, se referindo ao desaparecimento da filha. *versus*  
O pai da estudante, identificado como Daniel Gomes, falou aos jornalistas presentes que “COM certeza não foi crime”, se referindo ao desaparecimento da filha.<sup>130</sup>

**Descrição do trabalho a ser efetivado:**

Nessa atividade, pode-se, uma vez mais, refletir sobre os efeitos provocados pelas escolhas enunciativas que fazemos. Aqui, temos um exemplo do que chamamos de “marcador discursivo”, uma categoria para palavras e expressões que estão diretamente associadas à atividade linguageira e às intenções de um locutor durante o desenrolar das cenas enunciativas que desempenha com um dado interlocutor. Trata-se de palavras e expressões que são utilizadas sem que enxerguemos o funcionamento de cada elemento envolvido, como ocorre, por exemplo, em enunciados como “*COM certeza* não foi crime”, um emprego da preposição COM que costuma passar completamente despercebido e que até ecoa em nossas práticas discursivas como uma única palavra: “COM certeza”.

É bem possível que os alunos se assustem com a constatação do professor, pois é comum encontrarmos registros escritos em que “COM certeza” aparece, de fato, como uma única palavra: “as oportunidades que teve, antes de se lesionar, foram no meu entender muito prósperas, sem dúvida nenhuma. Vai brilhar, *concerteza!*”<sup>131</sup>; “alias o ep The Door foi bem ruim na minha opinião, so curte por conta da revelação que

<sup>130</sup> Extraído de <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/06/com-certeza-nao-foi-crime-diz-pai-de-vaniela-sobre-sumico-da-filha.html>. Acesso em 04/09/2015.

<sup>131</sup> Extraído de <http://www.abola.pt/clubes/ver.aspx?t=4&id=619086>. Acesso em 28 de junho de 2016.

*concerteza* foi ideia do Martin.”<sup>132</sup>; “*Concerteza*, é a falta de estacionamento que faz a gente parar ao lado dos outros carros.”<sup>133</sup>.

Dessa forma, sugerimos que os alunos contemplem os seguintes exemplos:

- (a) O pai da estudante, identificado como Daniel Gomes, falou aos jornalistas presentes que “não foi crime”, se referindo ao desaparecimento da filha.
- (a’) O pai da estudante, identificado como Daniel Gomes, falou aos jornalistas presentes que “COM certeza não foi crime”, se referindo ao desaparecimento da filha.

Os alunos devem ser levados a perceber que em (a) *falou aos jornalistas presentes que “não foi crime”*, é necessário considerar um *falante* e o que está sendo *falado*. Em outras palavras, *falou aos jornalistas presentes que “não foi crime”* remete a uma enunciação em que o sujeito evidencia, de maneira afirmativa, que, em relação ao desaparecimento da filha, *não foi crime*.

Ao contrário, no enunciado (a’) *falou aos jornalistas presentes que COM certeza “não foi crime”*, COM confere *certeza* (Y) ao estatuto discursivo do *falar*. Observa-se, assim, um posicionamento do enunciador em relação ao *falar aos jornalistas presentes* (X) que faz com que a enunciação seja apreendida de outro modo, agora, pelo viés da *certeza* (Y). Em suma, neste caso, *falar* é requalificado e passa a ser condicionado pelo que o grupo preposicionado encabeçado por COM introduz, tornando-se um *falar* específico – *certeza* –, excluindo a possibilidade de dúvidas dentro do que foi enunciado.

O professor pode concluir com os alunos que, conforme já observado, não temos nem uma única palavra “CONCERTEZA”, nem uma expressão fixada no idioma e representada por “COM CERTEZA”, pois o funcionamento da preposição COM pode ser igualmente evidenciado nos enunciados em que “COM certeza” aparece.

### **Sistematização do que pode ser apreendido com este módulo:**

<sup>132</sup> Extraído de <http://omelete.uol.com.br/filmes/lista/como-eu-era-antes-de-voce-e-outros-filmes-com-atores-de-game-of-thrones/>. Acesso em 28/06/2016.

<sup>133</sup> Extraído de <http://www.jornalfloripa.com.br/noticia.php?id=15161240>. Acesso em 28/06/2016.

- Discussão sobre os efeitos que a presença de grupos introduzidos por COM trazem à semântica dos elementos ao qual se integra, e conseqüentemente, ao sentido do enunciado como um todo;
- discussão e identificação de X e Y no caso da relação X COM Y já à luz da hipótese de funcionamento enunciativo de COM;
- observação do elemento que antecede a preposição COM. Aqui, tem-se como antecedente o “falar aos jornalistas presentes”;
- discussão a respeito da existência ou não de formas cristalizadas como “COM certeza”, mostrando que é possível descrever, nelas, o funcionamento da preposição COM e os movimentos que convoca.
- reflexão sobre o fato de ser qualquer produção verbal passível de análise, bem como sobre o fato de a presença da preposição COM poder ser explicada e justificada.

<b>9º módulo de atividades</b>
--------------------------------

### **Exemplos passíveis de ser utilizados:**

- COM todo perdão da palavra, eu sou um mistério para mim.<sup>134</sup>

### **Descrição do trabalho a ser efetivado:**

No módulo anterior, as reflexões desencadeadas podem fazer com que deixemos a naturalidade e o hábito de utilizar algumas expressões sem parar para (re)pensar no que suas partes ajudam a representar, olhando, por fim, essas e outras expressões de uma outra maneira.

Este exemplo contempla um outro caso interessante de marcador discursivo de natureza *modalizadora*. COM, ao introduzir *todo o perdão da palavra*, já antecipa que o que será enunciado na sequência deve ser recebido com parcimônia, pois certamente não agradará. *Ser um mistério para mim* é apreendido como algo que não deve ser dito da forma como está sendo proferido e, de modo a *minimizar* ou a *amenizar* os riscos de

<sup>134</sup> Extraído de <http://pensador.uol.com.br/frase/ODI0MjI/>. Acesso em 09/10/2015.

tal afirmação, COM introduz *o perdão da palavra*. Em suma, *o perdão da palavra* (Y) é incorporado por COM para que o conteúdo enunciativo referente a *eu sou um mistério para mim* (X) já seja recebido sob a ótica do *perdão*, como algo que, na verdade, não deveria ser dito, mas o é.

O exemplo também faz com que desmistifiquemos a afirmação bastante recorrente em livros didáticos de que as “preposições ligam palavras” e as “conjunções ligam relações”, pois, temos aqui um caso em que a preposição COM está introduzindo uma oração e não uma palavra isolada.

### **Sistematização do que pode ser apreendido com este módulo:**

- Discussão sobre os efeitos que a presença de grupos introduzidos por COM trazem à semântica dos elementos ao qual se integra, e conseqüentemente, ao sentido do enunciado como um todo;
- discussão e identificação de X e Y no caso da relação X COM Y já à luz da hipótese de funcionamento enunciativo de COM;
- observação do antecedente, aqui, o conteúdo enunciativo referente a “eu sou um mistério para mim”;
- discussão a respeito de a preposição COM poder anteceder e introduzir orações e não somente “ligar palavras”. Nessa relação, a preposição COM antecipa a forma com a qual um enunciado deverá ser recebido.

<b>10º módulo de atividades</b>
---------------------------------

### **Descrição do trabalho a ser efetivado:**

Na última atividade proposta pelo professor, de modo a mensurar o que foi aprendido, ele pode solicitar aos próprios alunos que elaborem, em pequenos grupos, um breve dossiê em que sejam reunidas anotações e atividades realizadas até o momento. Essa é uma forma entre outras de se levar a repensar o que foi apreendido e de verificar de que maneira a metodologia posta em prática contribuiu para uma aprendizagem mais efetiva do tema.

O último item a compor o dossiê pode ser a sistematização do que foi trabalhado em sala de aula, de modo a evidenciar que há um funcionamento da preposição COM que é comum a todas as suas ocorrências, ou seja, um funcionamento único em meio a sua enorme variedade de empregos. Os alunos devem, ainda, na composição da descrição do dossiê que trata do funcionamento da preposição COM, buscar exemplos novos e contemplar os aspectos abordados em aula durante os debates com os próprios colegas.

O objetivo é fazer com que os alunos, ainda que necessitem do auxílio do professor, sejam capazes de, ao (re)construir minimamente o funcionamento da preposição COM com base nos exercícios realizados, compreender e refletir sobre a sua própria língua de modo que associem, pouco a pouco, o uso que fazem da língua à sistematização gramatical trabalhada durante as aulas de língua portuguesa.

## Considerações finais

No início de nossa investigação, exploramos em detalhes estudos significativos que abordam a classe de preposições. Tais estudos, independentemente de partirem da sintaxe ou da semântica na explicação do comportamento dessas unidades, ainda deixam lacunas que impossibilitam compreender em que consiste o sentido das preposições, bem como qual a sua efetiva contribuição semântica para os enunciados nos quais se inserem, e isso por sustentarem a existência de um sentido único que lhes seria próprio e, ao mesmo tempo, flutuarem quanto à definição e caracterização desse sentido. Em outras palavras, ao mesmo tempo que sancionam a existência de casos em que uma preposição possui um sentido bem definido – e que possivelmente seria de natureza intrínseca –, afirmam a existência de casos em que essa mesma preposição não teria sentido algum, atuando apenas como um liame entre dois ou mais termos de uma oração.

O conjunto de informações e questionamentos reunidos a partir de trabalhos inscritos em diferentes vertentes teóricas nos conduziu a (re)organizar e a refinar ainda mais o nosso próprio posicionamento a respeito das preposições, sobretudo no que diz respeito ao funcionamento da preposição COM, objeto do estudo.

De maneira geral, o percurso de estudo traçado durante este trabalho e as análises da preposição COM realizadas até aqui nos fizeram avançar e amadurecer a respeito do que vem a ser a preposição como uma categoria linguística. Se, antes, a concepção de que as preposições operam como “itens relacionais que ora possuem sentido, ora não o possuem” não nos parecia deveras esclarecida por grande parte da literatura corrente, o trabalho sistemático em que nos colocamos diante da manipulação de enunciados nos quais COM se faz presente demonstrou que a relação orientada por COM dá margem a uma enorme variedade de sentidos que se encontram sustentados por um movimento invariante, pela própria *identidade semântica* constitutiva desta preposição.

Como vimos insistindo, essa invariância corresponde a uma constante de funcionamento que responde pela variedade usos de COM. Trata-se, assim, de uma invariância semântica que é observada, não em termos de um sentido que seria intrínseco à preposição, mas, sim, na forma pela qual a preposição interage com os elementos que a cerca e age sobre eles. E isso independentemente do papel sintático

atribuído ao sintagma preposicional, o que, certamente, é um grande ganho em relação ao modo como as diferentes vertentes teóricas por nós estudadas tratam da questão.

Embora consideremos que tenhamos nos aproximado do que seja essa forma de funcionamento invariante da preposição COM, acreditamos que ainda podemos descobrir outros fenômenos e planos de variação que venham a confirmar ou colocar em dúvida muitos dos aspectos já discutidos. No entanto, por ora, julgamos que, nos três grupos de funcionamento apresentados, a preposição COM parece apresentar o mesmo funcionamento, o que constitui certamente a maior contribuição de nossa investigação, por nos permitir aproximar cada vez mais da identidade semântica que representa, metalinguisticamente, seu funcionamento semântico-enunciativo.

No que se refere ao campo educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem que sejam realizadas atividades reflexivas no âmbito da educação léxico-gramatical. Contudo, se não forem propostas atividades diferenciadas que envolvam a exploração e a compreensão do processo de significação das unidades linguísticas e se não se oferecer preparo para um trabalho efetivo direcionado à atividade de linguagem, se não se investir, justamente, em benefício do saber internalizado dos próprios alunos, infelizmente, continuaremos tendo como resultado o desconhecimento do que seja refletir sobre a língua(gem).

Tendo clareza da enorme importância de se investir em um trabalho como esse, e mais ainda, por desejarmos mostrar, pontualmente, que não é possível apreender uma língua dotada de sentidos intrínsecos, realizamos um exercício de mostrar o que significa falar em *invariância*, o que significa operar por meio da identidade das formas, do que as próprias formas permitem dizer quando enunciadas.

Ressaltamos que o aproveitamento do tema “preposições”, no recorte “o funcionamento da preposição COM”, não se esgota nos módulos de atividades ora sugeridas, uma vez que devemos considerar que a língua opera em constante movimento. Nesse momento, é interessante perceber que, na proposta por nós elaborada, não deixamos de lado os aspectos considerados como “gramaticais” (sintáticos, semânticos e morfológicos), mas julgamos ser de suma importância procedermos concedendo voz aos nossos alunos, atentando-se para o que eles já possuem e utilizam com tamanha destreza, a linguagem.

Nossa preocupação, ao insistir na valorização da atividade epilinguística, do saber não consciente que opera internamente em cada falante e que se “externaliza” em nossas ações de linguagem, consiste em:

[...] dar forma a um saber do qual não se tem consciência, em uma tentativa de reconstrução das operações cognitivas que se encontram aquém dos enunciados e que neles deixam vestígios. (ROMERO-LOPES, 2009, p. 4)

Ao contrário de muitas das propostas de ensino, preocupamo-nos, sobretudo, em fornecer exemplos que incitem os alunos a refletir sobre o fato de que tais exemplos são um produto de sua própria atividade de linguagem, uma exteriorização de todo o misterioso processo que envolve o sujeito e a linguagem.

Ao apostar em atividades semelhantes as que acabamos de apresentar, os próprios alunos podem ser levados a (re)construir o funcionamento semântico-enunciativo das unidades, a conhecê-las e a compreender seu uso e suas principais características. Isso mostra que toda sistematização gramatical pode ser trabalhada pouco a pouco, surgindo, com a mediação sempre diligente do professor, a partir da própria manipulação dos dados, conforme observamos em nossa proposta.

Em suma, além trazermos um olhar diferenciado para o estudo das preposições – e que se estende a outras unidades linguísticas do PB – por não partirmos das classificações comumente estabelecidas, temos, aqui, um trabalho que excede o caráter “descritivo-constatatório”, e isso por nos ser caro assumir uma postura propositiva nos campos dos estudos linguísticos e educacionais.



## Referências Bibliográficas

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Gramática contextualizada: limpando ‘o pó das ideias simples’.** 1. Ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ARAÚJO, C. B. da S. Posicionamentos teórico-metodológicos no estudo da preposição COM. **Relatório de Iniciação Científica** (voluntária). SP: UNIFESP (2012).
- ASHINO, F. Contribution à l'étude de la notion de “réciprocité” en français contemporain. **Thèse (doctorat)**. Paris: Université Paris. Diderot (Paris 7) Ecole doctorale de Sciences du langage (2012).
- AZEVEDO, F. F. S. **Dicionário analógico da língua portuguesa.** RJ: Lexicon, 2010.
- BATISTA, R. O. A palavra e a sentença: estudo introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I.** – 5 ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II.** – 2 ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2006.
- BERG, M. O Comportamento Semântico-Lexical das Preposições no Português do Brasil. **Tese** (Doutorado). Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais (2005).
- \_\_\_\_\_. (2009) Relações predicativas das preposições. **ABRALIN**, São João del Rei (UFSJ), v.8, n.2, p. 101-116.
- BORILLO, A. Il y a prépositions et prépositions. In: **Travaux de linguistique.** n.42-43. p. 141-155, 2001.
- BORBA, F. S. **Dicionário gramatical de verbos.** São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1990.
- BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino de primeira à quarta série. Língua Portuguesa.** Brasília. MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 5ª a 8ª séries. Língua Portuguesa.** Brasília. MEC/SEF, 1998.

- CADIOT, P. (1989) Dimensions de la préposition. In: **Travaux de linguistique et de philologie**. Strasbourg – Nancy: 57-74.
- \_\_\_\_\_. (1990) **La préposition avec: Grammaire et représentation**. *Le français moderne*. n.3/4 – 152-173.
- \_\_\_\_\_. (1997) Les paramètres de la notion de préposition incolore. In: **Faites de langues** n.9. – 127-134.
- CANÇADO, M. (2005) Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. **DELTA**. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 23-56.
- \_\_\_\_\_. (2009) Argumentos: complementos e adjuntos. **ALFA**. SP, v. 53, n.1, p.35-59.
- \_\_\_\_\_. (2013) Os papéis temáticos. Manuscrito. 2013. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/profs/marciacancado/dados/arquivos/os%20papeis%20tematicos.pdf>. Acesso em 21 de agosto de 2014.
- COSTA, M. L. A preposição enquanto termo da relação. In. CAETANO, C. (org), **cadernos WGT (Workshops em Gramática & Texto) – Forma & Significado**, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) – Grupo Gramática & Texto, 2010.
- \_\_\_\_\_. Entre a ‘noção lexical’ e a ‘noção gramatical’: hibridismo nocional das preposições. In. CORREIA, C.N. **cadernos WGT (Workshops em Gramática & Texto) – Formas & Construções**, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) – Grupo Gramática & Texto, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Os valores das preposições a, até, para e com em PE**, (s/d).
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. [tradução Luiz Roberto Salinas Fortes]. – São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011a.
- \_\_\_\_\_. DE VOGÜÉ, S.. Os princípios organizadores da variedade das construções verbais. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011b.
- \_\_\_\_\_. DE VOGÜÉ, S. A língua entre cognição e discurso. **Calidoscópio**, vol. 11, n. 2, p. 214-221, mai/ago 2013c.

- FAIRCHILD, T. Conhecimento técnico e atitude no ensino de língua portuguesa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 495-507, set./dez. 2009.
- FERRAREZI, C.J., **Semântica para a educação básica**, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- FLORES, V. do N. **Dicionário de linguística da enunciação**. [FLORES et al. (orgs.)]. – São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, V. do N. et al. **Enunciação e gramática**. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.
- FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação** – 2.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.
- FRANCKEL, J.-J. Les mots ont-ils un sens ? **Le Gré des Langues** 4. Paris : L'Harmattan, p. 200-215, 1992.
- \_\_\_\_\_. (Org.) Le lexique, entre identité et variation, **Langue Française** 133. Paris : Larousse, 2002.
- FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Considérations sur l'antéposition des syntagmes prépositionnels. In : GUIMIER, C. (Dir.). *La thématization dans les langues*. **Actes du Colloque de Caen**. Paris: Peter Lang, p.277-295, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Grammaire des prépositions**. Tome 1. Paris: Éditions Ophrys, 2007.
- FRANCHI, C. (1977) Linguagem – atividade constitutiva. **Revista do GEL**. 50º Seminário em memória de Carlos Franchi (1932-2001). São Paulo: Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola, 2006.
- GARCIA, S. A. Questões de Sintaxe sob a ótica enunciativa: Contribuições para um ensino reflexivo da categoria verbal. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (2014), 148 p.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. – 4. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da LP** 1ª Ed. RJ: Objetiva, 2009.
- KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática** – 9. ed. – São Paulo: Ática, 1999.

- ILARI, R., **A linguística e o ensino de língua portuguesa** – 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Gramática do português culto falado no Brasil: volume IV: palavras de classe fechada.** – São Paulo: Contexto, 2015.
- ILARI, R.; NEVES, M. H. M. **Gramática do português culto falado no Brasil:** classes de palavras e processos de construção. T.2, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- LEEMAN, D. La préposition: un “auxiliaire” du nom?. In: **Langages**. n. 33. p. 75-86, 1999.
- LIMA, C. H. da R. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 17. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1974.
- LIMA, V. S. A prática de reformulação de enunciados como fundamento para o trabalho com significação nas aulas de língua portuguesa. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (2013), 135 p.
- MIOTO, C; SILVA, M. C. F; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe.** – São Paulo: Contexto, 2013. MÜLLER, A. L; NEGRÃO, E. V; FOLTRAN, M. J. (orgs.). **Semântica Formal.** – São Paulo: Contexto, 2003.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto.** São Paulo: Contexto, 2010.
- PAILLARD, D. Les marqueurs discursifs comme catégorie. **Colloque Les théories de l'énonciation. Benveniste après un demi-siècle**, 2012, Université Paris Est, France. 2013.
- PAILLARD, D. (2014): À propos de la préposition AVEC, In. CAMUS, R.; DE VOGÜÉ, S. & MÉLIS, G. (Dir.) **Variations sémantiques et syntaxiques : aspects d'une théorie de l'invariance.** *LinX*, nº 70-71.
- PERINI, M. **Sofrendo a gramática.** São Paulo: Editora Ática, 2005.
- POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- \_\_\_\_\_. **Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido.** – 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- REZENDE, L. M. Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista do GEL (Araraquara)**, v. 5, p. 95-108, 2008.
- RODARI, G. (1920). **Gramática da fantasia.** – São Paulo: Summus, 1982.
- ROMERO, M. Gramática operatória e ensino do léxico em língua portuguesa: fundamentos para uma prática reflexiva. In. BROCARD, M.T; CAETANO, M.C. (Eds.) **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, n.5, Lisboa: Colibri, 2010.
- \_\_\_\_\_. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. **Revel**, v.9, n.16, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Le fonctionnement sémantique de la préposition POR en portugais brésilien. **Faits de Langues**, Les Cahiers numéro 3. Paris: Ophrys, p.209-232, 2011b.
- \_\_\_\_\_. Processos enunciativos e identidade semântica da preposição POR. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, nº 46, p.149-170, 2013a.
- \_\_\_\_\_. A atividade de reformulação enunciativa como fundamento para uma prática reflexiva. In. DEL RÉ, A *et al.* (Orgs.). **Trilhas Linguísticas**, nº 23, SP: Cultura Acadêmica, p.137-153, 2013b.
- ROMERO, M. Léxico e Enunciação: sistematização do funcionamento verbal. **Relatório Científico ANO I** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, 2013/07572-0), 2015, 83 p.
- ROMERO, M.; TRAUZZOLA, V. S. L. Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas. **Calidoscópio**. Rio Grande do Sul. v. 12, n. 02., p.239-248, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Consommer et comer* en portugais brésilien: contribution à l'étude du préfixe CO. **Faits de langues**. (no prelo).
- ROMERO, M.; VILELA, T. R. O uso interproposicional de POR em uma descrição unitária de funcionamento da preposição. In. DIAS, L. F. *et alli* (orgs.) **Enunciação e materialidade linguística**. BH: Ed. UFMG, 2015.
- ROMERO, M.; VILELA, T. R.; ALVARENGA, C. D. M. *Romper com* no português brasileiro: modos de integração da preposição COM à relação predicativa. **II Seminário Enunciação e Materialidade linguística**. UFMG. (artigo submetido).

- ROMERO-LOPES, M. C. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.
- ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Escritos de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SCHAPIRA, C. Préposition et conjonction? Le cas de Avec. In: **Travaux de linguistique**. n.44. p. 89-100, 2002.
- TRAVAGLIA, L.C. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2ª edição, 2004.
- TRAVAGLIA L.C. **Gramática e interação**. São Paulo: Cortez, 11ª edição, 2006.
- VILELA, T. R. Educação léxico-gramatical: fundamentos para práticas reflexivas no trabalho com a preposição POR. **Relatório científico**. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2012, 2013.]
- VU THI, N.; PAILLARD, D. **Formation: Introduction des marqueurs discursifs dans l'enseignement du français langue étrangère**. Organizada pelo bureau AUF Asie Pacifique, com o apoio da Université de Hanoï, da Université Paris Diderot e da OIF, s/d. (texto não publicado).

## Anexo

### (A) Gramática de Usos do Português - Maria Helena de Moura Neves.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

- (A1) - Ladrões brigam COM ladrões e se matam.
- (A2) – Pequenas usinas não podem concorrer COM as grandes.
- (A3) – Chocou-se o ar noturno COM o corpo quente.
- (A4) – Os marinheiros na proa, assustados, sabem que [a embarcação] colidirá CONOSCO.
- (A5) – Coriolano ombreara COM Lampião!
- (A6) – Na porta de vidro cruza COM Olga.
- (A7) – Fundiam-se seus gritos COM as vozes das raparigas.
- (A8) – Coordene seus programas COM os demais programas.
- (A9) – Uniremos as tuas COM as nossas palavras.
- (A10) – A França não interrompeu a sua notável obra de ligar o sistema Sena-Loire-Rodano, estabelecendo uma rede que já de muito se conjugava COM o sistema belga e alemão.
- (A11) – Hermantina consorciou-se COM Nestor.
- (A12) – Como poderá conciliar sua imagem de mulher moderna COM a de uma concubina como tantas?
- (A13)- Não só acordou senhores e agregados como despertou coisa muito mais forte, na hora do almoço de comandante oferecido a Joaquim Zata Freire: a graça de Zefinha Zata Freire cruzada COM a juventude sólida e sadia de Raimundo Pais Barreto.
- (A14) – Os países americanos ficavam proibidos de comerciar COM Cuba.
- (A15) – Ele (...) flertou COM a esquerda.
- (A16) – [O português] foi(...) o colonizador europeu que melhor confraternizou COM as raças chamadas inferiores.
- #[Namorar o Léo/ Namorar COM Léo]
- (A17) – É interessante cotejar esses dados COM os obtidos trinta anos depois de Colbachini.
- (A18) – Um monte de cientistas se juntou em Bocaiúva para espiar o eclipse e conferir COM o que dizia o Einstein.
- (A19) – Ao ser confrontada COM os padrões atuais de conhecimento, a estrutura de interpretação da Astrologia é irracional.
- (A20) – Não me compares COM esses cafajestes.
- (A21) – As mensalidades se compatibilizam COM os seus salários.
- (A22) – Coitado, não se conforma nunca COM a desgraça.
- (A23) – Eu concordei COM ele que ia ser muito engraçado.

- (A24) – É bom ficar sob a proteção das armas, os militares, através dos subordinados, cuidando da população (...) e todos comungando COM essa ideia ainda mais sob o estandarte triunfante da igreja.
- (A25) – [Os brasileiros] condescendemos em demasia COM nossa importância.
- (A26) – Contratei COM Potter uma visita às docas de Nelson.
- (A27) – O Edil Maior não se comprometeu COM ninguém.
- (A28) – Continuar pactuando COM a mentira?
- (A29) – Osmil e Wilson são os primeiros jogadores a colaborar COM a caixinha dos jogadores.
- (A30) – [A ordem] não cumpriu COM os compromissos assumidos.
- (A31) – Ivete cismou COMIGO à-toa.
- (A32) – Por que autoridade nenhuma implica COM eles?
- (A33) – Preocupavam-se eles COM assuntos acadêmicos, deixando de lado a ação.
- (A34) – A partir de 1963, quando Hélio Fernandes comprou a “Tribuna da imprensa”, passou a ocupar-se com frequência COM jornais e jornalistas.
- (A35) – A floresta tem que ser nossa de novo e eu conto COM vocês.
- (A36) – O técnico só não deverá contar COM os jogadores Osmil e Wilson.
- (A37) – Maria Eloy Carvalho de Melo Franco, descontraída e muito eufórica, contagiou a todos COM alegria e brincadeira.
- (A38) – Contaminei o turco COM meus receios.
- (A39) – Isso que tou sentindo cá, dentro de mim, começou COM a seca, faz tempo já.
- (A40) – O estudo científico das bases xantínicas iniciou-se COM o trabalho de Runge (1820) que isolou a cafeína das sementes do café.
- (A41) – É preciso urgentemente acabar COM os passeios alegres pela floresta.
- (A42) – As eleições não podem terminar COM a celebração dos vencedores.
- (A43) – O sotaque estrangeiro, contrastando COM a correção da linguagem, a irrita.
- (A44) – A iniciativa foi torpedeada pelo ministro da Justiça, Maurício Correa, porque conflitava COM os interesses de sua classe.
- (A45) – Tal fenômeno de penetração colide COM o interesse central do poder corporativo.
- (A46) – Os depoimentos das testemunhas oculares não coincidem uns COM os outros.
- (A47) – Não posso conviver COM este problema.
- (A48) – Terno escuro condiz muito bem COM a pessoa do coronel.
- (A49) – Essa novidade de equivalência débito-produto não se coaduna COM a livre iniciativa.
- (A50) – A manutenção do império não se compadece COM a missa extraterrena.



- (A51) – A telha modulada ETERNIT casa-se COM o colonial brasileiro da mesma forma que COM o moderno funcional.
- (A52) – A gravata combina COM a camisa, a camisa COM o sapato, o sapato COM o lenço.
- (A53) – Meu corpo se confunde COM as trevas.
- (A54) – A radiação que sofre desvio menor identifica-se COM núcleos de átomos de hélio (partículas).
- (A55) – Mesmo entre os mestres, contados eram os que condescendiam em conversar COM ele.
- (A56) – Era a primeira vez que eu falava COM ele como comandante do exército.
- (A57) – Benjamin Vargas conferenciava logo a seguir COM o Sr. Getúlio Vargas.
- (A58) – Jerônimo confabulava COM os filhos do morto.
- (A59) – Um dia, de cabeça quente boquejei COM Laércio.
- (A60) – Fazia propostas amorosas para algumas alunas, se correspondia COM uma atriz de televisão.
- (A61) – Brizola (...) comunicava-se COM o grupo através do professor Boiteaux.
- (A62) – O Delfim Neto vai conchavar COM o Laudo Natel.
- (A63) – É necessário conhecer o modo de pensar de nossos inimigos, para nos defendermos, e para poder argumentar COM eles.
- (A64) – Nós mesmos comentamos isso aqui COM a turma.
- (A65) – [Vamos] exigir que o presidente bronqueie COM os governos policiais do planeta.
- (A66) – Ele estava gritando COM a gente.
- (A67) – Não gosto de ninguém bulindo COMIGO.
- (A68) – Outro nome cabe ao que sucedeu COM Diógenes.
- (A69) – Dá-se COM o comunismo o mesmo que se dá COM o Satanás.
- (A70) – Que há COM ele?
- (A71) – Semelhantemente ao que ocorreu COM os discípulos, necessita a Igreja de hoje de pensadores que reflitam sobre os problemas espirituais e teológicos.
- (A72) – No entanto, ele compartilha COM monetaristas o ceticismo diante das políticas intervencionistas consideradas herança do economista inglês John M. Keynes.
- (A73) – Não, jamais quis dividir sua carga COM os amigos, se é que a carregava.
- (A74) – A Assembleia (...) tem condições de colaborar COM o executivo.
- (A75) – Como poderia eu recusar-me a cooperar COM um chefe militar?
- (A76) – A rainha Elizabeth I aconselhava-se COM o famoso John Dee.
- (A77) – Que você goste de aprender COM ele.

- (A78) – Rodrigo bombardeou Toríbio COM nomes que ele evidentemente não conhecia.
- (A79) – Rubem brincou COM as luvas brancas.
- (A80) – Ao cabo de alguns segundos buliu COM a mão, foi-se apalpando.
- (A81) – Quanto ao autor, condoído COM a situação dos desavisados, retrata-as sem retoque em suas peças.
- (A82) – Experiência análoga à descrita, realizada COM emissão de nêutrons, mostra que eles não sofrem desvio.
- (A83) – Estavam mais do que quaisquer outros sintonizados COM o pensamento e potencial da moderna Astrologia.
- (A84) – Se aparecerem sugestões noutros sentidos é bem provável que uma delas seja igual ou parecida COM aquela do cidadão que propôs ao governo federal e aos cidadãos paulistas a abertura de uma caderneta de poupança para cada nordestino.
- (A85) – Todos os feridos graves foram submetidos à transfusão de sangue, que (...) estava contaminado COM o vírus da AIDS.
- (A86) – Imaginemos um condutor, eletrizado COM carga positiva, em equilíbrio eletroestático.
- (A87) – Cento e vinte e uma pessoas estariam (...) ameaçados COM granadas e revólveres.
- (A88) – Nestas férias ele tinha uma pinga com gosto e cor ativados COM raspas de carvalho antigo.
- (A89) – E no convívio diurno COM o papel velho do cartório terminou adquirindo a cor de alfarrábio entre o escuro vincado da pele.
- (A90) – Religião que se fecha dentro das quatro paredes de seu templo é religião alienada, distante, e por isso mesmo, sem margem e sem comunicação COM os homens do seu tempo.
- (A91) – Em suas relações COM ele, há sempre um travo de revolta e sarcasmo.
- (A92) – O relacionamento do Brasil COM os países de todos os continentes ocuparam a parte final do discurso no congresso.
- (A93) – Collor renovou seus compromissos COM a democracia, COM a modernização do país, COM a reforma do Estado.
- (A94) – Solidariedade COM os parentes e os amigos!
- (A95) – O ministro Mário Andreazza, do Interior, não esconde sua preocupação COM a possibilidade de que se repita a falta de chuvas nos períodos normais.
- (A96) – O permanente contato COM a natureza vegetalizava o homem.
- (A97) – “Miragião morto em tiroteio COM a polícia”.
- (A98) – Afastados contemplaram o fogo, em luta COM o vento.
- (A99) – Reminiscência dessa frase feita ouvi numa discussão da Sinhá Risoleta COM a minha mãe.

- (A100) – Tenho a impressão que essa tentativa de fixação na capital coincidiu ao fim de seu grande romance amoroso COM deleitável senhora sertaneja.
- (A101) – Mas os proprietários de livrarias e papelarias do centro estão se queixando da concorrência COM os supermercados e ambulantes do setor de papelaria.
- (A102) – A simbiose da Psicologia COM a Astrologia foi concomitância histórica.
- (A103) – Seu conflito COM o meio é flagrante.
- (A104) – Se computarmos os gastos COM ensino em todos os ministérios, vamos verificar que a União dispensou, para esse fim, em 1956, cerca de 7% da receita tributária.
- (A105) – No cruzamento da Santo Amaro COM a Juscelino Kubitschek, dois caras trocavam o pneu de um fusca vermelho.
- (A106) – Na rua Saturnino de Brito, esquina COM a rua São Francisco de Souza Dantas, há um terreno de forma irregular inaproveitável.
- (A107) – O prefeito Augusto Rezende inaugura hoje às nove e trinta horas, o primeiro mercado municipal no Outeiro, que passa a funcionar na Avenida Beira-mar COM a Rua Alegre.
- (A108) – Terra de primeira, na barra quase do córrego das Marrecas COM o ribeirão da Estrela.
- (A109) – Junto COM a melhoria da cidade, estimulariam a migração.
- (A110) – E nem se abrigaria atrás dos anjos, atirara-os a pouco pela janela juntamente COM a Bíblia.
- (A111) – Diga até palavrão, mas deixe de encher essa cabecinha COM coisas difíceis.
- (A112) – Eu, também, achava ridículo e incompreensível se “perder o tempo” COM Astrologia.
- (A113) – A doutrina de nossa revolução completa-se COM metodologia para a ação.
- (A114) – Ela foge COM o corpo.
- (A115) – Quando o procuravam, contribuía COM um cheque.
- (A116) – Consideramos uma superfície metálica plana, eletrizada COM uma carga.
- (A117) – Localizaríamos COM facilidade todos os cactos que a tornam agressiva.
- (A118) – Mostrou ele, COM razão, que senhor Jesus não encorajou seus discípulos à especulação teológica.
- (A119) – Longo, mas lido COM voz clara e sem hesitações, o discurso no Congresso arrancou aplausos em várias ocasiões.
- (A120) – Estranhou COM satisfação o velho Simões.
- (A121) – Restam as férias que se apaixonam COM ódio.
- (A122) – Reconhecia, COM agrado, o próprio Coronel Domingos Ciqueira.
- (A123) – Puxo a porta, COM força.

- (A124) – Gongozinho acertava-os COM o maior gesto.
- (A125) – João Eusébio sorriu COM discrição.
- (A126) – Discurso emocionado, caloroso, pronunciado COM a mesma voz e a mesma paixão dos comícios por todo o Brasil.
- (A127) – Cingiu-a COM as duas mãos.
- (A128) – Abriu os braços, impedindo a entrada COM o corpo.
- (A129) – Guarda os ingressos COM ambas as mãos.
- (A130) – Uma pausa e Bolota repete, COM o braço esquerdo, um gesto semelhante.
- (A131) – E se lava COM sabão de coco.
- (A132) – Fazia questão de acordar o pessoal do sítio COM uma clarinada das suas.
- (A133) – Concluiu, acochando o fumo da ponta COM umas batidinha na unha.
- (A134) – Não quero dizer, COM isso, que o homem brasileiro apenas preferisse residir nas suas fazendas, em lugar de fazê-lo nas cidades.
- (A135) – Venha COM o menino aos espetáculos de Sábado e Domingo em Monteiro.
- (A136) – Arranchara no sítio de pai Manuel (...) COM a comitiva de artistas.
- (A137) – Bola Sete estivera deitado COM Lindalva.
- (A138) – Não saio mais COM você.
- (A139) – Vá COM os poderes da sorte.
- (A140) – Enfezou-se o homem COM a insinuação do meu amo.
- (A141) – Afinal, COM o vento, percebi nuvens baixas e densas.
- (A142) – Proclamou que a cidade sofria (...) COM os desordeiros atrevidos.
- (A143) – Zé Bastião (...) ele tinha vindo COM a seca, tinha vindo de outras bandas.
- (A144) – Impacienta-se COM o cachorro da criança.
- (A 145) – Todos ficam meio aflitos COM o esquecimento da Bruxa Chefe.
- (A146) – COM o tempo sua magreza mais se acentuava.
- (A147) – COM cinco dias os cabelos apanhavam lustro.
- (A148) – O próprio aspecto urbanístico da evolução social brasileira, que é inseparável do aparecimento da burguesia, só encontramos definido COM a república.
- (A149) – Nessa ordem de ideias, tenciono, de fato, seguir as grandes linhas das programações levadas a efeito pelos três últimos governos, notadamente as do atual, COM o propósito básico de assegurar a melhor continuidade DCE progresso revolucionário que tão corajosamente vem sendo rasgada.
- (A150) – E Camilo disse em voz alta, apenas COM o intuito de cortar o fio de seus pensamentos.
- (A151) – Reconhecemos, COM o ilustre pastor, que o senhor Jesus enfatizou o cristianismo prático.

- (A152) – Perdido na distancia que o olhar alcança, talvez exista, COM o fim da estrada, o verdadeiro mundo.
- (A153) – Mas dou porém COM uma condição.
- (A154) – COM essa cara de lata de sardinha, o amigo não apanha nem caxumba quanto mais moça endinheirada em São José do Limoeiro.
- (A155) – O campo elétrico, sendo mais intenso nas proximidades da ponta, pode provocar a ionização do ar COM formação de íons positivos e elétrons.
- (A156) – Mas, COM tudo isso, a cozinha ainda é uma das grandes atrações da casa de Neiva Rizzotto.
- (A157) – COM mais de vinte anos de carreira política, seu patrimônio se resume a dói automóveis modestos.
- (A158) – Não tendo rezado não se achava com direito à ceia, pois ele COM ser ateu não deixava de ser honesto.
- (A159) – Mas mesmo COM toda a torcida e orientação se não fosse seu Rosenberg, eu teria virado picadinho.
- (A160) – E aproveite para experimentar uma deliciosa pipoca COM guaraná.
- (A161) – Gosta de arroz COM frango?
- (A162) – O bruxo espera e o vice-bruxo sai de cena voltando em seguida COM uma cadeira-trono que coloca no meio da cena.
- (A163) – As cinco bruxinhas saem e voltam COM enormes caldeirões.
- (A164) – O estudo do comportamento dos gases sugere um modelo para o átomo: esferas bastante elásticas COM diâmetro da ordem de 10 cm.
- (A165) – Cada um deles trouxe um saco COM utensílios de cozinha.
- (A166) – Os preços de cadernos COM várias matérias oscilam muito no comércio.
- (A167) – A mobília clara da sala, COM os dois dunquerque, as várias jarras de Juiz de Fora e um mancebo de Bom Jesus.
- (A168) – Os quartos COM as pesadas camas, os toaletes e as cômodas do tempo do Halfeld.
- (A169) – Até a filosofia grega, COM a doutrina platônica da pré-existência das almas era invocada como explicação.
- (A170) – Levava às feiras de São Vicente da Cangalha cabações COM cobra dentro.
- (A171) – O farol do Dr. Bandeira Filho não era panela, mas caldeirão de famílias pernambucanistas, COM queimadistas dentro.
- (A172) – Não é uma estrada com outra qualquer COM pássaros e ladeada de grama, mas uma linha sinuosa no chão avermelhado e seco.
- (A173) – Preciso de fuzil COM alavanca e bala de aço.
- (A174) – Espremeu-lhe umas poucas regras de “m” antes de “b” e “p”; “s” COM som de “z”, entre vogais.
- (A175) – Defender uma política agrária COM regularização fundiária.
- (A176) – Encheu-se da festa dos pés de mamona COM suas folhas parecendo de papel recortado.

- (A177) – Não estou vendo ninguém COM pinta de trouxa.
- (A178) – Nestas férias ele tinha uma pinga COM gosto e cor ativados com raspa de carvalho antigo.
- (A179) – Elvira é uma mulher de cerca de cinquenta anos, COM vestígios da beleza de sua mocidade, ciumenta, e perseguida pela ideia de que o marido tem amantes.
- (A180) – São Paulo é, hoje, o quarto conglomerado humano da Terra, COM problemas gravíssimos e aparentemente sem solução.
- (A181) – O positivismo era uma escola filosófica COM caráter social.
- (A182) – Faço os votos que você esteja COM saúde e feliz.
- (A183) – Eu não tinha ovulação, pois estava COM os ovários cheios de quistos.
- (A184) – A esta altura, eu já estava COM dois anos e meio de casada, e desesperada.
- (A185) – Nossos laços são COM o futuro.
- (A186) – A maior parte dos passageiros e da tripulação conseguiu escapar do avião, que devia partir de Los Angeles às nove horas e trinta e cinco minutos locais COM destino a Phoenix.
- (A187) – Foram liberadas parcelas dos depósitos compulsórios de bancos comerciais, recolhidos ao Banco Central, COM vistas a aumentar a participação do setor privado.
- (A188) - COM relação à década anterior (1960-1970), verificou-se uma queda no ritmo de crescimento do setor indústria e do setor serviços.
- (A189) – A Astrologia na Caldeia (Mesopotâmia), de acordo COM o que sabemos hoje, não era como a grega.
- (A190) – Existiu-se-lhe o sentimento burguês, romântico ou vitalista de conformidade COM o qual se fiava no mundo circunstante.
- (A191) – Hiltom fez questão de dizer que o fato de Amiltom Rocha estar voltando ao time principal, nada TEM A VER COM as atuações do jovem Zé do Carmo, que foi titular.
- (A192) – Que TEM a cor, Simplício, COM inferioridade ou superioridade?
- (A193) – Desculpem... os senhores não TEM NADA COM isso.
- (A194) – [Margô] é capaz de VIR COM aquelas bobagens.

**(B) Gramática do Português culto falado no Brasil – Ilari & Neves.**

ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. T.2, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

- (B1) – O professor não pode sair com o estudante... ele achava; mas acho que isso não influi, né? Sair pra fazer serenata COM o estudante.

(B2) – Nós começamos [as excursões] na encantadora e acolhedora cidade de Cachoeira do Sul [...] Fomos muito bem recepcionados, fomos recebidos COM muito calor humano.

(B2) – (os seringais) já foram plantados racionalmente, mesmo sendo feito COM o sistema primitivo, é talvez seja bem mais econômico.

(B3) – João respondeu COM raiva.

(B4) – João esculpia COM um canivete.

(B5) – Eu acabo buscando assim COM certo interesse essas revistas.

(B6) – Mesmo que seja áspera a jornada, que seja penosa a caminhada, se nós fizermos COM os outros, torna-se mais ameno: os tropeços são aceitos COM mais resignação.

(B7) – Tu ouvindo um profissional COM mais atenção, tu vai ver que ele tem razão.

(B8) – Eles se integram COM facilidade com os doentes, porque os estudantes são em geral as mais variadas em termos de temperamento.

(B9) – Só os futuros historiadores é que vão poder aferir COM precisão o que aconteceu.

(B10) – Eles fizeram um estudo muito bom mesmo, COM gente que me pareceu muito boa.

(B11) – A linguagem que eu uso COM a minha filha é a que eu uso com meus alunos.

(B12) – Éramos casados com vida de solteiro, topávamos qualquer negócio, mas agora, COM a garota, não. Tem que segurar um pouco.

(B13) – Daqui a trezentos e sessenta anos, qualquer menininho, COM qualquer botãozinho, explode não sei o que aí.

(B14) – Na Salvador-Feira, é exatamente uma sinalização feita para estradas de grande movimento. Então ela foi pintada COM uma tinta especial com película grossa.

(B15) – Eu procurei buscar, na história em quadrinho, a boa história em quadrinho, bom autor, a boa mensagem, para criar COM estas histórias o interesse do aluno pela própria leitura.

(B16) – Vinha um outro carro COM uma plataforma baixinha e uma sujeito sentado nessa plataforma.

(B17) – Eu estudei no Americano, um colégio imenso COM um parque lindo.

(B18) – Fui muito a Paquetá naquelas barcas da Cantareira, que lembram aquelas barcas do Mississipi, né?, COM aquelas rodas laterais.

(B19) – Você tem que levar todo dia a mesma ladainha. É a sacolinha dela COM a roupa e a merendeira, porque ela leva ainda uma muda de roupa dentro da sacola para trocar.

(B20) – Depois passam aqueles camponeses recolhendo as bacias COM látex dentro.

(B21) – Eles davam muito arroz COM dobradinha.

(B22) – De manhã eu tomo café COM leite, normalmente.

- (B23) – Parece que tem um leite COM morango também, Eu ainda não tive oportunidade de ver.
- (B24) – As frutas de outros estados são totalmente diferentes, COM nomes estranhíssimos.
- (B25) – Eu nunca tinha visto uma igreja COM aquele estilo completamente funcional.
- (B26) – Um caminhão COM oito metros de largura em nossas entradas não passa.
- (B27) – Clube de engenharia. Por que uma associação COM esse nome de clube?
- (B28) – Não fora o comércio desenfreado e o comercio assim COM toda a liberdade que tem de fazer sua propaganda, nós teríamos um outro tipo de sociedade.
- (B29) – Mulher casada COM filhos não adianta: o filho vem antes.
- (B30) – Não tem escola COM piscina. Raras são as escolas com piscina.
- (B31) – Nossas atividades ficam muito presas às atividades das crianças. A filha mais velha já está COM quinze anos.
- (B32) – Vamos morrer os dois juntos, porque aí a guria fica COM bastante dinheiro.
- (B33) – Esse ano estou COM o horário assim mais regular, mais equilibrado.
- (B34) – Nem sempre em sábado que eu janto. Quando tou COM fome, eu janto.
- (B35) – Nós estamos assim, COM uma contenção de despesas enorme.
- (B36) – Não vou ao supermercado comprar carne, porque não adianta: eu vou sair COM carne e COM mais três produtos que eu não pretendia comprar.
- (B37) – A mãe comprou cigarro Shelron e comprou COM selinho em cima: proibida venda no Brasil.
- (B38) – Quando iam chegando os calouros, os bixos, né? Então já se faziam essas passeatas preliminares, já iam todos COM a cara pintada e sem casaco, sem sapato, calça arregaçada.
- (B39) – A gente vê hoje operatório de obra COM o rádio de pilha debaixo do braço, durante todo o tempo que ele está trabalhando.
- (B40) – Uma coisa que eu não me arrependi foi ter botado ela COM um ano e quatro meses na escola.
- (B41) – [causa] COM a construção do sistema de abastecimento de água, tem muita desapropriação a fazer.
- (B45) – [condição] [Como é que se transporta um caminhão desse tipo?] Só se for descarregado, COM a estrada desimpedida, com batedor.
- (B46) – [causa] Não dá pra ver coisa nenhuma, COM tanto prédio.
- (B47) – [causa?] COM a política atual, jamais a religião vai poder voltar a ser o que era antes.
- (B48) – [condição?] Fui escoteiro dos doze aos dezessete para dezoito anos. Aí, COM negócio de vestibular, isso e aquilo, começou a escassear o tempo.



(B49) – [causa?] Utilizo muito pouco do correio, inclusive hoje em dia, COM o telefone permitindo as ligações diretas.

### (C) Dicionário Houaiss

Houaiss, Antônio (1915 – 1999) e Villar, Mauro de Sales (1939), Dicionário Houaiss da língua portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Sales Villar, elaborado pelo Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da língua portuguesa S/C Ltda. 1. Ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- (C1) Vive COM a mãe
- (C2) Anda COM o violão debaixo do braço
- (C3) Café COM leite
- (C4) Concordavam COM o mestre.
- (C5) De acordo COM isso, as tarifas terão de baixar.
- (C6) Em desacordo COM a sua família, divorciou-se.
- (C7) Ser dócil COM os filhos.
- (C8) Portar-se cruelmente COM a mulher.
- (C9) Conversar COM a vizinha
- (C10) Identificar-se COM o pai
- (C11) Estar em luta COM a própria consciência.
- (C12) O conflito do Brasil com o Paraguai.
- (C13) Segurou a brasa com uma ---.
- (C14) Muito parecido COM o pai.
- (C15) Um jarro COM vinho.
- (C16) Uma pasta COM documentos.
- (C17) Estar COM sono
- (C18) Estar COM câibras.
- (C19) Só cozinhamos COM azeite de primeira.
- (C20) Uma balastrada construída COM madeira de lei.
- (C21) Viver COM medo.
- (C22) Comentar COM prazer um bom livro.
- (C23) Levanta-se sempre COM a aurora.
- (C24) A dor vai passar COM o tempo.
- (C25) Apareceram aqui COM a pretensão de nos dominar.
- (C26) COM fazer tantas concessões, não haverá mais o que negociar (=fazendo).
- (C27) Atingiu-o COM covardia (=covardemente).
- (C28) COM a breca!
- (C29) COM mil demônios!

**(D) Dicionário analógico da língua portuguesa**

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos, 1875-1942. Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/thesaurus / Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. – 2.ed. atual. e revista. – Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

- (D1) COM a ajuda de Deus
- (D2) COM a ajuda dos deuses
- (D3) COM a ajuda / o auxílio / a proteção de
- (D4) COM a balança na mão
- (D5) COM a boca cheia de risos
- (D6) COM a breca
- (D4) COM a consciência do dever cumprido
- (D5) COM a consciência em paz
- (D6) COM a consciência limpa
- (D7) COM a consciência tranquila
- (D8) COM a cor de
- (D9) COM a corda no pescoço
- (D10) COM a devida vênia
- (D11) COM a forma de pequeno saco
- (D12) COM a fortuna!
- (D13) COM a fronte rorejante de suor
- (D14) COM a intensão de
- (D15) COM a mão de gato
- (D16) COM a mão em teu seio, não dirás do fado alheio
- (D17) COM a mão na consciência
- (D18) COM a melhor boa vontade
- (D19) COM a mente
- (D20) COM a mosca
- (D21) COM a pena na mão
- (D22) COM a presteza vertiginosa dos expressos
- (D23) COM a respiração suspensa
- (D24) COM a sucessão dos anos
- (D25) COM a verdade
- (D26) COM a vista apenas
- (D27) COM a voz presa que exprime o pavor supremo
- (D28) COM abundância
- (D29) COM acompanhamento de
- (D30) COM afinco
- (D31) COM afronta de toda a justiça
- (D32) COM altos e baixos
- (D33) COM ambas as mãos
- (D34) COM amor
- (D35) COM ardorosa veemência

- (D36) COM arreganho
- (D37) COM as carnes à mostra
- (D38) COM as devidas reservas
- (D39) COM as faces incendidas
- (D40) COM as mãos atrás
- (D41) COM as mãos na cabeça
- (D42) COM as mãos nos bolsos
- (D43) COM atrevimento
- (D44) COM auxílio
- (D45) COM azedume
- (D46) COM boas maneiras
- (D47) COM braço forte
- (D48) COM brevidade
- (D49) COM candura
- (D50) COM cara de poucos amigos
- (D51) COM certeza
- (D52) COM certeza!
- (D53) COM chiste
- (D54) COM conhecimento da matéria
- (D55) COM conhecimento de causa
- (D56) COM conhecimento e notícia
- (D57) COM conta
- (D58) COM conta, peso e medida
- (D59) COM custo
- (D60) COM desassombrio
- (D61) COM descanso
- (D62) COM desconto
- (D63) COM desespero
- (D64) COM desleixo
- (D65) COM dificuldade
- (D66) COM dignidade
- (D67) COM dissimulação
- (D68) COM efeito
- (D69) COM elevado preço
- (D70) COM emprego de violência
- (D71) COM erudição & subst.
- (D72) COM escala por
- (D73) COM esmero
- (D74) COM esperança
- (D75) COM estômago vazio
- (D76) COM exatidão rigorosa
- (D77) COM exceção de
- (D78) COM exclusão (de)

- (D79) COM falsidade
- (D80) COM familiaridade
- (D81) COM fero cenho
- (D82) COM firmeza e força
- (D83) COM flores dispostas em umbela
- (D84) COM fumaças de gente
- (D85) COM geral correspondência
- (D86) COM graça
- (D87) COM grande força
- (D88) COM grande urgência
- (D89) COM habilidade
- (D90) COM honra
- (D91) COM ímpeto
- (D92) COM incivilidade & subst.
- (D93) COM insciência
- (D94) COM insistência
- (D95) COM instância
- (D96) COM intenção
- (D97) COM intento de
- (D98) COM intermitência
- (D99) COM intervalos
- (D100) COM intervenção de
- (D101) COM justificado orgulho
- (D102) COM justificativa
- (D103) COM lábios trêmulos
- (D104) COM lágrimas nos olhos
- (D105) COM lágrimas de sangue
- (D106) COM largueza de visitas
- (D107) COM licença
- (D108) COM língua de palmo
- (D109) COM luvas de pelica
- (D110) COM maior soma de motivos
- (D111) COM mais forte motivo
- (D112) COM mão armada
- (D113) COM mão de ferro
- (D114) COM mão de mestre
- (D115) COM mão firme
- (D116) COM mãos largas / abertas
- (D117) COM mãos pródigas
- (D118) COM mau cheiro
- (D119) COM mil demônios
- (D120) COM moderação
- (D121) COM movimento de relógio

- (D122) COM movimento uniforme
- (D123) COM muita atenção
- (D124) COM muita largueza
- (D125) COM muita teimosia & subst.
- (D126) COM muitas curvas
- (D127) COM o andar do tempo
- (D128) COM o coração despedaçado
- (D129) COM o coração macerado
- (D130) COM o coração palpitante
- (D131) COM o coração quebrado de
- (D132) COM o correr do tempo
- (D133) COM o credo na boca
- (D134) COM o dedo nos lábios
- (D135) COM o diabo!
- (D136) COM o dinheiro queimando-lhe a algibeira
- (D137) COM o espírito desafogado
- (D138) COM o fim aparente de
- (D139) COM o fim de
- (D140) COM o intuito de
- (D141) COM o maior respeito
- (D142) COM o maior objetivo de
- (D143) COM o perdão da palavra
- (D144) COM o rabo entre as pernas
- (D145) COM o rosto rosado de comoção
- (D146) COM o sobrecenho carregado
- (D147) COM o sol empinado
- (D148) COM o sorriso nos lábios
- (D149) COM os olhos largos
- (D150) COM originalidade
- (D151) COM os dedos
- (D152) COM os diabos!
- (D153) COM os lábios trêmulos
- (D154) COM os olhos encarniçados / vermelhos de chorar
- (D155) COM os olhos nadando em lágrimas
- (D156) COM os ouvidos atentos
- (D157) COM os seus botões
- (D158) COM ou em duas ou três palhetadas
- (D159) COM outro nome a fábula fala de ti
- (D160) COM penhor de
- (D161) COM pequeno embaraço
- (D162) COM peremptória afirmação
- (D163) COM perseverança & subst.
- (D164) COM pés de lã

- (D165) COM pesar
- (D166) COM pesar seu
- (D167) COM peso e medida
- (D168) COM pesinhos de lã
- (D169) COM poder
- (D170) COM ponderação
- (D171) COM pouco esmero
- (D172) COM pouco trabalho
- (D173) COM prazer
- (D174) COM precipitação
- (D175) COM precisão matemática
- (D176) COM premeditação
- (D177) COM presteza
- (D178) COM preterição das formalidades legais
- (D179) COM propósito
- (D180) COM propriedade
- (D181) COM pulso de ferro
- (D182) COM que
- (D183) COM que já se contava
- (D184) COM que não se contava
- (D185) COM razão ou sem ela
- (D186) COM receio de que
- (D187) COM reciprocidade
- (D188) COM referência
- (D189) COM refinada sagacidade
- (D190) COM regra
- (D191) COM relação
- (D192) COM repugnância
- (D193) COM requintes de sofisma
- (D194) COM restrição
- (D195) COM risco da própria vida
- (D196) COM rufos de tambores
- (D197) COM sal e finura
- (D198) COM santos nós
- (D199) COM serenidade
- (D200) COM seus botões
- (D201) COM simplicidade
- (D202) COM sobranceira
- (D203) COM solução de continuidade
- (D204) COM submissão
- (D205) COM superioridade
- (D206) COM tal que
- (D207) COM tenacidade e energia

- (D208) COM toda a exatidão
- (D209) COM toda a fé
- (D210) COM toda a força dos remos
- (D211) COM toda a probabilidade
- (D212) COM toda a urgência
- (D213) COM toda a verdade
- (D214) COM todas as aparências
- (D215) COM todas as letras
- (D216) COM todas as minúcias
- (D217) COM todas as regras
- (D218) COM todas as suas forças
- (D219) COM todas as veras
- (D220) COM todas (as) veras do coração
- (D221) COM todas regras
- (D222) COM todas suas partes
- (D223) COM todo o acatamento
- (D224) COM todo o ardor de uma paixão
- (D225) COM todo o interesse
- (D226) COM todo o rigor
- (D227) COM todos os efes e erres (ff e rr)
- (D228) COM todos os matadores
- (D229) COM todos os pormenores
- (D230) COM todos os requisitos
- (D231) COM todos os sacramentos
- (D232) COM toques de caixa
- (D233) COM ufanía
- (D234) COM um frêmito de admiração
- (D235) COM um pé na sepultura
- (D236) COM um traço de pena
- (D237) COM uma mão atrás e outra na frente
- (D238) COM uma penada
- (D239) COM uma perna às costas
- (D250) COM unhas e dentes
- (D251) COM urgentes rogos
- (D252) COM utilidade
- (D253) COM vagar
- (D254) COM velhacaria
- (D255) COM velocidade incomparável do raio
- (D256) COM ventos contrários
- (D257) COM zelo & subst.
- (D258) COM/em duas palhetadas